REM

A Atualidade da Obra de Vimes na Camacha

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Lucília do Carmo Nóbrega Teixeira
MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

UNIVERSIDADE da MADEIRA
A Nossa Universidade
www.uma.pt

setembro | 2025

A Atualidade da Obra de Vimes na Camacha

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Lucília do Carmo Nóbrega Teixeira
MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTAÇÃO
Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento

UNIVERSIDADE da MADEIRA

FACULDADE DE ARTES E HUMANIDADES

ANO LETIVO 2024/2025

RELATÓRIO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM GESTÃO CULTURAL

A ATUALIDADE DA OBRA DE VIMES NA CAMACHA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Mestranda: Lucília do Carmo Nóbrega Teixeira

Orientação: Prof. Doutora Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento

Funchal, 2025

Agradecimentos

Concretizar este Mestrado representou a realização de um sonho antigo, alcançado após muitos altos e baixos. Esse percurso só foi possível graças ao apoio incondicional da minha família, em especial da minha filha Elisa Sofia Nóbrega Teixeira, que sempre esteve ao meu lado e nunca deixou de me apoiar.

Agradeço igualmente a todos os colaboradores da Casa da Cultura de Santa Cruz, que me acolheram durante nove meses, tornando este estágio uma experiência enriquecedora. Um reconhecimento especial é devido à minha orientadora de estágio curricular, Taciana Carolina Gouveia, gestora cultural desta instituição, pela orientação dedicada, incentivo e confiança demonstrados ao longo de todo o processo.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Teresa Duarte de Jesus Nascimento, expresso a mais profunda gratidão pela disponibilidade, paciência e apoio constantes. A sua compreensão relativamente a algumas prorrogações, os conselhos assertivos e o estímulo permanente foram essenciais para a concretização deste trabalho académico e para o desenvolvimento do meu percurso de investigação.

Resumo

O estágio curricular do Mestrado em Gestão Cultural decorreu na Casa da Cultura de Santa Cruz (Casa do Revoredo), na Ilha da Madeira, tendo como foco a valorização e revitalização da obra de vimes, prática artesanal profundamente enraizada na freguesia da Camacha e integrante do património cultural imaterial regional. No âmbito do estágio, foram dinamizadas oficinas de artes tradicionais e outras atividades culturais, num total de 19 iniciativas que envolveram 114 participantes. As oficinas destacaram-se como modelo eficaz de sensibilização e contacto intergeracional com a prática artesanal, reforçando o papel da mediação cultural na aproximação entre património, comunidade e públicos jovens.

Paralelamente, foram desenvolvidas iniciativas de divulgação e valorização da obra de vimes que evidenciam o contributo de ações culturais, etnográficas e comunitárias na sensibilização pública e na reafirmação identitária desta prática. Em conjunto, os resultados confirmam que a revitalização da obra de vimes depende da articulação entre artesãos, instituições culturais e comunidade, destacando a gestão cultural como ferramenta essencial para a salvaguarda sustentável de patrimónios culturais imateriais em risco.

Neste enquadramento, a componente investigativa procurou responder aos objetivos de mapeamento dos artesãos em atividade, identificação das principais dificuldades do setor e compreensão das perceções associadas à continuidade do ofício. As entrevistas realizadas a 18 artesãos permitiram identificar e mapear 27 praticantes da arte do vime, dos quais 44% são mulheres e 56% homens, com uma idade média de 70,6 anos. As perceções recolhidas revelaram sentimentos ambivalentes: por um lado, o orgulho associado à preservação da tradição; por outro, a consciência das dificuldades económicas, da escassez de matéria-prima e da ausência de políticas públicas consistentes de apoio ao setor.

Palavras-chave: Casa da Cultura; Artesãos; Obra de Vimes; Artesanato tradicional; Madeira; Camacha.

Abstract

The curricular internship of the Master's degree in Cultural Management took place at the Casa da Cultura de Santa Cruz (Casa do Revoredo), on the island of Madeira, focusing on the valorization and revitalization of wickerwork, an artisanal practice deeply rooted in the parish of Camacha and an integral component of the region's intangible cultural heritage. Within the scope of the internship, workshops on traditional arts and other cultural activities were implemented, totalling 19 initiatives involving 114 participants. The workshops stood out as an effective model for awareness-raising and intergenerational engagement with the artisanal practice, reinforcing the role of cultural mediation in bringing heritage, community, and young audiences closer together.

In parallel, dissemination and valorisation initiatives related to wickerwork were developed, demonstrating the contribution of cultural, ethnographic, and community-based actions to public awareness and to the reaffirmation of the identity associated with this practice. Taken together, the results confirm that the revitalization of wickerwork depends on the articulation between artisans, cultural institutions, and the community, highlighting cultural management as an essential tool for the sustainable safeguarding of intangible cultural heritage at risk.

Within this framework, the research component sought to address the objectives of mapping active artisans, identifying the sector's main challenges, and understanding perceptions related to the continuity of the craft. Interviews conducted with 18 artisans made it possible to identify and map 27 wickerwork practitioners, of whom 44% are women and 56% are men, with an average age of 70.6 years. The perceptions collected revealed ambivalent feelings: on the one hand, pride associated with preserving the tradition; on the other, awareness of economic difficulties, scarcity of raw materials, and the absence of consistent public support policies for the sector.

Keywords: "Casa da Cultura"; Artisans; Wickerwork; Traditional Crafts; Madeira; Camacha.

Índice

Introdução 13
CAPÍTULO I - Estado da obra de vimes na Camacha e sua história 15
1.1. A tradição da obra de vimes 15
1.1.1. Plantação do vimeiro 15
1.1.2. Preparação e produção de obra de vimes 16
1.1.3. Os Bomboteiros: comércio ambulante 20
1.1.4. Camacha: o berço da obra de vimes 25
1.2. Crise da obra de vimes 26
1.3. Iniciativas de revitalização e preservação da obra de vimes 29
1.3.1. O Café Relógio enquanto espaço simbólico e patrimonial 30
CAPÍTULO II - Relatório de Estágio na Casa da Cultura de Santa Cruz 33
2.1. Enquadramento do estágio 33
2.1.1. Contextualização e pertinência do tema 34
2.1.2. Objetivos do estágio 37
2.2. Entidade de acolhimento 39
2.3. Atividades desenvolvidas 43
2.3.1. Organização de eventos 43
2.3.2. Oficinas 48
2.3.3. Divulgação *online* 66
2.4. Resultados das atividades de estágio 70
2.4.1. Distribuição por tipo de atividade 71
2.4.2. Distribuição por tema 72
2.4.3. Distribuição por público-alvo 73
2.4.4. Principais conclusões 74
CAPÍTULO III – Divulgação e valorização da obra de vimes 75
3.1. A obra de vimes para além do estágio: eventos desenvolvidos pela mestranda 75
3.1.1. Poda de vimes na Achada de Gaula 76
3.1.2. Demonstrações públicas no Funchal 78
3.1.3. Reconstituição etnográfica: "A Apanha do Vime" 79
3.1.4. Festival "Baila que Baila" – IV Edição (2023) 83
3.1.5. Mercadinho Agrícola de Gaula 84
3.2. Políticas públicas e iniciativas institucionais 86
3.2.1. Exposições, edições e iniciativas museológicas 87
3.2.2. Iniciativas de valorização promovidas pela Casa do Povo da Camacha 88
CAPÍTULO IV - Entrevistas aos artesãos da Camacha 111
4.1. Objetivos 111

4.2. Metodologia 111
4.2.1. Amostra e procedimentos 113
4.2.2. Limitações metodológicas 113
4.3. Entrevistas: enunciados das questões 114
4.4. Dificuldades da investigação 115
4.4.1. Recusas em participar nas entrevistas 116
4.5. Resultados das entrevistas aos artesãos 117
4.5.1. Perfil dos artesãos 117
4.5.2. Localização geográfica 126
4.5.3. Alcunhas dos artesãos 128
4.5.4. Temas e evidências qualitativas 129
4.5.5. Perceção pessoal dos artesãos relativamente à obra de vimes 129
4.5.6. Curiosidades recolhidas nas entrevistas com os artesãos 132
Discussão 140
Conclusão 143
Bibliografia 144
Anexos 152
Anexo 1 – Transcrições das entrevistas 153
Anexo 1.1 – Entrevista com Frederico Nuno Gomes Lucas Santos, 65 anos 153
Anexo 1.2 – Entrevista com José de Jesus Fernandes, conhecido por "Sarola", 85 anos 160
Anexo 1.3 – Entrevista com Jordão Batista, 68 anos 176
Anexo 1.4 – Entrevista com José Pedro Batista Gouveia, conhecido por "Escaravelha", 77 anos 188
Anexo 1.5 – Entrevista com Jordão Gouveia, 81 anos 195
Anexo 1.6 – Entrevista com José Fernandes da Silva, 73 anos 204
Anexo 1.7 – Entrevista com Fátima Nóbrega Santos, 68 anos 217
Anexo 1.8 – Entrevista com José Marques Vieira, conhecido por "Vieira", 87 anos 235
Anexo 1.9 – Entrevista com José Pereira de Freitas, conhecido por "Pereira", 77 anos 255
Anexo 1.10 – Entrevista com José João Teixeira Barreto, 66 anos 279
Anexo 1.11– Entrevista com José Pedro Teixeira Ferreira, 85 anos 287
Anexo 1.12 – Entrevista com Lucinda Nóbrega Santos Ferreira, 70 anos 297
Anexo 1.13 – Entrevista com José Aníbal Rodrigues Freitas, conhecido por "Policarpo", 62 anos 304
Anexo 1.14 – Entrevista com Arlindo Gouveia Barreto, 70 anos 311
Anexo 1.15 – Entrevista com António João Rodrigues Freitas, conhecido por "Policarpo", 58 anos 313
Anexo 1.16 – Entrevista com Graciela Barreto de Freitas, 52 anos 319
Anexo 1.17– Entrevista com Blandina Rodrigues Barreto Gonçalves, 57 anos 326

Anexo 1.18 – Entrevista com Agostinha Batista Lopes, 70 anos 336
Anexo 2 - Declaração de Consentimento e Compromisso de Honra 341

Índice de Figuras

Figura 1 - Barco dos bomboteiros (Disponível em https://www.arquipelagos.pt/imagem/bomboteiros-com-vimes-no-porto-do-funchal-bilhete-postal-1930-c-ilha-da-madeira/, consultado em 24-08-2025) 24
Figura 2 - Barcos dos bomboteiros (Disponível em https://www.madeira-web.com/pt/imagens-videos/fotos-antigas-madeira/industria-comercio.html, consultado em 29-08-2025) 24
Figura 3 – Café Relógio e vizinhança (Disponível em: https://funchalnoticias.net/2016/09/22/artistas-participam-em-breve-em-evocacao-dos-vimes-na-camacha/, consultado em 5-09-2025) 31
Figura 4 - Café Relógio, onde se comercializava o vime (Disponível em: https://www.dnoticias.pt/2025/7/9/455522-camacha-de-ontem-madeira-de-sempre-celebra-150-anos-do-futebol-em-portugal/, consultado em 28-08-2025) 32
Figura 5 - Maria José Correia Nóbrega, mãe da mestranda Lucília Teixeira, mostrando um cesto da sua autoria (Fot. por Lucília Teixeira a 25/09/2021) 37
Figura 6 - Casa da Cultura de Santa Cruz - Quinta do Revoredo. (Fot. por Elisa Teixeira a 22/03/2025) 40
Figura 7 - I Feira do Livro de Santa Cruz, em abril de 2022 (Fot. por Elisa Teixeira a 25/04/2022) 44
Figura 8 - Cartaz de divulgação da exposição “um desejo inconcebível de abrir todas as portas”, com curadoria de Bruno Ministro (por Casa da Cultura de Santa Cruz) 45
Figura 9 - Catálogo da ”exposição c/título, curadoria e tudo” (por Casa da Cultura de Santa Cruz) 46
Figura 10 – Inauguração da exposição: exposição c/título, curadoria e tudo, de Carlos Valente (fot. por Casa da Cultura de Santa Cruz) 46
Figura 11 - Tertúlia: Palavrando sobre Etnografia, Casa da Cultura, 24 de setembro (fot. por Casa da Cultura de Santa Cruz) 47
Figura 12 - Concerto dos Xarabanda, com recolhas musicais feitas por António Aragão (fot. por Casa da Cultura de Santa Cruz) 48
Figura 13 - Cartaz informativo de workshop de Macramé (por Casa da Cultura de Santa Cruz) 49
Figura 14 - 1ª sessão do workshop de macramé (fot. por Rafaela Rodrigues) 50
Figura 15 - 2ª sessão do workshop de macramé (fot. por Rafaela Rodrigues) 50
Figura 16 - Cartaz informativo do teambuilding (Ilustração de Rafaela Rodrigues e design de Pedro Sousa) 52
Figura 17 - Teambuilding em obra de vimes (fot. por Rafaela Rodrigues) 52
Figura 18 - Cartaz informativo das oficinas de Natal (ilustração de Rafaela Rodrigues e design de Pedro Sousa) 54
Figura 19 - Postais de Natal (fot. por Rafaela Rodrigues) 55
Figura 20 - Técnicas de modelagem (fot. por Rafaela Rodrigues) 56
Figura 21 - Puzzle 3D & atividade complementar “Renas Desdobráveis” (fot. por Rafaela Rodrigues) 57
Figura 22 - Cianotipia & Arranjos de Flores (fot. por Rafaela Rodrigues) 58
Figura 23 – Sessão de obra de vimes para crianças (fot. por Rafaela Rodrigues) 58
Figura 24 - Marionetas de papel (fot. por Rafaela Rodrigues) 59
Figura 25 - Trabalhos elaborados com Carimbos + Autocolantes (fot. por Rafaela Rodrigues) 60
Figura 26 - Oficina "Reciclar com obra de Vimes" público-alvo, crianças do 2º ciclo da Escola Básica e secundária de Santa Cruz, ministrada por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues) 61
Figura 27 - arranjos florais feitos com o aproveitamento de algumas folhas recolhidas no jardim da Casa da Cultura, oficina ministrada por Lucília Teixeira (fot. por Lucília Teixeira) 61
Figura 28 - Cartaz informativo sobre as Oficinas de Obra de Vimes dinamizadas por Lucília Teixeira (por Rafaela Rodrigues) 62
Figura 29 - I oficina de obra de vimes direcionada para o público em geral, ministrada por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues) 63

Figura 30 - Oficina para crianças, empalhamento de frascos e confeção de marcadores em liaça, ministrado por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues) 63
Figura 31 - II oficina de um grupo de IV, ministrada por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues). . 64
Figura 32 - III oficina ministrada por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues) 65
Figura 33 - IV oficina, base para prato, ministrado por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues) 65
Figura 34 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid0etF5UkLkCnuzdrQ1z8KgnFNhdtdLJDyQHayhw9xyWYN4Fmjns5QPYA1mcWwcmYsNl) 66
Figura 35 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid02wdEGXSnnuPEQFCLDxeyswpwW1vzixhw4svs52gHnoaoNBjq6Dugh2xvtnzaUrzAFl) 67
Figura 36 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/watch/?v=785725996130561) 67
Figura 37 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid02Bz4rhSwMvXfoTmpKk7qtfVc5jRvmDvuasU1beC4vYec8cJvc5M5YFADQTgyZD68gl) 68
Figura 38 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid026BGE8RLQqBoV9kj7dM8Z6xbZ6r4zaChum8D5nCxoS1DtFRqQsiYWa3aeS3TzrmV5l) 68
Figura 39 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid0mRe3LpHoMkqvN9vJ6As3mjwZHzMBWGSDwjdRGFnrDPCKQ9WBHx3KTP6hnAUqab7Al) 69
Figura 40 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid0AS5XJSJ8YECxCZw2zzVVERuSncLsWQL7oLt4h9PucgZt7k4X8PGqiWe8aoZQCD2Wl) 69
Figura 41 - Poda dos vimeiros em família, em janeiro de 2022 (fot. por Lucília Teixeira) 76
Figura 42 - Demonstração de Obra de Vimes na Placa Central do Funchal por dois elementos do Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula (fot. por Manuel Sena) 79
Figura 43 - Cartaz da primeira reconstituição etnográfica, de 15 de abril de 2023 (por Elisa Teixeira) 80
Figura 44 - Registos da primeira reconstituição etnográfica, de 15 de abril de 2023 (Fot. por Sabrina Melim. Mais fotos em https://www.facebook.com/media/set/?vanity=folclorecpgaula&set=a.557555503032654) 80
Figura 45 - Notícia de 14/04/2023 no Diário das Freguesias: Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula promove 'A apanha do Vime' (Fonte: https://freguesias.dnoticias.pt/grupo-de-folclore-da-casa-do-povo-de-gaula-promove-a-apanha-do-vime/) 81
Figura 46 - Cartaz da segunda reconstituição etnográfica, de 4 de maio de 2024 (por Elisa Teixeira) 82
Figura 47 - Registos da segunda reconstituição etnográfica, de 4 de maio de 2024 (Fot. por Elisa Teixeira. Mais fotos em https://www.facebook.com/media/set/?set=a.752866063501596&type=3) 82
Figura 48 - Cartaz do Festival de Folclore de Gaula - IV Baila que Baila, de 25 de agosto de 2023, com o tema "Obra de Vime" (por Elisa Teixeira) 83
Figura 49 - Cenário sobre a "Obra de Vimes" do Festival de Folclore de Gaula - IV "Baila que Baila", de 25 de agosto de 2023 (Fot. por Sabrina Melim. Mais fotos em https://www.facebook.com/media/set/?set=a.660251682763035&type=3) 84
Figura 50 - Grupos de folclore no Festival de Folclore de Gaula - IV "Baila que Baila", de 25 de agosto de 2023 (Fot. por Sabrina Melim. Mais fotos em https://www.facebook.com/media/set/?set=a.660251682763035&type=3) 84
Figura 51 - Empalhamento em frascos de autoria de Lucília Teixeira (Fot. por Lucília Teixeira) 85
Figura 52 - Arranjos com os vimes com casca, da autoria de Lucília Teixeira, oriundos da segunda apanha do vime, em Gaula (Fot. por Lucília Teixeira) 85
Figura 53 - Cartaz do seminário (Disponível em https://www.facebook.com/photo?fbid=706953725304791&set=pcb.706954405304723, consultado em 28-08-2025) 89

Figura 54 – Seminário de 27 de junho de 2025 (Fot. por Casa do Povo da Camacha. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=706953725304791&set=pcb.706954405304723, consultado em 28-08-2025) 89
Figura 55 - Em julho de 2023 foi feita uma visita à tenda do artesão Sr. Gois (Disponível em: https://www.facebook.com/gfcpcamacha/posts/pfbid02nRZ5ZpaF8LCX6prBtwnARt1kHdKR6qLJXLukrgSrvsnsKeDFi58ibG3DSdCqSjc4l?locale=pt_PT, consultado em 01-09-2025) 91
Figura 56 - Em julho de 2023 foi feita uma visita à tenda do artesão Sr. Gois (Disponível em: https://www.facebook.com/gfcpcamacha/posts/pfbid02nRZ5ZpaF8LCX6prBtwnARt1kHdKR6qLJXLukrgSrvsnsKeDFi58ibG3DSdCqSjc4l?locale=pt_PT, consultado em 01-09-2025) 91
Figura 57 - Visita dos alunos à tenda do artesão José de Jesus Fernandes, mais conhecido pelo "Sarola" (Disponível em https://www.facebook.com/photo?fbid=1081205657338701&set=pcb.1081205844005349&locale=pt_PT, consultado em 1-09-2025) 92
Figura 58 - Caracterização do tratamento do material para o trabalho da obra de vimes (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=464873402846159&set=pcb.464874549512711, consultado em 30-08-2025) 94
Figura 59 - A mulher está a descascar o vime verde (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=464873402846159&set=pcb.464874549512711, consultado em 30-08-2025) 94
Figura 60 - Jogo de mobília: mesa e duas cadeiras feitas com vime cozido, disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=464872896179543&set=pcb.464874549512711, consultado em 28-08-2025. 95
Figura 61 - Programação do evento “Camacha de Ontem — Madeira de Sempre” julho de 2025 (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1278021130996714&set=a.154181210047384) 96
Figura 62 - No ano de 2025, a instituição que representou o vime foi o Grupo de Veteranos Associação Desportiva da Camacha (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134359122058394&set=pcb.1134361635391476, consultado em 28-09-2025) 97
Figura 63 - Carro alegórico forrado a liaça e com os homens a fazerem a obra de vimes (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134359158725057&set=pcb.1134361635391476, consultado em 28-08-2025) 98
Figura 64 - Transportadores de material e da obra de vimes, caracterizando os bomboteiros (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134359218725051&set=pcb.1134361635391476 consultado em 28-08-2025) 98
Figura 65 - Cartaz do ART’Camacha 2025 (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1297088925755308&set=pcb.1297089619088572, consultado em 28-08-2025) 99
Figura 66 - Montagem de cestos sem fundo, em forma de pião, alusivo à obra de vimes (Fot. de Lucília Teixeira) 100
Figura 67 - O sr. José Pedro a fazer as miniaturas dos carros do Monte, no ART`CAMACHA 2025 (Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=753555006770436&set=a.132707635521846, consultado em 28-08-2025) 100
Figura 68 -Artesão José Pedro Teixeira Ferreira a demonstrar como se fazia as suas miniaturas dos carrinhos do Monte (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1303834011747466&set=pcb.1303834511747416&locale=pt_PT, consultado em 28-08-2025) 101
Figura 69 - Obra de vimes pertencentes a vários artesãos, que ainda estão a laborar na Camacha (Fot. de Lucília Teixeira) 101
Figura 70 - Foi no dia 09/05/2018 que Catarina Jesus teve o primeiro dia da formação em obra de vime (Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-10-2025) 103

Figura 71 – Peças de Catarina Jesus num desfile na Semana da moda de Madrid, 16-09-2021 (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=839342406767246&set=a.685711468797008, consultado em 30-08-2025) 103
Figura 72 - Artigo referente ao evento "Sabores e Flores da Madeira", em novembro de 2022, onde a Wicker it representou o artesanato (Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-08-2025) 104
Figura 73 - Bijuteria e acessórios de moda, especialmente bijuterias e malas da marca wiker_it (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=612533534393711&set=a.496216256025440, consultado em 29-08-2025) 105
Figura 74 - Os brincos mais vendidos até hoje por Catarina Jesus e que continuam a ser sempre pedidos, usados por Cláudia Vieira (Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-08-2025) 105
Figura 75 - Flyer de um workshop em vime, no ano 2019, no Blandy`s Wine Festival Madeira , divulgado nas redes sociais (Disponível em https://www.facebook.com/photo/?fbid=390891798278978&set=a.496216256025440 consultado em 29-09-2025) 106
Figura 76 - Cartaz de um workshop de Natal, no qual, os participantes criaram o seu marcador de prato em vime (Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 29-09-2025) 106
Figura 77 - Em 26 de fevereiro de 2024, a artesã Catarina Jesus separou 215 pés de vime para plantar (Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=717691427211254&set=a.496216256025440, consultado em 29-09-2025) 108
Figura 78 - Artigos que a artesã Catarina Jesus apresenta nas feiras (Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-08-2025) 109
Figura 79 – Kollitex, cola usada na Obra de Vime para proteger a obra de vimes e Xylophene, produto que se usa na obra de vimes para proteger do caruncho (Fot. por Lucília Teixeira) 139
Figura 80 - Artesão Frederico Nuno Gomes Lucas Santos, quando ainda trabalhava no Café Relógio, ano de 2020, demonstrando cestas de vime, inovadoras, ideais para ir às compras enquanto se defende o nosso artesanato e o nosso meio ambiente com materiais sustentáveis e não poluentes, uma boa hipótese para o substituto dos sacos de plástico. (Disponível em https://www.facebook.com/photo/?fbid=1196951597142216&set=pb.100062748136839.-2207520000&locale=pt_PT consultado a 29-08-2025) 154
Figura 81 - Entrevista com José de Jesus Fernandes, 85 anos (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025) 161
Figura 82 - Cesto champanhe pequeno (Disponível em: https://loja.cestariabranco.com/produto/cesto-champanhe-peq-3/, consultado em 4-09- 2025) 165
Figura 83 - Caixão em vime, criado por Jordão Batista (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025) 177
Figura 84 - Carrinhos do Monte, de Jordão Batista (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025) 178
Figura 85 - Cesto em forma de estrela, de Jordão Batista (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025) 178
Figura 86 - Tanque para colocar os vimes e a liaça de molho (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025) 179
Figura 87 - Exemplos de caixões de obra de vime, de um dossier, de uma empresa inglesa onde o artesão Jordão trabalhou por vários anos (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025) 179
Figura 88 - Conjunto de sofás com mesa, em artigo do Jornal da Madeira (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025) 180
Figura 89 - Típicas lancheiras e cestas de almoço (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025) 189
Figura 90 - Berço pintado (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025) 190
Figura 91 - Jogo de cadeiras em vimes, com biombo em vimes (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025) 190
Figura 92 - Esteiras e cadeirão de vimes (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025) 191

Figura 93 - Artesão José Fernandes da Silva, de 73 anos, e suas obras (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025) 206
Figura 94- Máquina de fazer liaça (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025) 207
Figura 95- Obras de José Fernandes da Silva (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025) 207
Figura 96 – Miniaturas da artesã Fátima. Novidade de um cesto feito com o vime mais escuro que consiste em colocar o vime a cozer por duas vezes (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025) 219
Figura 97 - Entrevista com José Marques Vieira, conhecido pelo Vieira (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025) 238
Figura 98 - Entrevista com José Marques Vieira, conhecido pelo Vieira (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025) 238
Figura 99 - Entrevista com José Marques Vieira, conhecido pelo Vieira (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025) 239
Figura 100 - Entrevista com José Marques Vieira, conhecido pelo Vieira (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025) 239
Figura 101 - Entrevista com José Marques Vieira, conhecido pelo Vieira (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025) 240
Figura 102 - Entrevista com José João Teixeira Barreto, 66 anos (Fot. por Lucília Teixeira a 12 de agosto de 2025) 281
Figura 103 - Entrevista com José João Teixeira Barreto, 66 anos (Fot. por Lucília Teixeira a 12 de agosto de 2025) 281
Figura 104 - Entrevista com José Pedro Teixeira Ferreira (Fot. por Lucília Teixeira a 20 de agosto de 2025) 288
Figura 105 - Entrevista com José Pedro Teixeira Ferreira (Fot. por Lucília Teixeira a 20 de agosto de 2025) 289
Figura 106 - Artesão José Aníbal a fazer liaça em máquina elétrica (Fot. por Lucília Teixeira a 21 de agosto de 2025) 306
Figura 107 - Tipo de cadeiras que o artesão José Aníbal elabora (Fot. por Lucília Teixeira a 21 de agosto de 2025) 306
Figura 108 - A Sra. Blandina, a demonstrar como se faz o empalhamento de uma garrafa, encomenda da empresa que comercializa vinho Madeira. A liaça que preenche a garrafa é em plástico, e é importada da Venezuela, sendo o vime da Camacha (Fot. por Lucília Teixeira a 21 de agosto de 2025) 328
Figura 109 - Tanques onde se põe os vimes e a liaça de molho, para ficarem macios, para poder trabalhar (Fot. por Lucília Teixeira a 21 de agosto de 2025) 329
Figura 110 - Madeira J.Faria & Filhos Meio Doce (cantil empalhado) (Disponível em https://www.garrafeiranacional.com/madeira-j-faria-filhos-meio-doce-cantil-empalhado.html, consultado a 24-08-2025) 331

Índice de mapas

Mapa 1 – Mapeamento dos 27 artesãos ativos na Camacha, divididos por nove sítios. Fonte: Google Earth 126
Mapa 2 - Mapeamento dos artesãos da zona Norte da Camacha. Fonte: Google Earth 126
Mapa 3 - Mapeamento dos artesãos da zona centro da Camacha. Fonte: Google Earth 127

Índice de tabelas

Tabela 1 - Tipos de atividades desenvolvidas durante o estágio na Casa da Cultura de Santa Cruz, número de participantes e faixa etária 70
Tabela 2 - Sumário numérico do perfil dos artesãos da Camacha. 117

Tabela 3 - Tabela resumo dos 27 artesãos ativos na Camacha, a nível da idade, sexo, experiência e opiniões (Futuro, valorização e realização pessoal sobre a arte, de 0 a 10). NA = Não Aplicável. .118
Tabela 4 - Tabela resumo dos 18 artesãos ativos na Camacha, entrevistados, a nível da idade, experiência profissional e principais dificuldades ao trabalhar na obra de vimes. NR = Não respondeu. 120
Tabela 5 - Tabela resumo dos 18 artesãos ativos na Camacha, entrevistados, a nível do emprego, comercialização, principais produtos requisitados e tipo de materiais utilizados, ao trabalhar na obra de vimes. 121

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Atividades desenvolvidas por tipo (Curso ou Oficina). 71
Gráfico 2 - Relação entre número de participantes por tipo de atividade desenvolvida. 72
Gráfico 3 - Atividades desenvolvidas por tema. 72
Gráfico 4 – Relação entre número de participantes e público-alvo. 73
Gráfico 5 - Percentagem de participantes por faixa etária. 73
Gráfico 6 - Aceitação de entrevistas vs recusa. 117
Gráfico 7 - Sexo dos artesãos de obra de vimes, ativos na Camacha. 118
Gráfico 8 - Histograma das idades dos 18 artesãos entrevistados da Camacha, em 2025. 125
Gráfico 9 - Anos de experiência dos artesãos entrevistados que ainda estão ativos na elaboração de obra de vimes, na Camacha. 125
Gráfico 10 – Número de artesão ativos na obra de vimes por localidade da Camacha. 127
Gráfico 11 - Média das avaliações pessoais dos artesãos a nível da sua perceção de futuro da obra de vimes, valorização ou realização pessoal. 130
Gráfico 12 - Opinião dos 18 artesãos em relação à sua perceção de realização pessoal ao trabalhar na obra de vimes. 130
Gráfico 13 - Opinião dos 18 artesãos em relação à sua perceção de futuro da arte da obra de vimes. 131
Gráfico 14 - Opinião dos 18 artesãos em relação à sua perceção de valorização externa da arte da obra de vimes. 131

Introdução

A tradição da obra de vimes constitui um dos elementos mais distintivos do património cultural imaterial da Região Autónoma da Madeira (UNESCO, 2003), tendo na freguesia da Camacha o seu principal centro de produção, transmissão e afirmação identitária. Este ofício artesanal, que durante séculos assegurou o sustento de numerosas famílias e desempenhou um papel relevante na economia local, enfrenta atualmente um risco significativo de desaparecimento, resultante do envelhecimento da população artesanal, da escassez de matéria-prima e da crescente concorrência de produtos industriais.

A escolha da obra de vimes como tema do presente relatório de estágio de mestrado resulta não apenas de uma motivação pessoal, mas também de uma preocupação coletiva com a salvaguarda de um património cultural em risco. Desde a adolescência, a autora manteve contacto direto com este ofício através da prática familiar, experiência que contribuiu para uma compreensão aprofundada da sua importância cultural, social e identitária. Esta vivência despertou o interesse em refletir sobre a atualidade da obra de vimes e sobre o papel que a gestão cultural pode desempenhar na sua preservação, valorização e revitalização.

O estágio foi realizado na Casa da Cultura de Santa Cruz (Quinta do Revoredo), um espaço cultural sob gestão da Câmara Municipal de Santa Cruz, que se tem afirmado como um polo dinamizador de iniciativas de valorização do património cultural local. Este enquadramento institucional revelou-se particularmente adequado ao desenvolvimento de um trabalho que articula práticas de gestão cultural com a investigação sobre património cultural imaterial.

O estágio curricular decorreu num contexto marcado por constrangimentos associados à pandemia de COVID-19, circunstância que influenciou as metodologias adotadas e a forma de desenvolvimento do trabalho. Ainda assim, este enquadramento permitiu repensar estratégias de abordagem ao objeto de estudo, privilegiando a recolha de testemunhos diretos junto de artesãos da obra de vimes, enquanto detentores de saberes fundamentais para a compreensão da realidade atual deste ofício.

Como complemento ao estágio curricular e com o objetivo de contribuir para a disseminação da importância da obra de vimes enquanto expressão identitária da cultura madeirense, foram ainda desenvolvidas, pela mestranda, várias ações de natureza cultural e etnográfica dirigidas à comunidade madeirense. Estas iniciativas contaram com o apoio

do Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula, que integramos, e incluíram reconstituições etnográficas da apanha do vime, a realização de festivais temáticos e demonstrações públicas, visando a sensibilização e a divulgação do património cultural da Madeira.

A investigação desenvolvida teve como objetivo central a documentação e análise do estado atual da obra de vimes na freguesia da Camacha, procurando articular a dimensão prática do estágio com uma abordagem investigativa sustentada na recolha de dados empíricos. Desta forma, foram realizadas entrevistas por meio de gravação áudio e posterior transcrição, metodologia considerada mais adequada face ao perfil dos participantes, maioritariamente envelhecidos e com baixos níveis de escolaridade. Esta opção metodológica permitiu garantir a fidelidade dos testemunhos recolhidos, assegurando simultaneamente o respeito pelas limitações e especificidades do público-alvo.

De forma mais específica, pretendeu-se:

- Mapear os artesãos da obra de vimes atualmente em atividade na Camacha;
- Identificar dificuldades, perceções e expectativas relacionadas com a continuidade deste ofício;
- Analisar iniciativas recentes de valorização e revitalização da obra de vimes, a nível local e regional;
- Refletir sobre o papel da gestão cultural na salvaguarda de patrimónios culturais imateriais em risco.

O presente relatório encontra-se estruturada em quatro capítulos principais. O primeiro capítulo centra-se no estudo do estado atual da obra de vimes na Camacha, com particular atenção às suas dificuldades e potencialidades. O segundo capítulo apresenta o enquadramento do estágio curricular, incluindo o contexto institucional e as atividades desenvolvidas. O terceiro capítulo analisa iniciativas de disseminação e valorização da obra de vimes na atualidade. O quarto capítulo dedica-se à análise dos resultados das entrevistas realizadas aos artesãos locais. Por fim, a discussão e a conclusão articulam os resultados empíricos com os referenciais teóricos, propondo possíveis caminhos para a preservação e revitalização deste património cultural.

CAPÍTULO I - Estado da obra de vimes na Camacha e sua história

1.1. A tradição da obra de vimes

A obra de vimes constitui um elemento estruturante do património cultural imaterial da freguesia da Camacha, afirmando-se como uma prática profundamente ligada à identidade local e à memória coletiva da comunidade. Mais do que uma atividade artesanal, este saber-fazer integra um conjunto de conhecimentos empíricos, técnicas e valores sociais transmitidos ao longo de gerações, refletindo modos de vida e relações comunitárias historicamente enraizadas no território.

A relevância da obra de vimes ultrapassa a sua dimensão funcional, assumindo um papel simbólico enquanto expressão cultural representativa da Madeira. A sua continuidade contribuiu para a construção de uma identidade coletiva reconhecida interna e externamente, associando a Camacha a uma tradição artesanal de elevada qualidade e singularidade.

Atualmente, esta prática enfrenta um processo de fragilização que coloca em causa a sua transmissão e sustentabilidade, reforçando a necessidade de a enquadrar enquanto património cultural imaterial em risco. Neste sentido, a valorização da obra de vimes exige abordagens integradas que promovam o reconhecimento social do ofício, a sua mediação junto da comunidade e a criação de estratégias de salvaguarda adequadas aos contextos contemporâneos.

1.1.1. Plantação do vimeiro

O ciclo do vime inicia-se com a plantação dos vimeiros. Os vimes crescem em vales húmidos, próximos de ribeiras, em freguesias como Camacha, Santo da Serra, São Vicente, Faial, São Jorge e Curral das Freiras. Estas localidades eram particularmente favoráveis ao cultivo do vime, dispondo de abundância de água, ribeiras e nascentes, essenciais para o desenvolvimento da planta. O trabalho ligado ao cultivo e à produção do vime contribuiu para o aumento populacional na Camacha e constituiu uma importante fonte de rendimento para muitas famílias. No entanto, esta era uma atividade extremamente laboriosa, exigindo cuidados desde o plantio até à obra final.

Só após dois anos do plantio é possível colher as primeiras hastes. A partir da primeira colheita, que tem lugar nos meses de fevereiro e março, a planta desenvolve-se plenamente, aumentando a produção, que pode variar entre dois e cinco quilos por planta, com uma esperança de vida média de seis anos. A produtividade do vime depende fortemente das condições meteorológicas, variando de ano para ano.

Do ponto de vista botânico, o vime é uma planta com ramos longos e flexíveis e folhas lanceoladas; as folhas adultas são glabras, enquanto as novas apresentam textura ligeiramente acetinada. Segundo Dos Santos (1907, p. 14) os primeiros colonos vindos de Portugal trouxeram a espécie *Salix fragilis*, que rapidamente se adaptou à agricultura madeirense, fornecendo matéria-prima para a indústria local e permitindo a exportação de vimes para diversos países.

Além do vime, a indústria artesanal das obras de verga utilizava também a verga de giesta (*Cytisus scoparius*). No início do século XX, os vimeiros eram cultivados por toda a ilha até altitudes de 800 metros, sendo apenas metade da produção utilizada na indústria local. Em 1905, a estatística alfandegária registou uma exportação superior a 100 toneladas de vime.

1.1.2. Preparação e produção de obra de vimes

Após a colheita, os vimes podem ser descascados logo após uma cozedura ou postos de molho em tanques com água corrente, operação que se faz mergulhando apenas as suas extremidades mais grossas em água, assim conservadas até junho, época em que os vimes começam a grelar.

Conforme refere Dos Santos (1907, pp. 21-22):

> "(…) os vimes são postos de molho nos ribeiros ou então nos chamados "poços de vimes" reservatórios de projeção retangular de 1 a ½ palmo de profundidade apenas (…) passado algum tempo o vime descasca com facilidade e em regra esta operação é feita durante o mês de junho por mulheres que a executam manualmente, em alguns casos com auxílio dos dentes, quando o vime descasca com mais dificuldade.
>
> A seguir devem os vimes ficar a secar durante tempo variável, entre dois ou mais meses, para que quando forem utilizados estejam perfeitamente secos de seiva, de outro modo irão deformar-se e perder todas as qualidades de resistência e de duração.

> Só depois de secos os vimes são utilizados na obra de vimes, sendo de novo lançados de molho, em água, sempre quando têm de ser trabalhados. Têm de estar bem húmidos para poderem ajeitar-se, quando torcidos e circunscritos às curvaturas dos modelos, sem se quebrarem. (…) A humidade dos vimes é muito importante que sempre que o tempo está muito quente, suão ou sirouco (o chamado "Leste" na Madeira) sopra sobre a ilha, todo o fabrico de obra de verga suspende, por que não se consegue manter a humidade indispensável.
>
> As obras depois de feitas são lavadas e branqueadas (em gás sulfuroso), sendo conservadas durante horas em um recinto fechado e completamente saturado de vapores sulfurosos."

A relação entre vime verde e seco é significativa: cem quilos de vime verde produzem, em média, apenas trinta quilos de vime seco. Historicamente, a Madeira produzia entre seis mil e oito mil toneladas de vime por ano.

O fabrico de mobiliário só terá começado no século XIX, mas no início do séc. XX, a maior produção de vimes, desta altura, era para a confeção de cadeiras sofás e mesas, entre outros artigos de elevada procura.

É importante destacar que os artesãos madeirenses, na sua maioria sem instrução formal nem formação artística, produziam verdadeiras obras de arte. A obra de vimes da Madeira era reconhecida pela sua qualidade, solidez e durabilidade, e os modelos de móveis eram considerados entre os mais elegantes do mercado.

Dos Santos (1907, p. 17) afirma que os obreiros madeirenses eram: "sem nenhuma instrução, educação profissional e artística, analfabetos na sua quasi totalidade, fazem prodígios de habilidade, executando já hoje modelos de certa phantasia, bom gosto (…) guiando-se pela observação de desenhos de catálogos e de jornaes estrangeiros."

Este ainda refere que (i*bidem*), no início do século XX, a maior parte dos produtos era vendida no Funchal aos turistas, embora algumas casas mais importantes realizassem também comércio de exportação.

> "A maioria dos artigos d'esta indústria é vendida no Funchal ao grande número de passageiros em trânsito que ali aportavam. Há por isso no Funchal grande número de casas que negoceiam com os produtos d`esta indústria, fazendo-se este negócio sempre de mistura com o de outros artefactos madeirenses"

Ainda o mesmo autor (*idem*, p. 20) defende que o início do mobiliário em vime surgiu na Camacha por iniciativa de um preso da cadeia da cidade do Funchal, que aprendeu o método de fabrico de umas cadeiras, em palha de centeio, e que depois levou esta técnica

para aquela freguesia, causando a expansão desta indústria, para outros locais como o Caniço e o Funchal, mas com produtos e artesãos originários da localidade onde a indústria havia surgido. (i*dem*, p. 18). É também neste autor que lemos sobre a posterior influência inglesa, e de alguns obreiros da ilha de São Miguel, Açores:

> "William Hinton, importante industrial, (…) parece ter também influído nas tentativas iniciaes desta indústria, auxiliando os primeiros obreiros com os conhecimentos que tinha da indústria dos móveis já fabricados na Inglaterra e Alemanha com hastes de cipó, por cuja flexibilidade e outras propriedades se assemelham muito aos vimes madeirenses". E que (…) "esta indústria era já igualmente conhecida na ilha de São Miguel, Açores, e de lá consta terem vindo alguns produtos e até obreiros, que guiaram também nos primeiros tempos a indústria madeirense." (*idem*, p. 20)

Segundo César (1985, p. 195), a ilha produzia, anualmente, muitas toneladas de vime. A obra de verga, como vulgarmente se chamava, era de boa execução e muito apreciada tanto em Portugal como nos países estrangeiros, revelando os operários que se dedicavam a esta arte, fazendo com grande meticulosidade trabalhos que artisticamente eram verdadeiros modelos.

A obra de vimes na Camacha constituiu uma indústria quase exclusiva da ilha da Madeira. Fabricando artefactos em verga, utilizando vime ou giesta, foi da Camacha que irradiou esta arte para outros pontos da ilha. Boaventura, área de elevada produção do vimeiro, seguiu este exemplo de artesanato, ficando assim no *ranking* dos maiores produtores e transformadores da obra de vimes. (Trancoso, P. 1929. p. 23)

Em termos formais e funcionais, a obra de vimes divide-se em três categorias: a obra leve (cestos para flores e pequenos objetos), a obra média (cestos de vários formatos para uso doméstico e cestos utilizados nas tarefas agrícolas, como os cestos chamados de "cestos barreleiros[1], gigos[2] para transporte da fruta, ceirões[3] e covos[4]), e a obra de mobiliário, de variados modelos, com peças mais rústicas e outras mais delicadas.

---

[1] Barreleiros – cestos também conhecidos pelos cestos da vindima, típicos para a colheita da uva.

[2] Gigos – cestos para o transporte da fruta. In: Pereira, J. A. (1986). "Os Vimes Na Ilha da Madeira". *Atlântico*. Nº5. (p. 53).

[3] Ceirões - cesto usado para conservar o peixe vivo para a isca. In: Pereira, J. A. (1986). "Os Vimes Na Ilha da Madeira". *Atlântico*. Nº5. (p. 53).

[4] Covos - Cestos usados na pesca marítima, de fabrico artesanal, clítico, sem tampa e fundo oval, a peça alarga ligeiramente do fundo até ao bordo. In: Pereira, J. A. (1986). "Os Vimes Na Ilha da Madeira". *Atlântico*. Nº5. (p. 53).

Citando Silva (1961):

> "As peças do mobiliário de verga, em especial as cadeiras, canapés, mesas, além de outras que já ultrapassam as necessidades e os cómodos vulgares, correntes, e entram dentro do aparato doméstico, formam duas categorias artísticas. A primeira é a dos móveis limitados à sua estrutura essencial, simples, de maior ou menor vulto, desprovidos de qualquer guarnição decorativa. Mais elegantes uns do que os outros, são apenas o que são destinados ao fim prático de dar a quem os utiliza (…) nesta segunda feição , intencionalmente mais artística, sem deixar de proporcionar a mesma comodidade que a outra faculta, os móveis tem menor vulto ou parecem tê-lo em virtude da fragilidade e elegância (…) as rendas e os bordados criaram na fragilidade insinuante e volatizada no campo estético e de sugestiva intensão decorativa (…) o estímulo decorativo irmana-se ou continua-se da mãos e da sensibilidade das rendeiras e das bordadeiras à dos homens adestrados na obra de vime".

Lisboa era o exemplo de muita procura de mobília em vime e quando havia esta exportação, tornava-se compensador.

As obras de vimes mais grosseiras desta indústria, chamados os cestos de asa, mais conhecidos por "barreleiros" e de "vindima", eram fabricados com os vimes por descascar. Eram utilizados em vários pontos da Ilha, sendo reservados na sua totalidade ao consumo local.

Também no Funchal se trabalhava neste tipo de obra. Dos Santos (*ibidem)* refere a casa comercial Blandy Brothers & Cª como sendo (…) "uma oficina de certa importância, onde continuamente se fabrica grande quantidade de cestos e gigos a empregar nos muitos trabalhos da casa e principalmente no transporte do carvão nos serviços do porto (…) Estas obras são, porém, fabricadas quasi exclusivamente nas freguesias do Curral das Freiras, Monte[5], Gaula e Santa Cruz.".

Havia na cidade do Funchal uma oficina de certa importância da firma comercial Raleigh C. Payne & Cº (única casa estrangeira deste género) que se ocupava em preparar a liaça[6] e o tingimento de obra feita, mas tudo com mão de obra da Camacha (*idem*, p. 21).

Na execução da obra de vimes há:

[5] O Monte - subúrbio situado a cerca de quinhentos metros acima do Funchal, é um dos locais mais emblemáticos da Ilha da Madeira. O percurso das corsas, ou carrinhos do Monte começa abaixo da escadaria de 74 degraus da Igreja do Monte, construída no século XVIII.

[6] Liaça – é a divisão de um vime, em três ou quatro partes, que depois irá passar numa máquina manual ou elétrica para a tornar mais fina. É-lhe retirado o miolo do vime, ficando só a casca.

> "operários que fazem os fundos (obra tosca de marcenaria e o tecido que os preenche e reveste) e os "tecidos entrançados" de "cordão" e de "xadrez" em vime inteiro, enquanto outros fazem tecidos de "rolo", "xadrezes de renda" e certas guarnições delicadas "em abertos", "rosetas" e "remates", que os primeiros não sabem fazer. A preparação da liaça e a esteira da mesma liaça são sempre trabalhos de mulheres que geralmente os fazem em suas casas, empregando-se neles também raparigas desde os 12 anos." (i*dem,* p. 20).

1.1.3. Os Bomboteiros: comércio ambulante

A história da obra de vimes na Madeira está intimamente ligada aos bomboteiros[7], comerciantes ambulantes que atuavam sobretudo no Funchal, vendendo peças artesanais, alguns, diretamente aos navios e, mais tarde, aos turistas em terra. O termo bomboteiro deriva do inglês *bumboat* — pequenos barcos usados para vender mercadorias junto aos navios fundeados.

Carita (2024) refere, em artigo publicado na revista *Islenha*, que, com o aumento da passagem de paquetes de passageiros pela baía do Funchal, ao longo do século XIX, se consolidou aquilo que designa por "Indústria do Turismo". Esta terá surgido na sequência da Exposição Universal de Londres, em 1851, por iniciativa do governador José Silvestre Ribeiro. Para além de impulsionar o alojamento e outros serviços, este fenómeno favoreceu igualmente o comércio de mobiliário em vime, no porto da baía do Funchal através das lanchas dos bomboteiros, uma vez que ainda não existia um molhe que permitisse a atracagem direta dos navios.

Nas décadas de 1860 e 1870, o fabrico de peças de mobiliário em vime conheceu um crescimento significativo, sendo estas utilizadas não só como mobiliário a bordo dos navios, mas também transportadas por embarcações inglesas da Rota do Cabo, difundindo-se ao longo de toda a costa ocidental de África. (*idem,* pp. 54-55).

Câmara, J. (1955) no *Diário de Notícias*, descreve que "os barcos atracavam e os bomboteiros invadiam os barcos da fortuna acogulados de jardineiras, recosto flácido e canapés de vimes, as "cabritas" de um só remar, as lanchas amplas e potentemente movidas a gasolina".

[7] Bomboteiro - homem que, na baía do Funchal, se deslocava aos navios num barco pequeno para vender produtos regionais (rendas, vimes, etc.). disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bomboteiro, consultado em 04-09-2025.

Segundo o artesão Pereira[8], um dos nomes de referência desta atividade, da Camacha, foi José João Gouveia, conhecido como o "Batatinha", que trabalhou como bomboteiro durante 25 anos e acumulou mais de 70 anos de experiência na obra de vimes. Inicialmente, ganhava apenas 2,5 escudos por dia. Tal como outros da sua geração, começou a vender mobiliário, baús e cestos transportando-os a pé até ao Funchal, muitas vezes durante a noite e por caminhos de pinheirais e veredas, para escapar à fiscalização.

1.1.3.1. Comércio e fiscalização

Em novembro de 1948, Pereira (1986, p. 53) refere que a Delegação da Junta Nacional das Frutas foi incumbida de proceder ao licenciamento da exportação da obra de vimes. Esta entidade não podia permanecer indiferente à situação que se verificava no comércio do vime em bruto e da obra de vimes, em particular, face à concorrência desleal praticada por alguns exportadores nas vendas destinadas aos Estados Unidos da América, com graves prejuízos para a economia da ilha da Madeira.

Na sequência destes factos, a situação foi comunicada ao Secretário de Estado do Comércio e Indústria, o qual determinou algumas leis, de forma a proteger o comércio dos vimes (idem, p. 58)

> "(…) determinou a preparação e publicação da Portaria n.º 12 876, de 28 de junho de 1949, a qual estabelecia normas reguladoras a que o comércio dos vimes deveria obedecer. Estas normas foram aprovadas por despacho de 1 de novembro de 1949. Ao longo do ano de 1950, a Delegação da Junta Nacional das Frutas deu cumprimento às disposições anteriormente referidas, contando com a colaboração dos representantes do Grémio da Lavoura do Funchal, do Grémio dos Industriais de Obra de Vimes e dos exportadores, tendo sido implementadas as seguintes medidas: a fixação do preço mínimo de compra do vime ao produtor; a abertura de créditos para todas as exportações destinadas ao mercado americano; e a fixação das cotações dos diferentes tipos de cestos a exportar para os Estados Unidos da América".

O artesão Pereira (*Vide* Anexo 1.9), ao longo da entrevista realizada, refere igualmente que, em 1950, foi criado na Camacha um grémio com quatro fiscais locais, responsáveis por fiscalizar a qualidade da obra de vimes, com particular incidência nas peças produzidas com miolo (interior do vime), considerado um material mais económico. O

[8] Informação recolhida durante a entrevista realizada com o artesão Pereira, presente no Anexo 1.

entrevistado recorda que, para evitar apreensões, muitas oficinas mantinham compartimentos ocultos onde escondiam cadeiras e cestos fabricados com miolo, retomando o trabalho apenas após a saída dos fiscais, "se fosse com liaça, só fazíamos uma cadeira; se fosse com miolo, fazíamos duas, uma acompanhava a outra."

O artesão José de Jesus Fernandes (*Vide* Anexo 1.2), um dos muitos empresários da obra de vimes na Camacha, refere igualmente, na sua entrevista, o elevado nível de exigência imposto à produção naquela época:

> "Nessa altura, era muito exigente. Ao princípio, o trabalho tinha que ser tudo lavado, metido à cor, que era uma ameixa de enxofre que a gente dava, e ainda por cima, depois do enxofre, deitávamos aquilo tudo na rua e limpávamos todos os trocinhos. E ainda assim, havia trabalho rejeitado. A União Exportadora de Cestos tinha dois verificadores. E se a coisa não estivesse bem, estivesse mal, ou as medidas não estivessem certas, eram rejeitados. Ah, ao princípio era muito exigente."

Houve também episódios de carácter repressivo. Pereira (*Vide* Anexo 1.9) relembra que, certa ocasião, um fiscal entornou tinta sobre cadeiras quase concluídas, inutilizando-as para venda. Contudo, na perspetiva dos intervenientes, estas ações visavam salvaguardar a qualidade da obra de vimes e combater a concorrência desleal entre exportadores, uma vez que, até então, os preços praticados eram tão baixos e instáveis que chegaram a levar compradores americanos a questionar se os produtos de vime da Madeira eram oferecidos gratuitamente. (Pereira, 1986, p. 58)

1.1.3.2. Evolução e declínio da profissão de bomboteiro

O declínio da profissão de bomboteiro ocorreu de forma progressiva, sendo influenciado por diversos fatores estruturais. A Segunda Guerra Mundial provocou a interrupção da chegada regular de navios ao Porto do Funchal, comprometendo um dos principais canais de escoamento da produção. A construção do Porto do Funchal, com o fim dos navios fundeados ao largo, e as subsequentes transformações na dinâmica turística alteraram profundamente a atividade dos bomboteiros que deixaram de comercializar os seus produtos diretamente junto das embarcações, passando inicialmente a improvisar pontos de venda no cais. Posteriormente, a requalificação do Porto do Funchal veio restringir o comércio ambulante, levando à não renovação das licenças alfandegárias. Perante este novo contexto, alguns bomboteiros conseguiram adaptar-se, criando estabelecimentos comerciais próprios, enquanto outros acabaram por abandonar a atividade, em resultado

da diminuição da rentabilidade e das alterações nos hábitos de consumo. Alguns acompanharam a deslocação dos fluxos turísticos, instalando-se em miradouros e noutros locais de interesse da ilha, nomeadamente no Monte, no final das descidas dos carros de cesto.

Perante este novo enquadramento, muitos bomboteiros optaram por transitar para o comércio fixo ou acabaram por abandonar definitivamente a atividade, contribuindo para o desaparecimento gradual desta profissão tradicional. Atualmente, a atividade de bomboteiro encontra-se praticamente extinta, subsistindo sobretudo na memória coletiva e nos registos históricos associados ao comércio tradicional da obra de vimes. Este desaparecimento reflete não apenas a transformação dos circuitos comerciais, mas também a perda de um elo fundamental entre a produção artesanal e o turismo, que durante décadas desempenhou um papel relevante na divulgação e valorização do artesanato madeirense.

Antes deste processo de reorganização do setor, as encomendas eram estabelecidas diretamente entre os bomboteiros (Figuras 1 e 2) e as casas comerciais. Pereira (*Vide* Anexo 1.9) identifica algumas das principais casas associadas ao comércio da obra de vimes ao longo do século XX, nomeadamente a Viúva Romano Gomes & Filhos, António Oliveiras, Rosa d'Oro e a Casa Preto e Branco, todas localizadas na Rua da Alfândega, no Funchal. Estes estabelecimentos comercializavam mobiliário em vime, bem como diversos tipos de cestos e cestos de roupa, recorrendo frequentemente à contratação de condutores para proceder à recolha dos trabalhos diretamente junto dos artesãos.

O artesão José Gouveia recorda que, após consolidar a sua carteira de clientes, passou a assegurar o transporte das encomendas com o apoio de uma furgoneta, em parceria com o Sr. Américo, realizando entregas com periodicidade quinzenal. Segundo o seu testemunho, "transportava para o Porto do Funchal. Eram quatro negócios, já morreram todos, era na Rua de Santa Maria. Levava o meu trabalho e o de mais alguém, comprava para comercializar."[9]

Este testemunho evidencia a existência de redes informais de distribuição e comercialização, assentes em relações de proximidade e confiança, que permitiam a

[9] Entrevista informal com José Gouveia. Atendendo à sua idade avançada e ao seu estado de debilidade, o contacto assumiu um carácter breve e fragmentado, não tendo sido possível realizar uma entrevista estruturada ou aprofundada.

circulação da produção artesanal desde os locais de fabrico até aos principais pontos de venda e aos circuitos de exportação. Estas redes desempenharam um papel determinante na sustentabilidade económica da obra de vimes durante várias décadas, funcionando como intermediárias essenciais entre os artesãos, o comércio local e os mercados externos.



Figura 1 - Barco dos bomboteiros (Disponível em https://www.arquipelagos.pt/imagem/bomboteiros-com-vimes-no-porto-do-funchal-bilhete-postal-1930-c-ilha-da-madeira/, consultado em 24-08-2025)

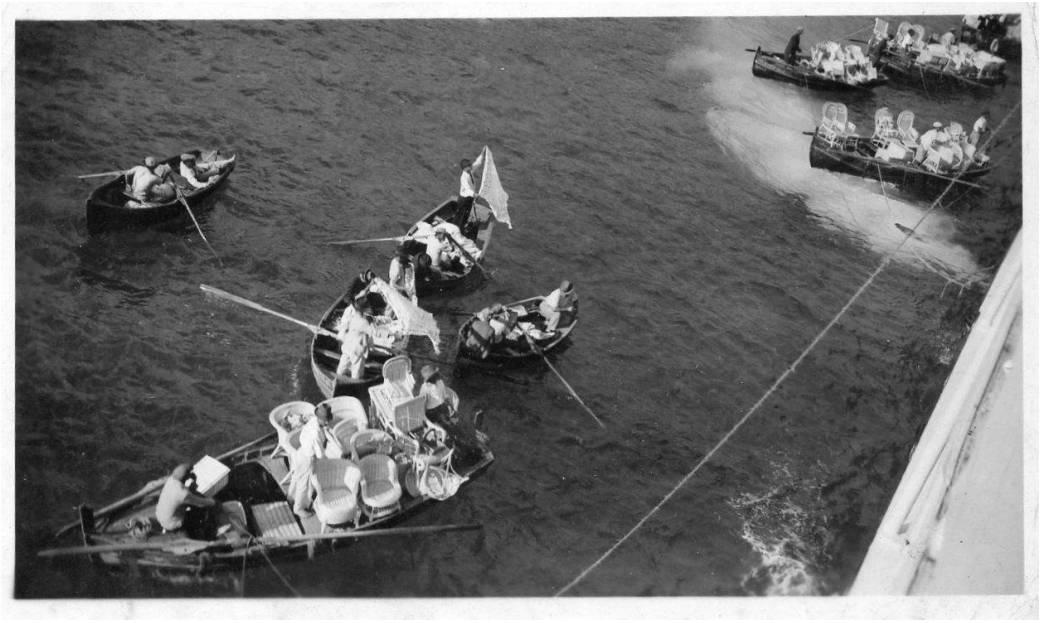


Figura 2 - Barcos dos bomboteiros (Disponível em https://www.madeira-web.com/pt/imagens-videos/fotos-antigas-madeira/industria-comercio.html, consultado em 29-08-2025)

1.1.4. Camacha: o berço da obra de vimes

O ser humano revela, desde sempre, a necessidade de criar e produzir, associada à satisfação das suas necessidades materiais e simbólicas. Ao longo da História, a produção de bens constituiu um elemento fundamental da organização social e económica das comunidades. O artesanato caracteriza-se por ser um trabalho predominantemente manual, recorrendo maioritariamente a recursos naturais de origem local.

A arte da obra de vimes, desenvolvida na freguesia da Camacha, na ilha da Madeira, insere-se neste contexto enquanto prática executada manualmente, exigindo sensibilidade criativa, perícia técnica e cuidado no processo de produção. Este tipo de artesanato reflete um modo de vida específico e afirma-se como uma expressão identitária e cultural da região madeirense.

Corrêa descreve o transporte dos cestos, da zona da Camacha para o Funchal, local onde se comercializava todos os tipos de cestos e mobiliário feito em obra de vimes e explica como eram constituídos os espaços onde eram fabricadas, fazendo-se sempre alusão, que esta atividade era a principal forma de subsistência na área da Camacha, e que este era sem dúvida o espaço onde mais se fazia esta arte (Corrêa, 1925, p. 169):

> "Mesmo o vime, que contribui para o principal ramo industrial da população, que é também considerada obra de verga, poucos são os renques que se estendem ao longo das grotas húmidas por onde se passa ni caminho do Palheiro; no entanto não são só os carregadores do mobiliário que se encontram, trazendo ás 8 e ás 10 peças de cada vez, empilhadas umas sobre as outras, ás costas, a caminho da cidade que nos annunciam a actividade manufactureira da freguezia; são as oficinas abertas, dentro das quaes alguns operarios trabalham por entre taboas e vimes."

Apesar de famílias inteiras dependerem deste artesanato, os ganhos eram reduzidos, uma vez que os principais rendimentos ficavam nas mãos dos intermediários. Para obter maior lucro, muitos artesãos deslocavam-se a pé até ao Funchal para vender diretamente os seus produtos, especialmente as mulheres, tal como refere Dos Santos (1907, p. 22):

> "As mulheres desempenhavam um papel central em todo o processo produtivo, sendo responsáveis por tarefas como a preparação do material (vimes e liaça), o transporte da obra acabada da Camacha para o Funchal, a lavagem, o branqueamento e a confeção de esteiras. As carreteiras eram remuneradas à razão de 150 réis pagos pelos fabricantes, acrescidos de 50 réis pelos negociantes, totalizando 200 réis por carga. Estimava-se a existência de cerca de 60 carreteiras na Camacha, muitas das quais acumulavam funções na preparação da liaça e na execução de trabalhos auxiliares."

Em 1907, a população da Camacha era estimada em 3.296 habitantes, dos quais cerca de 550 estavam ligados à indústria da obra de vimes. Neste total, distinguiam-se aproximadamente 50 mestres profissionais, 190 homens não assíduos, 40 mulheres que não trabalhavam diariamente na obra de vimes, 210 menores de ambos os sexos e 60 carreteiras. No entanto, apesar dos muitos envolvidos, não realizavam formação nesta área. (*idem*, p. 23)

Afirma o mesmo autor Dos Santos (1907, p. 24) que esta indústria poderia ser desenvolvida através da criação de uma ou mais oficinas, dirigidas por artistas estrangeiros de reconhecida competência, que orientassem os obreiros madeirenses nos processos de composição e execução, contribuindo para o aperfeiçoamento técnico e para o desenvolvimento do gosto artístico nos modelos produzidos.

Esta proposta surgiu no âmbito da reorganização da Escola Industrial do Funchal, mas nunca chegou a ser concretizada. Foi igualmente sugerido que a instalação de uma oficina no centro industrial da Camacha poderia produzir resultados positivos, revertendo o produto do trabalho em benefício direto dos operários inscritos. Considerou-se ainda a possibilidade de criar uma oficina de obra de vimes na Escola Industrial António Augusto de Aguiar e noutras escolas industriais; contudo, estas hipóteses revelaram-se inviáveis, uma vez que a maioria dos obreiros residia na Camacha e, à época, a inexistência de transportes regulares, aliada à distância e às exigências da atividade diária, impossibilitava a deslocação ao Funchal sem comprometer o exercício da profissão e a respetiva remuneração.

Esta ausência de concretização das propostas de formação e de apoio estruturado ao setor contribuiu para fragilizar a sustentabilidade da obra de vimes, comprometendo a modernização dos processos produtivos e a valorização estética dos produtos. A falta de investimento na qualificação dos obreiros e na criação de estruturas de apoio adequadas acabou por acentuar as dificuldades da atividade, lançando as bases para uma crise progressiva na obra de vimes, cujos efeitos se fariam sentir ao longo das décadas seguintes.

1.2. Crise da obra de vimes

A indústria da obra de vimes na Madeira, que durante décadas constituiu uma atividade económica e cultural de grande relevância, entrou em declínio a partir de meados do século XX, como resultado de um conjunto de fatores estruturais, económicos e sociais, começando progressivamente a perder competitividade e sustentabilidade.

A arte da obra de vimes emerge desta sociedade e constitui, sem margem para dúvida, uma construção fundamental da identidade local. Muitos dos saberes associados a esta atividade foram transmitidos ao longo de gerações, proporcionando melhores condições de vida a quem não dispunha de outro meio de subsistência.

Anteriormente, a obra de vimes assentava sobretudo em unidades familiares, que sobreviviam com uma baixa remuneração e com mão de obra pouco escolarizada, enfrentando dificuldades tanto na reciclagem profissional como na melhoria dos processos produtivos. Presentemente, os jovens possuem maior escolarização e aspiram a outras profissões, menos exigentes fisicamente e mais rentáveis.

Esta crise, segundo Mota (1987, p. 5)[10], agravou-se com a entrada em vigor do IVA. A indefinição que marcou o setor da obra de vimes gerou incertezas quanto ao seu futuro, tornando evidente a necessidade de adoção de medidas que salvaguardassem a economia local e a sobrevivência da população. O autor refere ainda que os impactos negativos desta crise se fariam sentir noutras atividades da freguesia da Camacha, nomeadamente na construção civil, nos transportes de mercadorias e na praça de táxis.

Entre os fatores que contribuíram para o agravamento desta crise, destaca-se o barateamento da mão de obra, estimado entre 30% e 40%, associado à forte concorrência entre operários, o que frequentemente comprometia a qualidade dos produtos e dificultava a sua comercialização. Paralelamente, embora os preços praticados fossem relativamente acessíveis, a indústria enfrentava sérias dificuldades no escoamento da produção, agravadas pela inexistência de estratégias eficazes de divulgação e pelas elevadas tributações alfandegárias impostas por alguns mercados externos.

A obra de vimes era exportada principalmente para os mercados de Portugal Continental, de Inglaterra, de Itália e dos Estados Unidos da América. Esta indústria, que teve a sua época alta entre a segunda metade do séc. XIX e a segunda metade do séc. XX, acabou

[10] Mota, Filipe (1987). Notícias da Camacha, Crise na Obra de Vimes Agudiza-se. Funchal, 12 de julho, 1987. *Diário de Notícias*. p. 5.

por sofrer um declínio face à concorrência de outros países com mão-de-obra mais barata, de menor qualidade e que utiliza materiais sintéticos.

Segundo Dos Santos (1907, p. 18), a exportação para países como a Alemanha estava sujeita a taxas de 60 réis por quilo, enquanto na América do Norte a tributação atingia cerca de 35% sobre o valor da mercadoria. Em contraste, a Inglaterra permitia a importação livre, o que tornava o mercado inglês particularmente mais atrativo. Ainda assim, as vendas no mercado interno, sobretudo no Funchal, acabavam frequentemente por superar o valor das exportações, revelando-se, assim, mais vantajosas para os artesãos.

A este cenário juntou-se o aumento significativo do custo da matéria-prima e a emigração de muitos artesãos, fatores que enfraqueceram ainda mais a produção local. O encarecimento dos fretes de transporte levou a que parte da produção fosse canalizada para o continente português, onde o vime era utilizado, nomeadamente, na produção de cestos e no empalhamento de garrafas para a indústria vidreira. Contudo, a introdução progressiva de materiais alternativos, como os plásticos, reduziu drasticamente a procura de produtos em vime, afetando diretamente o volume das exportações.

Tradicionalmente, o vime, depois de descascado, era exportado em bruto ou transformado para países como os Estados Unidos da América, Venezuela, África do Sul, Inglaterra e Canárias. No entanto, a partir da década de 1960, a indústria madeirense passou a enfrentar forte concorrência de mercados internacionais, como a Jugoslávia, Hungria, Hong Kong e Japão. Esta conjuntura originou uma recessão contínua, marcada por dificuldades crescentes de escoamento, abandono da atividade por parte de muitos vimeiros e uma diminuição significativa da produção artesanal, colocando em risco a continuidade de uma tradição profundamente enraizada na identidade cultural madeirense.

Apesar das oscilações normais do mercado, a ausência de uma fiscalização eficaz potenciou práticas oportunistas que contribuíram para a quebra das exportações. Importadores norte-americanos chegaram a estabelecer recomendações e normas, nomeadamente a utilização de vime mais delgado, a fixação de preços mínimos e o aperfeiçoamento da preparação da matéria-prima, através da sua seleção por calibre.

Segundo Camacho (1993, p. 17)[11], até 1986 a totalidade dos trabalhos realizados destinava-se à exportação. Contudo, embora o mercado norte-americano tenha sofrido uma redução drástica, passando a representar apenas 7% das exportações, o mercado britânico absorvia cerca de 70% da produção exportada. O autor refere ainda que o Instituto do Bordado e Tapeçaria do Arquipélago da Madeira (IBTAM), atualmente designado como Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (IVBAM), entidade responsável pela marca "Artesanato da Madeira", alertava para a situação "grave e preocupante" da atividade artesanal da obra de vimes, uma vez que a Inglaterra atravessava um período de recessão económica, já se verificando quebras significativas nas importações. Nesse contexto, registou-se uma diminuição de 36% entre janeiro e outubro de 1991.

Ainda assim, apesar de todas as adversidades, Vieira (1994, p.110)[12] refere que a arte da obra de vimes mantém-se viva, ainda que de forma residual, sobretudo na Camacha e na Boaventura.

Contudo, atualmente, esta atividade já não assegura a sustentabilidade económica dos seus praticantes, tornando-se necessária a sua recuperação.

1.3. Iniciativas de revitalização e preservação da obra de vimes

Torna-se fundamental a criação de estímulos que promovam a valorização da obra de vimes, tanto junto dos turistas como da população local. Para esse efeito, é necessário desenvolver projetos associados ao desenvolvimento regional deste artesanato, integrando-o em contextos educativos, como as escolas — nomeadamente através de atividades de trabalhos manuais — e noutros espaços sociais, de modo a reintroduzir e reforçar, na população madeirense, a cultura do vime.

Segundo Carita, (2024, p. 55), com a implementação do Estado Novo, verificou-se uma preocupação em dar visibilidade à atividade da obra de vimes, associando-a ao culto dos

[11] Camacho, Paulo (1993). Com o setor dos vimes em crise: afirmação madeirense só pela qualidade. Funchal, 1 de janeiro 1993. Dossier Europa, *Diário de Notícias,* (p. 17).

[12] Vieira. Aberto. (1994) *A Vila de São Vicente. Evocação dos Duzentos e Cinquenta Anos (1744-1994)*. Câmara Municipal de São. São Vicente: Imprensa de Coimbra, Lda. (p. 110).

grupos de folclore e através da criação de grémios, juntas nacionais e casas do povo. Contudo, apesar dessas iniciativas, a atividade tendia progressivamente à extinção.

Por sua vez, Camacho (1993, p. 17), em artigo publicado no *Diário de Notícias*, referiu que, com a abertura do Mercado Único em toda a Comunidade Europeia, os fabricantes da obra de vimes da Madeira teriam de alterar radicalmente os seus processos produtivos para conseguirem enfrentar a concorrência intensa proveniente de países terceiros. Apenas dessa forma poderiam contrariar o contexto desfavorável criado pelo Mercado Único. O autor acrescenta ainda que muitos artesãos permaneciam presos a modelos de produção tradicional há várias décadas, apresentando dificuldades significativas em adaptar-se à nova lógica e filosofia de mercado.

Com a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia e a consequente intensificação da concorrência, o Instituto do Bordado, Tapeçaria e Artesanato da Madeira (IBTM) tem procurado inverter o rumo da situação, através da sensibilização dos fabricantes para a diversificação da produção e para a confeção de novos artigos, mantendo elevados padrões de qualidade, de forma a reforçar a competitividade e contribuir para a recuperação do setor.

1.3.1. O Café Relógio enquanto espaço simbólico e patrimonial

Café Relógio, edifício emblemático da freguesia da Camacha, teve origem numa torre construída no final do século XIX pelo médico inglês Dr. Michael Grabham, que nela instalou um relógio e um sino provenientes de uma igreja de Liverpool. Localizado na Achada, este espaço assumiu, ao longo de várias décadas, um papel central na produção, exposição e comercialização da obra de vimes, constituindo também um importante polo de atração turística da freguesia.

A torre alberga um relógio oriundo da Igreja Paroquial de Walton, em Liverpool, que, conforme refere foi oferecido por Michael Grabham, evidenciando a significativa presença inglesa na Camacha. Nas palavras do autor (Corrêa, 1925, p. 167),

> "A Achada é uma espécie de baldio à inglesa, arrelvado, que serve britanicamente de foot ball field, e onde se eleva uma pequena torre de rellogio a mostradores azues, que de meia em meia hora bate sons bronzeos em harmonioso sino, dádiva do Dr. Grabham, um inglez como tantos."

Na década de 1960, junto à torre, foi criado um restaurante/bar, assim como um centro de fabrico e exposição de obra de vimes, onde se produziam peças de caráter utilitário e decorativo. Entre estas destacavam-se mobiliário, figuras zoomórficas e objetos de fantasia, como girafas, macacos, cavalos, leões, caravelas portuguesas e cestos em forma de cisne ou galinha, evidenciando a diversidade formal e a criatividade associadas a esta produção artesanal.

Em 2017, no âmbito da iniciativa (a)Riscar o Património, promovida pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) e integrada nas Jornadas Europeias do Património (JEP), a Madeira associou-se ao evento sob o tema "Comunidades e Culturas". A escolha recaiu sobre o Café Relógio, reconhecido como centro preferencial da produção e venda de vimes na Camacha, tendo como anfitriã a Casa da Cultura de Santa Cruz, representada por Lucilina Freitas.

Segundo Luís Rocha (*Funchal Notícias*, 22 de setembro de 2016), vários artistas participaram numa breve evocação da obra de vimes na Camacha. Os participantes desenharam em diferentes pontos do armazém e loja do Café Relógio, bem como na Fábrica Arema, propriedade dos donos do Café Relógio (Figuras 3 e 4).



Figura 3 – Café Relógio e vizinhança (Disponível em: https://funchalnoticias.net/2016/09/22/artistas-participam-em-breve-em-evocacao-dos-vimes-na-camacha/, consultado em 5-09-2025)



Figura 4 - Café Relógio, onde se comercializava o vime (Disponível em: https://www.dnoticias.pt/2025/7/9/455522-camacha-de-ontem-madeira-de-sempre-celebra-150-anos-do-futebol-em-portugal/, consultado em 28-08-2025)

Em janeiro de 2020, pouco antes do encerramento definitivo, o Café Relógio associou-se à marca *Made in Madeira* para lançar produtos no Aeroporto Cristiano Ronaldo, projeto que não se concretizou. Segundo o *Diário de Notícias* (2022), um processo de insolvência revelou dívidas superiores a 2,5 milhões de euros, salários em atraso para 40 funcionários e culminou no encerramento do espaço, deixando memórias de um período de glória recordado por artesãos como José Marques Vieira, José Pedro e Frederico Santos, entre muitos outros que direta ou indiretamente contribuíram para esta empresa histórica.

Presentemente, o espaço encontra-se abandonado, mas a Camacha mantém-se reconhecida como o berço da obra de vimes na Madeira, embora a produção seja atualmente muito residual, com pouco mais de duas dezenas de artesãos ativos.

A gestão cultural assume, assim, um papel fundamental na articulação entre memória, prática artesanal e políticas culturais, contribuindo para a preservação e revitalização da obra de vimes enquanto expressão identitária e recurso cultural com potencial de continuidade.

Considerando a importância da obra de vimes e os desafios que enfrenta, foi escolhido realizar estágio curricular na Casa da Cultura de Santa Cruz, incidindo sobre esta temática, frisando o papel dinâmico desta entidade sobre o tema.

CAPÍTULO II - Relatório de Estágio na Casa da Cultura de Santa Cruz

2.1. Enquadramento do estágio

A obra de vimes, prática artesanal tradicional da Camacha, constitui um dos elementos mais distintivos do património cultural imaterial da Madeira. Apesar da sua relevância histórica e cultural, a atividade encontra-se atualmente muito reduzida, com pouco mais de duas dezenas de artesãos ainda em atividade, evidenciando a necessidade de ações de preservação, valorização e divulgação deste saber-fazer.

O estágio curricular, integrado no Mestrado em Gestão Cultural, decorreu na Casa da Cultura de Santa Cruz (Quinta do Revoredo), entre setembro de 2021 e julho de 2022, com uma carga horária total de 640 horas. Esta instituição, sob gestão da Câmara Municipal de Santa Cruz, assume um papel relevante enquanto polo dinamizador da vida cultural e patrimonial do município, promovendo iniciativas de valorização da identidade local e de salvaguarda do património cultural, incluindo projetos relacionados com a obra de vimes, temática central da presente investigação.

A escolha da Casa da Cultura de Santa Cruz como entidade de acolhimento justifica-se, assim, pelos objetivos do estágio, o qual possibilita articular a prática profissional com uma reflexão académica sobre gestão cultural e património imaterial. O contexto institucional revelou-se particularmente adequado ao desenvolvimento de atividades de formação, sensibilização e promoção de práticas artesanais tradicionais, permitindo uma aproximação concreta às dinâmicas culturais locais.

A escassez de materiais e as limitações de contacto presencial devido à pandemia inviabilizaram, em grande medida, a realização de oficinas dedicadas à obra de vimes, levando à necessidade de reformular estratégias de intervenção. Perante este cenário, e para melhor valorização do trabalho de investigação, o relatório foi complementado, posteriormente, por uma abordagem centrada na investigação de campo, privilegiando a recolha de dados qualitativos através da realização de entrevistas a artesãos da obra de vimes ainda em atividade.

Do ponto de vista formativo, o estágio constituiu uma experiência fundamental para a consolidação e o desenvolvimento de competências profissionais. Apesar das limitações identificadas, foi possível reconhecer lacunas e dificuldades inerentes ao contexto de trabalho, transformando-as em oportunidades de aprendizagem e de crescimento pessoal e académico. Esta experiência contribuiu para o aperfeiçoamento de técnicas de ensino, de dinamização cultural e de organização de atividades ligadas ao artesanato, em particular à obra de vimes.

A experiência profissional prévia da mestranda enquanto formadora e professora nas áreas da cozinha, decoração e artesanato revelou-se um fator facilitador na adaptação ao contexto institucional, permitindo uma leitura crítica dos problemas do quotidiano e a procura de soluções alternativas. Além do aprofundamento de competências numa área de interesse específico, o estágio possibilitou igualmente a aquisição de novos conhecimentos noutras áreas da gestão cultural, estimulando o desenvolvimento do espírito científico e reforçando a articulação entre teoria e prática.

O estágio representou ainda uma oportunidade de contacto direto com situações reais de planeamento, orientação e execução de atividades culturais, consideradas essenciais para a formação de um futuro gestor cultural. A interação com a orientadora de estágio e com outros profissionais da instituição promoveu a integração em contextos de trabalho colaborativos, contribuindo para o alargamento da rede de contactos profissionais e para a redução do impacto da transição para o mercado de trabalho. Neste sentido, o estágio assumiu-se como uma experiência formativa estruturante, potenciando o desenvolvimento de competências técnicas, relacionais e reflexivas fundamentais ao exercício da profissão.

2.1.1. Contextualização e pertinência do tema

Se, no passado, o conhecimento funcionava como forma de distinção de uma minoria, atualmente esta realidade alterou-se significativamente, uma vez que o acesso à formação se tornou mais alargado e o mercado de trabalho progressivamente mais exigente.

Ainda assim, estágio constituiu, um espaço privilegiado de articulação entre teoria e prática, ampliando a área de conhecimento, proporcionando aprendizagens consistentes e

contínuas, promovendo o contacto com novos sistemas de trabalho e gerando oportunidades de *networking*. Em consequência, a experiência traduziu-se em avanços pessoais e profissionais, criando condições para novas oportunidades e uma maior abrangência de atuação no setor cultural. Importa salientar que, na Região Autónoma da Madeira, o exercício da profissão de gestor cultural apresenta desafios acrescidos, exigindo uma preparação sólida, multifacetada e adaptada às especificidades do território.

Na Casa da Cultura, a aquisição e consolidação de novas competências no domínio da gestão cultural, alia-se à valorização e revitalização do artesanato associado à arte da obra de vimes. A escolha desta temática revelou-se pertinente do ponto de vista científico e cultural, uma vez que a obra de vimes constitui um elemento identitário do património cultural da Madeira, encontrando-se atualmente em risco de declínio devido à diminuição do número de artesãos ativos, à escassa transmissão de saberes às mais novas gerações e à progressiva descaracterização dos contextos tradicionais de produção.

Além de acolher a estagiária, a Casa da Cultura retribuiu com a partilha de experiências profissionais e institucionais, promovendo igualmente a reflexão crítica sobre a realidade atual da arte da obra de vimes na região. Foram assim, desenvolvidas ações de formação e oficinas de confeção de obra de vimes dirigidos ao público em geral, com o objetivo de evitar a perda desta tradição que culturalmente identifica o concelho de Santa Cruz e a ilha da Madeira.

Estas iniciativas procuraram, igualmente, incentivar a recuperação de formas, materiais e utensílios outrora utilizados, estimular a produção do vime enquanto recurso local e proporcionar aos agricultores uma potencial fonte complementar de subsistência. A relevância da escolha da obra de vimes reside, assim, na sua dupla dimensão académica e social: por um lado, permitiu aplicar metodologias adequadas ao estudo do património cultural imaterial; por outro, possibilitou uma intervenção cultural concreta, orientada para a valorização, transmissão e integração desta prática em dinâmicas culturais contemporâneas, contribuindo para a sua continuidade e sustentabilidade.

Por longos anos, na juventude, a mestranda ajudou a sua mãe, Maria José Correia Nóbrega (Figura 5) nesta arte, e conheceu de perto o que era trabalhar, arduamente, para ganhar alguns escudos. Os materiais eram entregues pelo senhor "Policarpo" da Camacha no sábado, ao final do dia, e na mesma viagem, este já levava o fruto do trabalho: a obra de vimes pronta. O trabalho era em equipa, e a mãe, como forma de incentivo ao trabalho,

dizia: “hoje temos que fazer X cestos”, dependendo do que era o trabalho. Eram usadas duas formas. No início era feito o mais fácil, colocando os vimes no fundo do cesto e preenchida a liaça até completar toda a forma. A mãe, por sua vez, fazia os acabamentos, as rodas superiores e inferiores, e colocava a asa. Depois de algum tempo o trabalho era alternado, já tendo mais força e aptidão nos dedos, fazendo o cesto do início ao fim. A mãe, com o cuidado de apresentar o trabalho sempre bem feito, retificava o trabalho e aconselhava: “para a próxima vinca melhor o vime ou aperta melhor a liaça, este trabalho tem que ficar bem feitinho”, sempre com receio de perder o título de melhor fazedora de obra de vimes da zona.

Assim, a escolha do tema do estágio encontra também fundamento na experiência pessoal da estagiária, que desde jovem acompanhou a prática da obra de vimes no seio familiar. A participação no trabalho artesanal desenvolvido pela sua mãe permitiu-lhe compreender, em primeira mão, as exigências desta atividade e a dedicação necessária para alcançar qualidade reconhecida.

Essa vivência pessoal constituiu uma motivação acrescida para o desenvolvimento de um projeto centrado na preservação da obra de vimes, reforçando a consciência da sua relevância cultural e do risco de desaparecimento que enfrenta atualmente. Neste contexto, tornou-se essencial investir na excelência dos percursos académicos, incluindo o estágio curricular supervisionado, enquanto componente fundamental do processo formativo. Este permitiu à estagiária pesquisar, vivenciar práticas inerentes à sua área de atuação, aprofundar a experiência profissional, facilitar a expressão de ideias e reforçar a segurança necessária para enfrentar o mercado de trabalho.



Figura 5 - Maria José Correia Nóbrega, mãe da mestranda Lucília Teixeira, mostrando um cesto da sua autoria (Fot. por Lucília Teixeira a 25/09/2021)

2.1.2. Objetivos do estágio

Os objetivos do estágio enquadram-se nos princípios contemporâneos da gestão cultural, entendida como um campo de atuação que articula planeamento, mediação, produção cultural e salvaguarda do património, com especial enfoque na participação comunitária e na sustentabilidade cultural. O estágio permitiu desenvolver competências práticas na área da gestão cultural, nomeadamente no planeamento e organização de eventos culturais, na dinamização de oficinas criativas e no contacto direto com artesãos e artistas locais, em consonância com abordagens que defendem a aprendizagem experiencial como elemento central na formação de profissionais da cultura.

Além da vertente formativa, o estágio teve como finalidade contribuir para a valorização da obra de vimes, enquanto expressão do património cultural imaterial, assumindo-se como uma prática social, técnica e simbólica transmitida entre gerações. De acordo com os princípios de salvaguarda do património cultural imaterial, a valorização destas práticas passa não apenas pela sua documentação, mas também pela criação de contextos vivos de transmissão, aprendizagem e fruição pública. Neste sentido, a estratégia adotada

centrou-se na sensibilização de diferentes públicos e na criação de oportunidades concretas de contacto com o saber-fazer artesanal, promovendo o diálogo intergeracional e a continuidade da prática.

A experiência de estágio permitiu igualmente compreender a urgência de evitar o desaparecimento da arte da obra de vimes, num contexto marcado pelo envelhecimento dos artesãos, pela diminuição do interesse das gerações mais jovens e pela fragilização das condições económicas associadas a esta atividade. A literatura no domínio da gestão cultural e dos estudos patrimoniais sublinha que a permanência destas práticas depende da sua visibilidade social, da valorização simbólica e da sua integração em dinâmicas culturais contemporâneas. Assim, procurou-se manter a obra de vimes presente no imaginário coletivo, particularmente junto do público jovem, através de ações educativas, oficinas práticas e iniciativas de mediação cultural.

Neste processo, o estágio constituiu também uma oportunidade para o aperfeiçoamento de hábitos e atitudes profissionais, nomeadamente no relacionamento com públicos diversos, na comunicação cultural e na adaptação de conteúdos a diferentes contextos e níveis de conhecimento. Ao proporcionar ao público o contacto com a obra de vimes, os seus modos de confeção e a sua dimensão histórica e identitária, promoveu-se uma experiência de aprendizagem significativa, alinhada com modelos de educação não formal e educação patrimonial.

Por fim, o estágio permitiu compreender de forma concreta a realidade do mercado de trabalho na área da gestão cultural, possibilitando o confronto entre os referenciais teóricos adquiridos ao longo do percurso académico e as exigências práticas do contexto profissional. Esta articulação entre teoria e prática revelou-se fundamental para o desenvolvimento de uma postura crítica, reflexiva e informada, indispensável ao exercício profissional na área cultural.

Neste enquadramento, definiram-se como objetivos específicos do estágio:

- Aprofundar a experiência profissional na área da gestão cultural, através da participação ativa em atividades de planeamento, organização e mediação cultural;
- Promover atividades de valorização da obra de vimes junto da comunidade, contribuindo para a sua salvaguarda, visibilidade e transmissão intergeracional;

- Estabelecer contacto direto com artesãos locais, recolher testemunhos orais e documentar práticas, técnicas e percursos de vida associados à obra de vimes, enquanto contributo para a preservação do património cultural imaterial.

Como já mencionado, este terceiro objetivo será cumprido numa fase posterior à da realização do estágio (Capítulo IV).

2.2. Entidade de acolhimento

A falta de uma edificação que abrigasse todos os setores administrativos que as Vilas da época assumiam fez com que em 1516, logo após a elevação de Santa Cruz a Vila (a 25 de junho de 1515), João de Freitas adquirisse um edifício, para, então, servir toda a população do concelho.

De estilo manuelino, a Câmara Municipal de Santa Cruz mantém a sua sede exatamente no mesmo edifício desde o século XVI, sendo a única Câmara da ilha da Madeira com esta característica, o que a torna especial, tendo sido considerada monumento nacional, o único monumento possuidor deste título no Município.

A Câmara é a principal responsável pela organização, gestão, aplicação de medidas e organização de serviços do concelho de Santa Cruz, do qual fazem parte cinco freguesias: Camacha, Caniço, Gaula, Santa Cruz e Santo António da Serra.

Todo o conjunto de gabinetes imprescindíveis para o funcionamento de um município encontram-se distribuídos no próprio edifício da Câmara onde igualmente está fixada a presidência e a vereação, assim como em edifícios circundantes, adquiridos pelo município para que as necessidades administrativas do concelho fossem mais bem trabalhadas. A Casa da Cultura de Santa Cruz (CCSC), retratada na Figura 6, enquadra-se neste princípio. Assim sendo todos os gabinetes, como por exemplo, os do Turismo, Desporto, Educação, Cultura e todos os outros existentes na Câmara atuam em consonância, tentando responder à sua missão com sucesso.[13]

[13] https://www.cm-santacruz.pt/index.php/conhecer/municipio/casa-da-cultura



Figura 6 - Casa da Cultura de Santa Cruz - Quinta do Revoredo. (Fot. por Elisa Teixeira a 22/03/2025)

Em 1839, John Blandy, comerciante de Vinho Madeira, de nacionalidade inglesa, arrematou o atual espaço da Casa da Cultura à Fazenda Pública originário do extinto Convento de Nossa Senhora da Piedade de Santa Cruz.

A Quinta do Revoredo, que desde 1840 foi construída, toma o seu nome da grande quantidade de árvores ali existentes.

Mais tarde, o neto Charles Frederick Raleigh Blandy, engenheiro de profissão, denotando a sua predileção pela vila de Santa Cruz, em 1903, ofereceria um relógio à Câmara Municipal, o qual foi colocado na torre da Igreja Matriz. Também viria esta individualidade, reconhecida por auxiliar e proteger inúmeras famílias do concelho, a colaborar na recuperação do hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santa Cruz, em conjunto com a madre Mary Jane Wilson, também de nacionalidade inglesa.

Nos seus dez últimos anos de vida, Charles Blandy pintou várias aguarelas de paisagens da Madeira dos finais do séc. XIX e XX, ao gosto naturalista da época e que integram o acervo do Museu de História Natural do Funchal.

Atualmente, num espaço anexo à Quinta existe a Biblioteca Municipal onde outrora o pintor tinha o seu atelier de pintura e de fotografia.

A anterior casa dos caseiros foi adquirida em 1988 pela edilidade. Depois de adaptada e restaurada, no dia 6 de dezembro de 1993, foi inaugurada como Casa da Cultura. É constituída por salas de exposição (Blandy, Barbusano e Desertas), cozinha, sala de

documentação, salas de serviço educativo, na cave, e na zona nascente, foi construído um auditório ao ar livre.

Esta casa foi construída em alvenaria de pedra rebocada, com dois pisos e uma pequena torre chamada de avista navios. É contruída com a característica cantaria, rija, regional, em volta das janelas e com os tradicionais tapa-sóis madeirenses com vidraças de guilhotina.

O pavimento é de madeira de casquinha original, assim como as escadas. O estuque dos tetos apresenta os desenhos usuais da época. Na sala Blandy ainda se encontra uma lareira de estilo inglês.

Anteriormente, o acesso à casa era também feito pela porta virada para o mar, onde existia um pequeno cais de desembarque.

O jardim é calcetado com a tradicional calçada madeirense, possui inúmeras plantas indígenas e exóticas e árvores centenárias, endémicas, de que são exemplo o til (*Ocotea foetens*) e o dragoeiro (*Dracaena draco*), entre outras. Neste jardim encontramos duas esculturas: uma pertencente ao Hotel Atlantis, já demolido, a "florista" do escultor peruano, radicado no Brasil, Mário Agostinelli, em bronze de 1972 e uma outra de duas tonalidades de cantaria, do escultor António Rodrigues, de 1997 e vestígios arqueológicos (pedras em cantaria cinzenta e vermelha de gramática tardo-gótica/manuelina que compunham portais em ogiva, janela, arcos quebrados de fina execução entre bases, colunelos, capitéis, arquivoltas, entre outros), das ruínas do Convento Franciscano de Nossa Senhora da Piedade, resultante das pioneiras escavações levadas a cabo pelo Dr. António Aragão, em 1961.[14]

A Casa da Cultura de Santa Cruz – Quinta do Revoredo foi, portanto, a instituição de acolhimento para o estágio, uma entidade de elevado papel interventivo cultural no concelho de Santa Cruz. Este espaço cultural, tem vindo a afirmar-se como um polo dinamizador de iniciativas de valorização do património local, assumindo um papel interventivo relevante no panorama cultural do concelho, funcionando como um polo estruturante de dinamização artística, patrimonial e educativa. A sua missão institucional centra-se na promoção e valorização da cultura local e regional, através da

[14] Panfleto informativo da Casa da Cultura de Santa Cruz/Quinta do Revoredo, com texto de Emanuel Gaspar http://www.cmsantacruz.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=105&Itemid=603

disponibilização de uma programação diversificada que articula criação artística contemporânea, preservação do património material e imaterial e ações de formação e mediação cultural dirigidas a um público diferenciado que inclui escolas, associações locais e população em geral. Estes desígnios cumprem-se, também, através da aposta em oficinas criativas, exposições temporárias, atividades do serviço educativo, eventos culturais e ações de formação artística, realizadas de forma contínua ao longo do ano, em articulação com o plano global de atividades culturais do município.

Paralelamente, o espaço acolhe exposições, encontros culturais e eventos multidisciplinares, reforçando a sua função enquanto lugar de produção, fruição e reflexão cultural.

No período recente, incluindo o intervalo temporal correspondente ao estágio curricular (2021–2022), a intervenção da Casa da Cultura revelou-se particularmente relevante em áreas afins à temática do estágio, nomeadamente na promoção de ofícios tradicionais e práticas artísticas ligadas à identidade cultural da região. As ações de sensibilização, formação e promoção da arte do vime inserem-se plenamente nos objetivos institucionais do espaço, evidenciando a sua capacidade de articular património cultural, educação artística e envolvimento comunitário. Assim, a Casa da Cultura de Santa Cruz – Quinta do Revoredo constitui um contexto institucional adequado e coerente para a realização do estágio, tanto pela natureza das suas funções culturais como pelo seu compromisso ativo com a valorização do património e da criação artística local.

2.3. Atividades desenvolvidas

O estágio curricular do Mestrado de Gestão Cultural teve como foco primordial o desenvolvimento de atividades que convergissem para a sensibilização sobre a importância da obra de vimes e sua preservação. Este decorreu entre setembro de 2021 e julho de 2022 na Casa da Cultura de Santa Cruz, sob a orientação de Taciana Gouveia, Coordenadora da Casa da Cultura de Santa Cruz, na Divisão de Desenvolvimento Económico-Cultural da Câmara Municipal de Santa Cruz.

Fruto da iniciativa individual da estagiária, focalizada na obra de vimes, foram implementadas diversas oficinas: atividades em *macramé*, arranjos florais em bases de vimes, oficinas de Natal e, sobretudo, oficinas de iniciação à obra de vimes, destinadas a escolas e a adultos.

Sem prejuízo destas atividades foram desenvolvidas outras em que a mestranda simplesmente colaborou.

As múltiplas atividades empreendidas foram objeto de relatórios. Veio igualmente a ser solicitada a colaboração da mestranda na elaboração de outros relatórios os quais se situaram mesmo num período anterior ao do estágio.

2.3.1. Organização de eventos

A Casa da Cultura – Quinta do Revoredo tem participação regular em eventos que decorrem ao longo do ano, nomeadamente a Noite do Mercado, Santo Amaro, Hora do Planeta, Santa Cruz em Flor, Feira do Livro, entre outros. No que diz respeito à Feira do Livro de Santa Cruz, esta iniciou-se em 2022 (Figura 7). Todos estes eventos que requerem um planeamento da logística e convite a artistas para o entretenimento contaram com o envolvimento da mestranda.



Figura 7 - I Feira do Livro de Santa Cruz, em abril de 2022 (Fot. por Elisa Teixeira a 25/04/2022)

Colaboração mais estreita, foi aquela que mostrou relativamente a duas exposições temporárias, desde a montagem até à dinamização de visitas, com destaque para mostras dedicadas a António Aragão e Carlos Valente.

Todo o processo de montagem da exposição que era executado nos dias que antecediam a inauguração tinha a colaboração de todos os funcionários da Casa da Cultura e do artista responsável pela exposição.

A primeira montagem na qual a mestranda participou foi *um desejo inconcebível de abrir todas as portas* (Figura 8), uma exposição alusiva à obra de António Aragão com a curadoria de Bruno Ministro. Com início a 17 de setembro e término a 27 de novembro de 2021, esteve patente nas salas de exposição Blandy e Sala Dragoeiro. Em 2021 foi assinalado o centenário do nascimento de António Aragão, personalidade de destaque nas artes e na cultura da Madeira. Este estudou história, urbanismo, arqueologia e etnografia; envolveu-se com artes, ofícios e mediações; foi poeta, prosador e compositor musical. As celebrações, onde se conheceu e dialogou sobre este autor, não foram exclusivas de Santa Cruz, tendo também decorrido no Porto, no Funchal, e na Calheta.



Figura 8 - Cartaz de divulgação da exposição "um desejo inconcebível de abrir todas as portas", com curadoria de Bruno Ministro (por Casa da Cultura de Santa Cruz)

A exposição da Casa da Cultura reflete a multiplicidade de António Aragão. A mostra nasce de um desejo de abrir portas ao conhecimento sobre esta personalidade através de uma amostra selecionada da sua obra "(…) as várias salas da exposição compõem-se e decompõem-se (construir é, em António Aragão, desconstruir) por livros, revistas, opúsculos, folhetos, livros-objeto, entre outros (…) também aqui se procura sintonizar, portanto, a "antena recetiva" mais além do olhar imediato ou da linearidade de uma cronologia historicista".[15]

Terminada esta exposição, deu-se início à montagem da *exposição c/ título, curadoria e tudo* do professor Carlos Valente (Figura 9 e 10). Esta teve início a 6 de dezembro de 2021 e seu termo a 26 de fevereiro de 2022. Segundo o catálogo redigido pelo artista, o título desta exposição funciona como um "ente-conceito que sustenta intelectualmente um jogo estético-poético-retórico". Esta experiência permitiu à mestranda a sedimentação de conhecimentos prévios trabalhados em aula, ministrada pelo professor Carlos Valente.

O título desta exposição pretende colocar os objetos, as imagens e situações várias num lugar imaginário-real, o qual por sua vez (re)coloca o curador artista, ou artista curador, Carlos Valente, numa rede de ligações virtuais e atuais:

> "(…) que, sendo curador, é também nos tempos vagos: professor, artista visual, utente do serviço de saúde, agricultor amador, pensador livre, utente irregular do ginásio, cliente regular do café, de loja de eletrodomésticos e de

[15] Catálogo da exposição *um desejo inconcebível de abrir todas as portas* com curadoria de Bruno Ministro.

tabacaria entre outras; mas também pai, filho, esposo, tio, primo, cunhado, padrinho e ainda eventual caso-suspeito de COVID19, não identificado nem testado, e portanto nunca contabilizado; e ainda sujeito fiscal, cliente de banco e demais designações associadas a um cidadão-pessoa-qualquer-dita-normal".[16]

Esta montagem-exposição aborda temas capitais para a arte dita conceptual, tais como denominação, nomeação e a definição das coisas em geral. Há um misto de coerência e de aleatoriedade. Tal mistura, segundo o mesmo catálogo, "produz em potência todos os choques e incoerências pensáveis, alguns encontros e mais alguns deslizes semânticos possíveis (…) e/ou imagináveis)".



Figura 9 - Catálogo da "exposição c/título, curadoria e tudo" (por Casa da Cultura de Santa Cruz)



Figura 10 – Inauguração da exposição: exposição c/título, curadoria e tudo, de Carlos Valente (fot. por Casa da Cultura de Santa Cruz)

[16] Catálogo da exposição," exposição c/título, curadoria e tudo"

Esta participação em atividades conjuntas permitiu treino de competências para iniciativas singulares e o estabelecimento de diversos contactos.

Foi ainda no âmbito das comemorações do centenário do nascimento de António Aragão, no dia 24 de setembro de 2011, pelas 17 horas, que teve lugar uma tertúlia, na Casa da Cultura de Santa Cruz, na Quinta do Revoredo, intitulada: *Palavrando sobre Etnografia* (Figura 11), com Jorge Freitas Branco, Paulo Esteireiro e Rui Camacho, com moderação de Emanuel Gaspar. Na plateia estiveram vários ilustres participantes, representantes da arte e da cultura madeirense, tendo sido tudo devidamente gravado e fotografado. Seguir-se-ia às 18h30min um concerto dos Xarabanda nos jardins desta quinta, com músicas recolhidas por António Aragão (Figura 12).



Figura 11 - Tertúlia: Palavrando sobre Etnografia, Casa da Cultura, 24 de setembro (fot. por Casa da Cultura de Santa Cruz)



Figura 12 - Concerto dos Xarabanda, com recolhas musicais feitas por António Aragão (fot. por Casa da Cultura de Santa Cruz)

2.3.2. Oficinas

A participação nas iniciativas anteriores possibilitou à estagiária a aquisição de competências práticas de organização, que lhe permitiram desenvolver as suas próprias atividades com maior confiança, tendo sido promovidas diversas oficinas e uma ação de *teambuilding*.

Passado algum tempo em que as atividades, que habitualmente eram realizadas pelo Serviço Educativo da CCSC, com as escolas, o público em geral e outras instituições, estiveram suspensas devido às contingências do COVID-19, elas foram reiniciadas com duas oficinas em *macramé* (Figura 13, 14 e 15), as quais tiveram lugar na Casa da Cultura,

nos dias 16 e 23 de outubro de 2021 entre as 14 e as 17 horas, tendo sido ministradas pela estagiária Lucília Teixeira. Este artesanato foi escolhido de forma a complementar e iniciar as oficinas, servindo como suporte ou arte decorativa para a obra de vimes.



Figura 13 - Cartaz informativo de workshop de Macramé (por Casa da Cultura de Santa Cruz)

Na primeira sessão foi reciclada uma *t-shirt* e transformada numa base para vaso de plantas e na segunda sessão, com o fio de algodão e trapilho, foi igualmente, criada uma base para vasos ou cestos redondos de vime. Nestas formações participaram 7 formandos em cada sessão.



Figura 14 - 1ª sessão do workshop de macramé (fot. por Rafaela Rodrigues)



Figura 15 - 2ª sessão do workshop de macramé (fot. por Rafaela Rodrigues)

No âmbito do estágio, considerou-se pertinente a realização de uma oficina de *teambuilding* com enfoque na obra de vimes, tendo como objetivos estreitar relações entre os colaboradores, fomentar a coesão social, promover o sentimento de equipa e possibilitar a apreensão de novas técnicas. A escolha desta temática enquadra-se na vertente de valorização e apoio ao artesanato tradicional da Camacha, central no projeto de estágio na Casa da Cultura de Santa Cruz.

A oficina destinou-se à equipa de colaboradores da instituição, com o propósito de consciencializar e sedimentar o gosto pela obra de vimes entre os profissionais que diariamente trabalham na promoção e divulgação da cultura local. Para a realização das atividades práticas, os materiais necessários foram fornecidos pelo artesão José Pedro, contactado durante uma saída de campo realizada com a orientadora de estágio, que disponibilizou o vime e a liaça gratuitamente.

A sessão iniciou-se com uma componente teórica e histórica, seguida da prática, na qual os participantes foram iniciados na obra de vimes, aprendendo a manusear os utensílios tradicionais, como podão, passador e martelo, e aplicando técnicas de execução próprias desta arte.

Esta iniciativa permitiu concretizar parte do projeto de estágio, envolvendo diretamente pessoas ligadas à gestão e dinamização cultural de Santa Cruz, de modo a contribuir para que a obra de vimes — arte tão característica da Camacha — não se extinga. A oficina reforçou a importância da salvaguarda, valorização e divulgação do artesanato local, consolidando uma ligação prática entre os colaboradores e o património cultural que promovem (Figuras 16 e 17).



Figura 16 - Cartaz informativo do teambuilding (Ilustração de Rafaela Rodrigues e design de Pedro Sousa)



Figura 17 - Teambuilding em obra de vimes (fot. por Rafaela Rodrigues)

O regresso das Oficinas de Expressão Plástica à Casa da Cultura de Santa Cruz – Quinta do Revoredo não se concretizou de forma imediata ou desprovida de reflexão. Após um período de interrupção motivado pela pandemia, durante o qual se verificaram profundas alterações nos contextos social, cultural e sanitário, tornou-se necessário repensar estratégias, procedimentos e modos de atuação. O retomar destas atividades foi, assim, realizado de forma gradual, responsável e consciente, salvaguardando as condições de segurança exigidas, mas afirmando simultaneamente a continuidade da vida cultural enquanto elemento essencial da sociedade. Para o efeito, nas atividades iniciais, foi requerida a apresentação de teste negativo ao COVID-19, por todos os participantes.

Neste enquadramento, o primeiro evento público associado ao regresso das Oficinas de Expressão Plástica realizou-se em dezembro de 2021, assinalando a reativação progressiva das dinâmicas culturais da instituição e reforçando o seu papel enquanto espaço de criação, participação e fruição artística, mesmo num contexto ainda marcado por restrições e incertezas.

E o que abrilhanta a vida se não a cultura? É ela que nos faz pensar, questionar e refletir sobre o que nos rodeia. Com isto em mente, as oficinas de Natal surgem num momento diferente, preparadas para acolher e ensinar, em segurança, o público jovem, com o objetivo de incentivá-los a frequentar a "Casa", estar em contacto com o espaço cultural, comos agentes culturais e com as exposições.

Estas oficinas de expressão plástica, realizadas em colaboração com Rafaela Rodrigues, partiram da linguagem gráfica da campanha "Natal Inabalável" que o município de Santa Cruz usou como comunicação gráfica para desejar boas festas aos munícipes. O mote "desenhar com a tesoura" serviu para pensar uma série de atividades com o objetivo de incentivar os participantes a deixar o lápis e, principalmente, a borracha, numa tentativa de explorar a criatividade sem medo de errar. Nesta oficina, não existiram respostas, desenhos e explorações erradas, apenas resultados que permitem abrir caminho para novas descobertas e novas formas de criar.

O cartaz informativo da Oficina de Natal (Figura 18), ilustrado por Rafaela Rodrigues e com *design* de Pedro Sousa, refletiu visualmente esta proposta lúdica e inclusiva. As atividades desenvolvidas incluíram:

- Postais de Natal: Na primeira semana, os participantes ilustraram e escreveram mensagens de Natal, com o objetivo de transmitir otimismo e esperança aos

utentes e funcionários da Santa Casa da Misericórdia. Os postais foram entregues pessoalmente na instituição, no dia 22 de dezembro.

- Constelações inventadas: Cada participante recebeu uma folha preenchida com pontos e foi convidado a "descobrir" novas constelações, estimulando a imaginação e a capacidade de criar padrões inéditos.
- A Casa da Cultura: Os participantes desenharam a Casa da Cultura de Santa Cruz a partir da memória, promovendo a reflexão sobre o espaço cultural e a sua experiência pessoal com o local.
- Caixa de histórias: Mediante propostas do orientador, cada participante criou desenhos que ilustrassem histórias improváveis, compondo uma Caixa de Contos. Esta ferramenta será utilizada em futuras atividades de escrita criativa e criação de histórias.
- Dicionário mentiroso: Utilizando um dicionário, o orientador apresentou palavras aos participantes, que desenharam cada termo num pequeno desdobrável em *zig-zag*, sem conhecer o seu significado real, estimulando a criatividade e a interpretação pessoal.
- Cadernos diferentes: Cada participante escolheu folhas diversas para construir um caderno com miolo heterogéneo, utilizando agrafador, promovendo experimentação com materiais e formatos.



Figura 18 - Cartaz informativo das oficinas de Natal (ilustração de Rafaela Rodrigues e design de Pedro Sousa)

O programa das oficinas foi estruturado para permitir flexibilidade e adaptação às necessidades e ritmos de cada participante, assegurando que a experiência prática fosse inclusiva e centrada na exploração da criatividade, no respeito pela diversidade de respostas e na valorização do processo artístico como aprendizagem, resultando nas seguintes práticas:

- **20 de dezembro de 2021 – Oficina de Natal: postais de Natal (orientada por Rafaela Rodrigues e Lucília Teixeira) – I sessão**

Participantes: 5 crianças com idades entre 5 e 10 anos.

Materiais necessários: Cartolina branca cortada no formato 10x15cm; Cores cera e pastéis de óleo; cola batom.

Objetivo da atividade: Explorar os materiais e desenhar, recortando com a tesoura, sem estar preso ao lápis e à borracha.

Cada participante recebeu uma folha A3 branca e cores de cera, com as quais preencheu a folha com cor, depois, cada um recebeu uma tesoura e um tubo de cola batom. Com a tesoura foram desenhados vários elementos e posteriormente colados (Figura 19).



Figura 19 - Postais de Natal (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **21 de dezembro de 2021 - Oficina de Natal: enfeites de Natal (orientada por Rafaela Rodrigues e Lucília Teixeira) – II sessão**

Participantes: 4 crianças com idades entre 6 e 11 anos.

Materiais necessários: Pasta de modelar; Cortadores de culinária.

Objetivo da atividade: Aprender a manusear a pasta de modelar, desenhar com formas, prever os resultados e calcular a produção.

Cada participante recebeu um bloco de pasta de modelar e um rolo da massa, para esticar a pasta de modelar, depois, cada participante, recorrendo aos cortadores da massa, recortou algumas formas, recorrendo também, a modelagens livres (Figura 20).



Figura 20 - Técnicas de modelagem (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **22 de dezembro de 2021 - Oficina de Natal: *puzzle* 3D & renas desdobráveis (orientada por Rafaela Rodrigues e Lucília Teixeira) – III sessão**

Participantes: 6 crianças com idades entre 5 e 11 anos.

Materiais: Cartão canelado; tintas acrílicas

Objetivo da atividade: Explorar a plasticidade da tinta, a sua textura e os resultados das misturas das cores.

Cada participante recebeu um conjunto de peças em cartão e uma base com tinta e teve de decorar cada peça, usando os dedos como pincéis. Após a atividade do puzzle 3D, cada

menino fez uma rena desdobrável que consistiu no *template* de uma rena numa folha dobrada (Figura 21).



Figura 21 - Puzzle 3D & atividade complementar "Renas Desdobráveis" (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **27 de dezembro de 2021 - Oficina de Natal: cianotipia & arranjos de flores (orientada por Rafaela Rodrigues e Lucília Teixeira) IV sessão**

Participantes: 7 crianças com idades entre 6 e 11 anos.

Materiais: Folhas de 200 gr sensibilizadas com o químico de cianotipia; plantas recolhidas no jardim;

Objetivo da atividade: Desenhar recorrendo ao jogo luz-sombra

Cada participante recolheu algumas plantas do jardim e dispô-las sobre uma folha sensibilizada, depois, voltaram ao jardim por mais 30 minutos enquanto o químico reagia à luz UV (Figura 22). Após a atividade do *puzzle*, cada criança recebeu um conjunto de flores artificiais para criar um *bouquet.*

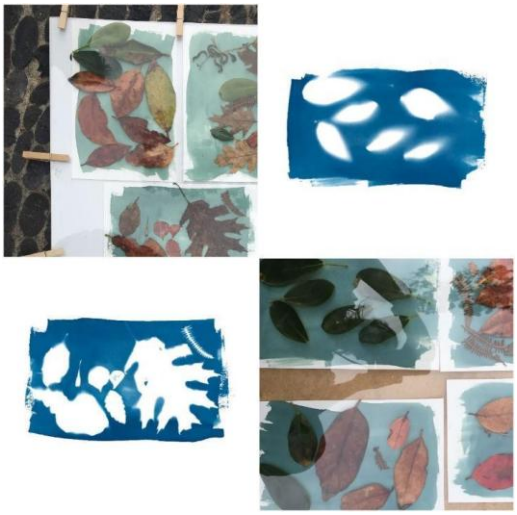


Figura 22 - Cianotipia & Arranjos de Flores (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **28 de dezembro de 2021 - Oficina de Natal: obra de vimes (orientada por Lucília Teixeira) – V sessão**

Participantes: 7 crianças com idades entre 6 e 11 anos.

Materiais: Vimes e miolo de vime

Objetivo da atividade: Ensinar noções básicas da obra de vimes.

Cada criança recebeu um conjunto de 9 vimes, que foram presos a um frasco, com a ajuda de um elástico e com um miolo de vime, liaça, que entrelaçaram até cobrir o frasco, dando origem a uma pequena cesta, sem fundo, para colocação de uma vela (Figura 23).



Figura 23 – Sessão de obra de vimes para crianças (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **29 de dezembro de 2021 - Oficina de Natal: marionetas de papel (orientada por Rafaela Rodrigues e Lucília Teixeira) – VI sessão**

Participantes: 10 crianças com idades entre 4 e 11 anos.

Materiais: Cartão 100gr; Cores de feltro;

Objetivo da atividade: Fazer um autorretrato e construir uma marioneta de papel (Figura 24).



Figura 24 - Marionetas de papel (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **30 de dezembro de 2021 - Oficina de Natal: carimbos + autocolantes (orientada por Rafaela Rodrigues e Lucília Teixeira) – VII sessão**

Participantes: 6 crianças com idades entre 4 e 11 anos.

Materiais: Carimbos (Construídos com rolhas e recortes de formas básicas em cartão); tintas acrílicas; papel autocolante colorido; tesoura

Objetivo da atividade: Cada participante recebeu um pequeno caderno onde, com a ajuda dos carimbos, construiu uma história utilizando a tinta acrílica preta. Depois, recorrendo aos autocolantes, cada participante completou a história, recortando formas e elementos complementares dos diferentes pedaços de papel autocolante (Figura 25).



Figura 25 - Trabalhos elaborados com Carimbos + Autocolantes (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **27 de maio de 2022 – Oficina "Reciclar com Obra de Vimes" (orientada por Lucília Teixeira**

No dia 27 de maio de 2022, a Casa da Cultura de Santa Cruz recebeu 10 alunos do 2ºCiclo da Escola Básica e Secundária de Santa Cruz, juntamente com dois professores da disciplina de Educação Tecnológica, para a Oficina "Reciclar com Obra de Vimes", orientada por Lucília Teixeira.

Nesta oficina (Figura 26), foi feita uma pequena introdução sobre parte da história da obra de vimes, na Madeira, e referida a Camacha como sendo o berço desta arte. Os alunos aprenderam como se trata o vime e empalharam um frasco com liaça e vimes. O frasco de vidro foi o molde onde se prenderam os vimes com um elástico e foi preenchido com a liaça, alternando com os vimes. Utilizaram também o podão para cortar a liaça e os vimes, aquando dos acabamentos finais. Cada aluno, no final da oficina, ganhou um frasco empalhado para levar para casa.



Figura 26 - Oficina "Reciclar com obra de Vimes" público-alvo, crianças do 2º ciclo da Escola Básica e secundária de Santa Cruz, ministrada por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **28 de maio de 2022 – Oficina "Arranjos Florais" (orientada por Lucília Teixeira**

No dia 28 de maio de 2022, a Casa da Cultura de Santa Cruz acolheu a Oficina "Arranjos Florais", orientada por Lucília Teixeira, comemorando a Festa da Flor "Santa Cruz em Flor". Os arranjos foram elaborados com folhas e flores secas (Figura 27), grande parte recolhidas no jardim da Casa da Cultura, tendo como bases os cestos, um leque de vimes e arcos feitos com vimes verdes, tudo com o intuito de reciclar e de utilizar o vime, matéria-prima sustentável, visto que após este ser podado, a planta continua crescendo, reduzindo o impacto ambiental associado à colheita e produção.



Figura 27 - arranjos florais feitos com o aproveitamento de algumas folhas recolhidas no jardim da Casa da Cultura, oficina ministrada por Lucília Teixeira (fot. por Lucília Teixeira)

Com o objetivo de ensinar e explorar o artesanato local, o Serviço Educativo da CCSC promoveu as oficinas "Obra de Vimes" (Figura 28), com orientação de Lucília Teixeira, que decorreu de forma gratuita, mediante inscrição telefónica ou por *e-mail*.



Figura 28 - Cartaz informativo sobre as Oficinas de Obra de Vimes dinamizadas por Lucília Teixeira (por Rafaela Rodrigues)

- **30 de junho de 2022 – Curso "Obra de Vimes" - I Oficina (orientada por Lucília Teixeira)**

No dia 30 de junho iniciou-se o curso "Obra de Vimes". O curso (Figura 29), que foi gratuito e de entrada livre, aconteceu às quintas, nos dias 30 de junho e 7, 14 e 21 de julho de 2022, e foi direcionado para o público em geral. Participaram 5 formandas com idades compreendidas entre os 16 e 40 anos. Este curso teve uma parte teórica que foi constante ao longo das quatro oficinas. Abordou-se a história do vime, a origem da sua laboração, o tratamento do vime, locais onde crescia, como se fazia a liaça, como dar humidade aos vimes e às liaças para não partir no decurso do trabalho, entre outras técnicas relativas à

manufatura dos cestos. Toda esta iniciativa, por parte da estagiária, serve para divulgar e a incentivar a exploração e a confeção da obra de vimes.



Figura 29 - I oficina de obra de vimes direcionada para o público em geral, ministrada por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **2 de julho de 2022 – Oficina de vimes, exclusiva para crianças (orientada por Lucília Teixeira)**

Os vimes fazem parte da nossa história, cultura e são uma tradição que deve se manter viva. Com esse objetivo em vista, sábado, dia 2 de julho de 2022, o Serviço Educativo da Casa da Cultura de Santa Cruz promoveu, com orientação de Lucília Teixeira, uma oficina de vimes exclusiva para crianças. Foi um conjunto de 6 crianças entre os 8 e os 11 anos que fizeram, gratuitamente reciclagem. Com a técnica da obra de vimes, empalharam frascos e com o resto da liaça fizeram um marcador de livros, que levaram para casa com eles (Figura 30).



Figura 30 - Oficina para crianças, empalhamento de frascos e confeção de marcadores em liaça, ministrado por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **7 de julho de 2022 – Curso "Obra de Vimes" - II Oficina (orientada por Lucília Teixeira)**

No dia 7 de julho, decorreu a segunda oficina do curso "Obra de Vimes", orientada por Lucília Teixeira (Figura 31). Houve uma complementação do trabalho elaborado anteriormente, foi explicado como se conseguia o efeito de afunilamento da garrafa empalhada. Foram usados materiais como garrafas, frascos elásticos, liaça e vimes. os utensílios foram: o passador e o podão.



Figura 31 - II oficina de um grupo de IV, ministrada por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues).

- **14 de julho de 2022 – Curso "Obra de Vimes" - III Oficina (orientada por Lucília Teixeira)**

Na penúltima oficina do curso "Obra de Vimes" (Figura 32) foi ensinado a fazer o fundo em vimes e só depois com a ajuda de um prego e um martelo, este foi preso a uma forma a partir da qual foram colocados os vimes, previamente demolhados por algumas horas, O fundo foi sendo entrelaçado com a liaça, também demolhada, e, por fim, os vimes, para o acabamento final. Para além do martelo foi também utilizado o passador para fazer furos e colocar mais facilmente os vimes, e o podão para cortar o excesso de liaça e de vimes. Este trabalho foi o mais complicado, mas no geral as formandas conseguiram fazê-lo bem.

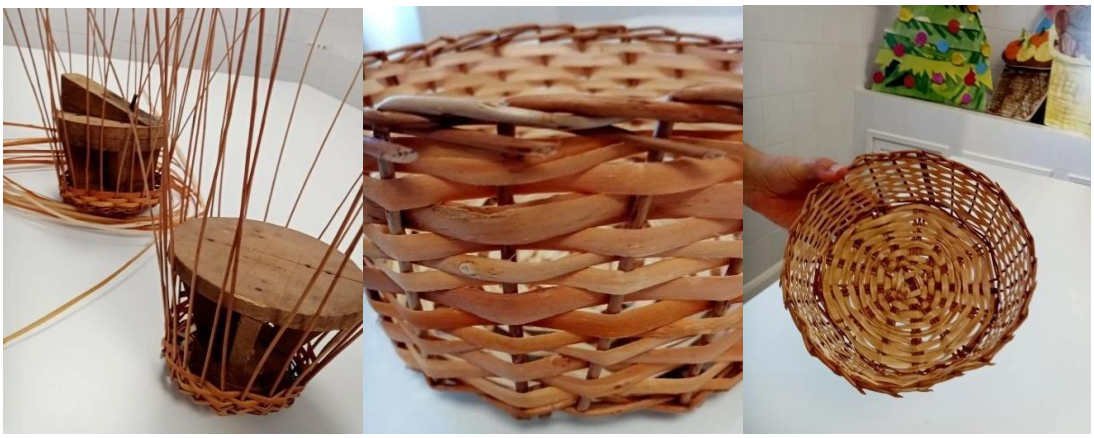


Figura 32 - III oficina ministrada por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues)

- **21 julho de 2022 – Curso "Obra de Vimes" - IV Oficina (orientada por Lucília Teixeira)**

No dia 21 de julho decorreu a última sessão da oficina (Figura 33). Os participantes construíram bases para pratos, os materiais usados foram: vimes, liaça e fita cola. Foram selecionados 7 vimes, e duas liaças previamente demolhadas, por 2 horas, porque já era verão e os materiais precisavam de ficar macios para não se partirem. Os vimes foram colados com a ajuda de uma fita cola larga, sobre a mesa, com um espaçamento entre eles de 1 cm, depois foi-se entrelaçando a liaça entre os vimes, um sim um não, até se conseguir o tamanho desejado. A quantidade de vimes escolhidos tem que ser sempre em número ímpar, para se conseguir o sucesso final.



Figura 33 - IV oficina, base para prato, ministrado por Lucília Teixeira (fot. por Rafaela Rodrigues)

2.3.3. Divulgação *online*

Todas as atividades desenvolvidas e respetivos cartazes (Figura 34 a 40) foram divulgadas nas redes sociais do município de Santa Cruz (27 mil seguidores no Facebook), principalmente na página "Cultura Santa Cruz" (10 mil seguidores no Facebook).



Figura 34 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid0etF5UkLkCnuzdrQ1z8KgnFNhdtdLJDyQHayhw9xyWYN4Fmjns5QPYA1mcWwcmYsNl)

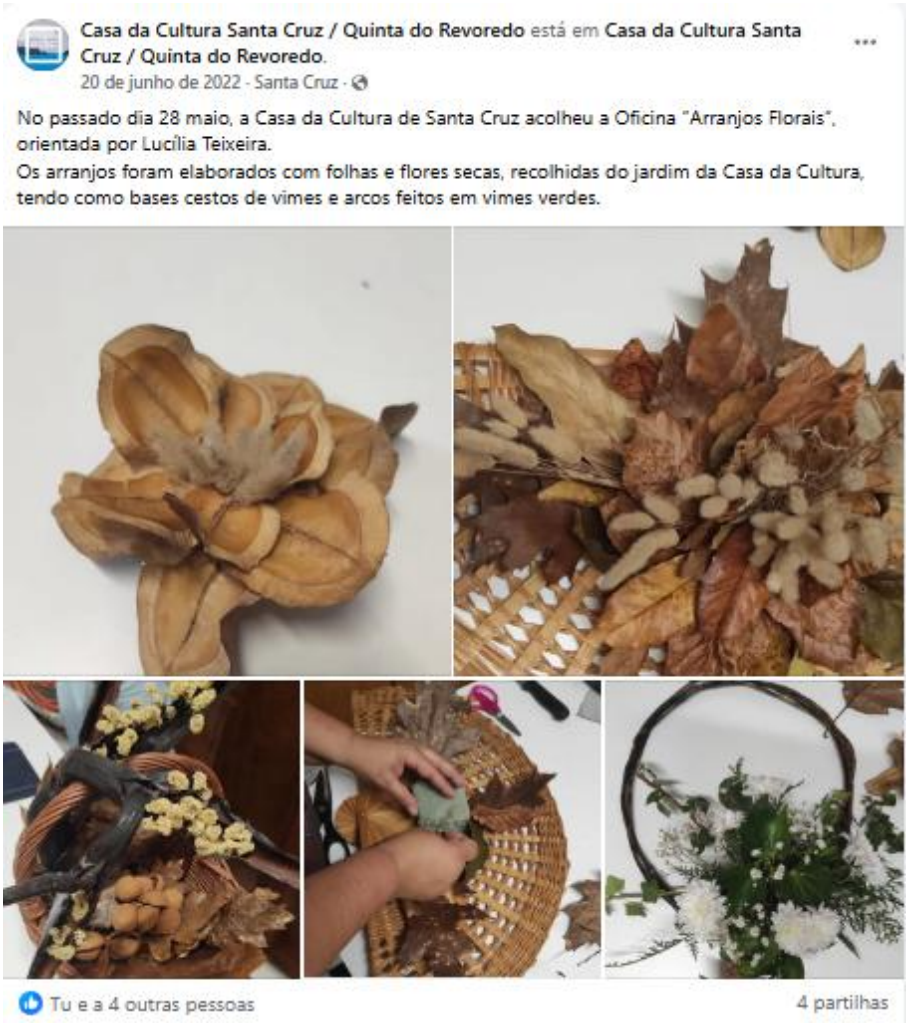


Figura 35 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid02wdEGXSnnuPEQFCLDxeyswpwW1vzixhw4svs52gHnoaoNBjq6Dugh2xvtnzaUrzAFl)



Figura 36 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/watch/?v=785725996130561)

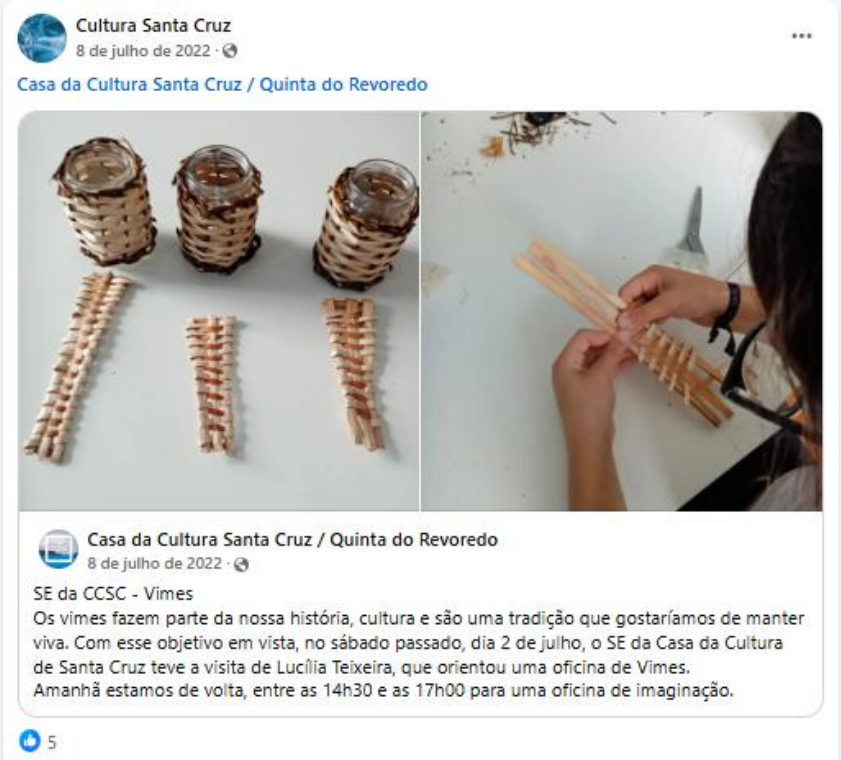


Figura 37 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid02Bz4rhSwMvXfoTmpKk7qtfVc5jRvmDvuasU1beC4vYec8cJvc5M5YFADQTgyZD68gl)



Figura 38 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid026BGE8RLQqBoV9kj7dM8Z6xbZ6r4zaChum8D5nCxoS1DtFRqQsiYWa3aeS3TzrmV5l)



Figura 39 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid0mRe3LpHoMkqvN9vJ6As3mjwZHzMBWGSDwjdRGFnrDPCKQ9WBHx3KTP6hnAUqab7Al)

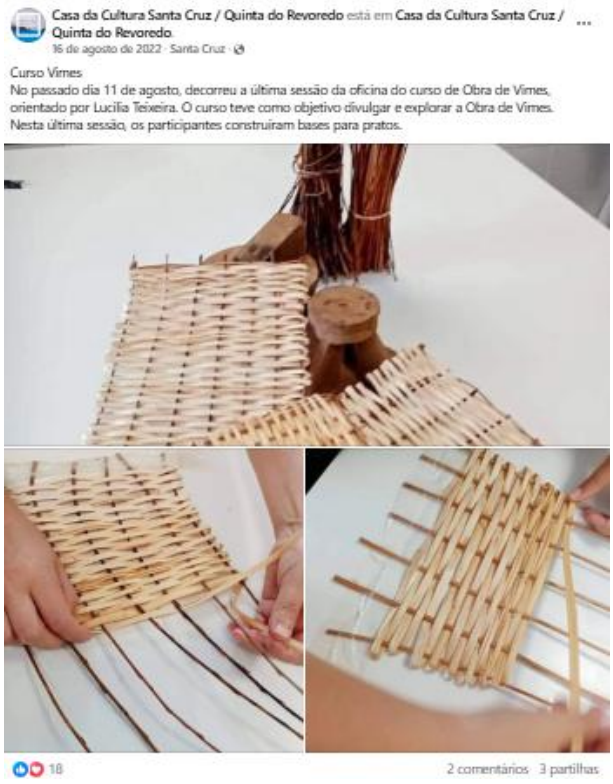


Figura 40 - Divulgação das atividades desenvolvidas sobre obra de vimes (Fonte: https://www.facebook.com/cculturasantacruz/posts/pfbid0AS5XJSJ8YECxCZw2zzVVERuSncLsWQL7oLt4h9PucgZt7k4X8PGqiWe8aoZQCD2Wl)

2.4. Resultados das atividades de estágio

Entre 2021 e 2022, realizaram-se 19 atividades (Tabela 1) ligadas a artes tradicionais (*macramé*, arranjos florais, oficinas de Natal e obra de vimes), totalizando 114 participantes, com uma média de 6 participantes por sessão. As oficinas distinguem-se dos *workshops* apenas por serem constituídas por mais do que uma sessão.

Tabela 1 - Tipos de atividades desenvolvidas durante o estágio na Casa da Cultura de Santa Cruz, número de participantes e faixa etária

DATA	TEMA	TIPO DE ATIVIDADE	TÍTULO DA ATIVIDADE	Nº DE PARTICIPANTES	PÚBLICO-ALVO	FAIXA ETÁRIA
16/10/2021	Macramé	Oficina	Aproveitamento de t-shirt (reciclagem)	7	Geral	18-70
23/10/2021	Macramé	Oficina	Uso do fio sisal/fio de algodão/trapilho	7	Geral	18-70
27/10/2021	Vimes	Oficina	*Teambuilding*	7	Equipa	20-65
20/12/2021	Natal	Oficina	Postais de Natal	5	Crianças	5-8
21/12/2021	Natal	Oficina	Enfeites de Natal	4	Crianças	6-11
22/12/2021	Natal	Oficina	*Puzzle* 3D & Renas Desdobráveis	6	Crianças	5-11
27/12/2021	Natal	Oficina	Cianotipia & Arranjos de Flores	7	Crianças	4-11
28/12/2021	Natal	Oficina	Obra de Vimes	7	Crianças	4-11
29/12/2021	Natal	Oficina	Marionetas de papel	10	Crianças	4-11
30/12/2021	Natal	Oficina	Carimbos + Autocolantes	6	Crianças	4-11
27/05/2022	Vimes	Oficina	Reciclar com Obra de Vimes	10	Alunos	10-12

28/05/ 2022	Arranjos florais	Oficina	Arranjos florais	2	Geral	35-45
30/06/ 2022	Vimes	Curso	Curso Obra de Vimes	5	Geral	16-40
02/07/ 2022	Vimes	Oficina	Obra de Vimes	6	Crianças	8-14
07/07/ 2022	Vimes	Curso	Curso Obra de Vimes	5	Geral	16-40
14/07/ 2022	Vimes	Curso	Curso Obra de Vimes	5	Geral	16-40
21/07/ 2022	Vimes	Curso	Curso Obra de Vimes	5	Geral	16-40
04/08/ 2022	Vimes	Curso	Curso Obra de Vimes	5	Geral	16-40
11/08/ 2022	Vimes	Curso	Curso Obra de Vimes	5	Geral	16-40

2.4.1. Distribuição por tipo de atividade

As atividades desenvolvidas consistiram essencialmente em oficinas práticas e cursos (Gráfico 1), dirigidos a diferentes públicos e faixas etárias, centrados na obra de vimes e em práticas artesanais complementares, com enfoque na criatividade, na aprendizagem experimental e na valorização do património cultural.



Gráfico 1 - Atividades desenvolvidas por tipo (Curso ou Oficina).

As oficinas foram o formato mais representado (Gráfico 2), reunindo 84 participantes (73,7% do total), entre 13 atividades distintas. Os cursos registaram 30 participantes em 6 atividades. Estes dados sugerem que formatos mais práticos, de curta duração, têm maior adesão.

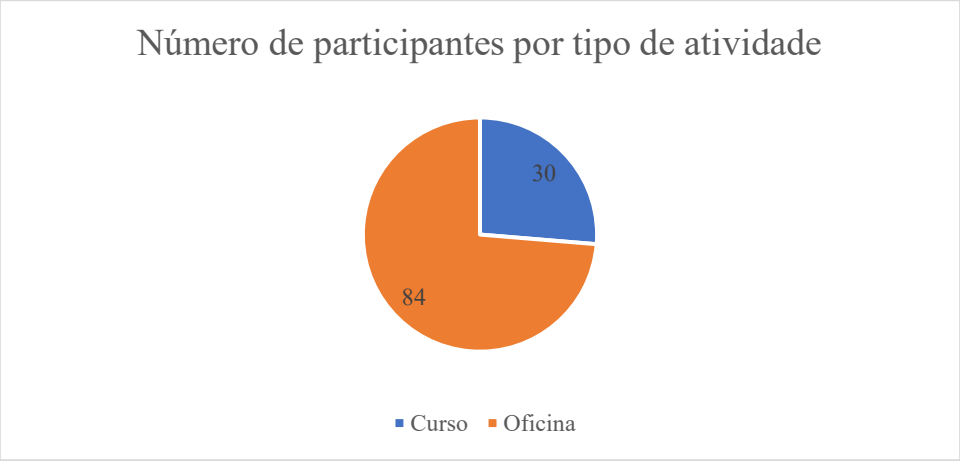


Gráfico 2 - Relação entre número de participantes por tipo de atividade desenvolvida.

2.4.2. Distribuição por tema

Segundo o Gráfico 3, o tema com maior número de atividades desenvolvidas (9) e com maior participação foi de vimes (53 participantes, 46% do total), confirmando o interesse e a relevância deste saber tradicional. Seguiram-se as atividades ligadas ao Natal (45 participantes), ao *macramé* (14) e aos arranjos florais (2).

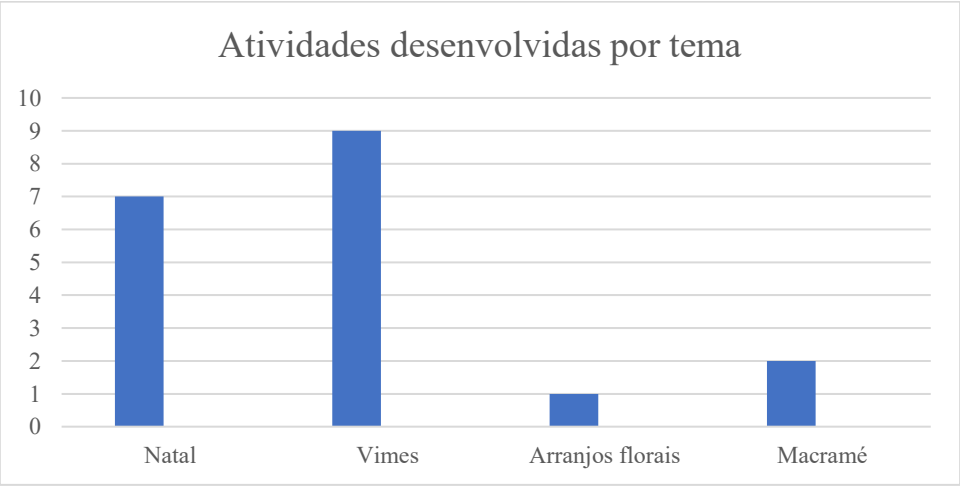


Gráfico 3 - Atividades desenvolvidas por tema.

2.4.3. Distribuição por público-alvo

De acordo com o Gráfico 4, as crianças constituíram o grupo com maior participação (51 participantes), seguidas do público em geral (46), alunos em contexto escolar (10) e atividades dirigidas a equipas (7).

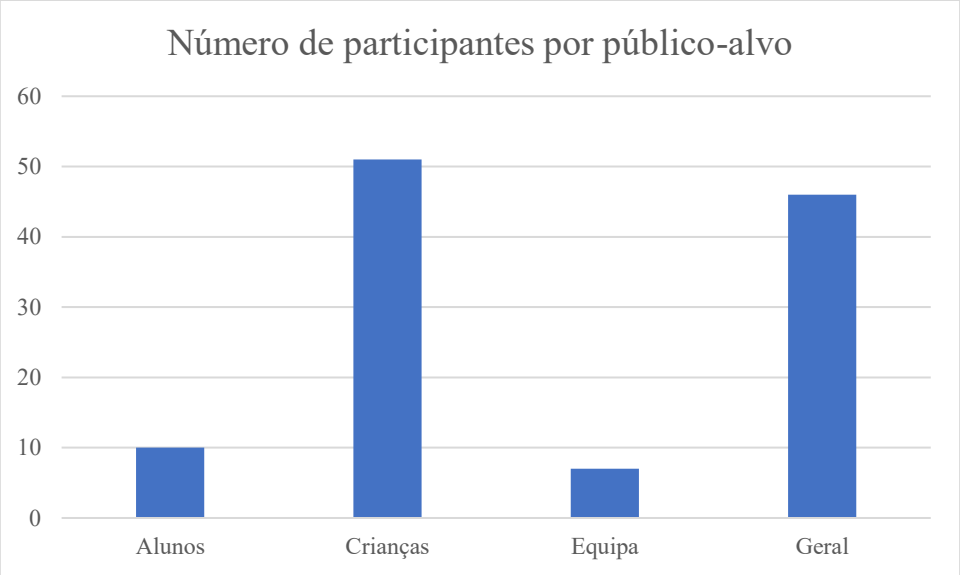


Gráfico 4 – Relação entre número de participantes e público-alvo.

A faixa etária dos envolvidos foi diversificada (Gráfico 5), abrangendo desde crianças (4 anos) até adultos (70 anos), o que confirma a transmissão de saberes entre gerações, alinhada com os objetivos definidos.

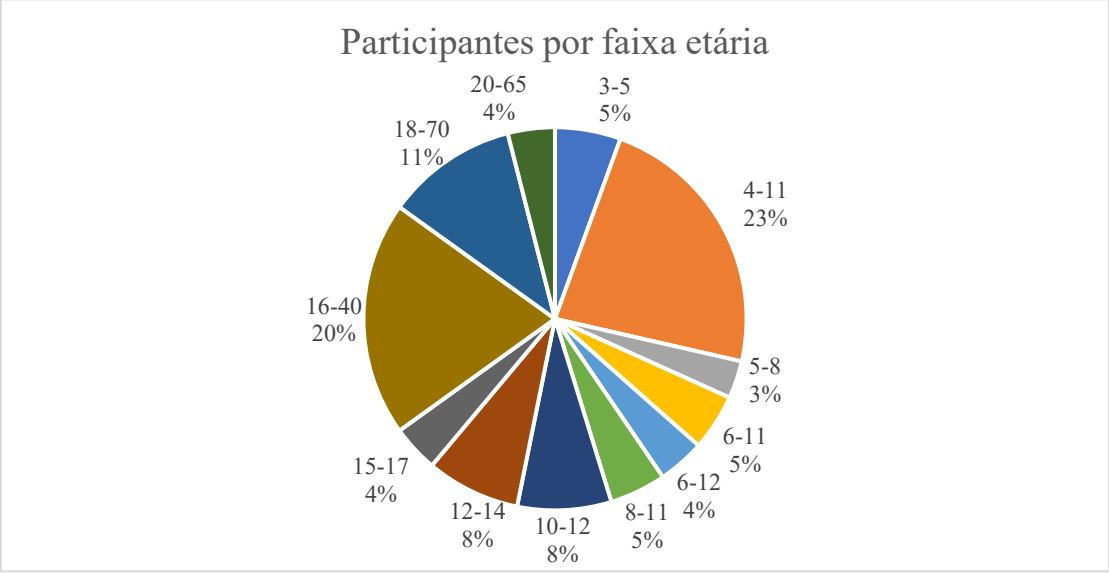


Gráfico 5 - Percentagem de participantes por faixa etária.

2.4.4. Principais conclusões

Os resultados evidenciam que o tema da obra de vimes se destacou não apenas pelo número de participantes, mas também pela diversidade de formatos desenvolvidos, sendo as oficinas o modelo mais eficaz na mobilização de diferentes faixas etárias, com particular incidência em crianças e jovens. Este envolvimento revela o potencial das atividades lúdico-pedagógicas enquanto instrumentos de sensibilização e de transmissão de saberes, apontando para possibilidades de continuidade da prática artesanal quando integrada em contextos escolares e comunitários.

No total, as iniciativas realizadas no âmbito do estágio envolveram 114 participantes em 19 ações, contribuindo para o alargamento do conhecimento da comunidade sobre a obra de vimes, para a criação de oportunidades de contacto com técnicas artesanais tradicionais e para o reforço do papel da Casa da Cultura de Santa Cruz enquanto espaço de preservação e dinamização do património local. Estes resultados confirmam a pertinência da integração da obra de vimes em projetos de gestão cultural, evidenciando a importância da articulação entre o trabalho direto com os artesãos e a mediação cultural junto da comunidade.

Não obstante, importa reconhecer que o alcance destas ações foi condicionado por limitações associadas ao tempo disponível, à situação de pandemia e aos recursos existentes. A duração limitada não permitiu avaliar impactos a médio e longo prazo, enquanto os constrangimentos humanos e financeiros restringiram a escala das iniciativas. Acresce que a atuação circunscrita a uma única instituição limitou a articulação com outras entidades relevantes, sublinhando a necessidade de estratégias interinstitucionais mais amplas. O número de participantes nas atividades também ficou abaixo dos expectável, apesar do esforço de divulgação.

Ainda assim, o estágio constituiu uma etapa relevante no desenvolvimento de competências e na consolidação de experiências no domínio da gestão cultural aplicada ao património imaterial. É neste enquadramento que se torna pertinente aprofundar a análise do contexto atual da obra de vimes na Camacha, território historicamente associado a esta prática, de modo a fundamentar a relevância das ações desenvolvidas e a reforçar a necessidade de estratégias sustentadas de salvaguarda e valorização.

CAPÍTULO III – Divulgação e valorização da obra de vimes

As reconstituições etnográficas e eventos temáticos representam importantes iniciativas de salvaguarda do património cultural imaterial, aproximando gerações, valorizando a ruralidade e integrando práticas tradicionais no tecido cultural contemporâneo da Madeira. Estes eventos demonstram que a revitalização de artes e ofícios tradicionais depende tanto do envolvimento comunitário quanto da visibilidade pública, constituindo um modelo de preservação cultural replicável em outras freguesias (UNESCO, 2003; Smith, 2006; Barroso & Silva, 2021).

3.1. A obra de vimes para além do estágio: eventos desenvolvidos pela mestranda

Com o objetivo de disseminar a importância desta arte nas freguesias vizinhas, várias ações foram desenvolvidas pela mestranda, de forma a proporcionar um maior conhecimento da cultura madeirense, com o apoio do Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula, do qual é membro integrante.

A arte da obra de vimes constitui uma expressão material e simbólica do património cultural imaterial madeirense. Historicamente associada ao quotidiano agrícola e artesanal das comunidades rurais, esta prática reflete saberes transmitidos oralmente ao longo de gerações, envolvendo técnicas de cultivo, poda, apanha e manufatura de artefactos em vime. No contexto contemporâneo, a sua preservação depende cada vez mais de iniciativas de reconstituição etnográfica, que resgatam práticas em risco de desaparecimento e promovem a sua valorização junto da população.

Entre 2022 e 2024, na freguesia de Gaula, desenvolveram-se diversas atividades que visaram dar visibilidade a este saber-fazer tradicional, em articulação com o Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula e o envolvimento da comunidade local. Este capítulo apresenta essas reconstituições etnográficas, contextualizando-as enquanto estratégias de salvaguarda patrimonial e promoção identitária.

3.1.1. Poda de vimes na Achada de Gaula

Em 29 de março de 2022, realizou-se a primeira ação de reconstituição, dedicada à poda de vimes, na propriedade da Sr.ª Helena Gouveia, situada na Achada de Gaula. Esta iniciativa teve como principal objetivo divulgar a arte secular da obra de vimes junto da população madeirense, promovendo a transmissão de conhecimentos entre gerações (Barroso & Silva, 2021). Participaram quatro familiares (Figura 41), que colocaram em prática técnicas tradicionais de poda, fundamentais para assegurar material e a qualidade do vime utilizado nas oficinas desenvolvidas ao longo do estágio na Casa da Cultura de Santa Cruz. No entanto, foi necessário adquirir vimes já tratados para o efeito.



Figura 41 - Poda dos vimeiros em família, em janeiro de 2022 (fot. por Lucília Teixeira)

Por serem inexperientes nesta atividade, foi convidado o Sr. Jorge Quintal, da Achada de Gaula, antigo empresário da obra de vimes, numa época em que este ofício representava o sustento de muitas famílias locais. Foi ele quem orientou a poda e explicou os procedimentos tradicionais. Inicialmente, podam-se os vimes mais finos, conhecidos como "pernadas", que crescem a partir dos vimes mais grossos, de modo a deixá-los

limpos antes de proceder ao corte. Segue-se a seleção, geralmente em dois lotes: vimes grossos e vimes finos, consoante a tipologia de trabalho pretendida.

Durante o processo de separação, o Sr. Jorge Quintal ensinou a prática de "espontar" o vime, que consiste em colocar pequenos molhos de pé, junto a uma parede ou dentro de uma vasilha alta, escolhendo-os pelo tamanho. Depois, amarram-se em molhos utilizando um vime mais resistente, que é cruzado e entrelaçado de modo a fixar o feixe e evitar que se desfaça.

O trabalho decorreu ao longo de dois dias intensivos. No primeiro, realizou-se a monda do silvado e o corte das pernadas, enquanto os homens se dedicaram à poda dos vimes grossos. No segundo dia, todo o material foi separado em lotes, amarrado em molhos e transportado para casa. Parte dos vimes foi colocada num poço com água, durante o tempo necessário para rebentarem folhas, o que permitiria posteriormente o descasque. Outra parte foi deixada a secar durante cerca de três meses, para posterior utilização.

Segundo a tradição, os vimes descascados apenas necessitavam de um dia de molho, enquanto os vimes com casca, quando secos, precisavam de permanecer entre 10 a 15 dias submersos em água para poderem ser trabalhados. Além disso, existia a possibilidade de cozer os vimes no caldeiro[17] durante cerca de seis horas. Quando secos, os vimes adquiriram tonalidades mais escuras do que os verdes descascados. Conforme explicou a artesã Fátima Santos (*Vide* Anexo 1.7), uma segunda cozedura intensificava ainda mais essa tonalidade, como demonstrariam alguns cestos por si produzidos e expostos no evento ART'Camacha 2025.

De acordo com o artesão Aníbal Freitas (*Vide* Anexo 1.13), para se obter um quilograma de vime seco era necessário cozer aproximadamente três quilogramas de vime verde.

Este primeiro evento foi documentado fotograficamente por Pedro Sousa, *designer* gráfico da Divisão de Desenvolvimento Económico-Cultural da Câmara Municipal de Santa Cruz.

Nos dois anos subsequentes, repetiram-se atividades semelhantes no mesmo local, desta vez com apoio estruturado do Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula, devidamente

[17] Caldeiro – tanque com água quente onde se introduz o vime verde (vime bruto), submetendo cada porção/lote, em fervura durante cerca de 3 horas. Disponível em: https://museus.madeira.gov.pt/DetalhesObra?id=6&tipo=IMA, consultado em 4-09-2025.

trajado com o fato de trabalho, reforçando o carácter comunitário e a dimensão pedagógica do evento. No primeiro evento pôde contar-se com a presença do artesão Jordão Batista, do Rochão, que apoiou e ensinou os elementos do Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula, a fazer a poda ao vime.

Não faltou o farnel, transportado nos típicos, cestos de vime de piquenique, cestas de almoço[18] quadradas com alça, que também continha o típico pão caseiro de Gaula, as semilhas com casca e o bacalhau. O conhecido vinho jaqué de Gaula marcou igualmente presença. Depois de toda a faina, no fim do dia, todos se reuniram na Tasca da Felicidade para uma macarronada, com direito a bebida e a diversão, acompanhados ao som do acordeão e às cantigas tradicionais.

Neste mesmo dia foi feita uma entrevista, a uma artesã muito conhecida da Achada, a Sra. Rosária Jesus Freitas, que durante mais de 30 anos empregou famílias inteiras na obra de vimes, com imagens e áudio captado pela empresa *Criando Momentos* que foi contratada pelo Grupo de Folclore da Casa do Povo para cobrir todo o evento, com o intuito de não se perder esta experiência única.

Além da vertente familiar e comunitária, estas ações contaram com a colaboração de artesãos locais, cujo saber prático foi essencial para transmitir técnicas autênticas. Na primeira edição, foi crucial o contributo do Sr. Jorge Quintal, da Achada, que apoiou os participantes na execução da poda. Na segunda edição, foi convidado o Sr. Jordão Batista.

3.1.2. Demonstrações públicas no Funchal

Como forma de sensibilizar a população urbana, duas demonstrações foram realizadas na Placa Central do Funchal, em 9 de janeiro de 2023, por dois elementos do Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula (Figura 42). Estas apresentações, abertas a transeuntes, proporcionaram contacto direto com as técnicas artesanais de manuseio do vime, tornando a arte visível em um contexto citadino e acessível a um público mais vasto.

[18] Cestas de almoço - utilizadas não só para transporte do almoço, mas também a caminho das grandes festas e romarias com a tradicional refeição. Disponível em: https://museus.madeira.gov.pt/DetalhesObra?id=6&tipo=IMA, consultado em 04-09-2025.

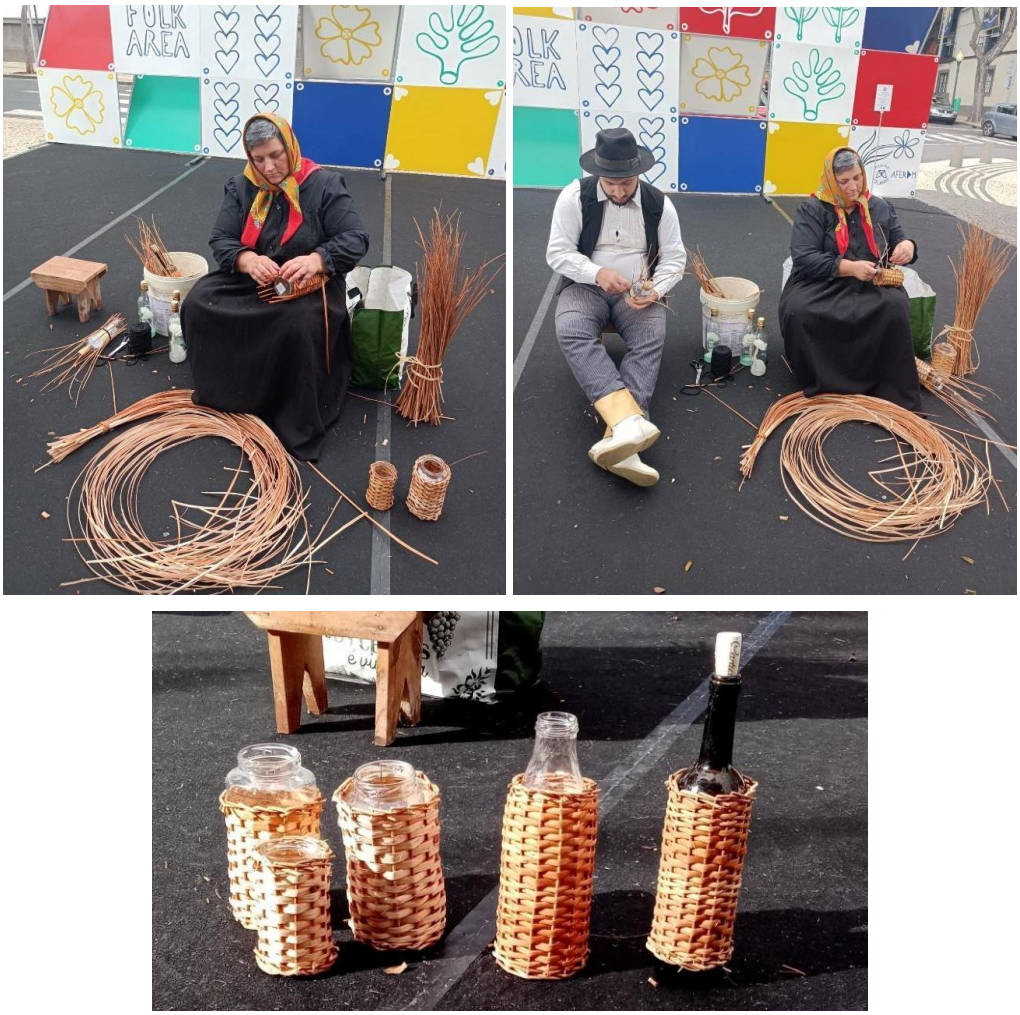


Figura 42 - Demonstração de Obra de Vimes na Placa Central do Funchal por dois elementos do Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula (fot. por Manuel Sena)

3.1.3. Reconstituição etnográfica: "A Apanha do Vime"

A primeira edição da reconstituição etnográfica "A Apanha do Vime" (Figuras 43, 44 e 45) realizou-se a 15 de abril de 2023, num terreno cedido pela Sra. Helena Gouveia, na Achada de Gaula. A atividade incluiu a colheita do vime amadurecido, momento essencial no ciclo produtivo deste material. O evento foi amplamente divulgado e contou com o apoio de várias instituições locais, nomeadamente a Câmara Municipal de Santa Cruz, a Junta de Freguesia de Gaula, a Casa do Povo de Gaula e a RTP Madeira, gerando impacto tanto educativo como cultural.



Figura 43 - Cartaz da primeira reconstituição etnográfica, de 15 de abril de 2023 (por Elisa Teixeira)



Figura 44 - Registos da primeira reconstituição etnográfica, de 15 de abril de 2023 (Fot. por Sabrina Melim. Mais fotos em https://www.facebook.com/media/set/?vanity=folclorecpgaula&set=a.557555503032654)



Diário das Freguesias

Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula promove 'A apanha do Vime'

14 Abril, 2023 às 9:24

'A apanha do Vime' é a actividade que o Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula promove, este sábado, dia 15 de Abril, a partir 14 horas num terreno situado no sítio da Achada de Gaula, à beira da estrada regional.

O grupo dirigido por Manuel Sena convida todos os interessados a comparecer "para testemunhar a tradição que outrora constituiu uma fonte de rendimento para muitas famílias gaulesas e que actualmente encontra-se quase totalmente esquecida".

Figura 45 - Notícia de 14/04/2023 no Diário das Freguesias: Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula promove 'A apanha do Vime' (Fonte: https://freguesias.dnoticias.pt/grupo-de-folclore-da-casa-do-povo-de-gaula-promove-a-apanha-do-vime/)

No ano seguinte, após novo ciclo de crescimento dos vimeiros, teve lugar a segunda reconstituição pública (Figuras 46 e 47), a 4 de maio de 2024, consolidando a prática como uma atividade regular, com potencial para se tornar uma tradição anual. Neste evento foi estabelecida uma colaboração com a realizadora Ana Luísa, autora de diversos documentários culturais, em parceria com o canal de televisão *Kuriakus TV*, no programa *Cidades de Portugal*.

O documentário resultante incluiu a participação da estagiária, que apresentou a atividade da apanha do vime, e do artesão Jordão Batista, da Camacha (Rochão), que demonstrou a confeção de um cesto de almoço, sem tampa, e partilhou o seu testemunho sobre a experiência e a importância desta arte. Para além disso, realizou-se uma entrevista ao artesão, integrada no programa televisivo, filmada por uma equipa constituída por uma jornalista, um operador de câmara e uma assistente.

O episódio foi transmitido no canal televisivo regional e encontra-se disponível online. No programa *Cidades de Portugal – Madeira #11*, documentou-se a apanha do vime e registou-se o testemunho do artesão Jordão Batista, em contexto da Camacha.[19]

[19] Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b-j7BsSjzmA (consultado em 01-09-2025).



Figura 46 - Cartaz da segunda reconstituição etnográfica, de 4 de maio de 2024 (por Elisa Teixeira)



Figura 47 - Registos da segunda reconstituição etnográfica, de 4 de maio de 2024 (Fot. por Elisa Teixeira. Mais fotos em https://www.facebook.com/media/set/?set=a.752866063501596&type=3)

3.1.4. Festival “Baila que Baila” – IV Edição (2023)

Complementando as ações de reconstituição, o Grupo de Folclore da Casa do Povo de Gaula organizou, a 25 de agosto de 2023, a quarta edição do festival cultural “Baila que Baila”, cujo tema central foi a “Obra de Vimes” (Figura 48, 49 e 50). O evento contou com a presença de três grupos regionais (incluindo os de Santana e Ribeira Brava), um grupo do Centro Social Desportivo e Cultural de Outeiro (Viana do Castelo) e um conjunto internacional da Lituânia (Folklore Ensemble “UOSINTA”). Para além da vertente performativa, o festival incluiu cenários alusivos à cestaria tradicional, exposições de artefactos e demonstrações ao vivo, reforçando a ligação entre o folclore, o artesanato e a identidade local.



Figura 48 - Cartaz do Festival de Folclore de Gaula - IV Baila que Baila, de 25 de agosto de 2023, com o tema “Obra de Vime” (por Elisa Teixeira)



Figura 49 - Cenário sobre a "Obra de Vimes" do Festival de Folclore de Gaula - IV "Baila que Baila", de 25 de agosto de 2023 (Fot. por Sabrina Melim. Mais fotos em https://www.facebook.com/media/set/?set=a.660251682763035&type=3)



Figura 50 - Grupos de folclore no Festival de Folclore de Gaula - IV "Baila que Baila", de 25 de agosto de 2023 (Fot. por Sabrina Melim. Mais fotos em https://www.facebook.com/media/set/?set=a.660251682763035&type=3)

3.1.5. Mercadinho Agrícola de Gaula

A mestranda mantém um pequeno *stand* no Mercadinho Agrícola de Gaula, onde comercializa as suas criações artesanais e realiza *workshops*. Entre estas obras, destacam-se os arranjos elaborados com vimes com casca, recolhidos e armazenados no seu espaço e de sua autoria. Estes vimes provêm da segunda apanha do vime, realizada em Gaula, garantindo a sustentabilidade do material e a preservação das técnicas tradicionais.

Os arranjos incluem também empalhamento em frascos, combinando diversos materiais como frascos de vidro, vime cozido, liaça e miolo da liaça, resultando em peças que refletem a criatividade contemporânea aliada à tradição artesanal madeirense. Este trabalho evidencia a reutilização de recursos naturais locais e a valorização de técnicas artesanais que atravessam gerações (Figura 50 e 51).



Figura 51 - Empalhamento em frascos de autoria de Lucília Teixeira (Fot. por Lucília Teixeira)



Figura 52 - Arranjos com os vimes com casca, da autoria de Lucília Teixeira, oriundos da segunda apanha do vime, em Gaula (Fot. por Lucília Teixeira)

3.2. Políticas públicas e iniciativas institucionais

A preservação da arte de trabalhar o vime na Madeira tem sido alvo de iniciativas públicas e privadas ao longo dos últimos anos. Em 2017, o *Diário de Notícias* noticiava a intenção do Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira (IVBAM)[20] de revitalizar a produção de vime na Região. Na altura, a presidente da instituição, Paula Duarte, anunciava que o objetivo era incentivar a produção, tornando-a mais uniforme e adaptada às novas tendências, sem perder o carácter tradicional. Este projeto, que reunia parcerias entre a Madeira, Canárias, Cabo Verde e Açores, previa formação de novos artesãos e a participação da Secretaria Regional da Agricultura, e estava programado para arrancar em 2018. [21]

Paula Duarte alertava que a produção tradicional "não parecia ser a mais adequada para as novas tendências" e sublinhava a necessidade de criar condições para que esta arte não se perdesse.

A plataforma Cultura Madeira é um exemplo de política que muitas entidades culturais deveriam seguir. Esta promove a cultura madeirense e todas as informações e ofertas culturais da Região Autónoma da Madeira, divulgando diferentes temas do património cultural material e imaterial. Em 2019, num projeto mensal, alusivo ao tema: *A arte de trabalhar o vime: "Empalhar*[22] *garrafões"*. Deu-se uma lição, passo a passo, em modo de fotografia, sobre as formas de como se empalhar o garrafão de 5 litros, em obra de vimes. Esta ação, em que se fez também alusão aos instrumentos de trabalho, é uma mais-valia para salvaguardar e valorizar as técnicas e os conhecimentos, de um saber que se poderá perder se não for transferido de geração em geração. Foi pelo artesão Humberto de Castro, de 62 anos, da Ribeira Brava, com residência ao sítio do Moreno, arte que

[20] IVBAM - O Instituto do Vinho, do Bordado e do Artesanato da Madeira, surgiu em 2006, fruto da fusão do Instituto do Vinho da Madeira (IVM) e do Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira (IBTAM) e é o organismo responsável por definir, coordenar, regular e executar políticas de valorização e preservação da Vinha, do Vinho, do Bordado Madeira, do Artesanato e das Bebidas Espirituosas, produzidas na Região Autónoma da Madeira. Disponível em: https://ivbam.madeira.gov.pt/, consultado em 4-09-2025.

[21] *Diário de Notícias*, de 7 de novembro de 2017, o Instituto que tutela artesanato da Madeira pretende revitalizar produção do vime. Disponível em: https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/instituto-que-tutela-artesanato-da-madeira-pretende-revitalizar-producao-do-vime-8900309.html, consultado a 29-08-2025.

[22] Empalhar – cobrir garrafas ou outros objetos com vime ou liaça.

aprendeu com seu pai, que foi demonstrada a técnica de empalhamento, tendo o vime como principal matéria-prima, tratada na sua própria casa, tarefa cada vez menos usual, pois atualmente, na sua maioria, os poucos artesãos que existem a trabalhar obra de vimes fazem-no com vimes importados. O processo de empalhar é descrito minuciosamente: inicialmente são presos vinte e dois vimes à volta do gargalo de forma a criar-se a construção inicial. Seguidamente, com a liaça, faz-se o entrelaçado passando uma vez por cima do vime e logo a seguir por baixo e, assim sucessivamente, até acabar a parte inicial do garrafão (fim do gargalo). O restante corpo do garrafão é sucessivamente empalhado, alternadamente, também, até acabar, com a liaça amarela e castanha, sempre humedecida com um pano molhado para não a partir. O fundo do garrafão é feito à parte, com oito vimes inteiros. Tendo em conta a dimensão do seu fundo, quatro são furados ao meio com a ajuda do passador e os outros quatro passam pelo meio da abertura destes até se conseguir uma cruz circular. Concluído este processo procede-se ao entrelaçamento. Por fim, esta base é fixada e presa com o arremate dos vimes, que se iniciaram no gargalo, em forma de trança. O trabalho é finalizado com a asa que é feita com dois vimes torcidos, formando uma trança.[23]

3.2.1. Exposições, edições e iniciativas museológicas

Como já afirmado, a Câmara Municipal de Santa Cruz em comunhão com a Casa da Cultura tem promovido sempre a cultura da obra de vimes de forma bastante ativa.

Como exemplo disso, no ano 2000, nos meses de junho, julho e agosto foi feita uma exposição de mobiliário em obra de vimes coordenada pela equipa de António Rodrigues. Estas obras foram manufaturadas por artesãos da Camacha, com base em desenhos do Catálogo de Obra de Vimes de A. F. Nóbrega e Filho de 1925, e foram feitas sem acompanhamento especializado, tudo produto da experiência e da dedicação destes artesãos. De entre as peças expostas, todas datadas de 1999 e com origem na Camacha, estavam: uma cadeira de José Pedro Batista Gouveia; uma conversadeira, cadeira e Sofá de António Ciríaco Aguiar Santos; cadeiras, sofá e mesa de Manuel Nóbrega Ornelas; uma cadeira de António Jesus Teixeira Guisso; mesas de costura de José Marcelo Pereira Gouveia; biombos de José Juvenal Pereira Gouveia; cestos e cesta de José Alcino Quintal

[23]Site Cultura Madeira. https://cultura.madeira.gov.pt/visitas-virtuais1/217-a-arte-de-trabalhar-o-vime-empalhar-garraf%C3%B5es.html consultado a 20 de janeiro de 2022.

Gois. Algumas destas peças seriam cedidas à Casa da Cultura, onde ainda permanecem, e editado um livro, *Obra de Vimes Mobiliário Princípio de Século: Iconografia, Bibliografia, Design, Instalação*. Com o objetivo de chegar mais e melhor informação a mais quantidade de pessoas, de forma a conhecerem melhor o que se fazia a nível da cestaria no passado com todos os prós e contras.

Também Tiago Perestrelo expôs, entre 17 de novembro de 2014 e 14 de janeiro de 2015, uma série de fotografias intitulada "Vimes", que relatavam o que outrora foi o centro de produção de obra de vimes, na freguesia da Camacha.

Em setembro de 2021, foi inaugurada uma escultura em forma de rachador[24], de Hélder Folgado em tributo do artesão do vime da Camacha. Foi também editado um livro intitulado *Rachador,* onde são enumerados vários artesãos que usavam o rachador, fazendo alusão ao tipo de madeira de que era talhado.

3.2.2. Iniciativas de valorização promovidas pela Casa do Povo da Camacha

A Secretaria Regional de Turismo, Ambiente e Cultura, através da Direção Regional da Cultura, em parceria com a Casa do Povo da Camacha, promoveu em 27 de junho de 2025 o seminário *"A Obra de Vime da Camacha"*, no auditório da Casa do Povo da Camacha (Figura 53 e 54). O evento contou com a receção do presidente da instituição, Ricardo Vasconcelos, e foi moderado pela jornalista Isabel Sá. O objetivo do seminário foi divulgar os trabalhos realizados para a elaboração do dossiê da "Obra de Vime da Camacha", representando o primeiro passo para uma futura candidatura ao Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial (INPCI).

[24]Segundo Folgado (2021), rachador é um "(…) objecto cilíndrico, ligeiramente arredondada no topo e com incisões nas faces laterais, era tudo quanto bastava para abrir agilmente, mas com a necessária mestria, uma haste de vime em outras três, por vezes quatro (em concordância com o vime), e assim obter a liaça." Disponível em: https://helderfolgado.com/works/rachador/rachador-obra-1.html, consultado em 4-09-2025.



Figura 53 - Cartaz do seminário (Disponível em https://www.facebook.com/photo?fbid=706953725304791&set=pcb.706954405304723, consultado em 28-08-2025)

O encontro destacou-se pela sua dinâmica participativa, incentivando o debate com a assistência e fomentando reflexão sobre estratégias de preservação e valorização do ofício. O projeto tem como entidade de acolhimento a Casa do Povo da Camacha, com acompanhamento técnico e científico da Direção Regional da Cultura, e nasceu no âmbito da formação *"Ver de perto para contar certo"* (2023), ministrada pela antropóloga Élia de Sousa.[25]



Figura 54 – Seminário de 27 de junho de 2025 (Fot. por Casa do Povo da Camacha. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=706953725304791&set=pcb.706954405304723, consultado em 28-08-2025)

[25] Disponível em https://www.madeira.gov.pt/drc/pesquisar/ctl/ReadInformcao/mid/7602/InformacaoId/248298/UnidadeOrganicaId/36/LiveSearch/Secretaria%20Regional%20de%20Turismo%2C%20Ambiente%20e%20Cultura, consultado em 25-08-2025.

O Projeto TENDA foi criado por Elisa Freitas e pela professora Daniela Sousa, da Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclo do Caniço, contando atualmente com cerca de três anos de existência. O seu desenvolvimento surge no âmbito da continuidade de uma pós-graduação em Património Tradicional e Popular Português, frequentada por Daniela Sousa e Elisa Freitas, assumindo-se como uma iniciativa de educação patrimonial centrada na obra de vimes.

A designação "Tenda" remete simbolicamente para o espaço de trabalho dos artesãos da obra de vimes, uma das principais fontes de rendimento da população da Camacha, sobretudo entre os séculos XIX e XX, com maior expressão até à década de 1970. A escolha deste nome prende-se com o facto de a tenda representar um local de aprendizagem, partilha e transmissão de saberes centenários, associados a práticas artesanais tradicionais.

Tendo em conta este enquadramento, o Projeto TENDA adotou um modelo de projeto-piloto com uma forte vertente experimental, com o objetivo de avaliar e testar práticas pedagógicas, modelos de atuação e atividades concretas junto de alunos do 3.º ano de escolaridade da Escola Básica com Pré-Escolar e Creche Dr. Alfredo Ferreira Nóbrega Júnior e da Escola do Santo Condestável, ambas localizadas na freguesia da Camacha.

No âmbito do Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, e Portaria n.º 180/2019, de 11 de junho), atualmente em implementação nas escolas portuguesas, o Projeto TENDA procura articular um conjunto de atividades educativas que promovam o contacto direto dos alunos com a cultura tradicional local, incentivando simultaneamente a ligação entre a escola e a comunidade envolvente.

Entre os objetivos gerais do projeto destacam-se a criação de contextos favoráveis à aquisição de conhecimentos e ao desenvolvimento de competências que conduzam os alunos da Camacha à valorização, salvaguarda e defesa do património cultural tradicional, tanto material como imaterial. O projeto conta com o apoio do Movimento Associativo da Câmara Municipal de Santa Cruz e do Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha, do qual a professora Daniela Sousa é elemento integrante.

Ao longo dos seus três anos de existência, foram desenvolvidas diversas atividades de carácter pedagógico e experimental. Em julho de 2023, realizou-se uma visita à tenda do artesão Sr. Góis (Figuras 55 e 56), que, para além de proporcionar uma contextualização teórica sobre a obra de vimes, orientou os alunos na execução prática de uma peça

artesanal. O artesão viria a falecer em 2025, tornando este momento particularmente relevante enquanto registo de transmissão direta de saberes tradicionais.



Figura 55 - Em julho de 2023 foi feita uma visita à tenda do artesão Sr. Gois (Disponível em: https://www.facebook.com/gfcpcamacha/posts/pfbid02nRZ5ZpaF8LCX6prBtwnARt1kHdKR6qLJXLukrgSrvsnsKeDFi58ibG3DSdCqSjc4l?locale=pt_PT, consultado em 01-09-2025)



Figura 56 - Em julho de 2023 foi feita uma visita à tenda do artesão Sr. Gois (Disponível em: https://www.facebook.com/gfcpcamacha/posts/pfbid02nRZ5ZpaF8LCX6prBtwnARt1kHdKR6qLJXLukrgSrvsnsKeDFi58ibG3DSdCqSjc4l?locale=pt_PT, consultado em 01-09-2025)

Em outubro de 2024 destacou-se a visita a duas tendas de obra de vime na Camacha, sob a orientação de artesãos experientes. Durante estas visitas, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer todo o processo de preparação do vime, do uso das máquinas e objetos, algumas elétricas outras manuais e até à criação do produto final. As crianças, no fim, foram convidadas a experimentar a elaboração de um pequeno cesto em vime.

Estes alunos, segundo, a professora Daniela Sousa, só conseguiam estar nas tendas durante pouco mais do que uma hora, o que no entender da professora, era muito pouco, mas infelizmente as escolas não proporcionavam mais tempo, para além do que, conseguir um artesão que tivesse disponibilidade para explicar e demonstrar a obra de vimes nem sempre era tarefa fácil.

Em 2024, a professora refere alguns artesãos que contribuíam para este projeto, a exemplo do artesão José de Jesus Fernandes conhecido pelo "Sarola", que explica, e muito bem, toda a parte teórica, desde o plantar do vime, a apanha, a separação por tamanhos, a cozedura, o descascar do vime, a sua demolha horas antes, para o poder trabalhar (Figura 57). Demonstrou como se faz a liaça, na máquina manual e iniciou um fundo para um cesto.[26]



Figura 57 - Visita dos alunos à tenda do artesão José de Jesus Fernandes, mais conhecido pelo "Sarola" (Disponível em https://www.facebook.com/photo?fbid=1081205657338701&set=pcb.1081205844005349&locale=pt_PT, consultado em 1-09-2025)

[26] Em outubro de 2024, a Tenda fez uma visita aos artesãos José de Jesus Fernandes ao Aníbal e sua colaboradora Vera. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=1081205657338701&set=pcb.1081205844005349&locale=pt_PT , consultado em 1-09-2025.

Por outro lado, na tenda dos artesãos, conhecidos pelos "Policarpos" de que fazem parte os artesãos João e Aníbal Freitas, existe uma artesã, que trabalha para eles, a Sra. Vera Silveira, que demonstrou e ensinou a fazer um pequeno cesto. Segundo notícia no *Facebook* do Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha: "(…) Por entre dedinhos ansiosos e pouco ágeis, deslizaram vimes e liaças, que aos poucos foram dando forma a um cestinho encantador."[27]

Através de atividades diversas, este projeto criou situações favoráveis, com o objetivo de levar os alunos a adquirir conhecimentos e competências para salvaguardar e valorizar o património cultural tradicional material e imaterial. Neste sentido, foram realizadas várias atividades dentro e especialmente fora do contexto escolar para sensibilizar e estimular os alunos, levando-os a ter um olhar mais atento e tornando-os cidadãos informados e conscientes do interesse desta temática.

3.2.3. Eventos culturais e a presença do vime

Na Camacha, dois dos principais eventos que destacam e preservam a tradição do vime são: "Camacha de Ontem, Madeira de Sempre" e a ART'CAMACHA. Ambos têm vindo a integrar, de forma consistente, a demonstração da obra de vimes como elemento central da identidade local.

A mostra "Camacha de Ontem, Madeira de Sempre"

Na 5.ª edição (2024), o cortejo etnográfico reuniu mais de 500 figurantes, homenageando Abel Ferreira Nóbrega, fundador da Capela de São José, no centenário da sua criação. O evento, organizado pela ADESCA – Associação de Desenvolvimento Social e Cultural da Camacha, presidida por José Alberto Gonçalves, recriou aspetos do quotidiano madeirense dos séculos XIX e XX (Figura 58, 59 e 60).

Um dos carros alegóricos apresentou a típica tenda de vime, onde toda a família participava no processo: as crianças separavam o vime por calibre para fazer a liaça; as

[27] Em outubro de 2024, a TENDA fez uma visita aos artesãos José de Jesus Fernandes ao Aníbal e sua colaboradora Vera. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=1081205657338701&set=pcb.1081205844005349&locale=pt_PT , consultado em 1-09-2025

mulheres cortavam o vime em três partes com o canivete e usavam o rachador de três pontas; e os homens passavam as tiras na máquina manual, duas ou mais vezes, até atingir a espessura desejada.



Figura 58 - Caracterização do tratamento do material para o trabalho da obra de vimes (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=464873402846159&set=pcb.464874549512711, consultado em 30-08-2025)

Noutra lateral do carro, uma mulher descascava vime verde – este não foi cozido, apenas rebentado, resultando num acabamento branco, em contraste com o tom dourado do vime cozido.



Figura 59 - A mulher está a descascar o vime verde (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=464873402846159&set=pcb.464874549512711, consultado em 30-08-2025)

Junto ao carro alegórico, foram exibidos molhos de vime grosso, preparados para mobiliário, e um conjunto de mesa e duas cadeiras feitas com vime cozido.



Figura 60 - Jogo de mobília: mesa e duas cadeiras feitas com vime cozido, disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=464872896179543&set=pcb.464874549512711, consultado em 28-08-2025.

Em 12 e 13 de julho de 2025, realizou-se a 6.ª Mostra Etnográfica "Camacha de Ontem, Madeira de Sempre", subordinada ao tema "O Berço do Futebol", em homenagem ao primeiro jogo de futebol realizado em Portugal, há 150 anos, no Largo da Achada (Figura 61).

O cortejo etnográfico de sábado contou com nove carros alegóricos, representando ofícios tradicionais (lenhadores, ceifa, tosquia, trabalhos agrícolas, criação de porcos e, naturalmente, a obra de vimes). No domingo, a mostra continuou com atividades culturais e demonstrações artesanais, envolvendo o Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha, Orquestra de Bandolins, Secção Desportiva e Teatro Experimental da Camacha, num evento que uniu história, cor e tradição.



Figura 61 - Programação do evento "Camacha de Ontem — Madeira de Sempre" julho de 2025 (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1278021130996714&set=a.154181210047384)

Em 2025, a instituição que representou o vime foi o Grupo de Veteranos da Associação Desportiva da Camacha, com um carro alegórico inteiramente forrado em liaça e decorado com cestos de várias formas (Figura 62).



Figura 62 - No ano de 2025, a instituição que representou o vime foi o Grupo de Veteranos Associação Desportiva da Camacha (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134359122058394&set=pcb.1134361635391476, consultado em 28-09-2025)

O carro alegórico do Grupo de Veteranos da Associação Desportiva da Camacha (Figura 63 e 64) é todo dedicado ao vime, as laterais são todas forradas em liaça, com cestos de várias formas e feitios dependurados. Dos homens em cima do carro, dois estão a tapar cestos com liaça e um outro está a fazer liaça, numa máquina. Do vime inteiro fazem-se 3 ou 4 liaças que têm de ser debastadas nesta máquina elétrica.[28]

[28] Vídeo que demonstra como se faz a liaça numa máquina do Café Relógio. Disponível em: https://www.facebook.com/reel/741005026070211?locale=pt_PT. Consultado em 28-08-2025



Figura 63 - Carro alegórico forrado a liaça e com os homens a fazerem a obra de vimes (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134359158725057&set=pcb.1134361635391476, consultado em 28-08-2025)



Figura 64 - Transportadores de material e da obra de vimes, caracterizando os bomboteiros (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134359218725051&set=pcb.1134361635391476 consultado em 28-08-2025)

ART'Camacha

O evento ART'Camacha decorre anualmente em agosto, e assume particular relevância no contexto da valorização cultural, ao promover a arte de vimes da Camacha como um símbolo identitário e patrimonial do concelho de Santa Cruz. Para além de constituir uma plataforma de visibilidade para artesãos locais, este evento contribui para a preservação e transmissão intergeracional de técnicas tradicionais, inserindo-as em dinâmicas contemporâneas de fruição cultural. Através da articulação entre demonstrações artesanais, atividades pedagógicas e momentos de partilha comunitária, o ART'Camacha

reforça a centralidade do vime enquanto expressão da memória coletiva e, simultaneamente, potencia novas formas de reconhecimento social e económico para a cestaria tradicional da região.

Em 2025, o evento ART'Camacha apresentou um cartaz oficial (Figura 65) que contou com a participação do artesão José Pedro Teixeira Ferreira, responsável por uma demonstração pública da arte de vimes através da confeção das suas conhecidas miniaturas dos carros do Monte (Figura 66 a 69).



Figura 65 - Cartaz do ART'Camacha 2025 (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1297088925755308&set=pcb.1297089619088572, consultado em 28-08-2025)

A exposição integrou peças de vários artesãos ainda ativos na Camacha, presidida por José Pedro, que, durante o evento, demonstrou ao público o processo de criação das suas

miniaturas em vime, evidenciando a vitalidade e a relevância desta tradição artesanal no contexto contemporâneo.



Figura 66 - Montagem de cestos sem fundo, em forma de pião, alusivo à obra de vimes (Fot. de Lucília Teixeira)



Figura 67 - O sr. José Pedro a fazer as miniaturas dos carros do Monte, no ART`CAMACHA 2025 (Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=753555006770436&set=a.132707635521846, consultado em 28-08-2025)



Figura 68 -Artesão José Pedro Teixeira Ferreira a demonstrar como se fazia as suas miniaturas dos carrinhos do Monte (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1303834011747466&set=pcb.1303834511747416&locale=pt_PT, consultado em 28-08-2025)



Figura 69 - Obra de vimes pertencentes a vários artesãos, que ainda estão a laborar na Camacha (Fot. de Lucília Teixeira)

3.2.4. Iniciativas de inovação e futuro: o caso da *Wiker_it*

Se, por um lado, algumas empresas históricas se extinguiram, por outro, novas iniciativas têm surgido, destacando-se a marca *Wiker_it – Design, Fashion* e Inovação no Vime. Fundada por Catarina Jesus, psicóloga de formação que após 20 anos na área de recursos humanos decidiu, aos 39 anos, dedicar-se integralmente à arte do vime, a empresa tem atelier no Funchal e uma loja representada no Porto Santo (*Loja do Profeta*, junto ao Centro Comercial Zarco).[29]

Desde 2018, Catarina combina técnicas tradicionais de vime com *design* contemporâneo, especialmente na criação de acessórios de moda (bijuterias e malas). Para garantir a sustentabilidade do negócio, cultiva vime próprio em pequena escala no seu jardim. Formada em Artesanato em Vime através de um curso promovido pelo IVBAM, tem vindo a explorar fusão de materiais (como cerâmica e burel) e já alcançou reconhecimento internacional:

- Em 2021, os seus cestos desfilaram na Semana de Moda de Madrid, integrados na coleção do estilista Juan Duyos (Figura 70);
- Em 2022, representou oficialmente a obra de vimes da Madeira em Madrid, Espanha (Figura 71 e 72).

A artesã destaca que estas experiências internacionais funcionam como fio condutor para a continuidade do seu trabalho, mantendo viva a tradição enquanto a projeta para novos mercados.

[29] Disponível em: Madeira Island Essential, de https://www.essential-madeira.com/index.php/destaques/1766-a-paixao-pelo-vime , consultado em 8-09-2025



Figura 70 - Foi no dia 09/05/2018 que Catarina Jesus teve o primeiro dia da formação em obra de vime (Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-10-2025)



Figura 71 – Peças de Catarina Jesus num desfile na Semana da moda de Madrid, 16-09-2021 (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=839342406767246&set=a.685711468797008, consultado em 30-08-2025)



Madeira levou flores, sabores e artesanato a Madrid.

Madeira leva símbolos do destino a Madrid

A Associação de Promoção da Madeira (AP Madeira) esteve recentemente em Madrid, para a realização do evento 'Sabores y Flores de Madeira' que contou com mais de 130 pessoas.

Com vista a estreitar laços com o 'trade' espanhol e gerar cobertura mediática para a ligação aérea directa entre a Madeira e a capital espanhola – que, pela primeira vez, irá decorrer também durante o Inverno -, a AP Madeira organizou uma recepção na Embaixada de Portugal, com a colaboração do embaixador João Mira Gomes, à qual se seguiu um 'cocktail' volante. A iniciativa contou também com o apoio do Turismo de Portugal.

O evento levou, assim, a Madeira até Madrid, através dos símbolos icónicos do arquipélago, como as flores, o artesanato e o bordado, tendo para isso contado com a ajuda de duas empresas madeirenses: a Bordal e a Wicker it. A acrescentar à atmosfera festiva estiveram ainda os sabores regionais, com as propostas do 'chef' Octávio Freitas, da Madeira Wine Company e da Spirit of Madeira. **J.F.P.**

Figura 72 - Artigo referente ao evento "Sabores e Flores da Madeira", em novembro de 2022, onde a Wicker it representou o artesanato (Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-08-2025)

Muitas personalidades famosas e menos famosas compram os brincos criados por Catarina Jesus, que se encontram valorizados entre 25 e 35 euros (Figura 73). A exemplo disso, Claúdia Vieira foi fotografada com um dos seus brincos mais procurados (Figura 74), segundo comentário desta na sua página do Facebook, podemos ler: "Quando só Google Fotos nos lembra quais foram os brincos mais vendidos até hoje e que continuam a ser sempre pedidos! Obrigada @claudiavieiraoficial por continuar a usá-los!"[30]

[30] Os brincos mais vendidos até hoje, de Carolina Jesus, e que continuam a ser sempre pedidos, usados por Cláudia Vieira, disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-08-2025.



Figura 73 - Bijuteria e acessórios de moda, especialmente bijuterias e malas da marca wiker_it (Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=612533534393711&set=a.496216256025440, consultado em 29-08-2025)



Figura 74 - Os brincos mais vendidos até hoje por Catarina Jesus e que continuam a ser sempre pedidos, usados por Cláudia Vieira (Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-08-2025)

A artesã Catarina Jesus tem desempenhado um papel ativo na divulgação da arte do vime através de *workshops* e demonstrações públicas em diferentes eventos e espaços culturais da Madeira. Estes momentos de contacto direto com o público têm como objetivo ensinar técnicas tradicionais, promover a cultura artesanal e estimular a encomenda de peças, contribuindo assim para a sustentabilidade económica do ofício.

Em 2019, no âmbito do *Blandy's Wine Festival Madeira*, realizou um *workshop* nas adegas (Figura 75), onde os visitantes puderam observá-la a trabalhar e aprender, passo a passo, a confeção de um objeto em vime.



Figura 75 - Flyer de um workshop em vime, no ano 2019, no Blandy`s Wine Festival Madeira , divulgado nas redes sociais *(Disponível em https://www.facebook.com/photo/?fbid=390891798278978&set=a.496216256025440 consultado em 29-09-2025)*

Em 18 de janeiro de 2025, no Funchal, promoveu uma oficina prática dedicada à criação de marcadores de prato em vime (Figura 76), permitindo que os participantes experimentassem diretamente a técnica.[31]



Figura 76 - Cartaz de um workshop de Natal, no qual, os participantes criaram o seu marcador de prato em vime (Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 29-09-2025)

[31] Cartaz de um *workshop* de Natal, no qual, os participantes fizeram o seu marcador de prato em vime, disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=898515999128795&set=a.496216256025440 consultado em 29-09-2025.

No âmbito da feira "Até ao Lavar dos Cestos é Vindima", Carolina Jesus, juntamente com outros artesãos, demonstrou ao vivo a confeção de fundos e cestos, promovendo a cultura do vime e gerando novas oportunidades de encomendas. Organizada pela Casa do Povo de Ponta Delgada, esta iniciativa celebra as tradições da vindima, exibindo utensílios antigos e recriando o processo tradicional, no qual o cesto de vimes tinha papel central no transporte das uvas para o lagar, assim como as bandejas usadas à mesa.

A 12 de outubro de 2023, a artesã realizou mais uma demonstração ao vivo durante um jantar no Mercado dos Lavradores, reforçando a ligação entre turismo, gastronomia e artesanato local.[32]

Além disso, a 7 de agosto de 2023, Carolina partilhou publicamente nas suas redes sociais (@wicker_it) que, após cinco anos de dedicação, concretizou o sonho de ter a sua própria oficina, o que representa um marco importante para a continuidade do seu trabalho.[33]

A artesã Catarina Jesus expressa uma visão crítica sobre a forma como a obra de vimes tem sido retratada nos meios de comunicação social. Em suas palavras:

> "Porque é que, ao invés de se mostrar sempre o lado triste do vime, não se mostra o novo?
>
> Porque é que não se mostra um artesão que é feliz a ser artesão? Se eu tivesse 20 anos e tivesse esta reportagem na mão, a última coisa que me passaria pela cabeça seria abraçar esta arte. Talvez em 2018, se tivesse lido isto, teria seguido outro caminho profissional.
>
> O mundo está a dar a volta, cada vez há mais procura pelo único, pelo feito à mão e com alma.
>
> Para além disso, há alguns factos que não espelham a verdade, é só investigar um pouco…"[34]

[32] Vídeo Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-08-2025.

[33] "E é isto…os sonhos podem tornar-se realidade. 5 anos de percurso, 5 anos a desejar que acontecesse. A @wicker_it tem, finalmente a sua OFICINA!", disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-09-2025.

[34] Reflexão da Artesã Catarina Jesus em relação aos Mass-Média que estão sempre a pintar o trabalho da obra de vimes de negro disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/,consultado em 29-08-2025.

A sua reflexão aponta para um problema recorrente: a narrativa pessimista que afasta novas gerações do ofício. Carolina defende que é necessário mostrar exemplos positivos e histórias de sucesso, capazes de inspirar jovens a abraçar esta arte tradicional.

Apesar das dificuldades, a artesã demonstra otimismo através de ações concretas. A 26 de fevereiro de 2024, separou 215 pés de vime para plantação (Figura 77), que simbolicamente chamou de *"215 pés de esperança"*, contrariando a ideia de que a produção está condenada a desaparecer.[35]



Figura 77 - Em 26 de fevereiro de 2024, a artesã Catarina Jesus separou 215 pés de vime para plantar (Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=717691427211254&set=a.496216256025440, consultado em 29-09-2025)

Pouco antes, a 9 de janeiro de 2024, inaugurou a loja @sou.madeiraisland, dedicada a produtos artesanais "com alma da ilha". Esta iniciativa reforça a sua estratégia de aproximar a obra de vimes de um público mais jovem e atento à autenticidade, aproveitando plataformas digitais, e redes sociais e presença recorrente em diversas feiras para divulgação do seu trabalho (Figura 78).

Estas ações têm um impacto duplo: a nível cultural, ao promover a herança do artesanato de vime e aproximá-lo da comunidade; e a nível económico, ao gerar novos contactos e potenciais encomendas, contribuindo para um maior rendimento dos artesãos e para a sustentabilidade da atividade.

[35] Em 26 de fevereiro de 2024, a artesã Carolina Jesus separou 215 pés de vime para plantar, disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=717691427211254&set=a.496216256025440, consultado em 30-08-2025.



Figura 78 - Artigos que a artesã Catarina Jesus apresenta nas feiras (Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/, consultado em 30-08-2025)

Apesar destas iniciativas, a arte do vime na Madeira enfrenta obstáculos significativos. De acordo com *SIC Notícias* (7 de setembro de 2024), esta atividade tradicional encontra-se em risco de desaparecer, sendo que apenas quatro artesãos possuem certificação oficial.

Contudo, a realidade é mais ampla do que os números oficiais indicam. Apenas na Camacha, onde esta investigação se centrou, foram identificados diversos artesãos ativos. Estes mestres referem que ainda conseguem obter vime nas localidades da Camacha, Faial e Curral das Freiras, o que demonstra que, embora em retração, a matéria-prima e o saber tradicional persistem.[36]

[36] Arte de Vime da Madeira corre risco de extinção: Catarina é uma das quatro artesãs certificadas, disponível em: https://sicnoticias.pt/pais/2024-09-07-video-arte-de-vime-da-madeira-corre-risco-de-extincao-catarina-e-uma-das-quatro-artesas-certificadas-2287e2e9, consultado em 29-08-2025.

Além de um contacto inicial com o artesão José Pedro, foi contactado o artista Hélder Folgado, que já tinha feito uma exposição na Casa da Cultura, para posteriormente iniciar os contactos com os artesãos, sendo este o primeiro ponto de partida para as entrevistas realizadas, descritas no Capítulo IV.

O contacto direto com os artesãos possibilitou ainda a recolha de testemunhos orais, a aprendizagem de técnicas tradicionais e a observação dos materiais, formas e utensílios utilizados, contribuindo para a documentação e salvaguarda deste saber-fazer. Neste contexto, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa, assente no contacto direto com artesãos e outros intervenientes ligados à obra de vimes na freguesia da Camacha. Através de entrevistas, de carácter voluntário, foi possível identificar a maioria dos artesãos ainda em atividade, e recolher informações relevantes sobre a situação atual desta prática artesanal, estabelecendo uma comparação com um passado relativamente recente.

CAPÍTULO IV - Entrevistas aos artesãos da Camacha

Este capítulo apresenta o levantamento e a análise de entrevistas, realizadas pela mestranda, na freguesia da Camacha (junho–agosto de 2025), com o objetivo de mapear os artesãos ativos na obra de vimes, caracterizar práticas de produção e comercialização, e identificar perceções quanto ao futuro e à valorização do ofício. A investigação combinou trabalho de campo porta-a-porta, registo áudio/visual (quando autorizado), transcrições e resumo das mesmas e apontamentos contextuais (Anexo 1). Em todas as ocasiões, mesmo quando as entrevistas não foram aceites, foi recolhida informação sobre o sexo e a localização geral de cada artesão.

Os entrevistados assinaram uma Declaração de Confidencialidade (Anexo 2), onde concordam em ser identificados nas entrevistas, bem como com a divulgação do seu conteúdo. Nessa declaração consta que a confidencialidade dos dados será garantida e que são de uso exclusivo para o presente estudo. Na mesma declaração, poderiam optar por não divulgar a sua identidade, sendo utilizado um nome fictício para este estudo, mas não houve nenhum caso que se opusesse.

4.1. Objetivos

Objetivo geral: Documentar e analisar a realidade atual dos artesãos de obra de vimes da Camacha.

Objetivos específicos: (i) caracterizar o perfil sociodemográfico dos artesãos; (ii) identificar dificuldades e expectativas; (iii) recolher testemunhos orais e curiosidades; (iv) mapear a sua distribuição geográfica.

4.2. Metodologia

A presente investigação optou por entrevistas presenciais semiestruturadas porta a porta como método principal de recolha de dados por razões metodológicas, práticas e éticas que se alinham com os objetivos do estudo e com as características específicas dos artesãos da Camacha. Em investigação qualitativa, as entrevistas semiestruturadas

permitem a recolha de informações aprofundadas sobre experiências individuais, práticas culturais e perceções subjetivas, contribuindo para a compreensão contextualizada de fenómenos sociais que não são facilmente captados por instrumentos padronizados ou digitais (Creswell & Poth, 2018). Este método facilita a interação direta com o participante, a clarificação imediata de perguntas e a observação de elementos não verbais — uma vantagem crítica em contextos em que os sujeitos podem ter dificuldades de literacia ou desconhecimento de métodos online/formulários.

A importância de métodos de recolha de dados ajustados às realidades sociais locais fica também evidenciada pela prática de grandes operações estatísticas, tais como os Censos em Portugal, realizados periodicamente pelo Instituto Nacional de Estatística (INE). Os Censos portugueses têm como objetivo mapear de forma exaustiva a população residente, caracterizando variáveis demográficas e socioeconómicas (e.g., nível de escolaridade, condição perante o trabalho) essenciais para o planeamento de políticas públicas e para a compreensão das dinâmicas locais e nacionais (INE, 2021). A operação censitária envolve, além de formulários online (eCensos), métodos complementares, como entrevistas presenciais por recenseadores, precisamente para garantir a cobertura de grupos que enfrentam barreiras no preenchimento autónomo de questionários — um paralelo direto às dificuldades esperadas entre artesãos com menor literacia digital ou escrita (INE, 2021).

A escolha de entrevistas presenciais semiestruturadas justifica-se, assim, pela necessidade de inclusão, confiança e qualidade dos dados, reduzindo o risco de exclusão de participantes com dificuldades em métodos menos interativos, como questionários online. Além disso, o contacto direto facilita a construção de confiança e a explicação do propósito da investigação, essencial num contexto onde muitos artesãos manifestaram receio face a inquéritos formais ou potenciais fiscalizações. Este método permitiu a recolha de dados socioculturais relevantes para os objetivos específicos do estudo, nomeadamente a caracterização sociodemográfica, as práticas de produção/comercialização e as perceções sobre o futuro da arte de vimes.

Foi procurado alcançar e entrevistar todos os artesãos ativos na Camacha, sem quaisquer critérios de seleção senão a sua atividade atual na obra de vimes. Iniciaram-se as entrevistas pelos artesãos conhecidos pela mestranda, a quem se perguntou pela existência de outros, aumentando assim de forma gradual, a lista inicial.

Após obter os nomes e localização dos artesãos ativos, foi feito contacto presencial para efetuar uma entrevista, com o auxílio do telemóvel para gravação de som, imagem e/ou vídeo, ou papel e caneta para registar as respostas, para o caso de não aceitarem as gravações mencionadas. No entanto, nem todos os artesãos aceitaram participar na investigação.

Foram aplicadas 20 perguntas que abrangeram diferentes dimensões da prática artesanal: tempo de atividade; regime de trabalho (por conta própria ou assalariado); formas de comercialização; tempo diário dedicado; processo de aprendizagem; tipos de peças produzidas; especializações; tempo médio de execução por peça; origem da matéria-prima; técnicas de acabamento; principais dificuldades (económicas e técnicas); utilização de materiais complementares; fontes de inspiração; formação recebida e/ou transmitida a terceiros; participação em projetos ou encomendas; bem como avaliações subjetivas (escala 0–10) sobre futuro da atividade, valorização social e realização pessoal.

4.2.1. Amostra e procedimentos

O levantamento identificou 27 artesãos de obra de vimes ativos na Camacha em 2025. Destes, 18 participaram nas entrevistas completas, com transcrições incluídas no Anexo 1, por ordem de realização. No entanto, 9 artesãos recusaram-se a participar.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, porta a porta, seguindo um roteiro semiestruturado composto pelas 20 questões definidas.

4.2.2. Limitações metodológicas

- Recusas: 9 dos 27 artesãos não aceitaram participar, refletindo um clima geral de desconfiança relativamente a inquéritos e potenciais fiscalizações (por exemplo, associadas à Segurança Social).
- Representatividade: a amostra, de natureza não probabilística e reduzida (foco local), implica cautela na extrapolação e generalização dos resultados obtidos.

4.3. Entrevistas: enunciados das questões

Aos 18 entrevistados, cujas entrevistas se encontram transcritas no Anexo 1, foram colocadas as seguintes questões:

1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

8- Quanto tempo demora para fazer a peça x?

9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta? De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

12- Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

15-Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

16- Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

4.4. Dificuldades da investigação

No decurso da investigação, foi estabelecido contacto com o Sr. Jordão, conhecido como "Batido", residente no Rochão. Segundo a artesã Graciela, o referido artesão ainda trabalha na obra de vimes em conjunto com a esposa e o filho. No dia 21 de agosto de 2025, foi feita uma tentativa de entrevista, mas o Sr. Jordão recusou, afirmando que deixaria a conversa para outro dia, uma vez que pretendia primeiro contactar o "Escaravelha" para confirmar as informações transmitidas. Acrescentou ainda que não se encontrava bem de saúde, devido a problemas cardíacos.

A artesã Graciela, no final da entrevista que lhe foi realizada, referiu novamente o artesão "Batido" e a sua família como exemplos de pessoas que ainda desenvolvem obra de vimes na Camacha. Acrescentou, porém, que nesse mesmo dia tinha recebido um telefonema informando que alguém se tinha deslocado à casa do Sr. Jordão para realizar uma entrevista, mas a família recusou recebê-lo. Nas suas palavras: "Mas esta senhora esteve lá, mas eles não aceitaram a senhora."

Também a artesã Agostinha, quando questionada acerca de artesãos ainda ativos, mencionou o nome do Sr. Jordão, assim como da sua mulher e do filho: "Existe um senhor, ali mesmo à frente, naquela tenda, junto àquela antena, que faz muito trabalho para o senhor Pedro. Trabalha o Sr. Jordão, a mulher e o filho, que é simples." Acrescentou ainda a existência da Sr.ª Maria, que produz mesas e cadeiras para o Sr. Pedro, conhecido como "Escaravelha".

Na sequência destas referências, foi solicitado ao próprio Sr. Pedro o contacto da Sr.ª Maria, mas este recusou fornecê-lo, alegando que não valeria a pena, uma vez que a mesma não aceitaria dar entrevista. Apesar desse aviso, no dia 22 de agosto de 2025, coincidente com a entrevista realizada à Sr.ª Agostinha, foram feitas duas tentativas, em

horários distintos, para contactar a Sr.ª Maria na sua residência. Nenhuma das tentativas obteve resposta.

Durante o processo de entrevistas, foi ainda observado um certo clima de desconfiança por parte de alguns artesãos. Muitos manifestaram receio de serem enganados ou fiscalizados pela Segurança Social. Esse sentimento ficou patente na própria entrevista da artesã Agostinha, que ao longo da conversa expressou frases como: "estou desconfiada consigo"; "estou admirada consigo"; "mas isto é para a Segurança Social"; "não tenho a certeza do que eu ganho"; "está gravando?"; "e onde vai apresentar isso?"; "oh! a senhora não me está mentindo?"

De modo a facilitar a compreensão por parte dos entrevistados, tornando a abordagem mais eficiente, foi frequentemente necessário adaptar cada pergunta, repetidamente, e utilizando exemplos ou outras abordagens mais claras.

4.4.1. Recusas em participar nas entrevistas

Além dos 18 entrevistados, nove artesãos (sete mulheres e dois homens) recusaram conceder entrevista. Estes distribuíam-se da seguinte forma:

- Sítio da Cova da Iria: duas mulheres que trabalham com os irmãos "Policarpos";
- Sítio da Igreja: duas mulheres que trabalham igualmente com os irmãos "Policarpos";
- Sítio do Ribeiro Serrão: uma mulher associada ao trabalho com os irmãos "Policarpos";
- Sítio do Rochão:
    - duas mulheres (a Sr.ª Maria, que trabalha para o Sr. Pedro "Escaravelha", e a esposa do Sr. Jordão, conhecido como "Batido");
    - dois homens (o próprio Sr. Jordão, "Batido", e o seu filho).

Com a investigação realizada, foi possível concluir que existem, em 2025, 27 artesãos de obra de vimes, em atividade, na Camacha. Desses 27, apenas 9 não aceitaram ser entrevistados, logo a informação é escassa para esses indivíduos (Gráfico 6).

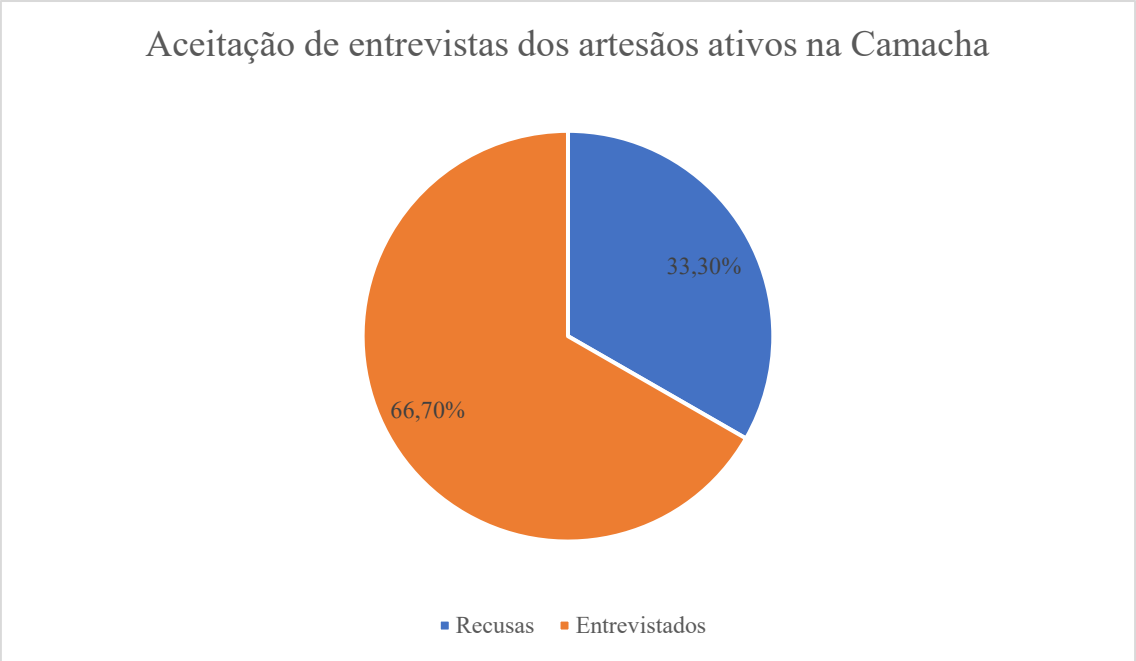


Gráfico 6 - Aceitação de entrevistas vs recusa.

4.5. Resultados das entrevistas aos artesãos

4.5.1. Perfil dos artesãos

Nas tabelas seguintes (Tabela 2, 3, 4 e 5) estão descritos os dados-resumo das entrevistas e levantamentos realizados sobre cada artesão ativo.

Tabela 2 - Sumário numérico do perfil dos artesãos da Camacha.

Indicador	**Valor**
Total de artesãos identificados	27
Entrevistados	18
Recusas	9
Idade média dos 18 entrevistados	70,6 anos

De um total de 27 artesãos identificados, ainda a trabalhar de forma ativa na obra de vimes, na Camacha, apenas 18 aceitaram serem entrevistados. Desses, a idade média é de 70,6 anos de idade.

Do total dos 27 artesãos identificados, foi possível aferir que 15 são do sexo masculino (56%) e 12 são do sexo feminino (44%), como demonstrado no Gráfico 7.

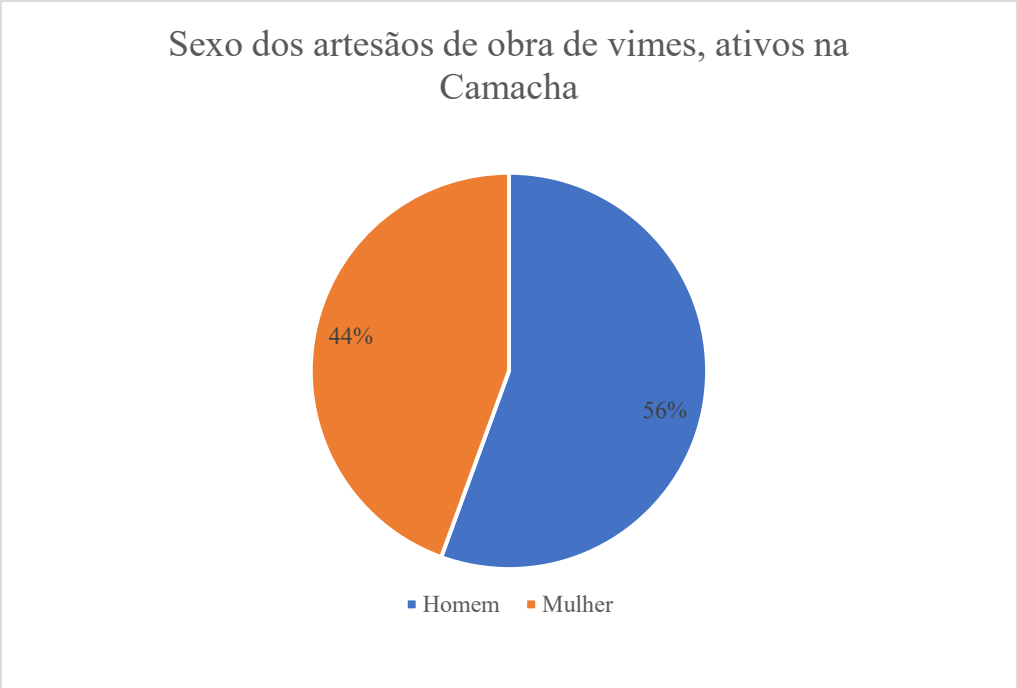


Gráfico 7 - Sexo dos artesãos de obra de vimes, ativos na Camacha.

Tabela 3 - Tabela resumo dos 27 artesãos ativos na Camacha, a nível da idade, sexo, experiência e opiniões (Futuro, valorização e realização pessoal sobre a arte, de 0 a 10). NA = Não Aplicável.

Data da entrevista	Nome	Idade	Anos de experiência	Sexo	Localização	Futuro	Valorização	Realização
17/07 /2025	Frederico Nuno Gomes Lucas Santos	65	53	M	Sítio da Igreja	1	1	1
17/07 /2025	José de Jesus Fernandes (o Sarola)	85	73	M	Sítio da Igreja	1	1	1
17/07 /2025	Jordão Batista	68	61	M	Sítio da Achadinha	1	1	1
24/07 /2025	José Pedro Batista Gouveia (o Escaravelha)	77	70	M	Sítio do Rochão	1	1	1
24/07 /2025	Jordão Gouveia	81	68	M	Sítio do Rochão	1	1	1
24/07 /2025	José Fernandes da Silva	73	63	M	Sítio da Achadinha	1	1	1

08/08 /2025	Fátima Nóbrega Santos	68	27	F	Vale Paraíso	1	1	1
08/08 /2025	José Marques Vieira (o Vieira)	87	75	M	Sítio da Achadinha	0	5	5
08/08 /2025	José Pereira de Freitas (o Pereira)	77	61	M	Sítio da Achadinha	1	1	1
12/08 /2025	José João Teixeira Barreto	66	36	M	Sítio do Rochão	1	10	1
20/08 /2025	José Pedro Teixeira Ferreira	85	73	M	Sítio da Ribeirinha	4	4	4
20/08 /2025	Lucinda de Nóbrega Santos Ferreira	70	35	F	Sítio da Ribeirinha	1	1	1
21/08 /2025	José Aníbal Rodrigues Freitas (Irmão “Policarpo” #1)	62	41	M	Sítio da Igreja	1	1	1
21/08 /2025	Arlindo Gouveia Barreto	70	55	M	Sítio da Igreja	5	5	10
21/08 /2025	António João Rodrigues Freitas (Irmão “Policarpo” #2)	58	36	M	Caminho Lombo Barreto	1	1	1
21/08 /2025	Graciela Barreto de Freitas	52	40	F	Sítio do Rochão	10	10	10
21/08 /2025	Blandina Rodrigues Barreto Gonçalves	57	43	F	Sítio do Rochão	1	1	1
26/08 /2025	Agostinha Batista Lopes	70	58	F	Sítio do Rochão	1	1	1
NA	NA	NA	NA	F	Sítio da Cova da Iria	NA	NA	NA
NA	NA	NA	NA	F	Sítio da Cova da Iria	NA	NA	NA
NA	NA	NA	NA	F	Sítio da Igreja	NA	NA	NA

NA	NA	NA	NA	F	Sítio da Igreja	NA	NA	NA
NA	NA	NA	NA	F	Sítio do Ribeiro Serrão	NA	NA	NA
NA	NA	NA	NA	F	Sítio do Rochão	NA	NA	NA
NA	NA	NA	NA	F	Sítio do Rochão	NA	NA	NA
NA	NA	NA	NA	M	Sítio do Rochão	NA	NA	NA
NA	NA	NA	NA	M	Sítio do Rochão	NA	NA	NA
					MÉDIA:	**1,8**	**2,6**	**2,4**

Numa escala de 0 a 10, cada artesão entrevistado considera que, em média, a obra de vimes tem 1,8 de futuro, é valorizada em 2,6 e confere-lhe realização pessoal em 2,4.

Tabela 4 - Tabela resumo dos 18 artesãos ativos na Camacha, entrevistados, a nível da idade, experiência profissional e principais dificuldades ao trabalhar na obra de vimes. NR = Não respondeu.

Nome	**Idade**	**Anos de experiência**	**Dificuldades**
Frederico Nuno Gomes Lucas Santos	65	53	Escassez de matéria-prima (vime); Concorrência com produtos plásticos
José de Jesus Fernandes (o Sarola)	85	73	Falta de mão-de-obra
Jordão Batista	68	61	Concorrência com produtos plásticos
José Pedro Batista Gouveia (o Escaravelha)	77	70	(NR)
Jordão Gouveia	81	68	(NR)
José Fernandes da Silva	73	63	(NR)
Fátima Nóbrega Santos	68	27	Escassez de matéria-prima (vime)

José Marques Vieira (o Vieira)	87	75	Concorrência com produtos plásticos
José Pereira de Freitas (o Pereira)	77	61	Falta de mão-de-obra; Concorrência com produtos plásticos
José João Teixeira Barreto	66	36	Escassez de matéria-prima (vime); Falta de mão-de-obra
José Pedro Teixeira Ferreira	85	73	(NR)
Lucinda de Nóbrega Santos Ferreira	70	35	(NR)
José Aníbal Rodrigues Freitas (Irmão "Policarpo" #1)	62	41	Escassez de matéria-prima (vime); Falta de mão-de-obra
Arlindo Gouveia Barreto	70	55	Escassez de matéria-prima (implícito)
António João Rodrigues Freitas (Irmão "Policarpo" #2)	58	36	(NR)
Graciela Barreto de Freitas	52	40	Falta de mão-de-obra; Concorrência com produtos plásticos
Blandina Rodrigues Barreto Gonçalves	57	43	Concorrência com produtos plásticos
Agostinha Batista Lopes	70	58	Escassez de matéria-prima (vime); Falta de mão-de-obra; Concorrência com produtos plásticos

Os artesãos, em geral de idade avançada, também trabalharam a maioria da sua vida neste ramo de trabalho. As dificuldades encontradas são comuns, focando a falta de matéria-prima ou mão-de-obra.

Tabela 5 - Tabela resumo dos 18 artesãos ativos na Camacha, entrevistados, a nível do emprego, comercialização, principais produtos requisitados e tipo de materiais utilizados, ao trabalhar na obra de vimes.

Nome	**Emprego**	**Comercialização**	**Produtos mais requisitados**	**Fornecimento de materiais**
Frederico Nuno Gomes Lucas Santos	Assalariado / trabalha	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes	Madeira (armaduras, móveis); Material

	para patrão			via patrão/empregador
José de Jesus Fernandes (o Sarola)	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes; Garrafas empalhadas	Vime/contactos do Chile; *Platex*[37] para fundos; Madeira (armaduras, móveis)
Jordão Batista	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes; Carros do Monte/carreiros;	Liaças/ fornecimento Venezuela; Madeira (armaduras, móveis)
José Pedro Batista Gouveia (o Escaravelha)	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes;	Vime importado (Chipre); Madeira (armaduras, móveis)
Jordão Gouveia	Por conta própria / autónomo	Encomendas / Fornece a hotelaria/supermercado	Cestos/cabazes; Garrafas empalhadas;	Liaças/ fornecimento Venezuela; Madeira (armaduras, móveis); Material via patrão/empregador
José Fernandes da Silva	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes;	Madeira (armaduras, móveis)

[37] *Platex* – era o produto usado para os fundos dos cestos. O *Platex Covema* é constituído por placas de aglomerado de fibras de madeiras resinosas, comprimidas a alta temperatura e pressões muito elevadas, tratadas e climatizadas em câmaras especiais. É um produto de alta resistência, dureza e durabilidade, que possui superfície excelente para acabamentos em pintura ou impressos. Para além disso, conta com diversas aplicações possíveis e apresenta uma relação qualidade-preço bastante atrativa. Disponível em: https://www.covema.pt/produtos/derivados/aglomerados/platex/, consultado em 4-09-2025.

			Garrafas empalhadas;	
Fátima Nóbrega Santos	Por conta própria / autónomo	Encomendas / Fornece a hotelaria/supermercado	Cadeiras; Cestos/cabazes; Garrafas empalhadas;	Liaças/fornecimento Venezuela; Madeira (armaduras, móveis); Material via patrão/empregador
José Marques Vieira (o Vieira)	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes; Garrafas empalhadas;	Vime/contactos do Chile; Liaças/ fornecimento Venezuela; Material via patrão/empregador
José Pereira de Freitas (o Pereira)	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes;	Liaças/ fornecimento Venezuela; Madeira (armaduras, móveis); Material via patrão/empregador
José João Teixeira Barreto	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes;	Madeira (armaduras, móveis)
José Pedro Teixeira Ferreira	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes; Garrafas empalhadas;	*Platex* para fundos; Madeira (armaduras, móveis)
Lucinda de Nóbrega Santos Ferreira	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cestos/cabazes;	Madeira (armaduras, móveis); Material

				via patrão/empregador
José Aníbal Rodrigues Freitas (Irmão "Policarpo" #1)	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes; Garrafas empalhadas;	*Platex* para fundos; Madeira (armaduras, móveis)
Arlindo Gouveia Barreto	Assalariado / trabalha para patrão	Trabalha com José Pedro e irmãos "Policarpo"; preparação e tratamento do vime	Preparação de vime, apanha, tratamento	NR
António João Rodrigues Freitas (Irmão "Policarpo" #2)	Por conta própria / autónomo	Encomendas / Fornece a hotelaria/supermercado	Cadeiras; Cestos/cabazes;	Madeira (armaduras, móveis)
Graciela Barreto de Freitas	Por conta própria / autónomo	Encomendas / Fornece a hotelaria/supermercado	Cestos/cabazes; Garrafas empalhadas;	Material via patrão/empregador
Blandina Rodrigues Barreto Gonçalves	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cestos/cabazes; Garrafas empalhadas;	Liaças/ fornecimento Venezuela
Agostinha Batista Lopes	Por conta própria / autónomo	Encomendas	Cadeiras; Cestos/cabazes; Garrafas empalhadas;	Liaças/ fornecimento Venezuela; Material via patrão/empregador

Dos 18 entrevistados, apenas 2 trabalham por conta de outrem (11%). O artesão Frederico Nuno Gomes Lucas Santos trabalha para o artesão "Pereira" e para o artesão "Sarola"; e o artesão Arlindo Gouveia Barreto trabalha para os irmãos "Policarpos".

A idade dos artesãos entrevistados varia entre 52 anos e 87 anos (Gráfico 8), e os anos de experiência variam entre 27 e 75 anos (Gráfico 9).

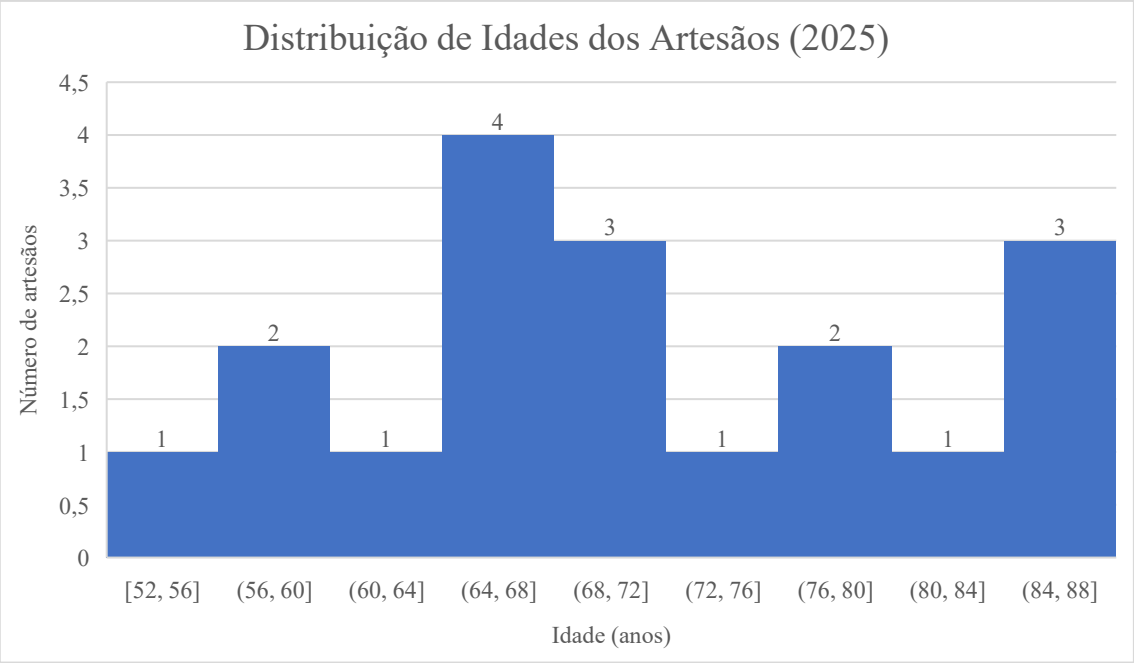


Gráfico 8 - Histograma das idades dos 18 artesãos entrevistados da Camacha, em 2025.

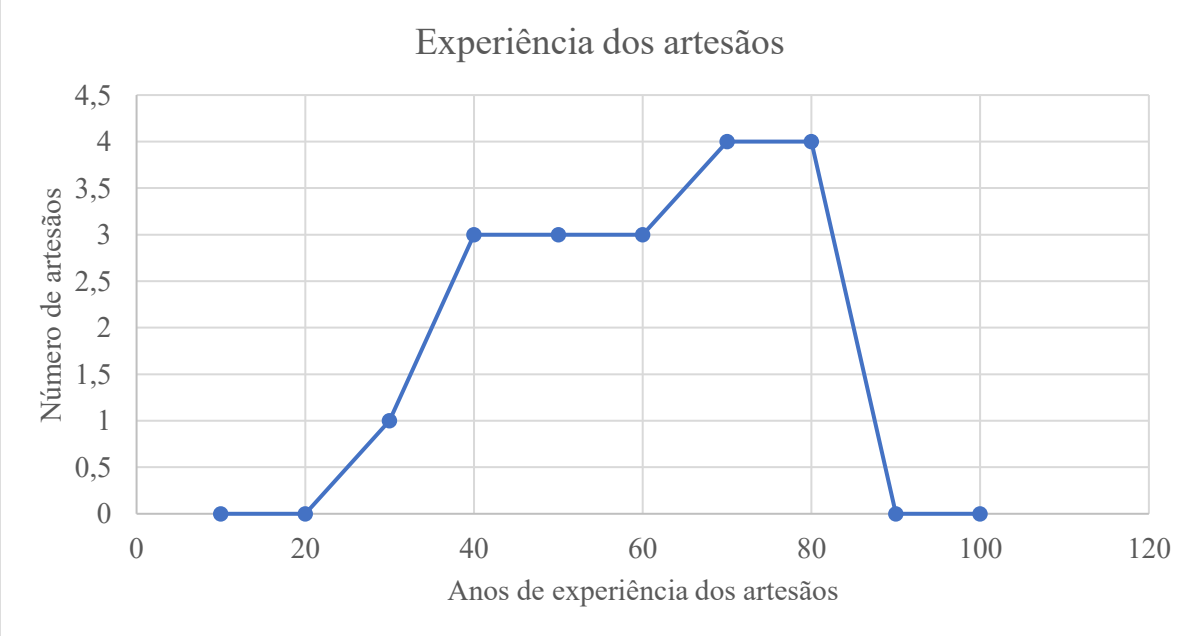


Gráfico 9 - Anos de experiência dos artesãos entrevistados que ainda estão ativos na elaboração de obra de vimes, na Camacha.

4.5.2. Localização geográfica

Com a investigação realizada foi possível concluir que existem, em 2025, 27 artesãos de obra de vimes, em atividade, na Camacha. Nos mapas seguintes (Mapa 1, 2 e 3), estão representadas as localidades, na freguesia da Camacha, onde os 27 artesãos residem.



Mapa 1 – Mapeamento dos 27 artesãos ativos na Camacha, divididos por nove sítios. Fonte: Google Earth



Mapa 2 - Mapeamento dos artesãos da zona Norte da Camacha. Fonte: Google Earth



Mapa 3 - Mapeamento dos artesãos da zona centro da Camacha. Fonte: Google Earth

Das nove localidades da Camacha em que residem artesãos, é possível aferir através do Gráfico 10, que a grande maioria reside no Sítio do Rochão (10), e Sítio da Igreja (6).

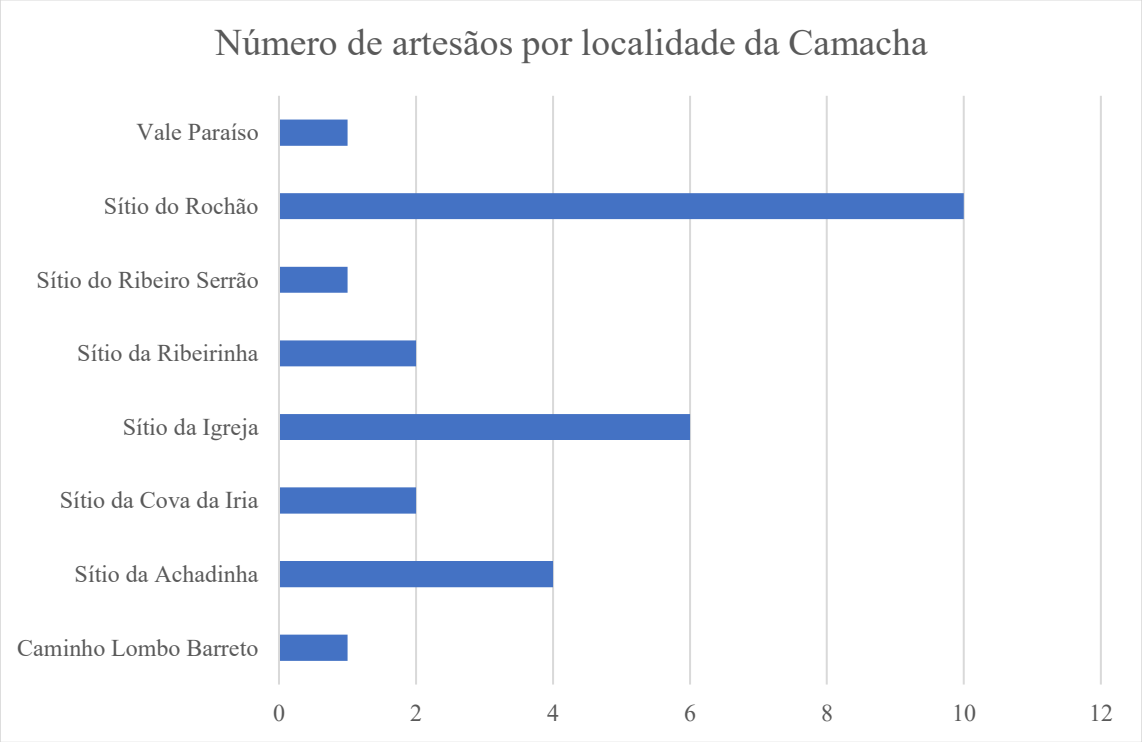


Gráfico 10 – Número de artesão ativos na obra de vimes por localidade da Camacha.

4.5.3. Alcunhas dos artesãos

Na Madeira, é bastante comum que as pessoas de idade sejam conhecidas por alcunhas, muitas vezes mais usadas do que o próprio nome. Estas designações, transmitidas oralmente ao longo das gerações, podem ter origem em características físicas, profissões, locais de residência, episódios marcantes da vida ou até ligações familiares. As alcunhas funcionam como um marcador de identidade comunitária e de proximidade, reforçando laços sociais e ajudando a distinguir indivíduos com nomes iguais, algo frequente em freguesias mais pequenas. Mais do que simples rótulos, tornam-se parte integrante da memória coletiva e da forma como cada pessoa é reconhecida no seio da comunidade.

Dos 27 artesãos identificados na Camacha, seis deles possuem alcunhas:

- "Pereira" – artesão de obra de vimes da Camacha, é chamado de José Pereira de Freitas mais conhecido pelo Pereira, a sua especialidade são os móveis em vime, é o principal fornecedor dos mais pequenos artesãos, como é o exemplo do artesão do "Sarola", do Vieira, entre outros.
- "Sarola" – é o artesão José de Jesus Fernandes, grande empresário do século passado, responsável por ter dado muitas formações de obra de vimes, por conta própria e pela IVBAM, vive no Sítio da Igreja e faz cestos miúdos.
- "Escaravelha" – artesão da Camacha, chamado de José Pedro Batista Gouveia, mais conhecido pelo "Escaravelha," é especialista, em móveis em vime, é o único artesão da Camacha, que tem um espaço, onde tem vimes à venda.
- "Vieira" – artesão da Camacha, chamado de José Marques Vieira, mais conhecido pelo Vieira, faz de tudo um pouco, desde móveis a cestas de lanche e cestos pequenos.
- Os "Policarpos" – são dois irmãos, artesãos: António João Rodrigues Freitas e José Aníbal Rodrigues Freitas, estes, para além do Sr. José João Barreto, são os únicos na Camacha que têm caldeiro para cozer os vimes, têm vários artesãos a trabalhar para eles, em Gaula, Machico e Camacha, e são essencialmente mulheres. Fabricam móveis, cestos para bolo de mel, cabazes de Natal entre outros.

4.5.4. Temas e evidências qualitativas

A análise das transcrições das 18 entrevistas e dos apontamentos permitiu identificar convergências temáticas:

1. Envelhecimento e risco intergeracional: a maioria dos artesãos possui idade média elevada e há dificuldade em atrair jovens para a prática profissional. Projetos escolares (p.ex. Projeto TENDA) têm funcionado como pontos de aproximação entre escolas e mestres-artesãos, mas são insuficientes para garantir reposição geracional.

2. Predomínio do trabalho por conta própria e relações informais de mercado: muitos artesãos trabalham de forma independente, vendendo diretamente ou através de intermediários (ex.: Sr. José Pedro "Escaravelha"), que desempenham papel central na comercialização.

3. Perceção de fraca valorização económica: entrevistas apontam perceções de baixo retorno económico face ao trabalho manual especializado. Os entrevistados identificaram a concorrência de produtos industriais/plásticos, dificuldades de acesso à matéria-prima e falta de políticas públicas duradouras como ameaças centrais.

4. Práticas técnico-materiais históricas e recentes: registos detalham técnicas de cultivo, cozedura e preparação do vime (ex.: uso de caldeiros, descasque, liaça manual e máquinas de liaça), assim como a escassez atual de infraestruturas (p.ex. caldeiros) comparada com outros territórios.

5. Iniciativas e atores de referência: exposições, doações de acervos e atividades promocionais evidenciam agentes que tentam valorizar a arte do vime localmente; o mestre José Pedro Gouveia é referido como ator-chave na Camacha.

4.5.5. Perceção pessoal dos artesãos relativamente à obra de vimes

Cada artesão entrevistado deu a sua opinião pessoal relativamente à obra de vimes, no que toca à realização pessoal, ao futuro da profissão e à sua valorização (Gráfico 11, 12, 13 e 14).

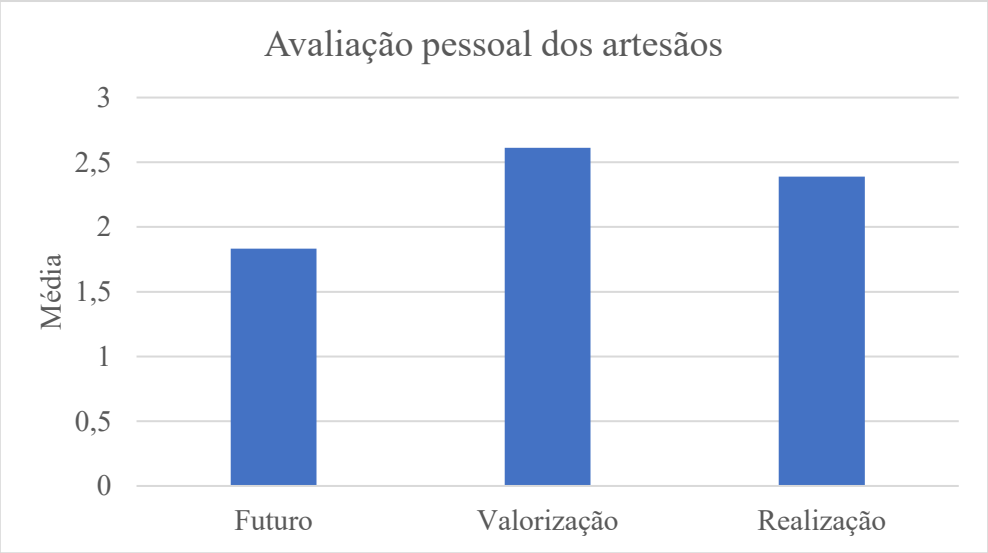


Gráfico 11 - Média das avaliações pessoais dos artesãos a nível da sua perceção de futuro da obra de vimes, valorização ou realização pessoal.

As médias reportadas nas fichas das entrevistas foram: Futuro = 1,83; Valorização = 2,61; Realização = 2,38.

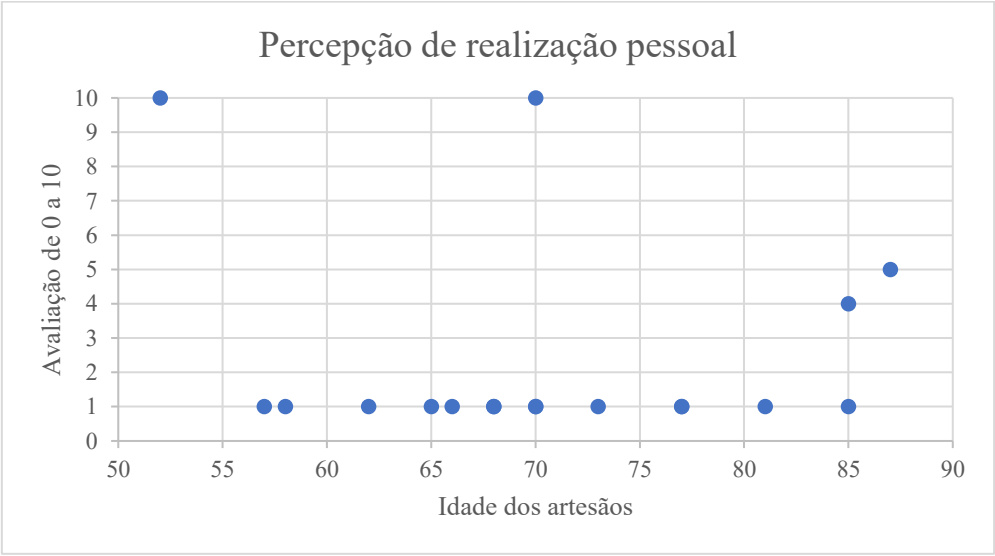


Gráfico 12 - Opinião dos 18 artesãos em relação à sua perceção de realização pessoal ao trabalhar na obra de vimes.

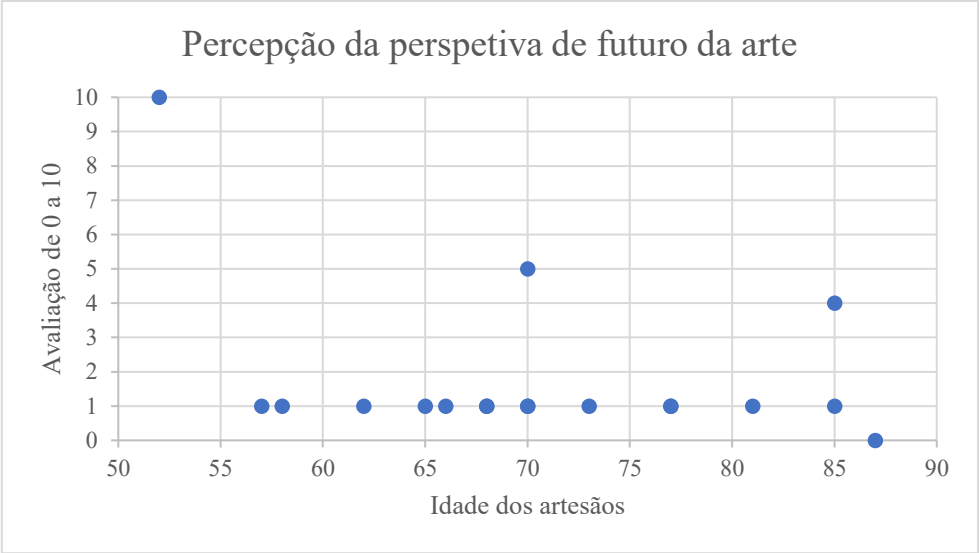


Gráfico 13 - Opinião dos 18 artesãos em relação à sua perceção de futuro da arte da obra de vimes.

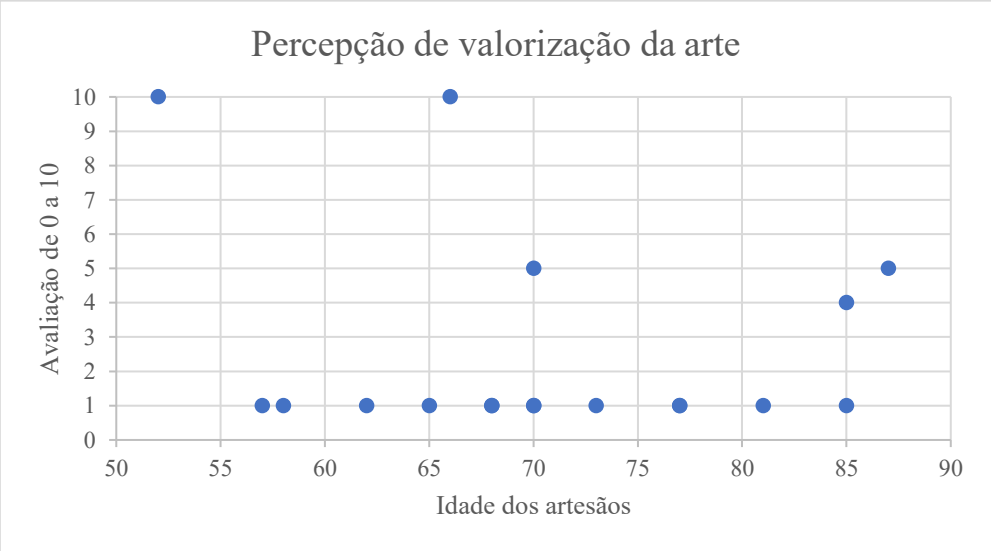


Gráfico 14 - Opinião dos 18 artesãos em relação à sua perceção de valorização externa da arte da obra de vimes.

Os dados mostram que, de acordo com a perspetiva de futuro, a maioria dos artesãos apresentam valores muito baixos (mediana ≈ 1). Existe pelo menos um *outlier* em 10, indicando que um artesão é muito mais otimista quanto ao futuro do ofício, do que os restantes, ou não deu a sua verdadeira opinião.

A nível da valorização da arte, apresenta uma distribuição semelhante ao futuro, com predominância de valores baixos (0–1) e um caso a chegar a 10. A média geral foi 2,61, refletindo baixa perceção de valorização.

No que toca à realização pessoal, a mediana também está próxima de 1, mas há dois valores altos (10), sugerindo que, apesar de dificuldades económicas e sociais, alguns artesãos sentem elevada realização pessoal. A média foi 2,39, mostrando que a maioria se sente pouco realizada, mas há casos de satisfação extrema.

Estes dados revelam um cenário de pessimismo generalizado em relação ao futuro e valorização do ofício, contrastando com poucos casos isolados de otimismo e realização pessoal elevada. Isso reforça a vulnerabilidade do setor, mas também indica que há núcleos de motivação e satisfação que podem ser potenciados (ex.: através de apoio institucional, formação e novos canais de comercialização).

4.5.6. Curiosidades recolhidas nas entrevistas com os artesãos

Na Camacha, cada sítio tinha a sua especialidade dentro da arte da obra de vimes. Alguns artesãos destacavam-se pela produção de móveis, outros pelo empalhamento de garrafas, e havia ainda quem se especializasse em diferentes tipos de cestos. Quando as exportadoras ou o público necessitavam de um modelo específico, dirigiam-se diretamente aos artesãos ou tendas reconhecidas por esse tipo de trabalho.

Os artesãos José Jesus Fernandes e José Marques Vieira (conhecido como "o Vieira") referem, por exemplo, que os cestos de champanhe[38] eram sobretudo produzidos no Rochão. Segundo o Sr. Vieira: "Cada sítio tinha a sua espécie de trabalho. Os champanhes eram mais daquela zona do Rochão, era o trabalho deles. Mas havia tendas que faziam o que aparecia."

O Sr. Fernandes complementa: "Isto aqui na Camacha era assim: havia zonas e a gente já sabia. Por exemplo, no Rochão havia o champanhe, que era um cesto retangular, mais ou menos desta altura, para pôr garrafas dentro. Levava tampa, levava asa, a tampa também levava um *lenhoso*, que tinha dois focinhos, assim, na coisa, e depois era metido um vime para trancar.

[38] Champanhe – cestas retangulares com tampa e uma asa na lateral, servia para transportar, garrafas, copos ou comida.

As cadeiras eram com o Barata, o Coelho e um outro que já não me recordo, o pai do António do 'Friesa'. Havia tantos. Cada um já sabia o que fazia. Por exemplo, faziam cestos para cães. Havia um senhor lá em cima, António Quintal, mais conhecido como 'Farelo', que tinha uma oficina no Pinheirinho. Eu ia todos os dias da Camacha para lá fazer cestos para cães. Era um cesto redondo, de vários tamanhos, que à frente tinha uma abertura, mais ou menos deste tamanho, para o cão entrar."

Embora a Camacha seja reconhecida como berço da obra de vimes, atualmente existem apenas dois caldeiros para cozedura do vime, enquanto no Curral das Freiras, segundo o artesão Pereira, existem três. Ele explica que, antigamente, na Camacha não se cozia o vime: as varas eram descascadas em verde e trabalhadas depois de secas, adquirindo tonalidade branca. Já o vime cozido apresenta cor castanho-claro.

Historicamente, os artesãos da Camacha dedicavam-se sobretudo à produção de mobiliário. Foi apenas nas décadas de 1960 e 1970, com o aumento da exportação de cestos para a América, que houve uma transição gradual do fabrico de móveis para o fabrico de cestos, considerado um trabalho mais leve e muitas vezes realizado por mulheres. Nessa época, devido à grande procura, surgiram os chamados "cestos com cartão", como refere o artesão Pereira: "Foi uma desgraça, mas pronto, aconteceu."

Esses cestos tinham fundos de *platex* perfurado, nos quais se entrelaçavam vimes, liaça ou miolo de vime. Alguns levavam asa (como os cestos para flores) e outros não (como os para pão ou bolo de mel).

As varas de vime podem ser usadas inteiras ou rachadas (liaça). Para isso, utiliza-se uma navalha que corta longitudinalmente a vara por cerca de 2 cm, dividindo-a em 3 ou 4 partes. Em seguida, com a ajuda do rachador, aplica-se pressão para separar as tiras, que são depois passadas numa máquina que calibra a espessura, tornando-as finas e adequadas para o trançado.

Durante as visitas aos artesãos, foi possível observar várias máquinas utilizadas para este processo, sobretudo os ferros de tirar liaça. Artesãos como o Sr. José Jesus Fernandes, o Sr. José de Jesus Fernandes, o Sr. Pereira, o Sr. José Marques Vieira e o Sr. José Pedro (marido da artesã Lucinda) possuíam as suas próprias máquinas manuais de fazer liaça. Apenas o Sr. Jordão Gouveia e a Sr.ª Blandina utilizavam uma máquina elétrica.

4.5.6.1. Comércio e história da obra de vimes na Camacha

A comercialização da obra de vimes na Camacha sempre esteve associada a empresas exportadoras e a figuras de referência que dinamizaram a produção artesanal. O artesão José de Jesus Fernandes recorda a atuação da *União Exportadora de Cestos*, que era uma empresa de exportação da obra de vimes que existia no sec. XIX na Camacha. Contava com dois verificadores responsáveis por controlar a qualidade das peças:

"Se a coisa não estivesse bem, estivesse mal, ou as medidas não estivessem bem, eram rejeitados. Ah, a princípio era muito exigente."

Além desta, cita também a *Unibasket,* uma das exportadoras mais ativas na Madeira:

"Vinham, visitavam as nossas casas e encomendavam trabalho… No princípio éramos nós que íamos à procura deles. Era uma sociedade que abriu em baixo mesmo, portanto a gente ia lá pedir."

O artesão José Marques Vieira confirma a presença de verificadores rigorosos e relata episódios de desvalorização de peças:

"Na União dos Cestos, que era aquela casa lá em baixo, quando havia muita coisa, ao sábado tinham lá os registadores a registar o trabalho. E, quando queriam fazer trafulhice, começavam a dizer que não passava e ficava para a semana para resolver. Depois, chegava-se à segunda-feira, davam menos de dois, três tostões em cada peça. Nessa altura já era dinheiro."

As empresas *Unibasket* e a firma de José da Costa Periquito (Funchal) estiveram entre as principais exportadoras. O artesão Vieira destaca ainda o mestre Barata, já falecido, que trabalhou com Periquito e inovou ao utilizar *liaça* de plástico muito fina, resultando em peças de acabamento mais delicado: "O trabalho dele era com essa liacinha[39]. O trabalho ficava bonitinho."

4.5.6.2. O protagonismo de José Pedro Batista Gouveia ("Escaravelha")

Atualmente, o artesão que mais se destaca na comercialização da obra de vimes na Camacha é José Pedro Batista Gouveia, conhecido como "Escaravelha". Ele é hoje o

[39] Liacinha – liaça pequena, fina.

principal revendedor, reunindo a produção da maioria dos artesãos locais no seu espaço na zona do Rochão, onde expõe uma grande variedade de peças.

Além das suas próprias criações, José Pedro Gouveia acolhe o trabalho de outros artesãos, especialmente após o encerramento do histórico Café Relógio. Segundo o artesão José Marques Vieira: "José, quando chega aí, diz: o preço por isso. Eu às vezes ponho o preço e ele ainda dá mais dinheiro."

Este testemunho demonstra que, além de comerciante, Gouveia valoriza o trabalho artesanal, pagando muitas vezes acima do valor proposto.

Na Camacha, além do espaço do "Escaravelha", a loja José Vime, existem outros pontos de venda como o de José Jesus Fernandes (Sítio da Igreja, Caminho da Portela, nº 17) e o Vimes Flor da Achada (Rua Maria Ascensão, nº 69, Camacha).

Segundo o *Diário de Notícias*, de 14 de março de 2022, o artesão entristece-se que poucos queiram aprender o ofício e que seja muito pouco o cultivo do vime, sendo preciso importar vimes do Chile e de Espanha.[40]

Também no ano de 2025, até ao mês de julho, este mesmo espaço teve uma exposição intitulada "Vime: um ofício, uma história, uma arte", a mostra reúne um total de 83 peças, mais 53 do que no ano 2022 e entre estas peça tem cestas de diversos tipos, tabuleiros, garrafões empalhados, cestas para pão, cadeiras, mesas e uma garrafeira.[41]

Neste espaço coexistem peças de mobiliário, como cabeceiras de cama, sofás, cadeiras de baloiço, mesas e estantes, e artigos utilitários e decorativos, cuja notável diversidade testemunha décadas de dedicação, perícia e talento.

Durante anos, coordenou uma oficina com cerca de 30 trabalhadores exclusivamente dedicados à produção das armações metálicas que integram muitas das suas peças. A vertente continua ativa, embora hoje conte apenas com um colaborador. Ensinou os seus filhos a trabalhar o ferro, mas nenhum quis aprender a arte de manusear o vime.

---

[40] Artigo da Exposição no Espaço do Artesão, Campanário, ano 2022, sobre a obra de vimes, disponível em: https://www.dnoticias.pt/2022/3/12/_301061-espaco-do-artesao-acolhe-exposicao-dedicada-ao-vime/ consultado em 17-04-2022.

[41] Artigo da Exposição no Espaço do Artesão, Campanário, ano 2025, com o tema: "Vime: um ofício, uma história, uma arte", Disponível em https://www.dnoticias.pt/2025/7/8/455384-espaco-do-artesao-acolhe-exposicao-alusiva-ao-vime/, consultado em 3-09-2025.

Estas exposições foram uma mais-valia, para dar a conhecer o trabalho de um mestre e de forma a querer conhecer a verdadeira arte que é a obra de vimes.

4.5.6.3. Exposições e contributo cultural

José Pedro Gouveia tem promovido diversas exposições, nomeadamente no Espaço do Artesão, no Campanário.

- 2022: exposição dedicada ao vime (14 de março a 26 de abril), com cerca de 30 peças da sua autoria.
- 2025: nova exposição intitulada "Vime: um ofício, uma história, uma arte", apresentando 83 peças, entre cestos, tabuleiros, garrafões empalhados, cestas para pão, cadeiras, mesas e uma garrafeira.

Estas exposições revelam uma notável diversidade: desde mobiliário (cabeceiras, sofás, cadeiras de baloiço, mesas e estantes) até artigos utilitários e decorativos, testemunhando décadas de dedicação. Gouveia iniciou-se na arte aos 7 anos, aprendendo a tapar fundos de cestos, e ao longo de mais de 70 anos inovou, transformando o *design* tradicional em peças mais audaciosas. Chegou a coordenar uma oficina com cerca de 30 trabalhadores dedicados às armações metálicas, vertente que ainda mantém, hoje com apenas um colaborador.

O artesão lamenta, contudo, a falta de novos aprendizes e a escassez de cultivo de vime local, obrigando à importação de matéria-prima do Chile e de Espanha (*Diário de Notícias*, 14 de março de 2022). Apesar disso, continua ativo, produzindo por encomenda para hotéis e estabelecimentos de prestígio, como o Hotel Ritz (Madeira).

4.5.6.4. Fornecimento de materiais: o papel de José Pereira de Freitas ("Pereira")

Após José Pedro, destaca-se o artesão José Pereira de Freitas, conhecido como "Pereira", que atua sobretudo como fornecedor de materiais (liaça e vimes) para outros artesãos da Camacha. Artesãos como Vieira, José Fernandes e José Jesus Fernandes mencionaram que parte do material utilizado em suas peças provinha do Sr. Pereira.

4.5.6.5. Legado de Agostinho de Jesus Freitas

Um marco relevante na preservação deste património foi a doação, em novembro de 2023, de um conjunto de peças em vime elaboradas pelo artesão Agostinho de Jesus Freitas ao IVBAM. A cerimónia decorreu na sede do instituto, com a presença da filha do artesão, Justina Nóbrega de Freitas, representando a família, e Marisa Santos, Vogal do Conselho Diretivo do IVBAM.

O espólio doado inclui peças emblemáticas: um carro de bois, uma cabeça de boi para pendurar, duas girafas, um macaco, dois cavalos, um leão, cinco veados de diferentes tamanhos, uma caravela portuguesa, um cesto em forma de cisne, um cesto em forma de galinha, um cowboy, uma garrafa com tampa e dois cadeirões. O objetivo desta doação é preservar, valorizar e perpetuar o legado do mestre artesão, natural da Camacha.

Parte do acervo encontra-se atualmente em exposição no edifício do IVBAM, na Rua Visconde Anadia, e outra parte está em processo de avaliação e restauro, com vista a uma futura exposição permanente que dê a conhecer o trabalho de Agostinho Freitas e valorize o setor do vime.[42]

4.5.6.6. Metodologias e técnicas utilizadas pelos artesãos

A análise das entrevistas permitiu identificar um conjunto de técnicas tradicionais e práticas auxiliares que caracterizam a obra de vimes na Camacha. Estas metodologias refletem tanto o saber-fazer transmitido entre gerações como as adaptações introduzidas em resposta à escassez de recursos e às exigências de mercado.

1. Preparação da matéria-prima

- Apanha e tratamento do vime: corte sazonal, limpeza e descasque manual.
- Escaldagem: imersão em água quente para amolecer e preparar o vime para a tecelagem.

[42] Disponível em: https://artesanatodamadeira.pt/noticiaseventos/pecas-em-vimes-de-agostinho-freitas-doadas-ao-instituto-do-vinho-bordado-e-artesanato-da-madeira/, consultada a 02- 05-2024.

- Secagem: exposição ao ar em condições controladas, garantindo durabilidade e flexibilidade.
- Armazenamento: feixes de vime são mantidos secos até ao uso, sendo humedecidos novamente quando necessário para ganhar maleabilidade.

2. Construção das peças

- Estrutura de suporte: uso de madeira local (armaduras de cadeiras, fundos de móveis, bases de cestos).
- Tecelagem manual: entrelaçado de varas de vime, adaptado ao formato da peça (cestos, cadeiras, garrafas empalhadas).
- Variedade de padrões: cruzados simples, entrançados mais elaborados e adaptações funcionais (ex.: reforços em cabazes para transporte de peso).

3. Reforço e acabamento

- Colas: referência ao uso de "cola própria para o vime", por exemplo da marca *Kollitex*[43] (Figura 79), garantindo fixação adicional em pontos de maior esforço.
- Vernizes e acabamentos: aplicação de verniz ou óleo natural para aumentar a durabilidade, dar brilho e proteger contra humidade. É também utilizada *Xylophene*[51] (Figura 79), uma proteção para a madeira.
- Plásticos e substitutos modernos: uso pontual de *platex* e outros materiais industriais em fundos de cadeiras ou cestos, introduzidos como resposta à escassez de matéria-prima.

[43] Material utilizado pelo artesão José Pedro Gouveia para proteção da obra de vimes.



Figura 79 – Kollitex, cola usada na Obra de Vime para proteger a obra de vimes e Xylophene, produto que se usa na obra de vimes para proteger do caruncho (Fot. por Lucília Teixeira)

4. Técnicas de inovação e adaptação

- Empalhamento de garrafas: prática tradicional mantida como nicho de mercado, associada a produtos gastronómicos (ex.: vinho, bolo de mel).
- Peças adaptadas ao turismo: miniaturas, cabazes decorativos e *workshops* demonstrativos.
- Recuperação e reparação: restauro de peças antigas, muitas vezes com recurso a combinações de técnicas tradicionais e materiais modernos.

A metodologia tradicional assenta no trabalho manual minucioso, no uso do vime como matéria-prima central e no apoio de materiais auxiliares (madeira, cola, verniz, *platex*). A introdução de colas e vernizes não substitui a técnica artesanal, mas prolonga a vida útil e melhora a aparência das peças. A adoção de materiais modernos reflete tanto a necessidade de adaptação à escassez de vime como a procura de soluções para manter a atividade competitiva.

Discussão

A análise dos dados recolhidos ao longo do estágio curricular, complementada pelas entrevistas aos artesãos da Camacha, confirma a pertinência de olhar para a obra de vimes como um património cultural imaterial em risco, mas simultaneamente dotado de um potencial de revitalização que não pode ser ignorado.

A experiência na Casa da Cultura de Santa Cruz demonstrou como a gestão cultural pode constituir um instrumento de mediação e valorização de práticas tradicionais. As oficinas de iniciação à obra de vimes revelaram-se particularmente eficazes ao aproximar diferentes públicos a esta arte. Como defende a Convenção da UNESCO (2003), o património imaterial apenas se preserva quando transmitido em contextos vivos e participativos, algo confirmado pelo envolvimento de jovens e crianças nestas oficinas.

Os resultados obtidos ao longo do estágio e da investigação evidenciam uma fragilidade estrutural coerente com diagnósticos históricos e contemporâneos. Tal como referido por Dos Santos (1907) e, posteriormente, por Mota (1987), a sustentabilidade desta prática artesanal sempre dependeu de fatores económicos, organizacionais e institucionais, cuja ausência contribuiu para ciclos recorrentes de crise. Atualmente, estas fragilidades manifestam-se sobretudo no envelhecimento dos artesãos, na escassa transmissão intergeracional e na crescente desvalorização económica e social do ofício.

A salvaguarda desta tradição não pode permanecer confinada a um único espaço. Iniciativas como reconstituições etnográficas, oficinas e formações demonstram que a arte do vime pode adquirir nova vitalidade quando integrada em circuitos culturais mais amplos. Barroso & Silva (2021) sublinham a necessidade de criar contextos de participação entre gerações, concretizados nestes eventos ao reunir artesãos, investigadores e público. A Casa da Cultura de Santa Cruz (Quinta do Revoredo) e o Café Relógio afirmam-se, neste sentido, como locais centrais de revitalização.

As 18 entrevistas realizadas permitiram identificar 27 praticantes da arte do vime (44% mulheres e 56% homens), com idade média superior a 70 anos e concentração predominante nos sítios do Rochão e da Igreja. As perceções recolhidas revelam sentimentos ambivalentes: por um lado, orgulho e satisfação associados à preservação da tradição; por outro, consciência das dificuldades económicas e da desvalorização social do ofício.

A voz dos protagonistas confirma esta ambivalência. Blandina Rodrigues (57 anos) refere: “Antigamente toda a gente respeitava a obra de vime, agora dizem que não vale nada”, enquanto José Aníbal (62 anos) afirma: “Enquanto eu tiver forças, não largo o vime. É o que sei e é o que gosto”. Estas perspetivas corroboram a análise de Smith (2006), segundo a qual o património imaterial reside nas memórias e identidades que dão sentido às práticas.

Outros testemunhos reforçam simultaneamente identidade e perda: José Fernandes da Silva (73 anos) sublinha a dignidade do ofício — “Fiz a vida toda nisto, criei os meus filhos com o vime. É duro, mas é nosso” — ao passo que José Marques Vieira (87 anos) evidencia nostalgia — “Na Camacha já só se ouve falar do passado, já não é como era”. Estes relatos confirmam que a obra de vimes se encontra num ponto crítico, em risco de se tornar memória nostálgica sem intervenção urgente.

As dificuldades apontadas — concorrência industrial, escassez de matéria-prima e ausência de políticas públicas consistentes — convergem com diagnósticos observados noutros contextos artesanais. O testemunho de José Pereira de Freitas (77 anos) sintetiza esta realidade: “Isto já não dá para viver, os jovens não querem, e quem cá anda já vai cansado”, ecoando o diagnóstico de Deshaies (1992) sobre o declínio de ofícios tradicionais em regiões periféricas.

Apesar do potencial das iniciativas desenvolvidas, a análise crítica do estágio evidencia limitações quando estas não se integram em estratégias continuadas e institucionalmente articuladas. A natureza pontual das ações, condicionada pelo tempo, recursos e enquadramento institucional, dificulta impactos duradouros, reforçando a necessidade de políticas culturais locais em rede.

Neste contexto, a gestão cultural emerge como campo estratégico para a salvaguarda da obra de vimes enquanto património imaterial. A sua função mediadora permite articular memória, prática artesanal e intervenção institucional, demonstrando que a revitalização depende do reconhecimento do saber dos artesãos e da sua valorização social.

Castro & Brazão (2000) defendem o artesanato como motor de desenvolvimento sustentável quando integrado em estratégias económicas amplas; Lima (1998) sublinha a necessidade de renovação geracional; e a UNESCO (2003) enfatiza a salvaguarda através de práticas vivas comunitárias. A triangulação entre estágio, entrevistas e bibliografia evidencia que a revitalização exige a articulação de três dimensões:

1. Políticas públicas consistentes — que garantam incentivos à plantação do vime, apoios à produção artesanal e programas de transmissão de saberes;
2. Parcerias comunitárias — envolvendo escolas, associações culturais e grupos folclóricos, para reforçar a transmissão e o orgulho identitário;
3. Estratégias de valorização económica — integrando a obra de vimes no turismo cultural, em mercados de nicho e através da certificação de origem.

A obra de vimes da Camacha surge, assim, como caso paradigmático da tensão entre tradição e modernidade, risco e resiliência, declínio e inovação.

Conclusão

A investigação desenvolvida permitiu compreender que a obra de vimes da Camacha constitui simultaneamente um património cultural em risco e uma oportunidade de renovação cultural sustentada. A análise articulada entre a experiência de estágio, os dados empíricos recolhidos junto dos artesãos e o enquadramento teórico evidencia que a continuidade desta prática não depende apenas da preservação técnica do saber-fazer, mas da construção de condições sociais, culturais e institucionais que assegurem a sua transmissão, valorização e integração nos contextos contemporâneos.

Do ponto de vista da gestão cultural, torna-se evidente a necessidade de políticas locais consistentes que promovam a articulação entre artesãos, instituições culturais, e comunidade, bem como a criação de redes colaborativas, programas continuados de formação e estratégias de valorização económica compatíveis com a autenticidade do artesanato tradicional.

Persistem, contudo, fragilidades estruturais que condicionam a sustentabilidade da obra de vimes, nomeadamente o envelhecimento dos praticantes, a escassez de matéria-prima, a reduzida atratividade económica do ofício e a insuficiência de políticas públicas estruturadas. Estes fatores colocam esta tradição num ponto crítico, exigindo respostas integradas que conciliem transmissão de geração em geração, inovação criativa, inserção em dinâmicas de turismo cultural e reforço do reconhecimento institucional e comunitário do trabalho artesanal.

Em termos académicos e profissionais, o estudo contribui para a reflexão sobre o papel da gestão cultural na salvaguarda de patrimónios imateriais em risco e evidencia a importância de abordagens que articulem investigação, prática cultural e intervenção territorial. Paralelamente, abre caminho a futuras investigações centradas nos modelos de transmissão geracional e na integração do artesanato tradicional em políticas culturais e educativas de âmbito regional. Em síntese, a obra de vimes da Camacha afirma-se como um símbolo identitário da Madeira e um património portador de memória coletiva e valor cultural, cuja preservação deve ser entendida não como exercício nostálgico, mas como investimento na diversidade cultural e na sustentabilidade futura. Como sintetiza a artesã Lucinda Nóbrega Santos (70 anos): “Enquanto houver quem pegue num vime, a tradição não morre. Mas é preciso ensinar, senão acaba.”

Bibliografia

Livros e monografias

BARROSO, J.; SILVA, M. (2021). *Património cultural imaterial e comunidades rurais*. Lisboa: Edições Património Vivo.

CASTRO, A. M.; BRAZÃO, M. E. F. (2000). *Santa Cruz: voos de asa… na ilha*. Santa Cruz: Grafimadeira, S.A.

CÉSAR, C. F. (1985). *Ilha da Madeira: paraíso terrestre*. Funchal-Madeira: Editorial Eco do Funchal.

CORRÊA, M. J. (1925). *A Ilha de Madeira: impressões e notas arqueológicas rurais, artísticas e sociais*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 164–175.

CRESWELL, J. W.; POTH, C. N. (2018). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches* (4.ª ed.). Sage Publications.

DA SILVA, P. F. A.; MENESSES, C. A. (1946). *Elucidário Madeirense* (Vol. I, A–E, 2.ª ed.). Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura, Direção Regional dos Assuntos Culturais.

DESHAIES, B. (1992). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Papelaria Clássica Lda.

DOS SANTOS, V. J. (1907). *Indústrias madeirenses: bordados, artefactos de verga e embutidos*. Lisboa: Imprensa Nacional. Boletim do Trabalho Industrial, pp. 14–25.

FOLGADO, H. (2021). *Rachador*. Santa Cruz: Câmara Municipal de Santa Cruz.

LIMA, R. A. de (1998). *Artesanato tradicional português IV (Madeira)*. Edição de Autor.

MACEDO, R. S. (2004). *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador, BA: Editora UFBA.

SILVA, Maria Helena Santos. (1961). *O cesto: estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Revista Portuguesa de Filologia. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Vol. IX (1958–1959) – Vol. X (1959–1960).

SILVA, T. M. P. (2012–2013). *As quintas madeirenses como uma oferta turística diferenciada* (Dissertação de Mestrado). Funchal: Centro de Competências de Artes e Humanidades, Universidade da Madeira.

SMITH, L. (2006). *Uses of heritage*. London: Routledge.
VIEIRA, A. (1994). *A vila de São Vicente: evocação dos duzentos e cinquenta anos (1744–1994)*. São Vicente: Câmara Municipal de São Vicente / Imprensa de Coimbra, Lda.

UNESCO. (2003). *Convention for the safeguarding of the intangible cultural heritage*. Paris: UNESCO.

Artigos, jornais e periódicos

AGUIAR, L. F. (1996). "Os Carros do Monte". *Islenha*, n.º 18.

ARAÚJO, A. de (1955). *Os "bomboteiros"*. Funchal: *Diário de Notícias*. Diretor Alberto de Araújo.

CAMACHO, P. (1993). "Com o setor dos vimes em crise: afirmação madeirense só pela qualidade". Funchal: *Diário de Notícias*, Dossier Europa, 1 de janeiro, p. 17.

CÂMARA, J., "Vida marítima. Os 'bomboteiros'", Diário de Notícias (Funchal), 25 setembro 1931.

CARITA, R. (2024). "A Circulação do Mobiliário de Vime Madeirense". *Islenha*, n.º 75, pp. 54–55.

MOTA, F. (1987a). "Notícias da Camacha, Crise na Obra de Vimes Agudiza-se". Funchal: *Diário de Notícias*, 12 de julho, p. 5.

MOTA, F. (1987b). "A Camacha e o Problema dos Vimes, Constituição da Associação dos Fabricantes do Artesanato de Vimes da Madeira". Funchal: *Diário de Notícias*, 11 de outubro, p. 4.

PEREIRA, J. (1986). "Os Vimes na Ilha da Madeira". *Atlântico*, n.º 5, p. 53.

PREGO, J. M. (1910). "A Indústria de Vimes na Madeira". *Heraldo da Madeira*.

SARMENTO, A. A. (1941). *As pequenas indústrias da Madeira* (30.ª publicação). Funchal: *Diário de Notícias.*

TRANCOSO, P. (1929). *O Trabalho Português I Madeira Organização Económica, as indústrias, o comércio, os vinhos, os bordados, a cana sacarina, os vimes, os laticínios, o turismo, a riqueza, etc, etc.* Livrarias Aillaud e Bertrand. (p. 23).

Recursos online

"A arte de trabalhar o vime: empalhar garrafões". (2019). Secretaria Regional de Turismo e Cultura da Madeira. Disponível em: https://cultura.madeira.gov.pt/visitas-virtuais1/217-a-arte-de-trabalhar-o-vime-empalhar-garraf%C3%B5es.html. Acedido em: 20-02-2022.

"A 9 de janeiro de 2024, a artesã Catarina Jesus começa o ano com uma loja chamada @sou.madeiraisland". (2024, 9 janeiro). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/. Acedido em: 30-08-2025.

"Arte de Vime da Madeira corre risco de extinção: Catarina é uma das quatro artesãs certificadas". (2024, 7 setembro). SIC Notícias. Disponível em: https://sicnoticias.pt/pais/2024-09-07-video-arte-de-vime-da-madeira-corre-risco-de-extincao-catarina-e-uma-das-quatro-artesas-certificadas-2287e2e9. Acedido em: 29-08-2025.

"Artigo da exposição no Espaço do Artesão, Campanário: Exposição dedicada ao vime". (2022, 12 março). *Diário de Notícias*. Disponível em: https://www.dnoticias.pt/2022/3/12/301061-espaco-do-artesao-acolhe-exposicao-dedicada-ao-vime/. Acedido em: 17-04-2022.

"Artigo da exposição no Espaço do Artesão, Campanário: Vime: um ofício, uma história, uma arte". (2025, 8 julho). *Diário de Notícias*. Disponível em: https://www.dnoticias.pt/2025/7/8/455384-espaco-do-artesao-acolhe-exposicao-alusiva-ao-vime/. Acedido em: 03-09-2025.

"Barcos dos bomboteiros". (2025, 29 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=919334928102880&set=a.199627300073650. Acedido em: 29-08-2025.

"Caracterização do tratamento do material para o trabalho da obra de vimes". (2025, 30 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=464873402846159&set=pcb.464874549512711 . Acedido em: 30-08-2025.

"Cartaz do ART'Camacha 2025". (2025, 28 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1297088925755308&set=pcb.1297089619088572. Acedido em: 28-08-2025.

"Cartaz de um *workshop* de Natal: marcador de prato em vime". (2025, 29 setembro). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=898515999128795&set=a.496216256025440. Acedido em: 29-09-2025.

"Cesto champanhe pequeno". (2025, 4 setembro). Cestaria Branco. Disponível em: https://loja.cestariabranco.com/. Acedido em: 04-09-2025.

Correia, I. dos S. P. M. (2015). *Os Espaços Criativos, o seu Papel e Impacto nas Cidades: O caso GNRation*. Dissertação de Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas. Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/20681. Acedido em: 06-07-2021.

Diário de Notícias. (2017, 7 novembro). Instituto que tutela artesanato da Madeira pretende revitalizar produção do vime. Disponível em: https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/instituto-que-tutela-artesanato-da-madeira-pretende-revitalizar-producao-do-vime-8900309.html. Acedido em: 29-08-2025.

"E é isto… os sonhos podem tornar-se realidade". (2025, 30 setembro). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/. Acedido em: 30-09-2025.

"Em 26 de fevereiro de 2024, a artesã Carolina Jesus separou 215 pés de vime para plantar". (2024, 26 fevereiro). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=717691427211254&set=a.496216256025440. Acedido em: 30-08-2025.

"Em julho de 2023 foi feita uma visita à tenda do artesão Sr. Gois". (2023, julho). Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/gfcpcamacha/posts/pfbid02nRZ5ZpaF8LCX6prBtwnARt1kHdKR6qLJXLukrgSrvsnsKeDFi58ibG3DSdCqSjc4l. Acedido em: 01-09-2025.

"Estava na semana da moda de Madrid, 16-09-2021, a ver as minhas peças a desfilar". (2021, 16 setembro). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=839342406767246&set=a.685711468797008. Acedido em: 30-08-2025.

"Flyer de um *workshop* em vime, Blandy's Wine Festival Madeira". (2019). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=390891798278978&set=a.496216256025440. Acedido em: 29-08-2025.

"Foi no dia 09/05/2018 que tive o primeiro dia da formação em obra de vime". (2018, 9 maio). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/. Acedido em: 30-08-2025.

"Pedro Diniz promete recuperar Café Relógio criando Museu do Vime e do Folclore na Camacha". (2025, 12 setembro). *Funchal Notícias*. Disponível em: https://funchalnoticias.net/2025/09/12/pedro-diniz-promete-recuperar-cafe-relogio-criando-museu-do-vime-e-do-folclore-na-camacha/. Acedido em: 21-01-2026.

"Imagem da bijuteria e acessórios de moda da marca Wicker_it". (2025, 29 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=612533534393711&set=a.496216256025440. Acedido em: 29-08-2025.

"Imagem da loja Portfolio (parceria O Café Relógio e Made in Madeira, aeroporto Cristiano Ronaldo)". (2020, janeiro). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1219261698244539&set=pb.100062748136839.-2207520000. Acedido em: 29-08-2025.

"Imagem da mulher a descascar o vime verde". (2025, 30 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=464873402846159&set=pcb.464874549512711. Acedido em: 30-08-2025.

"Imagem de um artigo referente ao evento Sabores e Flores da Madeira". (2022, novembro). Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/photo/?fbid=564662002330653&set=a.549661377164049. Acedido em: 29-08-2025.

"Imagem de um carro alegórico, todo forrado a liaça". (2025, 28 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134359158725057&set=pcb.1134361635391476. Acedido em: 28-08-2025.

"Imagem de um jogo de mobília: mesa e cadeiras em vime cozido". (2025, 28 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=464872896179543&set=pcb.464874549512711. Acedido em: 28-08-2025.

"Imagem do Café Relógio, onde se comercializava vime". (2025, 28 agosto). *Diário de Notícias*. Disponível em: https://www.dnoticias.pt/2025/7/9/455522-camacha-de-ontem-madeira-de-sempre-celebra-150-anos-do-futebol-em-portugal/. Acedido em: 28-08-2025.

"Instituto do Vinho, Bordado e Artesanato da Madeira (IVBAM). Peças em vimes de Agostinho Freitas doadas ao instituto". (2024, 2 maio). Disponível em: https://artesanatodamadeira.pt/noticiaseventos/pecas-em-vimes-de-agostinho-freitas-doadas-ao-instituto-do-vinho-bordado-e-artesanato-da-madeira/. Acedido em: 02-05-2024.

"Instituto Nacional de Estatística. Censos 2021 – Recenseamento geral da população e da habitação". (2021). INE. Disponível em: https://www.ine.pt. Acedido em: 07-07-2022.

"IVBAM inicia hoje oficina de obra de vime da Madeira". (2021, 1 fevereiro). *Diário de Notícias*. Disponível em: https://www.dnoticias.pt/2021/2/1/249072-ivbam-inicia-iii-oficina-de-obra-de-vime-da-madeira/#. Acedido em: 07-07-2021.

"Madeira. tão tua, Quinta do Revoredo". (s.d.). Visit Madeira. Disponível em: http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/explorar/detalhe/quinta-do-revoredo. Acedido em: 08-07-2021.

"No ano de 2025, a instituição que representou o vime foi o Grupo de Veteranos da Associação Desportiva da Camacha". (2025, 28 setembro). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134359122058394&set=pcb.1134361635391476. Acedido em: 28-09-2025.

"Notícia online: Artistas participam em evocação dos vimes na Camacha". (2016, 22 setembro). *Funchal Notícias*. Disponível em: https://funchalnoticias.net/2016/09/22/artistas-participam-em-breve-em-evocacao-dos-vimes-na-camacha/. Acedido em: 05-09-2025.

"Notícia: Café Relógio abandonado e degradado espera por um verdadeiro mecenas". (2022, 29 outubro). *Funchal Notícias*. Disponível em: https://funchalnoticias.net/2022/10/29/cafe-relogio-abandonado-e-degradado-espera-por-um-verdadeiro-mecenas/. Acedido em: 06-09-2025.

"O projeto Tenda saiu da escola e foi conhecer as tendas do Sr. Fernandes e do Sr. Aníbal". (2025, 1 setembro). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1081205657338701&set=pcb.1081205844005349. Acedido em: 01-09-2025.

"Os brincos mais vendidos até hoje, de Catarina Jesus, usados por Cláudia Vieira". (2025, 30 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/. Acedido em: 30-08-2025.

"Programação do evento Camacha de Ontem — Madeira de Sempre". (2024, 28 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1278021130996714&set=a.154181210047384. Acedido em: 28-08-2024.

"Reflexão da artesã Catarina Jesus em relação aos mass media". (2025, 29 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/. Acedido em: 29-08-2025.

"Transportadores de material e da obra de vimes: caracterização dos bomboteiros". (2025, 28 agosto). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1134359218725051&set=pcb.1134361635391476. Acedido em: 28-08-2025.

"Vídeo do dia 12 de outubro de 2023: noite de trabalho ao vivo no Mercado dos Lavradores". (2023, 12 outubro). Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/wickerinnovatingtradition/. Acedido em: 30-08-2025.

"Vídeo que demonstra como se faz a liaça numa máquina do Café Relógio". (2025, 28 agosto). Facebook. Disponível em:

https://www.facebook.com/reel/741005026070211?locale=pt_PT. Acedido em: 28-08-2025.

“Visit Madeira. Vimes”. (s.d.). Disponível em: http://www.visitmadeira.pt/pt-pt/a-madeira/produtos-regionais/vimes. Acedido em: 08-07-2021.

Anexos

- **Anexo 1 - Entrevistas**
  - Anexo 1.1 – Entrevista com Frederico Nuno Gomes Lucas Santos, 65 anos
  - Anexo 1.2 – Entrevista com José de Jesus Fernandes, conhecido por "Sarola", 85 anos
  - Anexo 1.3 – Entrevista com Jordão Batista, 68 anos
  - Anexo 1.4 – Entrevista com José Pedro Batista Gouveia, conhecido por "Escaravelha", 77 anos
  - Anexo 1.5 – Entrevista com Jordão Gouveia, 81 anos
  - Anexo 1.6 – Entrevista com José Fernandes da Silva, 73 anos
  - Anexo 1.7 – Entrevista com Fátima Nóbrega Santos, 68 anos
  - Anexo 1.8 – Entrevista com José Marques Vieira, conhecido por "Vieira", 87 anos
  - Anexo 1.9 – Entrevista com José Pereira de Freitas, conhecido por "Pereira", 77 anos
  - Anexo 1.10 – Entrevista com José João Teixeira Barreto, 66 anos
  - Anexo 1.11– Entrevista com José Pedro Teixeira Ferreira, 85 anos
  - Anexo 1.12 – Entrevista com, Lucinda Nóbrega Santos Ferreira, 70 anos
  - Anexo 1.13 – Entrevista com José Aníbal Rodrigues Freitas, conhecido por "Policarpo", 62 anos
  - Anexo 1.14 – Entrevista com Arlindo Gouveia Barreto, 70 anos
  - Anexo 1.15 – Entrevista com António João Rodrigues Freitas, conhecido por "Policarpo", 58 anos
  - Anexo 1.16– Entrevista com Graciela Barreto de Freitas, 52 anos
  - Anexo 1.17– Entrevista com Blandina Rodrigues Barreto Gonçalves, 57 anos
  - Anexo 1.18 – Entrevista com Agostinha Batista Lopes, 70 anos

- **Anexo 2 - Declaração de Consentimento e Compromisso de Honra**

Anexo 1 – Transcrições das entrevistas

Anexo 1.1 – Entrevista com Frederico Nuno Gomes Lucas Santos, 65 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 8 minutos e 17 segundos

Local: Sítio da Igreja, 17 de junho de 2025

Outros elementos presentes: artesão José de Jesus Fernandes e a Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

- Trabalha com vimes há cerca de 53 anos, desde que saiu da escola, aprendendo em casa com os pais. Já trabalhou no Café Relógio (Figura 80).
- Atualmente trabalha por conta de patrões (como José Fernandes e outro artesão conhecido por Pereira, da Achadinha).
- Dedica-se principalmente à produção de cestos, nunca fez móveis ou peças decorativas.
- O trabalho é em tempo integral: 8 horas por dia, de segunda a sábado (meio-dia).
- A produção: um cesto médio demora cerca de duas horas a ser feito. Os cestos pequenos são os mais procurados.
- A matéria-prima é fornecida pelo patrão, e o acabamento é geralmente feito com verniz ou cola.
- Dificuldades principais: escassez de material e falta de encomendas, além do aumento significativo dos custos.
- Não cria modelos próprios: segue os moldes dados pelo patrão, adaptando-os quando necessário.
- Nunca deu formação nem participou em projetos especiais.
- Avalia o futuro da atividade com nota 2/10, considera a arte pouco valorizada (2/10), mas sente-se plenamente realizado (10/10) no seu ofício.



Figura 80 - Artesão Frederico Nuno Gomes Lucas Santos, quando ainda trabalhava no Café Relógio, ano de 2020, demonstrando cestas de vime, inovadoras, ideais para ir às compras enquanto se defende o nosso artesanato e o nosso meio ambiente com materiais sustentáveis e não poluentes, uma boa hipótese para o substituto dos sacos de plástico. (Disponível em https://www.facebook.com/photo/?fbid=1196951597142216&set=pb.100062748136839.-2207520000&locale=pt_PT consultado a 29-08-2025)

Transcrição da entrevista com Frederico Nuno Gomes Lucas Santos:

Entrevistadora (E): Pode-me dizer a sua idade, por favor? E o nome? E morada?

Lucas Santos (LS): 65 anos. O nome é Frederico Nuno Gomes Lucas Santos e vivo no Sítio da Igreja, Caminho Municipal da Portela.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

LS: Há uns 52 anos, talvez, mais ou menos isso, foi quando saí da escola.

E: Começou a trabalhar com 12 anos ali, como o Sr. José, mais ou menos? Estou a ver que trabalha... Já está a trabalhar por conta do Sr. José, não é?

José Fernandes (JF)[44]: Por acaso hoje, até não é.

LS: Não, às vezes.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JF: Como eu deixei de ter vimes, ele está a trabalhar para outra pessoa.

E: E é um artesão também? O outro senhor que lhe dá trabalho também trabalha? Em cadeiras?

JF: Sim, ele trabalha em cadeiras.

E: Em cadeiras, ele trabalha em cadeiras? Então vamos ver quem é ele, quero chegar até ele. Depois no fim vou perguntar se conhece alguém, se for possível. Trabalha com esse senhor? E como é que acha que ele comercializa os produtos que o senhor elabora, faz?

LS: Encomendas que ele tem…

E: 4- Quanto tempo dedica no dia a esta arte?

LS: O dia inteiro, oito horas.

E: E tem dias de folga?

LS: Sábado só até ao meio-dia.

E: Ao domingo também vem cá?

LS: Não.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

LS: Foi em casa, meus pais trabalhavam nisto.

[44] Não obstante o entrevistado ser Lucas Santos, José Fernandes, o seu empregador, foi interrompendo algumas vezes.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

Quais são os tipos de objetos mais procurados, dos que costuma trabalhar?

LS: São os cestos mais pequenos, mais depressa eles vendem os mais pequenos.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

LS: Só cestos.

E: Só os cestos. Nunca fez acessórios decorativos, tipo um animal?

LS: Não.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer a peça x? Por exemplo, aqueles cestos médios? Do género daquele cesto médio a que o senhor José fez o fundo?

LS: Duas horas, talvez.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

LS: Isso é o patrão é que consegue.

E: Pois, como trabalha para alguém, o patrão é que tem de ir à procura.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

LS: Verniz ou cola.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

LS: Falta de material.

E: E também a falta de encomendas, de certa forma?

LS: Sim, sim.

E: Há poucas.

E: 11- De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente? Acha que está mais caro do que antigamente o material?

LS: É muito mais caro, isso é tudo assim. Invisto umas 5 vezes mais.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

LS: Não.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

LS: Não, não faço isso. O patrão é que faz as primeiras peças e eu faço o que o patrão diz para fazer.

E: Portanto, baseia-se no que o patrão diz para fazer. Pois…

LS: Pediram um cesto maior. Se tiver de fazer um cesto maior, pego na forma que tenho e aumento com vimes ou madeira para não ter de fazer uma forma nova, porque sai muito cara uma forma nova.

E: Pois…

JF: Aumenta aquela para não ter de fazer outra maior.

E: Então, a partir de uma forma que tem anteriormente, para conseguir uma maior, aumenta com vime grosso à volta.

JF: Novamente se precisar do cesto anterior, só retira o vime grosso. Para fazer uma forma nova de madeira, sai muito caro.

E: Só tirar aquela parte. Só tirar os vimes que estão a aumentar para a outra parte.

Isso é uma forma também de... fazer um cesto maior, sem muito investimento.

JF: Uma forma para fazer um cesto dá prejuízo. Vai gastar na forma, na madeira e tudo mais. Se vai dizer ao cliente, "é tanto…", ele vai dizer: "estás louco'". Percebeu? Fazer uma forma nova não dá, não dá.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

LS: Não.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial, desafiadora?

LS: Não.

E: 16- Costuma dar formação ou fazer demonstrações desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

LS: Agora não.

E: Mas já deu?

LS: Não, nunca dei.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

LS: 2, nada mais.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

LS: Acho que não. É 2. Acho que é uma luta hoje.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

LS: Isso pode ser 10, eu acho que sim.

E: 10: sente-se feliz a fazer as suas obras.

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

LS: O meu outro patrão trabalha em cadeiras.

E: Trabalha em cadeiras? Mas, qual é o nome do senhor?

LS: Diga?

E: Qual é o nome do senhor?

LS: É mais conhecido pelo Pereira.

E: O Pereira? Ele vive aqui perto?

LS: Ele vive na Achadinha.

E: Era bom que eu conseguisse chegar a ele. O meu trabalho é tentar descobrir quantas pessoas ainda estão a fazer obra de vimes na Camacha.

Anexo 1.2 – Entrevista com José de Jesus Fernandes, conhecido por "Sarola", 85 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 28 minutos e 53 segundos

Local: Sítio da Igreja, 17 de julho de 2025

Outros elementos presentes: artesão Frederico Nuno Gomes Lucas Santos e Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

- Experiência: trabalha com vimes há 73 anos (Figura 81), desde os 12, aprendendo em casa com os pais e familiares.
- Trajetória: começou com o tio Álvaro e, aos 19 anos, arriscou trabalhar por conta própria. Chegou a ter até 250 trabalhadores (maioria mulheres de Santa Cruz e Gaula) e comprava mais de 100 toneladas de vime por ano.
- Produção e venda: antes vendia sobretudo para exportadores, que exigiam qualidade rigorosa; hoje vende poucas peças localmente ou sob encomenda.
- Tipos de peças: especializado em cestaria (não fez móveis), criando cestos para compras, pão, fruta, centros de mesa, jogos de cão e o tradicional cesto champanhe. Muitas peças nasceram da sua criatividade e observação.
- Ritmo de trabalho: atualmente trabalha por gosto, com companhia de outros artesãos. Um cesto médio leva pouco mais de uma hora a ser feito; fundos simples, apenas 15 minutos.
- Matéria-prima: grande problema atual é a escassez de vimes. Antigamente havia abundância, hoje é necessário importar (ex.: do Chile e Espanha), mas com qualidade inferior. Defende a criação de plantações locais apoiadas pelo governo.
- Acabamentos: prefere não usar nada (verniz ou tinta), confiando na humidade para preservar as peças.

- Formação e projetos: tentou organizar cursos, mas nunca chegou a dar formação direta. Já teve encomendas desafiadoras, mas também prejuízos significativos com clientes que não pagaram.
- Avaliações pessoais:
    - Futuro da atividade: 3/10 (não acredita no interesse das novas gerações).
    - Valorização: 3/10 (considera que o artesanato nunca foi reconhecido).
    - Realização pessoal: 7/10 (orgulha-se de ter dado trabalho e rendimento a muitas pessoas).
- Situação atual dos artesãos: estima que na Madeira ainda haja cerca de 30 a 40 pessoas a trabalhar com vimes, mas na Camacha talvez apenas meia dúzia de patrões ativos, com poucos trabalhadores.



Figura 81 - Entrevista com José de Jesus Fernandes, 85 anos (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025)

Transcrição da entrevista a José de Jesus Fernandes:

Entrevistadora (E): Pode começar por dizer a sua idade o seu nome, e endereço, se faz favor?

José de Jesus Fernandes (JFF): Nasci a 25 de março de 1940. Tenho 85 anos e vivo no Sítio da Igreja, Caminho Municipal da Portela, nº17.

E: Sim, senhor. O nome?

JJF: José de Jesus Fernandes.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

JJF: Desde os 12 anos.

E: Desde os 12 anos.

JJF: Há 73 anos.

E: 73, meu Deus!

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JJF: Em princípio, quando comecei, comecei a trabalhar com meu tio Alvarinho chamava-se Álvaro. Foi quando saí do colégio missionário, aos 12 anos. Depois, aos 19 anos, já tenho a minha rapariga, resolvi trabalhar por minha conta. Foi um ato de loucura. Aos 19 anos, uma pessoa se meter em negócios. Mas felizmente deu certo. Mas tinha tudo para não dar certo, é muito complicado.

E: Mas já tinha uma certa experiência, já tinha estado a trabalhar antes.

JJF: Mas pronto, foi arriscado, mas deu certo. Está tudo bem.

E: Isso mesmo.

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

JJF: Agora, neste momento, já não faz sentido. Neste momento agora, como praticamente a exportação acabou, eu faço qualquer coisa para pôr aqui em cima a vender, ou então pessoas que às vezes me encomendam isto ou encomendam aquilo. Porque antigamente não era assim, antigamente era diferente. Antigamente tínhamos exportadores, tínhamos vários exportadores aqui na Madeira, que vinham, visitavam as nossas casas e encomendavam. No princípio éramos nós que íamos à procura deles. Quando a *Unibasket,* que era uma sociedade que abriu em baixo mesmo, portanto a gente ia lá pedir. Tem alguma coisa que me dê, e tal. Às vezes trazíamos, às vezes não trazíamos também. Mas de um modo geral trazíamos.

E: Mas o que é que iam pedir? Material para trabalhar?

JJF: Não, não. Era encomendas. Porque eles é que eram os exportadores. Fizeram uma sociedade de exportadores. Em princípio não era, cada um era individual, fizeram uma sociedade de exportadores.

E: Isso já foi há quantos anos? Logo no início?

JJF: Eu era um pequeno, era um rapazinho, 19, 20 anos. Já foi há mais de 60 anos. E de maneira que a gente ia lá pedir: têm alguma coisa para mim? No fundo, já sabiam quem é que fazia isto, quem é que fazia aquilo. Já sabiam tudo. Enfim, o trabalho tinha que ser, nessa altura, era muito exigente, ao princípio, o trabalho tinha que ser tudo lavado, metido à cor, que era uma mancha de enxofre que a gente dava, e ainda por cima, depois do enxofre, deitávamos aquilo tudo na rua e limpávamos todos os troçinhos. E às vezes, tinha trabalho rejeitado. A União Exportadora de cestos tinha dois verificadores, e se a coisa não estivesse bem, estivesse mal, ou as medidas não estivessem bem, eram rejeitados. Ah, a princípio era muito exigente.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

JJF: Agora, neste momento? Sim. Ah, neste momento, por exemplo, olha, eu gosto muito de vir aqui, agora estou indo com o Frederico, vamos aqui e vou-me entretendo com ele, vamos conversando, ele vai trabalhando, eu vou trabalhando, mais é por causa disso. Estou melhor aqui, com este calor assim. Isto aqui é fresquinho, é bom. Hoje de manhã fiz aqueles três cestos, agora já fiz este fundo. Ontem fiz, não sei o que foi, já não me lembro, estes fundos aqui estão já tapados, fui eu que tapei, para depois o Frederico,

quando houver uma vaga, fazê-los. Também estou com dificuldades também de vimes, mas arranjei aqueles dois molhos de vimes que está a ver acolá, tinha uma pessoa amiga que os desenrascou. Embora seja um bocadinho grosso para aquilo que eu preciso, mas mais vale torto do que cego.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

JJF: Bom, o meu pai também sempre foi um grande mestre também. Mas eu comecei nos fundos, a minha mãe também tapava fundos em casa. Então aprendi com eles lá em casa, pois tinha um primo meu que também tinha uma oficina, e então no verão ia para lá, nas férias, ia para lá tapar fundos para mim. Como já lhe disse, ganhava três tostões cada um, 30 centavos.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

JJF: Cesto para compras, para pão e fruta. Tem coisas que também que é para embelezar a casa, o centro de mesa ou a coisa assim. Depende da imaginação da pessoa.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.) Cestos, móveis? Em que é que trabalhou mais?

JJF: Não, não. Mobílias nunca trabalhei. Nunca trabalhei em mobílias. A minha parte é a cestaria. A minha parte é em cestos. Isto aqui na Camacha era assim: havia zonas, a gente já sabia, por exemplo, no Rochão, havia o champanhe (Figura 82) que era um cesto retangular, era mais ou menos com esta altura, que era para pôr garrafas dentro. Portanto, levava uma tampa, levava uma asa, a tampa também levava um *lenhoso*, que havia dois focinhos, assim, na coisa, e depois era metido um vime para trancar. As cadeiras eram com o "Barata", o "Coelho", e um outro que já não me recordo, o pai do António do "Friesa". Tantos. Eles já sabiam todos. Onde é que... Por exemplo se faziam cestos para cães. Olha, havia um rapaz, um senhor aqui lá em cima. António Quintal. Mais conhecido pelo "Farelo". Que tinha uma oficina no Pinheirinho. E eu todos os dias ia da Camacha para lá para fazer cestos para cães. Era um cesto redondo de vários tamanhos e que à

frente tinha a abertura assim, mais ou menos deste tamanho, assim depende do cesto para o cão entrar. Cesto para cão. Jogos de cão era isso que chamavam.



Figura 82 - Cesto champanhe pequeno (Disponível em: https://loja.cestariabranco.com/produto/cesto-champanhe-peq-3/, consultado em 4-09- 2025)

E: Jogos de cão. Mas era para transportar ou para eles ficarem?

JJF: Era para eles ficarem dentro.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer a peça x? Por exemplo, quanto tempo demora a fazer a peça que me mostrou ainda agora?

JJF: Aquele fundo?

E: Sim, com aquele fundo.

JJF: Ah, só o fundo... 15 minutos, ao máximo.

E: Sim, o fundo de 15 minutos. Mas se for para completar a peça...

JJF: Para fazer o cesto... Uma hora e pouco. Uma hora e tal. Sim, uma hora e tal.

E: Com asa e tudo? Esta leva asa, não leva?

JJF: Leva uma asa, mas é uma asa complicada. Também é assim, bordada com vimes.

E: E aquele sem asa se fosse tipo aquele cesto para pão?

JJF: Eu faço aquilo, sabe porquê? Os estrangeiros, antigamente, a gente fazia aquilo tudo era com asa. Os estrangeiros reclamavam muito. Então começámos a fazer tudo sem asa. Só fazíamos com asa, para os camacheiros, isto é para os madeirenses.

E: Sim, sim.

JJF: Portanto, já sei que eles, para levar aquilo numa mala com asa, não dá. Então, vai sem asa, pronto, começaram a levar. Por acaso agora neste momento é até péssimo para vender. Não têm passado não sei porquê.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

JJF: Antigamente eram aos montes. Eu cheguei a comprar, cheguei a ultrapassar as 100 toneladas. Num ano, num ano, mais de 100 toneladas que comprei. Cheguei a ter duzentos e cinquenta trabalhadores. Duzentos e vinte ou duzentos e trinta eram mulheres. E o resto eram os homens que trabalhavam aqui. Havia, excecionalmente, um ou outro homem fora, mas muito pouco.

Antes eram mulheres de Gaula, Santa Cruz. Santa Cruz era onde eu tinha mais trabalhadores. É incrível. Ao princípio, quando aí comecei a aparecer, eu levava um carrinho, havia pessoas que vinham da Morena, lá debaixo, de Santa Cruz, cá acima ao Mosqueiro, com os cestos às costas, e o material para baixo. E de outros lados também.

E: Só entregava o material na Morena?

JJF: Levava o material, e elas iam fazendo. Depois então, a coisa começou a melhorar, comprei mais um carro, e então já ia à casa delas, no fim. Mas ao princípio foi doloroso para elas também. Terem de carregar aquilo tudo de inverno e de verão.

E: Para cima e para baixo.

JJF: Tinha até 78 pessoas a trabalhar em Santa Cruz. Desde a Morena até cá acima, o Estreito e todas aquelas zonas.

E: Pois. Elas trabalhavam nas casas delas?

JJF: Sim.

E: Elas também vinham trabalhar aqui na sua casa?

JJF: Sim, tinham a preparação. Por exemplo, rachar o vime para tirar a liaça das máquinas, meter as asas, que não confiava nelas para meterem asas. Algumas, algumas elas metiam. Mas a maior força era tudo metido aqui na Camacha, para ficar tudo certinho, para não haver problemas.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

JJF: Quais eram?

E: Os acabamentos para as suas peças durarem mais. Há pouco falou-me no enxofre, mas agora já não usam isso.

JJF: Não, já ninguém usa o enxofre para meter cestos. Há muitas pessoas que dão verniz, outras dão tinta. Eu não dou nada. Uma cesta fica simples, assim como está acolá. Eu não dou nada.

E: Pois, mas imagino que os cestos daqui a 20 anos precisavam de tratamento.

JJF: Não, não, não. Daqui a 20 anos já não há nada aquilo. Agora, se levar 30...

E: Há pessoas que têm mais de 20 anos, cestos, tem uns cestos que o Sr. José tem ali em cima, iguais a uns que eram da minha avó, já tem uns 30 anos. Mas não têm caruncho, nem tem nada, estão sempre impecáveis.

JJF: Às vezes encontro. Isto é tanta tralha, tinha vários quartos. Já às vezes encontro cestos pequeninos no meio disto daquilo, que já estão ali há mais de 20 anos e nem têm um único buraco de caruncho. A humidade é a melhor forma de matar o caruncho. Quanto mais calor pior. Se guardarmos vimes à beira-mar, depois de um ano os vimes já estão cheios de caruncho.

E: Eu notei isso porque há três anos, eu estive a fazer também a poda do vime, há três e há dois anos, e levei-os para casa. Pus uns na água para ele começar a brotar para tirar a casca e outros deixamos lá. Passado um ano já estava cheio de caruncho. Na beira-mar é muito quente.

JJF: É muito quente, o calor é inimigo dos vimes.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

JJF: Neste momento?

E: Sim.

JJF: Neste momento, para já, como sabe, os exportadores praticamente acabaram. Nós estamos aqui, olha quem faz este *plantal*[45], as encomendas não são muitas. E além de não serem muitas, há o grande problema do vime. Estive agora, ainda a semana passada, a falar com um rapaz amigo, que é o José Pedro Escravelha, e que disse que me mandou buscar um contentor de vime do Chile.

E: É? O que é que mandou vir de lá?

JJF: Era de Espanha, também. Agora me mandou vir um contentor de vime do Chile. De maneira que... Eu não sei. Se houvesse alguém que tivesse... Mas tinha de ser apoiado pelo governo. Precisa-se de uma plantação de vimes, mas não era meia dúzia de vimes, era uma plantação a jeito, que desse para fornecer a todos aqueles que trabalham na obra de vimes. Era escuso de mandar vir do estrangeiro, tínhamos cá. Tinha de ser um lugar acessível, que tenha água, em princípio, por causa da plantação, porque tem de ter água se não seca tudo. Eu plantei acolá 12 pedaços no meu jardim, levou água todos os dias e não deu, está seco. Nem com água e na Camacha.

E: 11- De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

JJF: Neste momento é 1. Antigamente era 10, agora é 1. Para já não há. É muito difícil de apanhar vimes. Desde encontrar alguém que queira fornecer o vime. Há algum ainda na Camacha que coze. Por exemplo, tenho aqui uns rapazes amigos aqui do "Policarpo". Eles ainda têm alguém que fornece aqui na Camacha, não sei se é Boaventura, se é Ponta Delgada, é para dentro. Que ainda forneceu, olha este ano, houve um que forneceu 6 ou 7 toneladas de vime verde. Mas para o ano, dizem que não sabem já. Enfim. Há um que estava no Curral das Freiras, que estava podando e morreu, já nem sequer acabou de podar os vimes. Quer dizer, o Curral das Freiras ainda há alguém que está a comprar uma coisinha. Mas é muito pouco, já não... O volume que a gente tem aqui não dá para nada. Essas pessoas, não sequer digo todas, mas aquelas que ainda têm força para trabalhar e quisessem fazer alguma coisa. Não havia vimes para todos.

E: Sabe que ali atrás, em Gaula, na Achada de Gaula, existe uma senhora, que é a senhora Helena, durante três anos consecutivos, fui lá podar os vimes.

[45] *Plantal* – referente à plantação de vimeiro.

JJF: Ela tinha vimes….

E: Ela tem, continua a ter.

JJF: O que é que ela faz?

E: Todos os anos poda os vimes. Paga alguém para podar os vimes, põe-nos lá num canto e depois vai queimando. Ela podia vendê-los.

JJF: Que pena.

E: Ela devia ter algum contrato.

JJF: Mas agora que quantidade, mais ou menos?

E: Sei lá, uns... Uns 400 quilos de vimes. Aquilo deve ter uns 400 quilos. Bastantes vimes acartámos de lá, grossos e finos e todos os tamanhos. Tanto que, a última vez que podamos lá, os vimes mais grossos e não precisava, chamei o Sr. José Pedro, que tem a oficina que está de portas abertas.

JJF: É o "Escaravelha"?

E: Sim, é o "Escaravelha", para ir lá buscar.

JJF: E ele foi?

E: Ele foi. Os mais grossos, porque ele faz muito mobiliário, e eu pensei que ele ia querer. Porquê? Porque anteriormente eu fui lá buscar material também para dar os meus *workshops*. E ele não me levou dinheiro. Então, eu chamei-o e disse: olhe, tem estes vimes aqui, venha carregar. Ele deve ter trazido uns 300 kg, 250 ou 300 kg de vimes.

JJF: Foi agora este ano?

E: Há dois anos.

JJF: Há dois anos.

E: Portanto, ele já não tem esse vime, de certeza.

JJF: Ah, não tem, não tem, não tem. Ele disse a mim que tinha mandado buscar um contentor ao Chile.

E: Mas é uma questão para depois também. O problema, sabe qual é? Ele não tem mão de obra para ir podá-los. Ele precisa dos vimes, mas também não tem ninguém para ir

podá-los. Ele prefere mandar vir já tudo preparado e depois é só amolecer e fazer o seu trabalho. Mas acha que aquilo tem qualidade, aqueles vimes? Não tem tanta qualidade!

JJF: Já trabalhei com vimes do Chile. Eles partem-se mais um pouco. Sim, partem-se mais um pouco. Os de Espanha também partem. Mas eu, por acaso, aqueles que o Centro de Vimes da Camacha, que mandou buscar um contentor de vimes do Chile eu não achei eles assim tão maus. Mas o Frederico trabalhou com eles no Café Relógio e também dizia que eles partiam muito.

E: 12 - Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

JJF: Não, não. Neste momento é só o vime. Também não usei outra coisa se não fosse o vime. Sempre foi o vime.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

JJF: Olha, às vezes vejo uma coisa e penso, talvez não fosse mal. Olho, medito e penso e a coisa nasce ... tenho muita coisa, mas mesmo muita coisa que fui eu que criei. Via qualquer coisa e criava.

E: Ali em cima vejo umas peças, têm duas mãozinhas, parecem fundos para colocar pratos.

JJF: É aquele que o rapaz está fazendo, não é aquele?

E: Ah é. Muito giro. Nunca tinha visto. Nunca tinha visto. Aquilo foi alguma ideia...

JJF: É um tabuleiro ripado.

E: É muito giro.

JJF: É uma peça feita de ripas.

E: Aquilo serve como base para prato, mesmo?

JJF: Eu tenho um na cozinha. Mas também vai da imaginação. Pode ser para o centro de mesa. Qualquer coisa assim. A pessoa tem de ver onde fica bem. Fica bem aqui. O meu, por acaso, está na cozinha.

E: Acho que para a cozinha fica muito bem.

JJF: E quando for preciso, em vez de pôr a panela ou o tacho em cima de qualquer coisa, põe-se em cima daquilo. Aí está.

E: Podia perguntar-lhe em que se inspira para criar peças novas? É nas peças antigas, não?

JJF: Não, é coisas que eu vou vendo, que vejo. Vejo na televisão, nos jornais, coisas assim. Agora, ultimamente, para falar de verdade, ultimamente já não me interessa isso. Já não tenho paciência nem pachorra para isso. E temos aí tantas formas, tanto modelo, não vale a pena sequer.

E: Pois, na sua estimativa, quantas formas já tem?

JJF: Tenho milhares, milhares. Aqui em cima tem um quarto que tem uns pedaços de *platex* e está cheio de formas, tudo de formas grandes. Milhares de formas que tenho.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

JJF: Não, não. Sempre trabalhei com vime, quando comecei a trabalhar, tinha um primo que trabalhava com palha, pintava-a de encarnado, de verde, amarelo, azul e fazia cestos

E: Mas era palha de quê?

JJF: Faziam cestos. Cestos de palha.

E: Sim, mas faziam cestos, mas era com palha de quê?

JJF: Olha, agora, se for dizer agora, não tenho coisa para isso. Disseram que era a palha que eles usavam nessa altura, não sei o que era. Só que era uma palha. Uma palha, mais ou menos com esta largura assim. Mais ou menos isto assim. Com esta largura, e era pintado e eles brilhavam aqui.

E: Já ouviu falar também de palha de bananeira.

JJF: Sim, sim. E palha de…. que dá na estrada, lá em cima na levada dá. Que é uma palha também... Como é que se chama aquela palha, Frederico? Aquela palha com os...

Palmas de São José. Ah, palma de São José. Também dá uma palha. Há uma que não presta, mas há uma que é boa e ele faz inúmeros cestos com isso. Apanha-se e põe-se a secar.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

JJF: Já recebi desafiadoras e levou-me 60 mil. Andei atrás dessa senhora, do Porto, para ver se ela se erguia, mas ela não me deu um tostão que fosse, conheci também uma outra senhora de Espinho, devia-me mais de 5 mil, ainda fui ao continente, em Espinho, lá no restaurante dela à procura do dinheiro, mas também o restaurante já estava dando as últimas. É por isso que eu agora... Mas eu também gosto de estar aqui. Também gosto de estar me entretendo aqui. Passo bem o tempo aqui. Em casa, só pode estar brigando com a mulher.

E: 16- Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

JJF: Olha, houve um caso curioso. Aqui, não sei, há uns 10, 15 anos, eu andei a tratar de um curso. Aliás, foram dados ali em cima, não sei, se foram 3 ou 4 cursos. E eu andei a tratar disso tudo, no resto, segundo me falaram, a engenheira que estava lá no IVBAM, adoeceu, olha, sabe o que é? Eu não dei um que fosse. Fiz talvez, não sei, dezenas e dezenas de formas, para as pessoas que iam vir trabalhar para terem formas novas e não sei o quê. Com sorte ainda temos algumas delas, uma redonda pequenina. E no resto acabei por não dar nada. Pronto. Mas não estão mais ricos do que eu. Há um que talvez está, na altura ainda levou 20 e tal mil euros.

E: Mas quem é que pagava isso?

JJF: Era o Estado. O Estado.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JJF: Essa é uma pergunta muito difícil, eu não vejo esta gente nova olhar para um cesto, nem sequer olhar e apreciar. Portanto, eu não. Sinceramente, não. Quando acabarem aqui os velhos, os escravos, acabou.

E: Então, qual é o número que dá? de 0 a 10?

JJF: Ah, vou dar um 3.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

JJF: Não, nunca foi. Nunca foi nem nunca será. O artesanato não é valorizado por ninguém. O artesanato é para uma pessoa que não sabe fazer outra coisa. Coitado do povo, é aquilo que ele sabe fazer. Percebeu? Enquanto os outros ganham milhares, a gente ganha dois tostões.

E: E de 0 a 10, qual é a classificação que dá?

JJF: Eu não dou mais que um 3.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

JJF: Se eu me sinto como?

E: Concretizado. Acha que se sente valorizado?

JJF: Eu acho que sim. Eu acho que eu dei muito à Camacha. Dei muito à Camacha. E para ter, duzentos e cinquenta trabalhadores. Embora a maioria fosse fora da Camacha. De qualquer maneira, pá, na década de setenta e década de oitenta, princípio da década de noventa. Ah, uma rapariga disse à minha mulher, olha, eu cá estou contente, já ganhei dinheirinho para o enxoval. Ela era de Gaula. E conheci essa rapariga. Nunca mais a vi, mas, enfim, e ajudou muita gente.

E: Pois é isso, ajudou a dar trabalho.

JJF: Ajudou muita gente a trabalhar e a ganhar a sua vidinha.

E: E de 0 a 10?

JJF: Aqui vou dar 7.

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

JJF: Oh, isso é difícil. Não só na Camacha. Também há alguns artesãos no Estreito de Câmara de Lobos, parece-me que há… Não sei se para dentro, eventualmente, poderá haver um ou outro também a fazer cesto… O que a gente chama de giga.

E: As gigas podem ser para o vinho.

JJF: E para as uvas… aqui na Camacha. Neste momento, não sei se chegará à meia-dúzia, os patrões, aqueles que ainda dão trabalho. Agora, trabalhadores, parece-me que há aqui dentro no "Policarpo", porque ainda tem alguns em Gaula, pessoas que ainda trabalham para ele acolá em Gaula. Não devem ser muitas. Eu não sei, eu sinceramente não sei, é um número que eu não sei dizer, mas penso que será trinta, quarenta pessoas que ainda poderão estar a trabalhar nisto.

E: Aqui em Gaula?

JJF: Não, não.

E: Aqui em Gaula, não, aqui na Camacha.

JJF: Aqui na Camacha? Não, não, não. Digo na Madeira.

E: Sim.

JJF: Na Madeira.

E: Mas na Camacha, mais ou menos?

JJF: Na Camacha.

E: Os dois "Policarpos".

JJF: Os dois "Policarpos" que trabalham. Há mais um ou outro de fora. Não sei. Não sei. Será que há...

E: E aquele senhor que também esteve na conferência, o Jordão?

JJF: Veio uma fotografia dele esta semana no jornal, três cadeiras que ele fez. Mas é que não é fácil de vender aquilo. Mesmo naquelas cadeiras que eu faço, que lhe dá muito trabalho e leva muito material. O facto é que a cadeira fica cara, fica lá uns 200 euros. Já

vê, não é qualquer um que compra, é preciso ter espaço para colocar. Não é só, vou levar esta cadeira para casa e vou pôr aonde? Vou pôr na rua?

E: Há um no Rochão também. Já o conhece?

JJF: Esse é o Jordão, que é o marido da Fátima.

E: Sim.

JJF: Mas eu acho que ele já não está fazendo nada.

E: Ele faz. O ano passado ele ainda fazia, que eu cheguei a estar lá com ele. E ele foi um dos que me foi ajudar a podar os vimes da Senhora Helena, em Gaula. Ele mesmo é uma pessoa com uma idade adiantada, 85 anos.

JJF: Não sei se ele já tem 80.

E: Já tem, já tem.

JJF: Já tem.

E: Já tem 85 anos. Está bem, vou finalizar a nossa entrevista. Muito obrigada pela sua atenção.

Anexo 1.3 – Entrevista com Jordão Batista, 68 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 16 minutos e 31 segundos

Local: Achadinha, 17 de julho de 2025

Outros elementos presentes: Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

- Experiência: ligado ao vime desde criança (aos 7 anos já fazia cestos); oficialmente desde os 16 anos (Figura 83 a 88). Teve sempre ligação à arte, mesmo conciliando-a com outras atividades (ex.: lojas de decoração).
- Aprendizagem: aprendeu com o pai e irmãos; mais tarde aperfeiçoou-se em Inglaterra, sobretudo na técnica de caixões em vime.
- Atividade atual: trabalha em *part-time* para os carreiros (carrinhos do Monte), cerca de 5 a 6 horas por dia. Produz quase exclusivamente a parte em vime dos carros-cesto.
- Especialização: peças complexas como caixões de vime, sofás e mobiliário artístico, que exigem conhecimento profundo.
- Produção: um carro de cesto demora cerca de 3 dias para a parte em vime.
- Matéria-prima: fornecida pelos carreiros; quando precisa, compra no Curral das Freiras.
- Acabamentos: considera relativo; entrançar com mais vimes aumenta durabilidade; defende que conservação depende do uso (interior vs. exterior). Peças bem cuidadas podem durar até 40 anos.
- Inspiração: de peças vistas ao longo da vida, catálogos e feiras; acredita que é preciso adaptar o vime a *design* contemporâneo, mas falta mercado e procura.
- Projetos especiais: trabalhou em caixões de vime para uma empresa inglesa; atualmente tem contactos para possível exportação para a Venezuela.

- Formação: não chegou a ensinar formalmente; foi convidado, mas recusou devido à falta de condições e valorização. Considera que um mestre só deve formar aprendizes se houver retorno justo.
- Principais dificuldades:
    - Falta de apoio governamental;
    - Concorrência de produtos baratos (plástico, *rattan*[46], bambu);
    - Desvalorização cultural da tradição.
- Avaliações pessoais:
    - Futuro da atividade: 1/10 (quase extinta, culpa dos governantes).
    - Valorização: 0/10 (não há reconhecimento).
    - Realização pessoal: 0/10 (sente-se desmotivado, vê tempo perdido).
- Situação atual dos artesãos: estima que não cheguem a 10 na Camacha, talvez 6 a 9 artesãos ativos.



Figura 83 - Caixão em vime, criado por Jordão Batista (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025)

[46] *Rattan* – miolo do vime, parte de dentro da liaça.



Figura 84 - Carrinhos do Monte, de Jordão Batista (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025)



Figura 85 - Cesto em forma de estrela, de Jordão Batista (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025)

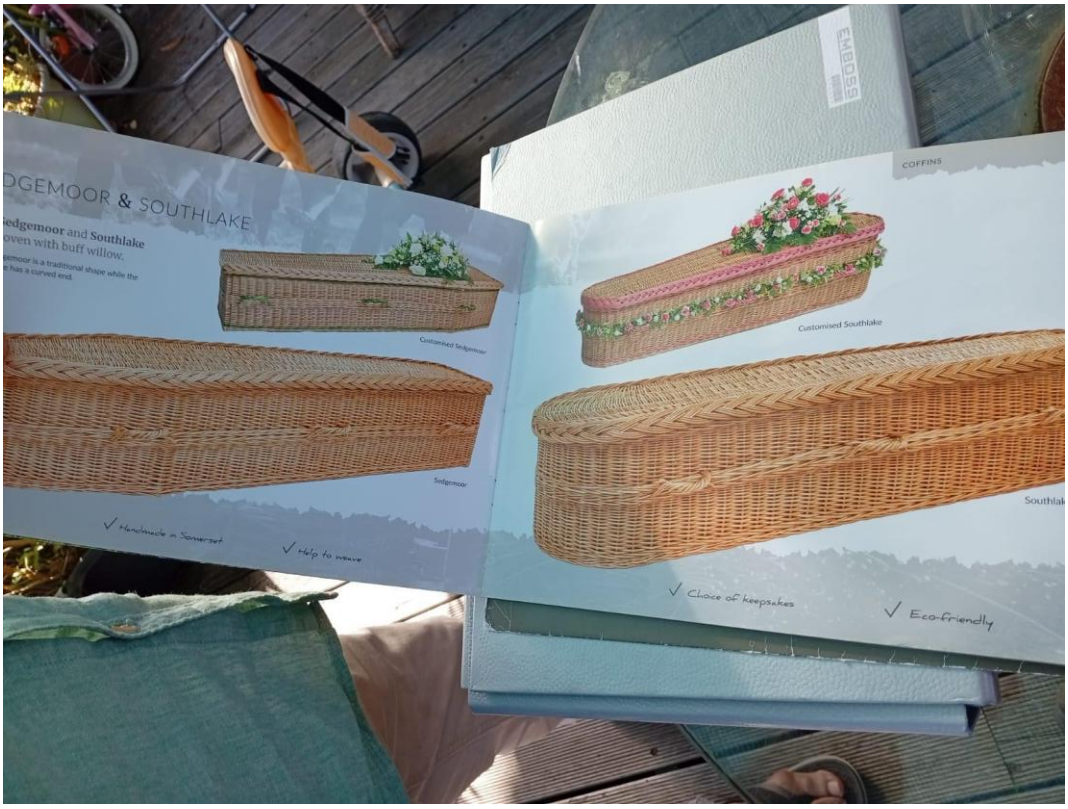


Figura 87 - Exemplos de caixões de obra de vime, de um dossier, de uma empresa inglesa onde o artesão Jordão trabalhou por vários anos (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025)



Figura 86 - Tanque para colocar os vimes e a liaça de molho (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025)



Figura 88 - Conjunto de sofás com mesa, em artigo do Jornal da Madeira (Fot. por Lucília Teixeira a 17 de julho de 2025)

Transcrição da entrevista a Jordão Batista:

Entrevistadora (E): Vai-me dizer o seu nome, a sua idade, onde vive.

Jordão Batista (JB): Jordão Batista.

E: Jordão Batista, só.

JB: 68 anos, vivo no Sítio da Achadinha.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

JB: Desde os... 16 anos, mas com 7 anos já fazia um cesto.

E: Meu Deus, tão cedo!

JB: Tinha meus irmãos e o meu pai, com quem fui aprendendo e fui tomando gosto, porque… E depois, durante a vida toda, estive quase sempre ligado aos vimes. Quase sempre. Não tive um ano que não estivesse ligado aos vimes.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JB: Tenho feito outras coisas ao longo da vida. Tive lojas de decoração, etc. Procuro sempre fazer mais qualquer coisa, para não estar a pôr os ovos todos na mesma cesta.

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

JB: É assim: eu neste momento trabalho em *part-time* para os carreiros, tenho as coisas mais ou menos garantidas, depois há uma pessoa ou outra que me pede uma peça ou outra, e só muito casualmente é que faço isso. Portanto, não tenho uma produção diária para poder vender, porque o meu trabalho está mais ou menos vendido, para os carreiros.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

JB: Em média, cinco horas. Cinco ou seis horas, não mais do que isso.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

JB: Com meus irmãos, com o meu pai. E depois em Inglaterra, aperfeiçoei um bocadinho os conhecimentos que já tinha. Porque em Inglaterra aprende-se muito. Especialmente na atividade agrícola, aprende-se um bocado. E os caixões são uma… são uma atividade um bocado diferente. Hoje, se for preciso, faço um caixão, faço o forro, faço tudo. Acabo por pôr um caixão pronto.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

JB: Neste momento são os carros de cesto.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

JB: Os caixões são mão-de-obra artística, aquilo não é… se reparar nas fotos, aquilo não é para um curioso, aquilo não é trabalho para curiosos. O caso destas cadeiras aqui é a mesma coisa, não é para curiosos. Isto tem de haver conhecimento. São peças que não se fazem assim, do nada. Não é para curiosos, é para a gente que se dedica.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer a peça x? Quanto tempo demora para fazer, por exemplo, as cadeiras de carreiro?

JB: Os carros? Os carros de cesto, eu faço só a parte dos vimes. A parte dos vimes, é à volta de três dias para fazer.

E: Três dias?

JB: Sim. O resto, eles é que fazem os acabamentos.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

JB: Eles é que me arranjam e quando tenho de comprar alguma coisa é no Curral das Freiras, quando eu preciso para alguma coisa particular, para mim, compro no Curral das Freiras.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

JB: Isso é tudo muito relativo. Por exemplo, estamos a ver aqui esta forma de trabalhar. O que fica entrançado a 3. A durabilidade é maior do que se tivesse um vime só. Se reparar, os vimes são entrançados. Aqui são 3 vimes.

E: Estas são as cadeiras que se chamam cadeiras, tipo sofá. Mas eu digo, depois de feito: acha que deveria haver um tratamento para ela durar mais?

JB: Sim, pode levar um bocadinho de verniz, mas isso é assim: isso é conservação. Cada um puxa a brasa à sua sardinha e cada um faz da maneira que achar melhor. Já ouvi pessoas dizerem que é melhor dar verniz, outras que dizem que é melhor dar cola, mas cada um tem a sua ideia. Eu não gosto de aconselhar ninguém porque acho que. Eu não vejo que haja assim uma. Porque estou a falar para cadeiras, então quando falo para cadeiras falo para elas poderem estar ao relento, poderem estar ao ar livre, poderem estar

à chuva, apanhar sol e chuva. Porque se isto estiver no interior, isto dura uma vida, e aí, um bocadinho de verniz ou cola própria para isso. Isto tem uma durabilidade de 40 anos.

E: 40 anos?

JB: Sim. Está uma cadeira lá em baixo, que eu fiz, essa cadeira deve ter, à volta disso, 40 anos, e a cadeira tem um bocado de caruncho, mas está resistente. E não se está escangalhando. Eu penso que alguma pessoa se senta ainda naquilo.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

JB: A dificuldade é a falta de apoios a nível governamental, porque hoje a concorrência é muita, há muita coisa semelhante aos vimes. Por exemplo, falar de cadeiras, do *Leroy Merlin* vende cadeiras em plástico que duram 3 anos ou 4, mas as pessoas compram, depois apanha-se sol, 3 anos ou 4, começa a se partir tudo, mas as pessoas preferem aquilo a comprar vimes. Depois é a tal falta de incentivo, por parte das entidades governamentais, que se não incentivam as pessoas estão se marimbando também. Porque se o próprio governo não compra nada. ainda há dias vi uma palestra, lá em baixo, no Funchal, acho que era com o João Baião, qualquer coisa, não sei se foi na Festa da Flor, já tinham lá cadeiras que não eram de vimes, lá estava o João Baião, e os do governo, etc., já eram cadeiras que parecem que era de bambu ou *rattan*, já nem sequer tinham as cadeiras de vimes. E quando isto começa por aqui, isto é, por isso que eu digo, eu não acredito em nada disto já.

E: Acha que a política devia incentivar?

JB: Portanto, isto tem um…, mas isto é assim, eles não sabem, mas também não se apoiam em... também não perguntam, não sabem, não têm noção. Esta malta que está na política hoje em dia e que nunca esteve ligada à obra de vimes, não tem noção do que é que a obra de vimes, o quão rentável pode ser para as pessoas e para a própria autoridade tributária, para criar postos de trabalho e etc., quer dizer, é uma fonte de riqueza, mas os políticos hoje em dia não querem saber disso.

E: 11- De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

JB: Não, isto já está… Isto está morto. Eu penso seriamente... Penso que no próximo ano já não estou trabalhando em vimes. Não acredito muito. Não acredito muito. Não acredito muito. Da maneira que isto vai, não acredito muito. Embora os carros de cesto sejam uma tradição, os precisam, etc. Mas, não sei, não sei... Eu começo a ficar cansado porque é assim... O que eu fui habituado e o que eu queria e o que eu quero era ter encomendas, ensinar pessoas... dar formação, pôr pessoas a trabalhar. Eu ganhar dinheiro, essas pessoas ganharem dinheiro, e o órgão público ganhar dinheiro. Mas, se não há incentivos de nada, não vale a pena. E eu trabalhar, para trabalhar sozinho, não é compensatório, não é compensatório.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

JB: A madeira, os pregos.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

JB: Se calhar nas peças que eu vou vendo com artigos semelhares. Até nalguma peça em plástico ou coisa do género. Mas eu já vi tanta coisa em vimes, na minha vida, que eu não… e catálogos, etc. Já vi coisas infinitas que não… Mas é assim, agora, o que se tem que tentar fazer é adequar à atualidade, é fazer coisas contemporâneas, é coisas que estejam atuais, e o problema é isso, o problema é que as peças que se fazem, peças contemporâneas que se possam fazer agora, é difícil de entrar no mercado, porque isto tem que ser tudo através dos *designers* e essa coisa toda, e essa gente também está pouco vocacionada porque também não tem muita oferta. Depois, é a lei da procura e da oferta, as pessoas não compram, porque a oferta é pouca. Depois as pessoas também não fabricam, porque não há procura.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

JB: Sim, pode-se tingir, e eu aprendi a fazer tingimento. Mas não sei, a motivação já não existe. Não houve padrões naturalmente, e quando aprendi a fazer os caixões, tive sempre

uma esperança e uma fé, que um dia podia entrar em Portugal, e poderá entrar em Portugal. Mas não estou a ver de que forma e feitio. Acho que não vale a pena pensar em vimes e perder tempo. Pensar em vimes é perder tempo, neste momento, é o que penso.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

JB: É assim, eu tenho um contacto na Venezuela, há uma pessoa da Venezuela e que está na Madeira e que me quer levar para a Venezuela, para ver se introduzimos os caixões lá. É uma probabilidade, mas não passa de uma probabilidade. Neste momento não passa de uma probabilidade. Mas se aparecer, eu naturalmente vou tentar. Porque eu sou uma pessoa de desafios e pronto.

E: 16- Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

JB: Não tenho ensinado. Não tenho ensinado porque houve um desafio no Monte, pediram-me para ensinar a dois rapazes. Só que é assim, já me pagavam mal a mim e não tinham mais 100 euros ou 200 euros para me dar, mas já tinham dinheiro para pôr dois funcionários novos a trabalhar para eu ensinar, mas não me pagavam mais. Então, eu entendo que o aprendiz não deve vender a mesma coisa que o professor, e então disse que não ensinava. E se eu ensinasse, e se eu ensinasse, e se eu ensinasse, seriam pessoas para trabalharem para mim, e eu então vender as peças a eles, para tirar algum fruto disso. Quer dizer, eu vou estar a ensinar pessoas para fazer isto, ninguém ensina aquilo que sabe assim, vai por aí abaixo a ensinar a toda a gente. Quem tem uma coisa na mão, tem uma arte e uma atividade, gosta de desenvolvê-la e ganhar a sua vida. E os outros que façam o mesmo.

E: Pois bem, também investir tempo e dinheiro na sua atividade.

JB: Há quantos anos eu ando aqui à volta dos vimes e a embrulhar vimes!

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JB: Não, por uma simples razão, porque os políticos não apoiam esta atividade. Os políticos não têm noção, do que é que isto pode dar a uma região, de qual é a rentabilidade que isto pode dar a uma região. Não têm noção mesmo. Porque se tivessem, se os políticos olhassem, por exemplo, para a França, se olhassem para a Inglaterra, França, Alemanha conheço pouco, mas França e Inglaterra há muita gente a trabalhar em vimes. Muita gente a trabalhar em vimes. Agora, em Inglaterra, é mais os caixões e os cestos para columbofilia, para lançar as pombas, e essa coisa toda, que é tudo feito em vimes, que são coisas que as aves respiram, etc., aquilo é mesmo apropriado para aquilo, e vendem milhares daquilo, e fazem milhares daquilo. Agora, o resto... Não estou acreditando, mas é pena que os nossos políticos não vão além-fronteiras e não vejam o que se faz em França, o que se faz em Inglaterra, acima de tudo, porque se vissem, e tivessem noção disso, e depois outra coisa. Fossem procurar catálogos e procurar informações ao Instituto de Bordados. Porque o Instituto de Bordados tem estatísticas desde os anos 70, 80, e 90, do que se exportava, e do que se fazia. E se hoje se fizesse 5% do que se fazia naquela altura, era muito. Porque a Camacha chegou a ter 3 mil e poucas pessoas a trabalhar em vimes. Se hoje 5% disso, 150 pessoas trabalhassem, hoje, em vimes, era um bocado. Eu até diria menos. Se 50 pessoas trabalhassem, já era um bocado.

Hoje era uma questão de ir desenvolvendo e depois a juventude também ir-se agarrando à situação. É preciso serem produtos que tenham utilidade, que sejam produtos para decoração, para uso, que as pessoas possam usar, que sejam produtos com consistência, com duração, para terem futuro. E depois a gente ia desenvolvendo ideias e cada um também ia... Mas se não existe nada no mercado, quase já não se vê nada de vimes em lado nenhum, como é que alguém pode ter uma ideia de fazer uma coisa em vimes? Você não vê, você não vê nada, você corre ali inteira, você não vê uma peça em vimes, ou não vê uma estrutura, não vê uma decoração, não vê nada, não se inspira para nada, não se inspira para nada. Eu, por exemplo, quando vou às feiras, fui agora à FIL, estive lá umas três horas ou quatro naquilo, e vi tanta coisa, vi coisas que me interessavam, coisas que não interessavam também, mas valeu a pena, só pelo facto de ter visto, meia dúzia de peças em vimes, coisas diferentes, ideias diferentes, ideias novas, coisas que são feitas e que se enquadram, muito bem enquadradas.

Por acaso, eram cadeirões e umas mesas que também dão para fazer cadeira, que dizia lá, o nome do *designer*, mas coisas com muita qualidade, com muita... com muita qualidade, com um *design* agradável. Acho que aquilo se pode fazer. Agora a questão é esta, é

sempre a mesma. Eu não vou montar uma loja na Fernão Ornelas, nem vou montar uma loja no Funchal para pagar e poder ganhar dinheiro. O Estado é que devia de apoiar, porque é a eles que lhes compete. E se chega aqui, um grupo de venezuelanos tem apoio para tudo e mais alguma coisa.

Os emigrantes, essa gente toda tem apoio. Agora, uma atividade que já deu, e com provas dadas, que já deu tanto à Camacha, tanto à Madeira, tanto ao concelho de Santa Cruz, tanto ao erário público, e é uma tradição que se está apagando, eu acho que a culpa disto é dos governantes. Isto não anda para a frente, porque eles não têm capacidade. Não têm capacidade, nem têm noção. E depois, as pessoas estão mais preocupadas com a informática e as coisas digitais, isso é que tem de evoluir. Agora, o que nós temos, que é nosso, que é a nossa tradição, isso deixa-se perder tudo.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JB: 1. Não tem mais do que isso. E este 1 já é com um bocado de otimismo. Já é com um bocado de otimismo.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

JB: Isso é 0.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

JB: Não. Também é 0, não.

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

JB: Sei lá. 1, 2, 3, 4, 5... Não chega a 10. Deve ser 6, 7 ou 8. 7 ou 8, 9. Não chega a 10. Isto é apertado. Não fica faltando ninguém.

Anexo 1.4 – Entrevista com José Pedro Batista Gouveia, conhecido por "Escaravelha", 77 anos

Meio utilizado: papel e caneta (sem gravação)

Duração: 30 minutos e 30 segundos

Local: Sítio do Rochão, 24 de julho de 2025

Outros elementos presentes: Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

- Experiência: começou com 7 anos, aprendendo com tios e com o pai; ensina também os 9 irmãos. Trabalha há cerca de 70 anos.
- Trajetória: trabalha por conta própria desde 1970, após casar.
- Comercialização: vende as peças diretamente na sua casa/oficina.
- Ritmo de trabalho: dedica-se de segunda a sábado (até às 17h); descanso ao domingo.
- Peças produzidas (Figura 89 a 92):
    - Antigamente: jogos de 6 cestos exportados para o Canadá;
    - Atualmente: sobretudo cadeiras, as mais procuradas (embora a procura esteja a diminuir).
- Produção: uma cadeira simples leva cerca de um dia para ser concluída.
- Matéria-prima: escassez na Madeira; importa cerca de 1700 kg de vime de Chipre; antigamente consumia 50 toneladas/ano, hoje apenas 1 tonelada. O artesão "Policarpo" faz o processo de escalda.
- Acabamentos: recomenda verniz ou cola diluída em água (aplicação anual).
- Materiais complementares: utiliza também madeira e ferro.
- Inspiração: atualmente já não procura criar peças novas.

- Outras habilidades: já pintou cadeiras (ex.: para o Hotel Ritz); participou em experiências de aprendizagem em Valência e contacto com Salamanca, onde a produção era altamente mecanizada.
- Projetos especiais: trabalhou com o Centro de Vimes da Camacha (já extinto).
- Formação: já deu formação duas vezes (em casa e no Porto da Cruz).
- Avaliações pessoais:
    - Futuro da atividade: 1/10 (não acredita em continuidade, filhos não quiseram aprender).
    - Valorização: 4/10 (algum reconhecimento, mas insuficiente).
    - Realização pessoal: 5/10 (meio-termo, sente esforço, mas pouca recompensa).
- Situação atual dos artesãos: calcula que existam apenas 7 ou 8 ativos na Camacha.



Figura 89 - Típicas lancheiras e cestas de almoço (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025)



Figura 90 - Berço pintado (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025)



Figura 91 - Jogo de cadeiras em vimes, com biombo em vimes (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025)



Figura 92 - Esteiras e cadeirão de vimes (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025)

Transcrição da entrevista a José Pedro Batista Gouveia:

Entrevistadora (E): Pode-me dizer a sua idade, por favor? E o nome? E morada?

José Pedro (JP): Meu nome é José Pedro Batista Gouveia, tenho 77 anos e vivo no Sítio do Rochão.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

JP: Trabalho desde 1970, quando casei. Por conta própria. Primeiro trabalhei com meu pai, comecei com 7 anos, e ensinei meus 9 irmãos.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JP: Trabalho por conta própria.

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

JP: Comercializo na minha casa.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

JP: Domingo está fechado, ao sábado trabalho até às cinco horas, de resto toda a semana trabalho na obra de vimes.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

JP: Com uns tios meus.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

JP: Cadeiras, mas estão acabando.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

JP: Inicialmente fazia jogos de 6 cestos que iam para o Canadá, o mais pequeno tinha uma asa só, mas atualmente cadeiras.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer a peça x? Por exemplo, a fazer uma cadeira?

JP: Um dia, se for uma cadeira mais fácil.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

JP: Hoje foi carregado 1700 kg de vime de Chipre, na Madeira há pouca coisa, há mais vime grosso, o "Policarpo" é que escalda.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

JP: Dar uma vez por ano, verniz ou cola, este último, 50% de cola para 60% de água mais ou menos.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta? De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

JP: Não há pessoal, ninguém quer aprender. Nenhum dos meus filhos quer. Não há material. Antigamente gastávamos 50 toneladas de vimes por ano, atualmente só gastamos por volta de 1 tonelada. Dou 3.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais junto com o vime em suas criações? Se sim, quais?

JP: Madeira e ferro.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

JP: Atualmente não penso em peças novas.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

JP: Às vezes pinto cadeiras que vêm para reparar, exemplo das cadeiras do Ritz.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

JP: Antigamente para o Centro de Vimes da Camacha, mas já acabou. Cheguei a ir a Valência ver como se tratava os vimes. os vimes de Salamanca e Valência, neste último havia terrenos de vimes que davam 50 campos de futebol, as máquinas é que faziam o trabalho quase todo. Era cozido num tanque enorme e era tirado para máquinas descascarem e separarem por medidas.

E: 16- Costuma dar formação ou amostras desta atividade de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim onde e como?

JP: Atualmente não, mas já dei por 2 vezes, uma em casa e a outra no Porto da Cruz a fazer cadeiras e mesas.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JP: 1.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

JP: 4.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

JP: 5.

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

JP: 7 ou 8.

Anexo 1.5 – Entrevista com Jordão Gouveia, 81 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 14 minutos e 38 segundos

Local: Sítio do Rochão, Camacha, 24 de julho de 2025

Outros elementos presentes: Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

- Experiência: começou aos 13 anos; trabalhou por conta de terceiros no início, depois passou a trabalhar por conta própria durante cerca de 65 anos.
- Comercialização:
    - Antigamente: exportação para Inglaterra, América, Venezuela através de empresários intermediários.
    - Atualmente: apenas venda direta em casa e pequenos trabalhos sob encomenda.
- Ritmo de trabalho:
    - No auge, trabalhava das 8h até tarde da noite, chegando a passar da meia-noite em épocas de muitas encomendas.
    - Hoje dedica 8 a 9 horas por dia, mas com menor procura.
- Aprendizagem: aprendeu depois da escola, com um mestre artesão.
- Peças produzidas:
    - *Safatos*[47]
    - cestos de garrafa (4 a 7 garrafas),
    - cestas de almoço e lancheiras.

[47] *Safatos* – corruptela de açafates.

    - Atualmente, vende sobretudo peças pequenas para turistas (mais fáceis de transportar).

- Especialização: jogos de *safatos*, do maior (22 polegadas) ao mais pequeno.
- Produção: tempo variável; um cesto grande com tampa podia levar 4 a 5 horas.
- Matéria-prima: comprava em Santana e Porto da Cruz; hoje usa o que restou da herança deixada pelo pai. Coze o vime com ajuda de um amigo.
- Acabamentos: não aplicava, mas os exportadores usavam verniz para proteger do caruncho.
- Dificuldades: trabalho muito exigente fisicamente (inchaço nas mãos, esforço intenso); atualmente, falta de matéria-prima e desinteresse dos jovens.
- Materiais: apenas vime (sem complementos).
- Inovação: preferiu não inventar; prezava a qualidade e perfeição em vez de experimentar novos estilos.
- Projetos especiais: produção intensa de *safatos* no passado, mas nada recente.
- Formação/divulgação: deu demonstrações em 3 escolas (incluindo o Colégio do Infante, no Monte) e durante mais de 10 anos no Hotel Orca Praia, junto com a esposa (que bordava), sobretudo para turistas.
- Avaliações pessoais:
    - Futuro da atividade: 0/10 (não vê continuidade).
    - Valorização: 3/10.
    - Realização pessoal: 5/10 (gosta do que faz, mas considera limitado).
- Situação atual dos artesãos: conhece alguns ativos no Rochão (José, outro Jordão, José Pedro, Jordão Batista e José João), mas nota que todos estão já envelhecidos e com dificuldades.

Transcrição da entrevista a Jordão Gouveia:

Entrevistadora (E): Pode-me dizer a sua idade, por favor? E o nome? E morada?

Jordão de Gouveia (JG): Certo. Jordão de Gouveia. Rochão, Camacha. Tenho 81 anos.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

JG: Eu trabalho na obra de vimes. Eu trabalhei desde os 13 anos até... Para lá, nas contas bem feitas, dava-se uns 65 anos, garantido.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JG: Quando eu aprendi, claro, foi um senhor que também já faleceu, claro, já há muitos anos, era por conta dele. Depois trabalhei com o meu irmão, também era por conta dele. E depois então, a seguir, já eu, depois de eu desembaraçar-me bem com os dedos para fazer cestos, já trabalhei por minha conta.

E: Portanto, trabalha há quantos anos?

JG: 65 anos.

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

JG: Os cestos eram na altura, hoje já não há aqueles que vinham até para as portas, havia aqueles, como é que se chama, os empresários que mandavam para tantos lugares, era para a Inglaterra, para a América, para a Venezuela, para tantos lugares. E depois vinham, eles tinham os deles vinham pelas casas dar o trabalho às pessoas que trabalhavam por sua conta. E depois andavam eles, depois vinham e levantavam o trabalho para depois eles mandarem para fora.

E: Mas atualmente como é que vende as suas peças?

JG: Agora, ultimamente, como também depois passou o trabalho, já não havia mais trabalho, já alguma coisa, alguma pessoa que me pedisse para fazer um cesto, já vendia em casa.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

JG: Ora, isso para a gente não era nenhum dinheirão. Tinha que se trabalhar para a gente ganhar o dia, podia-se entrar na casa de trabalho, chamava-se casa de trabalho, das oito às vezes às dez, às onze horas ainda chegávamos a trabalhar. E quando era, às vezes, encomendas que era com mais rapidez, ainda chegávamos a passar da meia-noite.

E: Mas atualmente?

JG: Atualmente, também agora depois que houve pouco trabalho, já não. Para se ganhar o dia tinha que ser assim.

E: Sim, mas quando se mete a trabalhar durante um dia, quantas horas costuma alguém ter de trabalhar?

JG: Certo, eu vou a trabalhar ultimamente, fazer as 8, 9 horas de trabalho. É dentro disso assim.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

JG: Eu aprendi a trabalhar foi quando eu saí da escola. Os meus pais tinham fazenda, mas eu, depois... já havia alguns amigos meus que tinham algum tostão e eu também gostava já de ganhar uma qualquer coisa, então comecei com esse senhor, se ele podia me ensinar a fazer cestos, olha, comecei do zero e depois já aprendi então a fazer alguma coisa.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

JG: Ah, é o *safato*, o jogo de *safato*, o lanche, o cesto de garrafa, que era para transportar garrafas de 4, de 6 e de 7. Também fiz muito disso.

E: E o que era o *safato*?

JG: O *safato* é consoante também o tamanho que eles pediam. Podia ser um *safato* com 20 ou mais de 30 centímetros e fazia *safatos* de 60 e 70 centímetros.

E: O que é que transporta?

JG: O *safato* transportava às vezes para as pessoas irem à fazenda, e havia também aquelas cestas que se chamava cesta de almoço, também cheguei a fazer.

E: E atualmente quais são os mais procurados? O que vende mais?

JG: O que vende mais agora? Agora, praticamente, uns lanchinhos, chamavam-se uns lanchinhos pequeninos que às vezes se vendia para os estrangeiros. Quando eu ia ao hotel, sempre vendia algum para os estrangeiros, sendo maior, eles já diziam que, não levavam no avião, eram então aqueles cestos pequeninos.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

JG: O jogo de *safato*. De 1 a 6. O maior chamava-se em polegadas: 22 polegadas e depois ia cair os outros tudo e acabava tudo depois no mínimo num mais pequeno, aquilo ficava ali tudo eu tirei a medida de todos. Esse era um trabalho que teve muita procura, para esse trabalho.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer a peça x?

JG: Já depende do tamanho da peça.

E: Um grande, por exemplo?

JG: Por exemplo, um grande, se for com tampa, quando se faz um cesto, se faz a roda, como se chama a roda, tem quase metade do trabalho feito. Para fazer tampa, pregar e o acabamento, as rodas de cima, é metade do trabalho. Portanto, é uma coisa que podia levar às vezes 4, 5 horas. Dependia do cesto.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

JG: O meu trabalho ainda foi… na altura, quando havia, muito trabalho, mas também bastantes vimes, ainda cheguei a comprar vimes a Santana, ao Porto da Cruz. Ao Faial nunca foi. Mas era dali que ia buscar os vimes para trabalhar. Atualmente, agora, como há pouco, o meu pai ainda me deixou qualquer coisa de herança de vimes, e é esse pedaço [terreno de vimeiros], com esses molhos que ainda faço algum cesto.

E: E onde é que coze? Coze aqui perto?

JG: É aqui perto com um rapaz amigo, que cozo com ele.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

JG: Acabamentos?

E: Sim, se leva verniz, se leva cola.

JG: Certo, eu quando eu entregava os cestos, nunca, mas há quem afirmasse que, dando o verniz não dá tanto o caruncho, chamado o caruncho. Isso é uma coisa que o vime se adapta bem a esse produto que leva. Para não dar essa parte….

E: Mas costumava usar o verniz?

JG: Não, eu nunca usava. Quando eles vinham me buscar, eles é que usavam. Os exportadores é que já.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

JG: Dificuldades. Bom, dificuldades. Ora, as dificuldades são bastantes, porque agora, mesmo além de haver pouco, também é um trabalho que estamos aqui parados, deve ser mais ou menos disso que eles querem saber, estamos parados, o sangue não gira. Muitas vezes que eu me levantava cedo para ir para a casa de trabalho [tenda onde realizam a obra de vimes], quando eu vinha tomar café eu já não sabia se os pés estavam dentro das botas. que era um trabalho que as mãos até inchavam de a gente trabalhar o vime. Mas os pés estavam ali parados, não se podia...isso era um pedacinho... custava bastante.

E: Mas atualmente, acha que a obra de vimes vai no bom caminho? Não está a sofrer com dificuldade nenhuma?

JG: Com certeza, com certeza. A obra de vimes já foi o ganha-pão dos camacheiros. Isso é indiscutível. Mas agora, ultimamente, nem é futuro para ninguém. Porque, para já, a obra-prima não tem, eles têm de mandar buscar fora, e esta juventude não vão se dedicar a uma coisa que não tem futuro.

E: 11- De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

JG: Não, antigamente.

E: E de 0 a 10, quanto é que investe agora?

JG: Menos de metade.

E: 5?

JG: 5 para 4, mais provável 4.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

JG: É só a obra de vime.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

JG: Eu nunca fui muito… como é que eu vou dizer? Eu nunca fui muito atrevido com certas coisas, porque eu vou ser sincero, o trabalho que eu gostava de fazer, gostava de que ninguém olhasse para aquilo de lado, vamos falar assim. Porque vi muito trabalho, que, havia cestos que eu não queria dado. A verdade é dita. Porque via-se muito trabalhinho, ao menos os trabalhos miúdos que eles faziam, inventavam até. E aquilo não tinha qualidade nenhuma. E o trabalho que eu fazia gostava de apresentar um trabalho perfeitinho.

E: Preferia não inventar…

JG: Exatamente, não havia o que inventasse. Estas coisas de inventar, às vezes, às vezes é bom. Mas inventar, como é que se vai inventar?

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

JG: Não.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial que fosse desafiadora?

JG: Projeto para a obra de vimes, não. Nunca.

E: E nunca recebeu uma encomenda desafiadora que tivesse de trabalhar quase noite e dia para?

JG: Certo, certo... esses jogos, esses *safatos* que estou a falar, certo.

E: Mas isso foi o antigamente.

JG: O antigamente, certo. Agora não.

E: 16- Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

JG: Eu já fui a várias, não fui muitas, mas eu já fui ao menos a três escolas, já tenho um, até fui ao Monte, ao Colégio do Infante do Monte. Levei o meu trabalho, levei uns vimes miudinhos para as crianças, e depois eu perguntava a eles, olha, tu queres aprender isto? Ah não, isso pisa nos dedos. Era a resposta que eu ouvia.

E: Mas também não costumava ir a certas unidades hoteleiras?

JG: Hoteleiras, eu ainda fui, também, mais fui só a um lugar, que foi o Orca Praia, e ainda aguentei lá mais de 10 anos. Eu ia para lá mostrar, a minha mulher ia bordar, o bordado Madeira, e eu ia fazer o vime.

E: Mas era mais para os turistas?

JG: Mais para os turistas, claro. Mais para os turistas.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JG: Põe o número daqueles grandes, o maior que possa pôr aí. É um 0 então. Um 0 daqueles grandes.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

JG: Não.

E: De 0 a 10, quanto é que dá?

JG: 3.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

JG: Concretizado? Também na altura não havia outra coisa e eu...

E: Mas gosta do que faz?

JG: Sim, exatamente, é isso que costumo dizer.

E: Então de 0 a 10 quanto é que dá?

JG: De 0 a 10, põe-se metade. Já agora...

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

JG: Boa pergunta. Eu aqui no Rochão... Agora só tenho, atualmente, só vejo o José e um Jordão também. O Jordão faz qualquer coisa. E agora estes dois daqui no meu sítio são três que trabalham na ordem. Agora fora, certo.

E: Este senhor que vem do Caniço, que também trabalha cá, que é o Sr. João... José João.

JG: José João. E o José Pedro e mais um Jordão Batista.

E: Jordão Batista. É também do Rochão.

JG: É, é, do Rochão de Baixo. Ele faz alguns trabalhos pequenos, daqueles vimes pretos que já havia lhe falado. Mas também o rapaz já está... Sim senhor com muita dificuldade.

Anexo 1.6 – Entrevista com José Fernandes da Silva, 73 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 22 minutos e 16 segundos

Local: Sítio da Achadinha, Caminho da Levada da Serra, nº14, 24 de julho de 2025

Outros elementos presentes: Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

- Perfil e experiência (Figura 93 a 95):
    - Idade: 73 anos (n. 1952).
    - Experiência: começou com 10 anos; trabalha há cerca de 63 anos.
    - Situação laboral: trabalhou quase sempre por conta própria.
    - Localização: Sítio da Achadinha, Camacha.
- Produção e comercialização: expõe e vende através de José Pedro e outros contactos individuais.
- Ritmo de trabalho:
    - Antigamente: 8 a 12 horas por dia.
    - Atualmente: 4 a 5 horas/dia, devido a limitações físicas.
- Peças mais comuns/procuradas:
    - Malas de senhora;
    - garrafões empalhados;
    - garrafas decorativas.
- Especialização: peças exclusivas como o moinho do Porto Santo, bolsas com mistura de materiais, e miniaturas (ex.: cestos, ímanes, suportes de ovos).
- Tempo de execução: um garrafão de 5 litros ≈ 1 dia de trabalho.

- Matéria-prima e técnicas:
    - Origem do vime: obtém de restos e sobras de outros artesãos (ex.: vime miúdo que sobra do médio); também compra lotes de quem abandona a profissão.
    - Custo da matéria-prima: antigamente 7–8 escudos/kg; hoje 10–15 €/kg. Avalia aumento em 7–8/10.
    - Acabamentos:
        - Cola própria para vime (preferida).
        - Usa verniz apenas em alguns casos, mas prefere manter o aspeto natural.
    - Outros materiais usados: palha de bananeira, hastes de São José, e ocasionalmente madeira (usa torno).

Inspiração e inovação

- Inspira-se em ideias da televisão ou sugestões de clientes.
- Trabalhou em miniaturas e já tingiu vimes.
- Realizou projetos criativos, como um vestido de vime para passarela, em Londres.

Formação e divulgação

- Deu formação em vários locais (Porto da Cruz, Boaventura, Estreito de Câmara de Lobos).
- Tentou dinamizar grupos/cooperativas, mas sem continuidade por falta de iniciativa dos formandos.

Dificuldades

- Escassez de matéria-prima (plantação, corte, cozedura e descasque exigem tempo e força física).
- Exigência física do ofício.
- Desinteresse dos jovens em aprender.

Avaliações pessoais (0–10)

- Futuro da atividade: 6 (acredita que dura apenas mais alguns anos).
- Valorização: 0 (não sente reconhecimento).
- Realização pessoal: 6 (moderada satisfação).
- Situação atual dos artesãos: estima que haja apenas cerca de meia dúzia de artesãos ativos na Camacha.



Figura 93 - Artesão José Fernandes da Silva, de 73 anos, e suas obras (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025)



Figura 94- Máquina de fazer liaça (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025)



Figura 95- Obras de José Fernandes da Silva (Fot. por Lucília Teixeira a 24 de julho de 2025)

Transcrição da entrevista a José Fernandes da Silva:

Entrevistadora (E): Só pequenas perguntas simples em relação à sua atividade. Pode começar por dizer o seu nome e a sua idade.

José Fernandes (JF): José Fernandes.

E: Mesmo só José Fernandes?

JF: Da Silva.

E: Ah, da Silva. E a idade?

JF: Idade, cinquenta… cinquenta? nasci em cinquenta e dois.

E: Cinquenta e dois.

JF: Tenho setenta… faço setenta e três.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vime?

JF: Com 10 anos já sabia fazer um cesto. Com 10 anos, já na altura era obrigatório aprender, era a arte que havia.

E: Então há 63 anos que já trabalha?

JF: Sim.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JF: Praticamente… trabalhei quase sempre por conta própria.

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

JF: Pronto, isso aí é um quando... Isto é um exemplo que se vê com o José Pedro, e também faço algo para expor lá, para que ele venda. Ele paga-me e depois ele faz o seu negócio.

E: É com o Sr. Pedro, então.

JF: Com o Sr. Pedro e mais algumas pessoas que me pedem peças individuais.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

JF: Houve alturas em que era 8, 10, 12 conforme. Hoje em dia, já não posso também, porque… fisicamente já não há forças para trabalhar naquilo que eu já fiz. E pronto, posso me dedicar 4, 5 horas por dia.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

JF: Eu, junto à minha casa, onde eu nasci, era meu familiar, tinha um tio, que tinha uma indústria. Mas, era industrial mesmo. E comecei a entrar lá na oficina, que na altura, um miúdo entrar dentro de uma oficina, era complicado, porque eles não deixavam. E até aprendi umas bases, porque, assistindo às bases do trabalho, os primeiros passos a dar, e depois de começar esses passos principais, comecei a explorar com a minha própria ideologia, a minha ideia. E aí fui seguindo, fui seguindo, ainda hoje tenho peças exclusivas, minhas.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados? Quais são os cestos que mais procuram?

JF: Já houve uma altura, em que tudo o que era trabalhado eram cestos. Não havia qualidade, não havia nada. Hoje, para trabalharmos e termos resposta da venda, tem de haver qualidade.

E: Sim, isso é verdade.

JF: É uma coisa que... Eu… pronto, continuando.

E: Então, dos objetos da obra que vimes que o Sr. José faz, quais são os que têm mais procura?

JF: Ora, e tenho umas malinhas também de senhora, tenho um garrafão empalhado, tenho umas garrafinhas empalhadas, isso aí é o que eu agora, recentemente, estou mais a trabalhar, nas malas, noutras coisas, mas eu... também tenho a curiosidade de dizer, não

é só no vime que eu trabalho, sou artesão, não só do vime, tenho outros materiais que tento explorar.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

JF: Isso aí é um bocado complicado de distinguir. Por exemplo, tenho uma peça que é o moinho do Porto Santo. O moinho tem umas velas, não sei que mais. Tenho essas bolsas que eu faço também, que uso nem só o vime como outros materiais. Os garrafões, as garrafas, isso é uma coisa que teve muito saída.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer a peça x? Quanto tempo demora, por exemplo, em empalhar uma garrafa?

JF: Depende da garrafa.

E: Sim, se for uma garrafa média, tipo um garrafão de 5 litros.

JF: Um garrafão é mais ou menos dentro de um dia de trabalho.

E: Um dia.

JF: Mais ou menos.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

JF: Isso é a parte mais complicada. Eu às vezes consigo saber, saber pela experiência própria, quem é que tem, alguém, que tem alguns...

Há pessoas que... um lote de vimes é uma coisa. Um lote de vimes tem toda a quantidade de vime. Tem de uma pequenina, tem uma maior, sei lá. As pessoas que têm desperdícios não conseguem escoar esse material em todos os trabalhos que têm. E a gente sabe mais ou menos quem são as pessoas, e a gente tenta escoar aquilo que a gente precisa.

E: Você trabalha com as sobras dos vimes maiores? Com as pontas?

JF: Pontas, mesmo que não sejam pontas, mas a pessoa gasta o vime médio e eu gasto o vime miúdo.

E: Do médio, consegue ficar com o miúdo, dependendo do trabalho do outro artesão.

JF: Do outro artesão que gasta só o médio. E, consoante assim, com amigos, conhecidos, a gente vai perguntar o que é que fazes ao resto dos vimes? A gente vai fazer negócio. Muitas vezes têm acontecido, pessoas que largaram a profissão, procuraram outra, e eu, automaticamente, vamos fazer negócio. E apanho aqueles padrinhos.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

JF: Há uns produtos químicos, assim se pode dizer, que é uma cola. Diz-se que há muitos anos, quando havia exportação, aquilo não ia em bruto, havia sempre uns produtos a dar, que é uma cola, própria para o vime. E agora, essas colas também que saem caras e não sei quê. Há outros produtos idênticos onde é um tipo de cola onde agarra e fica fixo no trabalho.

E: Não usa verniz, é só cola?

JF: Também se usa. O verniz eu não gosto muito, porque o verniz tem uma tendência em que se passar uma peça pela outra, risca. E aquilo riscado fica branco, já não dá brilho. E depois há outras que não gostam de vernizes brilhantes. Por isso é melhor, unicolor.

E: É...

JF: Baço. Fica com a mesma cor do próprio vime.

E: Fica o mais natural possível.

JF: Exatamente.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

JF: Vou por cima e vou por baixo. Hoje em dia, toda a gente gosta de ter uma peça terminada. Peça bonita, fina, este tipo de coisa. Legal e todo certinho. Ninguém pensa nas bases. As bases, que é o princípio do vime. Que é preciso arranjar as plantas, plantá-las, cuidá-las, E até porque o vime é um ano para pôr o vime pronto a trabalhar. Janeiro,

fevereiro, março é a altura da poda. Poda é cortar o vime. E a partir daí, depois ele é cozido, é descascado, é posto ao sol. Isto é uma das bases que muitas pessoas não admitem que para pôr uma peça pronta, o que antecedentemente, foi preciso. E hoje em dia, não sei se reconhece ou já viu… tínhamos peças que eram vime, e hoje estão em árvores.

E: São árvores. Algumas já quase centenárias.

JF: E agora, a base essencial para o artesão, é querer ter aquele material que é necessário.

E: Pois. O que não há, não é?

JF: O que é difícil.

E: Essa é uma das dificuldades, não é?

JF: Não sei se se apercebeu, aquela arvorezinha, que tem ali na minha entrada.

E: Não, não.

JF: Está aqui na entrada mesmo. É um vimieiro.

E: É um vimieiro.

JF: Não percebi. E assim, eu estive a fazer umas peças, que é para uns guarda-sóis, que é para colocação, para não deixar que o sol desça, peças com um metro e meio de diâmetro. E para arranjar vimes? E as mãos? E o meu físico, também é como está a ver.

E: Precisa de bastante força a nível físico.

JF: A nível de... Mas sempre fiz. Já foram colocadas. Hoje vieram-me dizer que já está. Era para fazer 8, fiz 4. Está resolvido.

E: 11- 0 a 10, investe mais agora em materiais do que antigamente?

JF: Sim. Investe-se muito mais. Naqueles anos... sei lá, 80's.… com... sei lá... comprava -se um lote de vimes por 7 ou 8 escudos ao quilo. Hoje em dia, um lote de vimes, já estão a pedir 10, 15 euros.

E: Está muito mais caro o material, não é?

JF: O produto.

E: Então, de 0 a 10, em relação a antigamente, quanto está a pagar a mais?

JF: Será quando a percentagem dava, se comprasse a 7, 8 escudos, 14, dá mais de 50%, quase 100%.

E: Então, de 0 a 10, quanto é que gasta mais? Mais 5, mais 6, 7%?

JF: 0 a 10, dentro de... 7 ou 8.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

JF: Sim, sim, sim.

E: Quais?

JF: Este é a palha de bananeira. Tem um produto, não sei se conhece, que são as hastes de São José. Tem uma folha. Eu costumo trabalhar também com isso.

E: Eu já ouvi falar nas hastes de São José.

JF: Dá uns picos. E a palha de bananeira, que também dá um bocado de trabalho. Porque aquilo é um tronco. E que tem que ser desfiada toda, pôr a secar. Essa peça, eu até tenho ali uma que posso mostrar. Mas está complicado. A maior parte está desistindo. A maior parte. Se a gente contar... não há, talvez, uma dúzia de fabricantes.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

JF: E isso é complicado, essa palavra. Às vezes, quando eu vejo a televisão, vejo coisas que me inspira e me interessa, mas é preciso também ter pachorra. Às vezes, tenho. Se eu vou fazer uma coisa, não vou largar ela para fazer outra, e coisinhas assim, sei lá. Às vezes pedem-me, vêm com uma ideia: Ah, Fernandes, é melhor fazeres isto, fazeres aquilo e tal. Consegues? Vamos tentar. E tento, assim, de uma forma ou outra. Já fiz um cestinho, ainda faço. Já fiz muitos. Não me cabe este dedo dentro.

E: Gosta das miniaturas?

JF: Eu trabalho mais com essa parte de... miniatura. Veja este cesto.

E: Já vi este cesto. Vamos tirar uma foto no fim.

JF: Já viu?

E: Sim, como íman, preso no frigorífico.

JF: E fiz um suporte de ovos também. Hoje não tenho nada. Isto [apontando para uma peça em vime, fora do lugar] foi o meu neto que esteve aqui. Ele está no continente. Ele esteve o mês passado aí. Fez ontem cinco anos. E fez brincadeirinhas com o avô. Fazia... mas... é complicado. Isto com a idade que eu tenho, já devia ter idade de ter juízo... largar tudo da mão.

E: Mas também é um entretenimento, é um *hobby* que tem. Vamos passar à seguinte pergunta.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

JF: Também já tingi vimes. Também às vezes trabalho em produtos de madeira. Tenho um torno. Um artesão, querendo as mãos é que mandam. E faz-se muita coisa.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

JF: Já tive muitos projetos que foi dar formação. Já dei formação, mas infelizmente, dar formação, a gente trabalha com um gosto e no fim e ao cabo, embora haja um ou outro que queira seguir, mas não há seguimento, não há apoio, eu nunca me esqueço de uma vez, no Porto Cruz, que eles já sabiam trabalhar algo. E aquilo estava tudo formalizado para eles se juntarem, fazer um tipo de cooperativa e para dar um seguimento. Só me diziam assim: "Se o Sr. Fernandes ficar, a gente arranca." porquê para terem as costas largas, não queriam ter a iniciativa. E depois não tinham mais ninguém. O governo deu a formação e...chapéu. Já dei na Boaventura, já estive no Estreito de Câmara de Lobos. E eu tinha... tive projetos até... tive um projeto que cheguei a fazer. Fiz um vestido, em vimes, mas um vestido para usar para uma passagem de modelos. Para uma passarela. Para Londres. E tinha que levar uma pessoa lá dentro.

E: Pois, tinha que ter um modelo.

JF: O modelo, e agora fazer o estudo. Estive duas ou três vezes para desistir e não desisti. E no fim e ao cabo, sim, consegui fazer.

E: Teve um projeto e tanto.

JF: E peras, como se costuma dizer.

E: 16- Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

JF: Sim, já dei anteriormente essa resposta.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JF: Não.

E: Qual é o número que lhe dá, entre 0 e 10?

JF: Mais meia dúzia de anos, acaba isto. Os velhinhos, que ainda conseguem, novos não se vê. Portanto, tenho uma ideia que isto, mais meia dúzia de anos, já não vai ser para mim, que isto acaba.

E: Então de 0 a 10?

JF: Dou 6.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

JF: Não.

E: Qual é o número que dá?

JF: Este é 0.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

JF: 6.

E: 20- Diga-se, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

JF: É isso que ainda é pouco também... Eu não sei se há artesãos mesmo... meia dúzia, pelo máximo.

E: Aqui na zona, mesmo só o senhor e o...

JF: Não, e há mais alguns aí no Rochão também, alguém que ainda faz e tem outras pessoas também.

E: Vou lhe dizer... é aqui na Camacha?

JF: Não sei. Se chegar a meia dúzia, eu acho que é o máximo.

E: Muito obrigada pela entrevista, vou dá-la por acabada.

Anexo 1.7 – Entrevista com Fátima Nóbrega Santos, 68 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 36 minutos e 13 segundos

Local: Vale Paraíso, Camacha, 8 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

Perfil e experiência

- Idade: 68 anos.
- Local: Vale Paraíso, Camacha.
- Experiência: começou aos 11 anos → interrompeu aos 36 por crise do setor → voltou após reforma (há 2 anos).
- Trabalhou também como ajudante domiciliária e depois na Segurança Social.

Situação atual

- Trabalha por conta própria (passa faturas, atividade legal).
- Produção em pequena escala, mais como hobby, mas com retorno financeiro.
- Faz sobretudo miniaturas (Figura 96):
    - Chapéu do Carreiro do Monte (com fita e íman ou como chaveiro).
    - Carrinho do Carreiro do Monte.
    - Pequenos cestos para vinho Madeira.
- Encomendas médias: 6–12 peças; pontualmente 30–50 (protocolos, Casa do Povo, grupos de folclore).
- Clientes: *Madeira Wine*, Armazéns Oliveira, particulares e turistas.

Produção e ritmo de trabalho

- Trabalha apenas quando tem encomenda (≈ 2 vezes por mês).
- Produz em série (12–20 peças).
- Tempo de execução: chapéu ≈ 30 min + 10 min (personalização com fita, cola, íman).
- No passado trabalhou diariamente, sem férias até aos 36 anos.

Matéria-prima e acabamentos

- Compra vime em pequenas quantidades (ex.: Curral das Freiras).
- Dificuldades: vime demasiado grosso, caro (18€/kg), escassez crescente.
- Acabamentos: voltou a usar verniz de soalho para dar brilho e resistência.
- Inovação recente: utilização do vime escurecido (cozido duas vezes).

Inspiração e inovação

- Cria peças próprias, não copia.
- Inspira-se em tradições (Carreiros do Monte, bolo de mel com vinho).
- Ideias surgem muitas vezes de noite ou de pedidos de clientes.
- Orgulha-se da perfeição e estética das peças, em contraste com produção "apressada" atual.

Dificuldades do ofício

- Escassez de vime (falta de plantação).
- Baixa atratividade da profissão (pouco rendimento, esforço físico intenso, problemas de coluna).
- Falta de apoios aos artesãos (subsídios mal aplicados, abandono estatal).
- Pouca continuidade geracional (filhos e jovens não querem aprender).

Formação e divulgação

- Nunca deu formação oficial, mas já ensinou pessoas diretamente.

- Não aceita dar cursos: considera que não há futuro na atividade.
- Peças já estiveram em Arte Camacha e noutras exposições.

Avaliações pessoais (0–10)

- Futuro da atividade: 1 (não acredita na continuidade além de 10 anos).
- Valorização: 5 (algum reconhecimento, mas insuficiente).
- Realização pessoal: 9 (sente-se plenamente feliz a criar e inventar).

Situação atual dos artesãos (perceção pessoal)

- Calcula que haja 10 a 15 artesãos ativos na Camacha.
- Menciona alguns nomes:
    - O marido da irmã (87 anos) e a própria irmã ainda colaboram.
    - Sr. Fernandes (doente), José Pedro (80+), dois "Policarpos" (40–50 anos, com negócio próprio), um artesão regressado do Brasil (≈ 65 anos).



Figura 96 – Miniaturas da artesã Fátima. Novidade de um cesto feito com o vime mais escuro que consiste em colocar o vime a cozer por duas vezes (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025)

Transcrição da entrevista a Fátima Nóbrega Santos:

Entrevistadora (E): Vai dizer-me, então, o seu nome, a sua idade e onde vive.

Fátima Nóbrega Santos (FNS): Fátima Nóbrega Santos, vivo no Vale Paraíso e tenho 68 anos.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

FNS: Há muitos anos. Desde os meus 11 anos que comecei nesta profissão. Mas interrompi-a aos 36 anos. Depois fui para outra profissão. Mas mantinha sempre um pedacinho da profissão à noite, simplesmente. Depois reformei-me, há uns dois anos talvez, aí deu-me saudades de fazer novamente a mesma profissão e criar as minhas peças, que eu sempre criei o meu trabalho e nunca copio de ninguém. E sim, fiz umas peças novas, nunca tinha feito antes e tem tido um pouco de sucesso a nível de vendas para turismo.

Portanto, comecei por me basear no chapeuzinho do Carreiro do Monte. Olhei para a cabeça do senhor e disse: vou fazer uma réplica daquele chapéu. Fi-la, personalizei com o nome Madeira, em fita preta, como eles têm. Depois disso, tentei também recriar o cestinho do Carreiro do Monte. Fiz em miniatura diminuta e fiz um logo acima. Também tem saído algumas coisas para o turismo. Tudo com o seu íman, o chapéu com o íman e também tenho feito algumas encomendas do chapéu com o chaveiro para fazer entrega em protocolos de folclore, de protocolo de escola, tem sido feito isso assim.

E: E por acaso eu cheguei a ver os seus trabalhos ontem com o Sr. José João. E achei lindíssimos. Eu disse logo: eu faço parte de um grupo de folclore e eu acho que isto tinha saída quando a gente faz os intercâmbios e quando vamos atuar, para apresentar aos turistas. Era uma forma também de...

FNS: Pronto, é uma ligação da nossa cultura. Da nossa cultura.

E: E sempre ficava algum dinheiro para o artesão e também para o Grupo de Folclore.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

FNS: Trabalho no momento que faço por conta própria. Passo as faturas. Trabalho legal. O cliente que me pede a fatura, eu passo.

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

FNS: Simplesmente apresento por onde eu passo e perguntam-me o valor. Eu identifico o valor e as pessoas encomendam qualquer coisa. Não vou dizer que são encomendas muito grandes. Na base dos seis, seis (euros). Trabalho para a *Madeira Wine*[48]. Tem muita coisa também lá de regional e artesanal. Trabalho também para os Armazéns Oliveira, que também dinamizam o nosso vinho, na qual também tem o nosso produto artesanal, que é o chapéu e os carrinhos.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

FNS: Ah, no momento eu só faço, como estou reformada, no momento só faço quando eu vejo que tenho alguma encomendazinha ou quando está quase acabando a encomenda dos outros pratos. Não trabalho todas as semanas.

Lá duas vezes no mês. Faço uma coisinha. Faço média de 12, 20 de cada um. Estou sempre prevenida com qualquer coisa para se alguém me perguntar se tenho. Entrego. Se não tiver, eu faço durante essa semana. Preparo o meu materialzinho e faço a encomenda.

Entrego e recebo. Eu não entrego trabalho a ninguém sem o pagamento no ativo.

E: Acho que sim.

FNS: Porque são coisas diminutas. Isto é um *hobby* que eu tenho, de manter um bocadinho a nossa tradição e também de ganhar mais um tostãozinho, também é verdade. Mas não é para coisas volumosas que possa dizer, daqui a três meses venha buscar. Não. Não. Assim não trabalho.

E: É a sua política de trabalho, e acho muito bem.

FNS: Sempre foi assim.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

FNS: Pois, é aquilo que lhe vou explicar. Desde a minha infância, dos 10 anos, 11, comecei nessa profissão. Trabalhávamos de manhã até às 11 horas, meia-noite, porque rendia mais o trabalho assim durante a noite, porque não andava de pé. Desde os meus 11

[48] *Madeira Wine* – empresa que comercializa o vinho Madeira.

anos, aos 36 anos, suspendi a profissão. E porquê? Devido à situação da crise que nós atravessamos no artesanato do vime, eu deparei-me com a situação que tinha o meu sótão da minha casa cheia de trabalho, tinha algumas pessoas que faziam alguma coisa de trabalho para mim, e eu esgotei a minha economia que eu tinha, em pagamentos, e chegou-se uma altura, disse bem, eu não consigo aguentar isto, o artesanato está morrendo, porque não está a sair.

Foi quando cortaram mais a exportação. E aí nós, camacheiros, sentimos muito essa crise. Pensei em procurar outra profissão. Felizmente, a primeira que eu procurei, foi aí que fiquei, mais 25 anos. Pronto, fui trabalhar para o.… para o governo, fui ajudante domiciliária 10 anos. Entretanto, tive um acidente que me limitou e aí tive de mudar de profissão, novamente. Proposta pelo meu próprio serviço e pelo meu médico, teve que ser uma coisa mais suave. Então aí entrei na Segurança Social.

E: Mas aprendeu, foi com quem? Quem é que lhe ensinou a fazer?

FNS: Foi o meu tio, o meu tio António Neves. Foi quem ensinou?

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

FNS: Da peça do vime?

E: Sim. Dos que faz?

FNS: No momento, o chapéu é o mais agradável. São pessoas que dizem que está perfeito. Recuam um pouco quando eu ponho o preço. Isto é difícil de fazer. Isto é difícil, mas pronto, mas sempre dão uma encomendazinha de seis, doze, às vezes uma dúzia e meia, às vezes dão. Exceto a situação que já falei há pouco, que foi quando existe uma troca de protocolo de escolas, como já aconteceu, aí já o ano passado e este ano pediram trinta chapéus e este ano pediram cinquenta. E a nossa Casa do Povo, da Camacha, também já foi à América, também levaram 30 chapéus dos meus, para dinamizar. É um trabalho muito bem feito. Pronto, dentro disso, sim.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

FNS: Eu faço de tudo. Aquilo que eu imagino. Portanto, não vou dizer, mais específico. Há uns que são mais fáceis e é para a gente ganhar dinheiro do que outros. Porque o material do vime, o vime, é difícil encontrar aquilo que a gente precisa, muitas vezes obrigando-nos a fazer aquilo que até não é o que mais gosta. Mas temos que gastar o vime. Não tem nada assim muito específico. Que tanto faço? Faço o chapéu, faço o carrinho. Olha, esta semana fiz uma amostra para as garrafinhas do vinho de madeira. Me pediram no Caniço, no supermercado do Caniço. Tenho a intenção de amanhã ir lá apresentar a peça nova que fiz esta semana.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer a peça x? Por exemplo, esse chapéu?

FNS: Meia hora só o chapéu.

E: Meia hora só?

FNS: Meia hora. Mas depois disso, na parte final, quando já os tenho feitos, eu tenho que personalizá-los. Portanto, e aí tem mais um tempinho que é. lhe pôr a fita, tenho que mandar imprimir a fita também, e depois colocar o ímã. Aí já gasto outro tipo de material, já gasto a cola, já compro o ímã, aos chineses, eles é que têm, e a fita eu imprimo em casas das que fazem impressão. Portanto, deve levar uns 40 minutos aquela peça.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

FNS: Pois, esse é um dos problemas que tenho debatido, porque às vezes já aconteceu de querer fazer e não encontro o vime. Há dias, desloquei-me ao Curral das Freiras, comprei 10 quilos de vime novo que o senhor tinha, trouxe esse vime, mas não é bem o vime que eu preciso. Portanto, tem um vime que está muito grosso que eu não consigo fazer o chapéu, porque é aquele vime tão grosso. O meu chapéu é como quem faz *crochê.* Depois eu vou lhe mostrar e aí já vai ver. Mas é difícil encontrar a matéria-prima, é muito difícil, mas muito difícil. E é isso que vai acontecer aos poucos artesãos que ainda existem na Camacha.

Vai ser isso o problema de acabar, vai acabar, não tenho dúvidas, que isto mais de 5, 10 anos não tem quem faça. Os meus filhos já não fazem. Eu mais coisa menos coisa já não consigo fazer. Têm morrido também os nossos artesãos da Camacha, os bons artesãos,

também têm morrido. Por isso... E onde uma das situações que nos leva a ficar assim um bocadinho dececionados é a falta da matéria-prima. Que ninguém faz plantação do vime.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

FNS: Envernizar. Tenho envernizado os meus cestos ultimamente. Há muitos anos eu envernizava, depois deixei, mas há coisa de uns dois meses, talvez, achei por bem lhe dar mais um certo brilho e uma certa consistência, aí sim comprei verniz de soalho, que é de dar em madeiras, o que faço é: polvilho o cesto, e aí ele fica muito mais resistente, com pincel. Tudo à mão.

E: Sim, sim, sim.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

FNS: Não percebi.

E: Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta? Ainda há pouco. Estava a falar sobre a falta de material.

FNS: A falta da matéria-prima. Não tenho nem dúvidas. E também, para além disso, não é uma profissão atraente, porque se ganha muito mal. Ninguém quer aprender a fazer nada. Mas também, mas em parte, eu dou-lhes razões. Não é fácil sobreviver do vime.

Não é fácil. Não se consegue ganhar um dia limpinho, uma hora dá, outra hora não dá, uma hora vende, outra hora não vende.

E: O artesanato é assim.

FNS: É assim. Obriga-se a trabalhar muito mais horas do que um emprego qualquer. No fim do mês, sabe que tem x [dinheiro].

E: Pois, teve essa experiência.

FNS: Eu nunca tive ordenado enquanto fui artesã. Nunca tive. Eu trabalhava. Trabalhava o sábado, trabalhava o domingo, trabalhava até tarde da noite, para pôr as coisas tudo em dia, para andar, para quando alguém me pedisse alguma coisa, eu já ter pronto. Portanto, em horário, nunca tinha tido férias. Então, até aos 36 anos, eu nunca tive férias. Nunca.

Só depois de mudar de profissão, é que aí, no ano seguinte, então já tive férias. Com 36 anos de trabalho, que o iniciei desde os 11 anos, até aos 36, e nunca tive férias.

Por isso, não é uma profissão atraente, não é. É bonitinha, sim senhor, para quem compra e para quem vê. Agora, para quem trabalha, é duro. Eu tenho as minhas costas aqui curvas, tem a ver com o trabalho que eu fazia. Fazia aquelas gigas. Dava para floreiras, como podia dar em gigas maiores, dava para outras coisas. Mas eu fiz sempre os tamanhos até floreira. Dava para a floreira, para pôr fruto. E a forma desse trabalho é muito penalizante. Era nós fazíamos o fundo no pé e a nossa cabeça ia quase até o pé. E foram alguns anos a fazer esse trabalho e aí sim fez-me um desvio na coluna. Por isso não é aqui o mais atraente.

E: 11- De 0 a 10, investe agora mais em materiais do que antigamente?

FNS: Cá nada, não. Longe disso. Longe disso porque não há venda. É uma também que eu não consigo fazer. Mas para além disso, não existe atração da compra. Não existe.

E: E de 0 a 10, quanto é que dá?

FNS: Para a profissão?

E: Não, para o que investe. Em vez de, se for dizer assim, que é pouco.

FNS: Eu invisto, no momento, 1 por cento. Não tem nada a ver, não tem.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

FNS: Por acaso, não. Mas, às vezes, faço alguma peça que é possível fazer uma adaptação ou com fita. Ah, tem 1 que uso a fita do riscado da florista e do folclore. Eu uso a adaptação de uma fita para o fundo do carrinho do monte. Está a ver? Depois eu mostro-lhe e ele fica com a ideia mais correta.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

FNS: Às vezes quando não posso dormir. Quando não posso dormir. A semana passada aconteceu-me essa situação. Não estava assim a dormir muito bem. E essa senhora do Caniço, tinha-me pedido, eu apresentei-lhe uma peça, para as garrafinhas do vinho, do vinho de madeira e de outras marcas. Ela disse-me assim, ah, se fosse com a garrafa de pé, e eu disse, não há problemas, que isso faz-se.

Então, esta semana criei, depois, na semana passada comecei a pensar como é que fazer, fazer formas, faço a forma de madeira e vou à máquina. Eu faço tudo, desde o princípio até o fim. Então, moldei a forma, domingo à noite, na segunda-feira já fiz o princípio do fundo, cortei, fui à serra, cortei o fundo. E então, anteontem, fiz cinco peças dessas novas. Envernizei ontem. Já tenho as garrafinhas dentro que comprei para dar uma imagem do que é que estou fazendo, para quê. E tenho ali prontinho para entregar à pessoa que me pediu. Vê se vai ficar ou não. Pode hesitar quando a gente põe o preço numa coisa. Ontem tive o dia a pensar qual é o preço que eu vou pôr.

E: Não pense muito.

FNS: Não, mas é difícil. Leva trabalho, leva vimes, caros, porque ainda há dois meses, quando eu vim buscar o vime, e eu fiquei pasmada quando me pediram 18 euros um quilo de vime. E o vime agora é grosso e eu não posso gastar. Hesita-se um pedacinho, mas a nível de investimento não tem nada a ver com aquilo que eu já comprei. Não tem nada a ver. Porque tem duas ou três pessoas que às vezes fazem uns cestinhos. Porque eu dediquei-me, eu estive muitos anos a fazer o cesto para os bolos de mel.

Fizemos milhares disso. Mas agora não aparece nada. Pouco ou nada, ainda existe alguém que faz, mas não tem nada a ver com os que eu fazia. Muito mal feitos, que eu até tenho vergonha de... Se aquilo é artesanato, eu não sei do que é o artesanato. Mas é aquilo que se faz agora. Alguém vai aldrabando, aldrabando, não interessa.

Não faço agora para isso, porque essa fábrica também fechou, o senhor morreu. Mas aí sim, pronto, eu tentava fazer a minha amostra. Hoje em dia alguém tenta fazer, mas não faz com a perfeição que eu faço. Se eu tinha um bolo de mel de quilo, para uma garrafa de 3 quartos, e punha a garrafa aqui assim, e fazia o cesto, tudo à uma, e o senhor só encaixava os produtos com folha de celofane e está pronto a vender. Hoje em dia tentam imitar isso. em tamanhos mais pequenos, o bolo mais pequeninho. Mas põe uma garrafinha assim, torta dentro, não tem beleza nenhuma.

Mas dos outros que eu falei, fiz de vários tamanhos. Fiz corações, fiz garrafa ao lado, fiz tanta coisa. E era tudo moldado. A intenção, o que é? E é um coração e um bolo? Então o fundo também é um coração. Vou pôr uma garrafa ao lado? Então punha uma garrafinha ao lado. E fazia o contorno de tudo aquilo que eu estava a fazer.

E: É uma peça só.

FNS: É uma peça só. E tinha a sua beleza. Porque o acabamento não era eu que fazia, era quem tinha o bolo e quem tinha o vime. Depois punha uma fita, punha-lhe uma folha de *celofane*, pronto. Uma fita, bem arrumadinha, ficava bonita, um presente muito bonito. Algumas vezes fiz isso, que também já fiz parte da banda de música da Camacha, e há muitos anos, a gente levou para o continente umas peças dessas assim, um bolo de mel de quilo e uma garrafa de vinho madeira ao lado, mas com o cesto feito em condições. Eu não tinha vergonha de dizer que estava perfeito, estava perfeito.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

FNS: Não percebi muito bem.

E: Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho? Exemplo, o tingir o vime para criar novos padrões.

FNS: Tive há dias uma situação, muito engraçada. Eu fui, como lhe disse, fui ao Curral das Freiras comprar os tais vimes. E eu ao sair de lá, a mulher do senhor que estava vendendo os vimes, eu já estava a entrar para o carro e ela disse assim, olhe!... Mas a gente tinha falado numa situação da nova técnica que se usa agora no vime, que é o escurecimento. Escurecer o vime normal, sem casca, a técnica que se usa agora é meter novamente o próprio vime, que já foi descascado e já está seco, vai para o caldeiro outra vez e fica negro. Isso é uma nova técnica.

E: Mas voltam a cozer o vime?

FNS: Sim. E vou lhe dizer porquê. Eu venho já a sair e a senhora diz assim, é porque ela tinha dito que um engenheiro qualquer tinha pedido ao marido dela para fazer uns cestos grandes, convém assim com essa transformação. E o senhor disse, ah não, mas quem vai fazer? e disse assim, pretos, não, eu não faço, eu não faço. E esse senhor engenheiro disse

assim, não se preocupe, faça as 30 peças que a gente estamos a pedir, nós vamos pagar que é para nós levarmos para o continente para uma exposição de artesão, até para lá. E o homem fez e mandou, recebeu o dinheiro, tudo bem.

Ficou uma gavela de vime e a senhora disse assim: Olhe, já agora leva aquela gavelinha[49] de vime escuro e faça uma inovação com ele. Eu trouxe a gavelinha de vimes.

Põe-lhe lá dentro onde eu faço os cestos. Estava eles com mofo. Mofo! O vime não estava bem seco. Depois um dia que eu pensei assim, bem, vou fazer alguma coisa com isto. Eu tinha ali umas formas que eu tinha feito um chapéu grande, chapéu também do Carreiro do Monte, mas em tamanho real. O ano passado eu fiz, e pus até em exposição no Arte Camacha.

Mas pus um preço que leva, o tempo que aquele leva para levar e o material que levou, tinha posto a 50 euros. Eu até disse à senhora que estava a receber, a dizer, isso vai ser difícil de vender. Mas não se preocupe, que se não venderem eu ainda fico mais contente, que eu vou pôr na minha lareira. E tenho ali. Posso-lhe mostrar que é peça de arte, a seguir. Eu vez de ser um pequenininho chapéu, é em tamanho real, Duas vezes eu consegui vender dois que me pediram no Monte. Eu fiz e vendi, depois agora fiz um para mim. E por isso, eu fiz essa peça de arte.

Eu fiz em redondo. Fiz um fundo, por acaso um fundo de *platex*, não fui eu, duvidei. E fiz um cesto com a alturinha mais ou menos assim e pus-lhe uma asa de corda. E fiz essas três, foram quatro peças. Já vendi uma à professora Alexandra, que tem artesanato, acolá além, antes de chegar ao centro da Camacha. Uma loja que tem bastantes coisas na rua, de vendas, de pedidos.

E: Sim, ela tem lá coisas de artesanato

FNS: Então, ela tem este lado que eu fiz com esse vime preto. Ela ficou encantada. Já tinha levado um com vime normal. Eu disse-lhe, mas ela diz-me assim: "quando tiver novidades, traga-me." Eu disse-lhe, ah, vou ir até lá com a Alexandra, vou-lhe mostrar. Mas era com a intenção de levar para o Arte Camacha. Ela disse, ah, posso ficar com este? Eu disse, pode, é 20 euros. Ela disse, ah, não se preocupe, não se preocupe, pagou-me o cesto e vim embora, e fiquei com 3 em casa. Agora, anteontem fui à Casa do Povo

[49] Gavelinha – é um molhinho de qualquer coisa.

entregar esses três cestos para pôr em exposição na Achada, no Arte Camacha, que já começa hoje. Penso que hoje à tarde já vai estar em exposição. Se por acaso passarem lá e que vejam o cesto com vime preto, isso é a nova técnica que existe agora para o vime. Mas eu não quero. Mas eu também sei que ia ficar com as mãos encardidas, mas não.

E: Mas quando eu estava a falar em tingimento era mesmo pintura, metida em corante.

FNS: Nunca, não. Nunca pintei.

E: Desconhecia essa técnica.

FNS: Foi uma técnica bem nova. Eu também só soube agora e já consegue ver que eu vou ter acolá além na Achada.

E: Pois, pois.

FNS: Quem for curioso vai ver. Também vou ter os chapéus, também vou ter os carrinhos e vai ter outros carrinhos porque é o meu cunhado que faz, mais a minha irmã. Mas depois eu mostro-lhe a fotografia.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

FNS: Não. Uma vez fizeram-me uma proposta há muitos anos, mas o senhor também já morreu. Eu fazia garrafeiros, fiz muitos garrafeiros. Garrafeiros para pôr garrafas. Garrafas era o que se vendia. Garrafeiros pequeninos, garrafeiros grandes… vendia-se muito.

E: Não o chamavam de champanhe?

FNS: Não, não, não.

E: O champanhe era um cesto.

FNS: O champanhe era um cesto. E eu fazia... era assim redondo, semi-redondo assim. E assim o fundo. E depois fazíamos um buraquinho assim na parte da frente. E agarrava para trás. E duas orelhinhas. Duas orelhinhas e já aguentava e garrafa. Fizemos milhares desse. Houve um dia, um empresário que veio do Funchal, buscar trabalho e um dia fez-me uma proposta. Ele disse: "olha, se eu lhe der mil garrafeiros, faz-me um preço mais acessível," e eu disse que não. Foi a proposta que eu tive mais estúpida. Disse, não, porque

eu vou trabalhar na mesma, qual é a vantagem que eu tenho? Perder dinheiro. Trabalhava mais e ia receber menos. Disse, não, eu faço conforme, à medida que eu lhe dê este preço, eu faço aquilo que pede e leva e acabou-se. Foi a proposta mais tonta que eu já ouvi até hoje. Mas há quem fazia isso. Os empresários faziam isso. Traga-me 2 mil para mandar para a América, para mandar para aqui, e para acolá. E coitado quem fazia, ganhava tão mal. Deus a mim me livrasse, se eu não trabalhasse por minha conta, e não chegava aos 20 anos a trabalhar na obra de vimes, está louca.

Comecei a trabalhar, talvez já tinha uns 18, 19 anos. Quando comecei a trabalhar por minha conta. Mas eu vou lhe dizer, mas sabe o que foi essa história? Eu trabalhava mais duas irmãs. Éramos três irmãs. Entretanto o nosso patrão... tinha morrido e a mulher não conseguia aguentar o negócio, pediu-me se a gente arranjava outra pessoa para dar trabalho. Só, sim, sim, posso tratar disso. Vou falar com o Sr. Fernando. Não sei se já entrevistou o Sr. Fernando. Também é do artesanato. É capaz de já o ter entrevistado. Um grande empresário que ainda antes...

E: O José Fernandes?

FNS: Não o José Fernandes. O José Fernandes é uma outra pessoa. Fernando do "Sarola", que o chamam. Fernando do "Sarola". Que mora atrás da Igreja Nova, aliás, da igreja antiga.

E: Sim.

FNS: E esse aqui é um grande empreendedor.

E: O José de Jesus Fernandes.

FNS: Exatamente. Esse senhor, é que me ensinou a vida, eu vou lhe dizer porquê. Eu vou lhe dizer porquê. Porque eu pedi-lhe trabalho. Ele disse: "ah, sim, sim, já posso ir lá, já posso ir lá pôr o material". Eu disse: "Sr. Fernando, mas há uma coisa aqui que tenho que lhe avisar num momento. É porque nós temos caixa" e ele disse: "ah, não pode ser. Ah, não pode ser, não posso pagar a três, só se pagar a uma". A uma pessoa. Eu disse: Sr. Fernando, não aceito a proposta tonta também. Eu disse-lhe: "Sr. Fernando, muito obrigada, mas eu não aceito". E comecei a trabalhar por minha conta.

Foi a melhor coisa que eu fiz. Portanto, ele é que me ajudou a sair da pasmaceira dos empresários que a Camacha tem. Está a perceber? Isto são realidades.

E: Tornou-se empresária.

FNS: Sim, comecei a fazer aquilo que eu... Eu tinha um irmão que fazia uns... Por acaso foi uma coincidência. Fazia os tais garrafeiros, assim, abaulados. Sei que a gente fez muitos garrafeiros desses. E eu disse assim ao meu irmão: António, vais-me ensinar a fazer esses garrafeiros que eu vou pegar a trabalhar por minha conta, porque se os outros trabalham, eu também sou capaz. E foi a melhor coisa que eu fiz. Muito, muito e melhor. Ao Sr. Fernandes devo esse favor, foi um favor, ele pensa que estava me encostando, mas foi uma forma de sair da crise.

E: Da crise, aí está.

FNS: Simplesmente.

E: 16- Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

FNS: Nunca dei formação a ninguém. Quero dizer, eu não dei formação, isto é, nunca ganhei em dar formação.

E: Sim, claro.

FNS: Mas ensinei pessoas a trabalhar.

E: Pronto, isso é uma forma da formação.

FNS: Sei, mas pronto, há aqui pessoas que a gente já falou ainda agora, tanto o Fernandes e o... Fernandes foi um dos que, acho que, e não só ele, teve mais alguns que fizeram. Fizeram parte de programas de formação que ganharam o seu. Para mim nunca ninguém me propôs.

Também não aceitaria. Porque sei que isto não tem futuro. É a minha triste realidade que eu sinto, que dificilmente isto segue. Isto mais uns 10, 15 anos, não tem quem faça nada. Pode haver ainda um empresariozinho que até ainda se mexa, como esses dois rapazes dos "Policarpos" que andam à procura. São rapazes novos, devem ter uns 50 anos agora, 40 e tais anos, 50. Pode ser que eles, que toda a vida, trabalharam naquilo, e ainda continuem.

Agora, que ele consiga ter pessoas para trabalhar para eles, se as pessoas estudam, não vêm para isto. Não vêm.

E: Infelizmente.

FNS: Infelizmente. Mas também é assim, ninguém nos apoiou nunca. Nunca chegou apoio nenhum aos artesãos da obra de vimes. Houve um ano aqui, há muitos anos, Não sei lá como é que foi, três pessoas da Camacha, o Sr. Fernando e um do Café Relógio também, eram os grandes empresários da Camacha, era o Café Relógio. Trabalhávamos muitos anos para lá. Vieram umas máquinas que era para tirar, para fazer cestos com a máquina, mas as máquinas vieram, mas nunca ninguém executou nada. Comeram o subsídio e as máquinas não fizeram nada. E a gente está nesta pasmaceira. Esta é a triste realidade do nosso vime, da Camacha.

E: Porque existe às vezes muito boa vontade, mas só que...

FNS: Não, mas houve formas de desviar as situações.

E: A boa vontade e depois morre pelo caminho à sede.

FNS: Por isso, eu sempre trabalhei comigo e comigo e comigo e nunca tive nada, com ninguém. Houve pessoas que trabalharam comigo. Eu dava-lhes o valor. E sempre tive uma meta que era assim, metade é meu e metade é para quem faz. E na minha metade era um investimento que tinha que fazer. Trabalhei sempre assim. Por isso as pessoas que trabalharam comigo dizem que aprenderam a trabalhar comigo. E têm um grande respeito por mim. Porque não fui exploradora de ninguém. Ao passo que muita gente aqui na Camacha é. Está bem?

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

FNS: Já dou a resposta. Não, não tem. Não tem.

E: Diga-me já agora.

FNS: Não tem. Posso tentar 1 por cento do futuro. 1%, mas é claro que não tem futuro. Não tem.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

FNS: Acho que não é.

E: Qual é o valor que dá?

FNS: De 0 a 10. Sei lá. Meio, meio.

E: 5?

FNS: 5.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizada neste trabalho?

FNS: De 0 a 10, eu dou 9. Eu vou dizer porquê. Porque eu sempre gostei de trabalhar nisto. Eu sempre senti o bichinho de trabalhar na obra de vimes e criar aquilo que eu faço. Acima de tudo. Nunca copiei, como já disse há pouco. Gosto de inventar. É a arte que eu gosto de inventar e concretizar. E não tenho vergonha de mostrá-la seja lá a quem for. Depois de pronta. Tenho tido muitos elogios, é verdade. Ainda não houve ninguém que tivesse a coerência de dizer: está mal feito.

Que é caro? Sim. Mas também não há nada por ir além. Porque se eu faço um chapéu, agora vou lhe dar um preço. Faço um chapeuzinho, assim, assim. Mais ou menos deste tamanhinho. Já prontinho. E ponho 8 euros. É caro? Trabalho 40 minutos nisso. E ponho o material e ponho ainda compro coisas aos chineses, ainda compro fitas, ainda compro ímãs e cola.

E: Não é nada caro.

FNS: Tem futuro? Não tem. Eu estou fazendo porque gosto. Não é por necessidade, porque a pessoa está na sua reforma. Tem que aprender a viver com aquilo que tem direito. Mas como um *hobby*... é um *hobby*. Gosto de fazer, sinto-me feliz quando consigo criar algo. Simplesmente isso.

E: 20 - Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

FNS: Oh, não faço ideia.

E: Falou-me da sua irmã e do seu cunhado, eles ainda fazem algum trabalho?

FNS: Eu vou lhe dizer, o meu cunhado tem 86 anos. Vai fazer 87 daqui a uns dias. A minha irmã ajuda, também estava na circunstância como eu, veio para a reforma, na pré-reforma, que também estava bastante doente. No momento ela está ajudando um bocadinho, mas também teve uns anos sem fazer nada de vimes. O meu cunhado também já não fazia. Depois foi para o Café Relógio, eles pediram para ele ir para lá fazer as suas coisinhas, e ele aí tomou outra vez o gosto da obra de vimes e o Café Relógio fechou. Ele pensou em fazer em casa. E a minha irmã, então, colabora. Mas não conheço se tem muita gente que faça a obra de vime. Tem o Sr. Fernandes, que também já está, assim, muito debilitado. Tem os dois Fernandes. Tem os dois. Tem o Fernandes. Mas já tem o José Pedro, que também já tem 70 e tais, quase 80.

E: Tem 80 e poucos.

FNS: Os mais novos, que eu conheço, que ainda fazem alguma coisa, são os tais dos "Policarpos". Moram para dentro da igreja. Ainda não falou com eles? E eles aqui ainda têm um negóciozinho e parece que têm várias, algumas pessoas ainda a fazer alguma coisa para eles. Mas não vejo assim muito mais gente. Morreu ainda há poucos dias. Portanto, eu tinha o meu padrinho de casamento, morava aqui mesmo, ao pé do bar Tiojuca, que era um artista. Mas também mudou de profissão. Há poucos anos. Por acaso faleceu. Tinha também o Sr. Alcino, que era um que às vezes fazia a representação no Arte Camacha, a trabalhar o vime na zona. Também tinha um senhor que veio da Venezuela, mas também já está em jardinagem. Não sei, sinceramente...

Tem este rapaz do Caniço, também é da Camacha. Ele é camacheiro. Também parece que há pouco tempo veio de fora, teve imigrado, acho que foi no Brasil. Ele está fazendo umas coisinhas agora e ele está se afirmando um bocadinho. Ele está a recriar cadeiras e ele fazia mais miudinhos trabalhos, agora ele está fazendo cadeiras e está entrando um bocadinho. Faz exposições também. Já não é mau, mas ele também já está reformado, já tem 65, 66.

Agora eu lhe pergunto, isto aguenta mais de 10 anos? Tenho dúvidas. Tenho dúvidas. Um número solto, talvez tenha umas 10, 15 pessoas a trabalhar na obra de vime. Talvez no máximo, talvez.

E: Senhora, muito obrigada.

Anexo 1.8 – Entrevista com José Marques Vieira, conhecido por "Vieira", 87 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 45 minutos e 14 segundos

Local: Sítio da Achadinha, Caminho Municipal da Achadinha, 115, 8 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

Perfil e percurso (Figura 97 a 101)

- Nome: José Marques Vieira (conhecido como Vieira).
- Idade: 87 anos (nascido a 5 de maio de 1938).
- Local: Sítio da Achadinha, Camacha.
- Experiência: começou aos 12 anos → trabalhou ativamente até aos 83 anos.
- Aprendeu desde cedo: primeiro tapando fundos, depois evoluiu para cestos e cadeiras.
- Trabalhou com familiares (pai, irmão, irmã) e em oficinas ligadas a figuras como Heliodoro e Café Relógio.
- Também foi responsável por recolher e distribuir trabalho entre artesãos.

Situação atual

- Continua a produzir peças pequenas (cestos, liaça, cadeiras em trapilho) → cerca de 2 a 3 horas por dia.
- Não trabalha mais de forma regular; faz sobretudo por gosto e para se entreter.
- Comercializa esporadicamente através de José Pedro ou diretamente a conhecidos.

Produção e peças principais

- Especialização variada → fez "o que aparecia": cestos, malas de garrafas, tabuleiros, cadeiras.
- Peça com maior impacto: "champanhes" (cestos com tampa e asa reta, usados para lanches ou exportados para Inglaterra/Holanda).
- Tempo médio de execução:
    - Cesto redondo com tampa → ≈ 4 horas.

Matéria-prima e acabamentos

- Matéria-prima: vime local (comprado, trocado ou oferecido por outros artesãos, como Pereira).
- Recorreu ao *rattan* e ao plástico/trapilho em algumas peças.
- Dificuldades atuais: escassez de vime adequado, preços altos, falta de pontas para trabalhos pequenos.
- Acabamentos:
    - Antigamente: "casa da cor" (tratamento com enxofre, dava durabilidade quase eterna, mas enferrujava pregos).
    - Atualmente: cola e verniz para maior resistência.

Inspiração e técnicas

- Criação baseada em imaginação e nos modelos tradicionais.
- Experiência também em tingimento de liaça para malas de garrafas.
- Uso de moldes de cartão e, no Rochão, observava diferenças:
    - Rochão → cestos quadrados com arcos.
    - Achadinha → cestos quadrados feitos com formas.

Condições de trabalho

- Antigamente trabalhava 12–16 horas por dia (das 7h30 à meia-noite).
- Hoje → 2–3 horas por dia, apenas por lazer.

- Recorda que muitos artesãos enriqueceram no passado com a obra de vimes, mas a profissão foi sempre mal paga.

Dificuldades da profissão

- Baixo pagamento histórico ("quem podia, fugia da obra de vimes").
- Custo e escassez da matéria-prima (avalia com 9/10 o aumento do investimento em material).
- Pouca continuidade geracional e desvalorização do ofício.

Formação e transmissão

- Nunca foi monitor em cursos formais.
- Chegou a ensinar pontualmente colegas ou aprendizes, mas não de forma oficial.
- Critica soluções fáceis (fundos de cartão) que não exigiam verdadeira aprendizagem.

Avaliações pessoais (0–10)

- Futuro da atividade: 3.
- Valorização: 1.
- Realização pessoal: 2.

Situação atual dos artesãos (perceção pessoal)

- Menciona ainda ativos:
    - Dois irmãos artesãos.
    - Pereira.
    - José Pedro.
    - Sãozinha (ex-mestra no Relógio).
- Nota declínio acentuado → poucos ainda trabalham e muitos abandonaram.

O Sr. Vieira estava a fazer liaça durante a entrevista. Tem a cadeira com base em madeira, mas o entrelaçado da obra de vimes é em trapilho, os cestos quadrados, segundo diz o artesão, são feitos de forma diferente dos do Rochão. Estes são feitos com uma forma e

os outros são feitos a partir de um arco. Na verdade, em visita ao artesão Jordão do Rochão, este estava a fazer o cesto quadrado, conhecido como cesta de almoço (Figura 97), com um arco, e na altura ele referiu que para cada tamanho de cesta tinha um determinado arco.



Figura 97 - Entrevista com José Marques Vieira, conhecido pelo Vieira (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025)



Figura 98 - Entrevista com José Marques Vieira, conhecido pelo Vieira (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025)



Figura 99 - Entrevista com José Marques Vieira, conhecido pelo Vieira (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025)



Figura 100 - Entrevista com José Marques Vieira, conhecido pelo Vieira (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025)



Figura 101 - Entrevista com José Marques Vieira, conhecido pelo Vieira (Fot. por Lucília Teixeira a 8 de agosto de 2025)

Transcrição da entrevista a José Marques Vieira:

Entrevistadora (E): Pode-me dizer a sua idade, por favor? E o nome? E morada?

José Marques Vieira (JMV): 5 do 5, 1938.

E: E qual é o seu nome?

JMV: Pode referir-se. José Marques Vieira.

E: 1-Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

JMV: Ora, eu comecei com 12 anos, quando saí da escola. Agora não posso dizer que trabalho, agora já é só pouca coisa. Mas trabalhei até aos 83 anos. Comecei a trabalhar a fazer cestos, depois comecei a recolher trabalho, mas sempre fazia alguma coisa... Não tinha nada para fazer, fazia alguma coisa. E ainda faço alguma coisa, mas agora já não.

E: Mas vejo que tem aí bastante trabalho feito. Ainda faz.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JMV: Eu já trabalho por conta própria. Quando eu comecei, primeiro tive... antes de tudo, tive. Saí da escola com 12 anos e meu pai trabalhava com o Pedro da "Malta". E eu fui para lá trabalhar. Ganhava 2.500 por dia.

E: Na obra de vimes.

JMV: Não era de 2.000 euros, era 2.000 que era de patacas, 2 escudos e 50 centavos. Depois o meu irmão pôs negócio, fui trabalhar com o meu irmão. Comecei a ganhar 3 escudos e tal.

E: Sempre na obra de vimes.

JMV: Sempre na obra de vimes. Depois eu tinha 19 anos. Comecei a andar para casar. Nessa altura andava-se para casar também, agora já não se anda para casar.

E: Já se casa logo.

JMV: Para casar, e trabalhava com o meu irmão, e meu pai ganhava 25 patacas, que era o mestre de uma oficina lá em baixo, trabalhava com outra gente lá.

E: Lá em baixo onde?

JMV: Com o "Airinhos da Mota", mas isso já acabou. Ganhava 25 patacas. também ia, com o meu irmão, ele tinha um negócio e eu ia trabalhar, fazer umas cadeiras, e trabalhava com ele, e ele pagava-me 40 patacas por dia e, por fim, não queria trabalhar com ele, achava pouco. Ele disse a alguém que: não sabia o que eu queria, meu pai, que era o mestre das cadeiras, ganhava 25 e eu estou lhe pagando 40 e ele ainda acha pouco.

Eu disse assim a meu irmão: "Olha, eu vou trabalhar por minha conta". Mas nessa altura era difícil. Comprei uns viminhos. Trabalhava com a minha irmã, ela tapava os fundos e eu fazia o resto. A primeira vez que comprei os vimes, nos enganaram. O gajo que me vendeu os vimes, quem faz negócio já sabe como é, enganou-me mesmo. Numa segunda-feira ele apareceu-me com um molhe de vimes, pôs um lacinho pequeninho, mas todo enfeitadinho no outro lado. Pus o preço e comprei, mas para mais ajudas, ele não colocou aquilo a secar e começou a embolorar, e fiquei mesmo irritado e pensei: vais tomar juízo. Depois, então, a seguir, comecei a ter mais tino. Trabalhei até à idade de 30 e tal anos. Eu trabalhava para o Heliodoro e o Heliodoro na altura trabalhava com o sr. Doutor que era o que mandava na coisa. Pediu-me para ir para lá, ao sábado, ia vender cestos e ao fim-

de-semana. Tive um ano e tal até dois anos. Depois, o João José Vieira da Luz, quando brigou mais o tio, o Heliodoro encaminhou-me para ficar com o João José para levar e ir buscar trabalho, foram 3 anos. Ele não pagava as coisas a horas. O telefone, quase todos os meses, era preciso pagar, porque ele não pagava a tempo. Ele tinha dinheiro, mas não se sabia avir.

Eu lembro-me de comprar vimes no Faial e no Ribeiro Frio, eu disse-lhe que ia comprar o vime. E eu comprei um lote de vimes. Parece-me que era o pai daquele gajo tem um restaurante agora no chão do Ribeiro Frio, que está lá de barrete, enfiado. Ele tinha um bar mais para baixo, na coisa, e ele cortava o cabelo, porque a casa tinha um bar, e ele tinha uma cadeira, e chegava lá um gajo e ele cortava o cabelo. E comprei cinco mil e tal, quem pagou foi o João José, que eu não tinha dinheiro para isso, comprei a 4.700 ao kg, no fim da colheita, ele já estava vendendo a 15 patacas ao kg. E eu disse a ele, se ele ia vender o vime e ele respondeu: "E depois se precisar de vime para trabalhar?" e eu respondi: "se vai vender o vime, o vime não vai se sumir". Ele não vendeu e arranjou, no Porto da Cruz, junto ao José "Pequenino," um lugar para guardar o vime e lá entrou água e lá foi o vime todo...

E: Foi tudo vendido?

JMV: Não, entrou água salgada pelo armazém adentro.

E: Ah!

JMV: Ele andou ainda uns tempos aí. Ele tinha uma casa na Rua das Maravilhas, um casarão, com garagem. Ele tinha deixado a mulher também, tinha três filhos, tinha 2 apartamentos junto às Duas Torres. Havia vezes que eu subia aquelas escadas, ele vivia no quinto andar e eu ia a pé, eu não ia no elevador, ia a pé e vinha. Um dia faltou a luz. Ele às vezes pendia e dizia: "não estou para ninguém". Acabava, podia rebentar a porta, que ele, era não e não. Depois o Heliodoro, quando compraram O Relógio, tivemos uns diazinhos, ainda juntos, a trabalhar. Ele separou-se, foi embora para a Venezuela e nunca mais voltou para aí.

E: Então, depois dessa história com o Heliodoro, começou a trabalhar no Café Relógio?

JMV: Foi o Heliodoro que começou a trabalhar com o sr. Doutor Vieira da Luz a ver trabalho como eu comecei com o João José Vieira da Luz.

E: Andava a procurar trabalhadores? Ia pôr o material e depois ia buscar...

JMV: Mas nessa altura era um homem de... tinha as suas coisas, mas era um homem decente... E dava-me muito bem com ele. Quando era preciso discutir, discutia-se, mas não...

E: Mas trabalhou então pouco tempo por sua conta?

JMV: Por minha conta? Pois sim, não foi muitos anos, mas nessa altura a gente ia à segunda-feira, à segunda-feira ia-se ver se tinha trabalho, depois ia-se à União, andava-se ali, davam uma encomenda, mas no meio da semana, mandavam parar e não havia trabalho, uma tristeza.

E: Quantos anos trabalhou no Café Relógio?

JMV: Trabalhei no Café Relógio, no bar. Havia o bar dos pobres e dos ricos, trabalhei lá uns tempos. Depois fui trabalhar com o José João Vieira da Luz.

E: Mas sempre na obra de vimes?

JMV: Sempre, sempre. Quer dizer, no Café Relógio era no bar, mas era só ao sábado e ao domingo. E pela semana trabalhava na obra de vimes. Trabalhei... depois estive com o João José, mas às vezes, quando não podia dormir de noite, às vezes levantava-me às duas horas da manhã para fazer qualquer coisa.

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

JMV: Isto é feito o seguinte, por exemplo, o gajo, eles dão o preço da obra de vimes. A gente vai e eles põem o preço até x. Quando havia bastante trabalho, o gajo ainda podia reclamar e dizia: "não, é tanto." Quando havia pouco, o gajo tinha que fazer aquilo. E na União, antes, na União dos cestos, que era aquela casa lá em baixo, na coisa, quando havia assim muita coisa, eles... ao sábado, tinham lá, os registadores a registar o trabalho, tinha duas pessoas a registar o trabalho. E, quando eles queriam fazer trafulhice, começavam a dizer que não passava, que ficava para a semana para resolver. E, depois, chegava-se à segunda-feira, davam menos de dois, três tostões em cada peça, nessa altura já era dinheiro. Era assim. Passava-se uma altura que não havia cestos que fartasse, mas havia uma outra altura que já não havia cestos para fazer. Só quem sabia fazer alguma coisa, é que fazia.

E: Mas atualmente, agora, como é que faz para comercializar os seus cestos?

JMV: Agora, ultimamente, depois começou a haver o José Gonçalves, um gajo que trabalhava no... que teve um armazém com o André que é de *Metropolitana*, o nome dele também, e já faziam mais... Quando havia trabalho, já faziam, e atiçavam mais um gajo para ver se fazia mais alguma coisa. Porque um dia lá em cima, estavam uns champanhes, para o senhor José Gonçalves, ele mandou ao chão, o gajo levou-lhe não sei quanto a mais, mas ele na altura deu-lhe a fazer. Depois, o sogro disse que era mentira, não andavam pagando tanto dinheiro, e este rejeitou o trabalho e não quis. Eu passei lá e ele disse-me para ficar com os cestos. E eu disse-lhe: "não, mas eu não posso pagar a esse preço. O preço que se está pagando é este" e acabei ficando com os cestos. Dai para cá ele já se segurava mais. Sempre que ele chegava a um lugar, perguntava pelo preço. Eles diziam que era para o Café Relógio e ele pagava. Depois foi tomando juízo. Sei lá o que eu passei.

E: E estes cestos que tem aqui feitos? Como é que os comercializa?

JMV: Olha, vou-lhe dizer, vou ser sincero… o José quando chega aí diz: "põe o preço por isso". Eu às vezes ponho o preço e ele ainda dá mais dinheiro.

E: É o senhor José Pedro então, que leva para comercializar lá no espaço.

JMV: Este negócio, e todo o negócio é assim. O gajo aproveita aquilo que dá. Mas, por exemplo. Agora já não é isso. É como eu lhe digo, estou só aqui só para passar o tempo.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

JMV: Eu, por acaso, ganhei dinheiro. Não valia de nada o dinheiro, mas eu ganhei dinheiro. À segunda-feira, trabalhava até à tarde e ia dar uma voltinha. Ao sábado, também a mesma coisa. E depois, os outros dias, começava às sete e meia, até à meia-noite. Não eram horas 8 horas de trabalho como eles fazem agora.

E: E atualmente, como é que faz?

JMV: Atualmente não sei, não tenho... vou dar uma voltinha. Vou dar uma voltinha, às vezes, agora tenho medo de... estão assaltando gente acolá além na levada. E tenho medo de ir sozinho. Já não posso com as pernas. Vou ao Funchal, ando um bocado por lá, tenho passe, se eu cair no chão, alguém vai-me ajudar.

Já não há ninguém a fazer nada disso. Quem soube aproveitar ganhou dinheiro na obra de vimes... No Rochão, aquelas casas que estão lá, foi a ganho com o dinheiro da obra de vimes. Mas aquilo é assim. O senhor que mora ali, a subir o Porto Cruz, tinha uma venda lá. O gajo comprava e fazia o negócio de vimes. E uma vez ele chega ali em baixo eu ainda trabalhava com o José João Vieira da Luz e diz-me ele assim: "eu tenho em casa, um armazém de vimes, vou pegar lume naquilo tudo" e eu disse-lhe: "o senhor quando comprou os vimes a 3 patacas e vendeu a 15 não pensou em arder o armazém?" Isto é assim, a vida é assim.

E: Mas por dia, mais ou menos, quantas horas trabalha na obra de vimes?

JMV: Mas agora não tenho nem ideia. Deve ser de manhã à noite e penso que é ou não.

E: No seu caso, no seu caso.

JMV: No meu caso, é como eu digo, era das oito.

E: Hoje, hoje, atualmente.

JMV: Atualmente, não sei como é, mas atualmente é oito horas de trabalho que eles fazem.

E: Mas no seu caso, não sei. Faz esta obra em vimes? Sim. Quantas horas por dia trabalha?

JMV: Olha, ontem fiz este cesto, uma parte aqui.

E: Levou o quê? Umas duas horas? Trabalhou duas, três horas.

JMV: Umas duas horas?

E: Duas, três horas por dia.

JMV: Penso, venho aqui. Às vezes estou dormindo, começo a pensar vou fazer isto. Mas às vezes faço duas, três vezes por dia. Não tenho material. Quando estava acolá em baixo, tinha lá material. Às vezes quero fazer uma asa para isto e não tenho vime. É só uma coisa. O resto do material é isto. Há dias veio aqui, uma mulher pediu-me isto (as pontas do vime para fazer trabalhos pequenos). Nem ajuntava isto.

E: Sim, mas é que isso é bom para os trabalhos pequenos.

JMV: A mulher que faz uns chapeuzinhos.

E: É a senhora, como é o nome dela? A senhora Fátima. Vou falar com ela hoje.

JMV: Mas ela me diz que eu já tinha comprado umas pontinhas para fazer alguma coisa. Para que não a vejamos. Olha, este está aqui a fazer isto com o vime inteiro. Agora não tenho vime miúdo, pego naquele vime grosso e faço.

E: Tem que se desenrascar?

JMV: Por dentro tem que se ver. Ninguém.

E: Ninguém está a reparar.

JMV: Fiz aqui umas cestinhas daquelas. Depois pensei que fizesse a pequena ali. Aquelas liaças já estão tiradas. Aquela aliás foi o tal Pereira que me arranjou.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

JMV: Nasci metido nisto. Andava na escola da terceira para... nas férias da 3ª para a 4ª, vinha a aprender a tapar fundos. Primeiro, eles ensinaram a gente a desapertar um fundo e que coisa. Depois veio aquela... eu ia ver ela ali, antes de vir para cima, tinha lá um palheiro vinha lá trabalhar com um gajo que já morreu. Desapartava o fundo e eu depois metia a andana. Desaparta o fundo e depois mete-se uma andana para tapar. E depois ele acabava através de deitar à volta. Depois aprendeu. A pessoa aprendeu a fazer os cestos e cadeiras. Muita gente que trabalhou em cadeiras e não sabe fazer uma cadeira. Porque a cadeira tem muita coisa que...

E: O senhor José sabe? O senhor já aprendeu?

JMV: Eu sei e trabalhei pouco tempo em cadeiras.

E: Mas às vezes... E aí se mete a fazer.

JMV: Esta é de fazenda.

E: Oh, foi de fazenda. Com trapilho.

JMV: Mas eu não tenho moldes, não tenho nada. Tinha ali um que fiz para a minha neta. Tenho um neto com 30 e tal anos. Eu fiz-lhe uma cadeira, mas esmigalhou-se com o caruncho. Tem ali em baixo um neto que foi a minha filha mais velha casou com o filho de Manuel de Nóbrega, que tem 23 anos, tem duas cadeiras lá, que lhe fiz ainda. Mas já têm caruncho, isto dá caruncho. Fiz uma para a minha neta que tem 16 anos, 16 anos e tal. Acho que é 16. Fiz-lhe uma maior que ela... Mas a minha filha, a minha filha, a mais

moça, não gosta muito de coisa de vimes. pôs na rua, esmigalhou-se agora está para arder. Os outros ainda têm as cadeiras, ela já não tem.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

JMV: O trabalho que teve mais influência, quando havia bastante trabalho, eram os champanhes. São aqueles champanhes que têm uma asa do lado reto. Como se levava para a escola.

E: Portanto, uma vez que foram... Para quê servem os champanhes?

JMV: Eles faziam... forravam-se com cabedal por dentro, para levar lanches, com coisa para pôr copos. Depende, mas havia muitos. Ainda ficaram uns no armazém que apodreceram lá. Os ingleses compravam aquilo, para Inglaterra, e depois faziam umas capas por dentro de….

E: Isso não era para meter garrafas.

JMV: Não sei. Para a Holanda, a gente mandava uns cestinhos, assim pequeninhos, feitos em *ratão [rattan]*. Não havia vime miúdo que desse para fazer tanto cesto. Fazia-se com o *ratão*.

E: O *ratan* é a parte de dentro da liaça, não é? O miolo da liaça?

JMV: Não, o *ratão* é feito, é uma espécie de bambu e eles tiram aquilo, como é quem tira a liaça, mas é mais rijo, quer dizer, é mais rijo, mas o trabalho não fica forte como os vimes. o *ratão* não há aqui, é preciso mandar buscar.

E: Mas destes trabalhos que faz agora, quais são os que têm mais saída? Os cestos da asa? São estes aqui com tampa?

JMV: Mais esses cestinhos de... Com tampa. Com tampa e com.… os cestos com tampa faço pouco. Primeiro, já vendi... O José Pedro já veio... Eu já larguei o trabalho há quatro anos. O José Pedro já veio três ou quatro vezes buscar. Fiz umas cadeiras. Ele levou-me duas de fazenda, mas não quis levar essa… Porque ele diz que se não... Quando aparecer uma miudinha, que se encoste na cadeira, vou dar a cadeira.

E: Isto cá não tem fim. Só se estragar a parte de dentro do vime.

JMV: É pensado de noite, depois o gajo começa a fazer. Mas tenho moldes que eu faço. É de cartão, olhe. É para se entreter.

E: Uma outra pergunta.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

JMV: Fiz diversas peças quando trabalhava. Tinha-se que fazer o que aparecia.

E: Mas qual era a sua especialidade? O que é que fazia melhor?

JMV: Champanhes fazia e não fazia. Eu saí de escola, claro. Mas nunca fui à minha... Quer dizer, cada sítio tinha a sua... a sua espécie de trabalho. Champanhes era mais aquela zona do Rochão. Era o trabalho deles. Mas havia tendas que faziam o que aparecia.

E: Não se fazia de tudo um pouco.

JMV: Olhe, tabuleiros naquele estilo. Mas não daquilo, aquilo foi, aquilo foi com aquela palha, aquela coisa que vem. Aquilo é de pôr roupa. A gente fazia aquilo. Eu levei anos a trabalhar naquilo, com o meu irmão. Depois veio umas malas de garrafas, que era tapado da roda, depois levava uma tampa e uma asinha. Eu tinha uns cartazes aí, mas eu dei. Tínhamos que fazer o que aparecia.

Depois agora ultimamente, por exemplo, quem faz cadeiras, assim, mais ou menos, de diversas qualidades, mas também assim, mas não tem... A pessoa não tem a certeza. Formas... aqui não tenho muitas, mas isto é formas. Mas no Rochão, por exemplo, se você vai ao Rochão, eles fazem cestos quadrados, mas eles não têm a forma, é um arco. Onde é que eu tenho isso... é este aqui. Um arco destes, que eles põem o fundo, depois, da primeira volta, põem o arco. Põem os arcos e fazem. A gente por aqui é com forma. A gente não sabia fazer cestos sem forma, eles não sabiam fazer cestos com forma. Foi o costume, a pessoa começava no princípio aquelas qualidades de trabalho.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer a peça x? Por exemplo uma peça destas com uma tampa? Essa redonda que está aí no chão?

JMV: Este tipo de fundo, não é? Isto é uma coisa para 4 horas de tempo. Mas há cestos de mais coisas. Depende dos cestos.

E: Sim, mas este redondo, por exemplo. Quanto tempo?

JMV: Isto é uma coisa para 4 horas de tempo.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho? Como conseguem os vimes para fazer as suas peças?

JMV: Quem me arranjou este molhe de vimes foi o tal Pereira. Mas eu tive em casa e quando a gente vendia ali em baixo vimes do Chile, ainda tinha lá uma pitadinha de vimes e trouxe uma pitadinha de vimes. E um dia, já estava azedo, de descansar, comecei a gastar os vimes. Estive uns tempos, já estava lixado e pensei, vou à casa do cunhado do José Pedro. Eu ia lá buscar trabalho também e quando me lembrou a ir lá ver se ele tinha pontas para me vender, comprei trinta e tal quilos de pontas, cheguei a casa e comecei a espontar aquilo tudo direitinho e comecei a... Mas depois não tinha outra coisa, tive que ir ter com o Pereira para arranjar a liaça.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça? Depois da peça pronta, o que é que aconselha o tratamento?

JMV: Dar cola e verniz. A cola, a cola é resistente. É que naquele tempo, naquele tempo, quando eu era pequeno, antes de nós começarmos a cozer vimes, eles tinham uma casa da cor. A casa da cor, por exemplo, o gajo tinha uma oficina, mas tinha que ter uma casa da cor. Que era um quartinho pequeninho, o enxofre come. não podiam pôr fechaduras, nada que o enxofre come, e aquilo era lavar o trabalho e meter a cor.

Durava anos e anos que tinha um vizinho que não conhecia o pai dele. Um dia eu vou lá à casa dele, tinha um jogo com um passarinho na costa. Ele dizia que tinha 80 e tal anos já o jogo. Ficava no vime a cor. Depois de pronto, ele ia outra vez à cor [banhos de ameixa de enxofre]. Só que aquilo depois de pronto, o prego que levava enxofre, criava ferrugem. Mas aquilo durava eternamente, mas agora… Mas um dia chegou um gajo à loja e ele começou a ver tudo. E ele disse-me assim, escute... o pior disso é o caruncho, há matéria-prima para matar o caruncho, eu disse há a cola, o verniz, o petróleo também é bom, mas

depois de dar o caruncho não há nada. Então, tinha uma mobília com caruncho, nós pintámo-la. Onde tem aqueles buracos do caruncho, acabava-se de dar, mas os buracos ficavam. E eu, uma vez, levantei-me assim com a cadeira, o pó caiu e só ficou aquela casquinha de fora.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

JMV: Na primeira ordem era mal paga. Primeira coisa, tudo, a obra de vimes, era mal paga. Tudo. Quem podia fugir, fugia. Por exemplo, um gajo... estava a falar a meu pai, por exemplo. Já saí da escola há 70 anos. O meu pai ganhava 20, depois passaram-se a 25 patacas e era o mestre de uma oficina. Um pedreiro, qualquer coisa, sempre ganham mais de outra coisa. Mas eles punham sempre o seu preço. Mas não podia pôr preço. Só se trabalhasse por sua conta. E começou a aparecer o trabalho da... Primeiro foi da América, depois foi a Inglaterra, que ultrapassou a.…coisa. Não foi o americano.

E: Mas atualmente, hoje em dia, quais são as dificuldades do trabalho em obra de vime?

JMV: Hoje em dia, praticamente, deve ser o material.

E: Material.

E: 11- De 0 a 10, investe agora mais em material do que antigamente?

JMV: Eu não sei dizer isso, mas não vejo...

E: Acha que o material agora sai mais caro do que antigamente? E de 0 a 10, o que é que é?

JMV: De 0 a 10 eu dou 9.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

JMV: É o plástico.

E: Mas no seu caso? Agora se tem aqui esta peça, em trapilho.

JMV: Isto é fazer, não é mais. Mas havia o plástico, há o plástico, ainda há aquela cadeira aqui.

E: Há aquela, não é?

JMV: É uma cadeira que me arranjaram uma vez, mas tinha um fiozinho dentro como de luz.

E: Isso é o que vê agora muito nas esplanadas.

JMV: Sim, sim. Mas aquilo tem um fio dentro. Tem este, mas tem um fio que coisa. Esta estica. E a senhora, não sei se já se sentou em algum lugar no calor. Há uma qualidade deste, só que quando se levanta, parece que é aquela vem pegada. Não põe nódoa, mas o calor é um esforço do lado do outro lado.

E: Mas também vejo ali aquele suporte que é para meter roupa.

JMV: Puxa, aquilo cá… aquelas fitas que vêm isoladas, que vêm amarradas nos caixotes. Esses quadrozinhos e tudo, isso é. Mas aquilo que está acolá, é rijo. Nem sequer para dobrar se se consegue. Há diversas coisas. Olhe a grossura disto. Eu fiz um cesto, destes ovais. Depois do cesto estar pronto, eu pensei em fazer uma estrela em azul, uma de cada lado.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

JMV: Em imaginações que a gente faz, e vai lá buscar aqueles modelos.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

JMV: Consegui alguma coisa. Por exemplo, quando eu trabalhava acolá em baixo, o meu trabalho era ir buscar cestos, tinha uns chãos. Eu tinha a carta de chofer, em 72, mas não gostava daquilo. E tinha carro, ainda caminhei, com a furgoneta duas ou três vezes. Depois, um dia, encostei o carro, lá em baixo, dentro da quinta e disse não pego mais no carro e nunca mais peguei. Mas ia mais eles que tinham um chofer, ia encomendar o trabalho, depois ia buscar, uns faziam uma coisa, outros faziam outra. Mas era de

encomenda, nessa altura era de encomenda, não faziam nada. Mas havia sempre, sempre houve gente a trabalhar para bazares no Funchal.

E: E chegou a fazer algum tingimento de trabalho? Tingia trabalho? Nunca chegou a tingir? A dar cor?

JMV: Umas malas de garrafa que se tingia-se a liaça. E fazia-lhe para riscar. Depois havia um plástico e parece que tinha uma botinha. Um gajo fez com um plástico. Naquele tempo havia um plástico. Uma liaça plástica assim miudinha. Que a gente fazia qualquer coisa. Mas... havia um grande mestre que já morreu, que era o "Barata", que começou a trabalhar com o "Piriquito". O trabalho dele era com essa liacinha. O trabalho ficava bonitinho. Mas já a liaça de bambu... é fraquinha e é assim, é mole. Mas o caruncho não dá na liaça, mas no vime.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

JMV: Não, nunca, quer dizer, trabalhava, mas quem fazia os contratos era o patrão, não era eu. Não, não entendo, não. Só depois do patrão descer, a gente mandava trabalho para a produção, às vezes compravam, e depois tinha o preço de venda acolá, além na loja, mas era o preço de venda lá. E foi para lá um gajo diretor do Relógio. Começou a se armar. Apareceu-me lá um gajo com tantas cadeiras para mandar para o Continente, mas ele não me pôs o dinheiro de embalar a cadeira e de enviar. Estava metade da encomenda feita e eu perguntei-lhe: você sabe o que ele está a fazer? Você vendeu as cadeiras, pelo preço que estava de venda ao público para mandar para lá. Já não mandou a outra metade, já não foi. Por exemplo, uma peça de trabalho por 50 patacas tinha de aumentar ao preço o embalamento e o transporte.

E: 16- Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

JMV: Nunca fui monitor de coisa, nunca tive... nessa altura que eles faziam isso e eu tinha o trabalho, não me.… ensinava às vezes alguém a fazer alguma coisa. Depois vieram esses cestos, com fundo de cartão, isso não era nada. O gajo não deve saber fazer aquilo.

Um fundo de cartão é o seguinte. Aquilo é furado, o gajo mete o vime, chega acima, faz a roda, eles não precisavam de saber fazer um fundo. É esta volta. Eles não sabem é dar uma volta, não sabem até pôr um fundo. A maior parte de... Portanto, a gente tem a trabalhar quem não sabe até pôr um fundo. Mas isso tudo é ação.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JMV: De hoje para aí, não sei se quer chegar a 3.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

JMV: Não sei, não sei, não sei. Já se ganhou dinheiro nisto. Trabalhou-se, mas ganhou-se dinheiro. Mas isto hoje em dia... Não sei, não sei. É uma coisa que... Se eu for trabalhar como eles querem trabalhar... Por exemplo, 8 horas de trabalho. E fazer-lhes trabalhar como eles trabalham naquela...

E: Então, de 0 a 10, quanto é que dá?

JMV: Para não dar nenhum, vou dar 1, não dou mais.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

JMV: Só aquele que gosta mesmo de mexer nisso.

E: Pois, mas no seu caso gosta. Então de 0 a 10, quanto é que dá?

JMV: Não, eu por acaso gosto e ainda há algum... há alguns que gostam, mas hoje em dia já há poucos. Gente com 20 anos e coisa… pouca gente segue esta profissão.

E: De 0 a 10, qual é, para si, o nível ou sente-se concretizado neste trabalho?

JMV: Não dou mais que 2.

E: Não dá?

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

JMV: Olha, tem dois irmãos trabalhadores. Um trabalha na obra. E tem uma Sãozinha, uma boa mestra, que trabalhou no Relógio tanto tempo. Ainda tem o Pereira, disse que nem fazia mais nada, só fazia aquilo que ele dizia que ia fazer. O cunhado do José Pedro já não trabalha. O José Pedro trabalha.

E: Segundo parece, é ele e uma senhora.

JMV: É a mulher.

E: Ah, não, tem a Maria de... diz que é costureira.

JMV: É a Maria que faz os estofos. É boa mestre.

E: Mas ela faz mesmo em vime, os estofos?

JMV: Não, faz... Faz os estofos, ele compra a esponja e ela faz.

E: Isso é o trabalho dela, ela faz obra de vimes?

JMV: Quando não havia estofos ela fazia os assentos dos cestos.

Anexo 1.9 – Entrevista com José Pereira de Freitas, conhecido por "Pereira", 77 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 53 minutos e 54 segundos

Local: Sítio da Achadinha, Camacha, 8 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

Experiência Profissional

- Trabalha com vimes desde os 16 anos (61 anos de experiência). 77 anos de idade.
- Trabalha por conta própria.
- Mantém envolvimento com a comunidade, ajudando outros artesãos a preparar vime local.

Produção e Técnica

- Especializado em cadeiras e mobílias; trabalha com vime e madeira de pinheiro (quando disponível).
- Diferencia cadeiras por nome (ex.: "cadeira de criança – parafuso") e não apenas por referência.
- Prepara vime, arma a estrutura e finaliza a peça; o tempo de produção varia com o estado do material e disposição do artesão.
- Utiliza verniz e *xylophene* para proteção contra caruncho, dependendo da encomenda do cliente.
- Trabalha apenas com vime da Madeira, às vezes complementado com cola, grampos e pregos.

Comercialização

- No passado, peças eram vendidas diretamente em lojas de artesanato ou por bomboteiros (transportadores).
- Atualmente, vende através de intermediários que cuidam da finalização e revenda.
- Grandes compradores de exportação incluem *Unibasket*, Vieira da Luz, José da Costa ("Periquito") e outros.

História e Formação

- Aprendeu a trabalhar vime desde criança, observando e ajudando o pai, que já era artesão.
- Participou de um grémio e conheceu os fiscais que supervisionavam a produção, especialmente a parte interna do vime ("miolo"), que era proibida para venda direta.
- Experiência familiar: mãe transportava peças; irmãos ajudavam na produção.

Situação Atual do Setor

- Poucos artesãos ativos na Camacha atualmente (estimativa: 6–7).
- Número reduzido de caldeiros para cozer vime (apenas dois conhecidos).
- Principais desafios: falta de mão de obra, interesse e subsídios adequados.
- Investimento em material diminuiu em relação ao passado; atualmente, consegue produzir e vender de forma mais eficiente.

Formação e Transmissão de Conhecimento

- Já tentou transmitir conhecimentos, mas jovens não demonstram interesse.
- Técnicas de tingimento e padrões antigos praticamente abandonados.

Perspetiva e Satisfação

- Futuro da atividade: 0/10 (não acredita que continue).
- Valorização da atividade: 9/10 (considera seu trabalho pessoalmente valorizado).
- Satisfação pessoal: 6/10 (gosta do trabalho, mas reconhece limitações).

Observações Adicionais

- O trabalho artesanal envolve grande esforço físico e dedicação prolongada, mas permite autonomia.
- O setor sofreu transformações: do vime branco tradicional à exportação em massa, passando pela introdução de cestos de cartão e mudanças nos mercados de trabalho.
- História da Camacha como berço da obra de vimes: importante tradição familiar e comunitária, com ligação a vários núcleos familiares históricos.

Transcrição da entrevista a José Pereira de Freitas:

Entrevistadora (E): Pode-me dizer a sua idade, por favor? E o nome? E morada?

José Pereira de Freitas (JPF): O meu nome é José Pereira de Freitas, nasci em 1948, na Camacha, no sítio da Achadinha, crescido e criado.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

JPF: Desde os 16 anos.

E: Até agora?

JPF: Sim, ainda fabrico alguma coisa. Já com um pedaço de lentidão, mas ainda fabrico. Ainda dá para entreter muita coisa.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JPF: Sim, por conta própria. Por conta própria. Há uma coisa que eu não sei explicar se é por conta própria. Eu trabalho bem em casa, entende? mas são as outras pessoas que se encarregam da venda ou revenda, como se queira, quer dizer, não quer dizer que eu fabrique e venda diretamente. Entende? Quer dizer, eu faço em casa alguma coisa e depois ponho, por exemplo, neste caso ponho para o José Pedro, que é a única pessoa aqui em cima que tem. Antigamente havia o Relógio, havia outras pessoas que compravam, mas,

neste caso, chamamos por conta própria, que eu não considero bem chamar por conta própria.

E: Pois, porque não tem o rendimento todo.

JPF: Sem não, não tenho grandes benefícios. O benefício que eu tenho é o seguinte, é que não tenho horas para começar, não tenho horas para acabar, também não tenho férias, nem nada que se pareça.

E: Isso é a parte menos boa.

JPF: Não, sou, veja, foi aquele que eu escolhi. Não…, sou consciente disso. Que eu tive a oportunidade de outras coisas, mas não quis. Gostei da obra de vimes e ainda hoje continuo a gostar da obra de vimes. Ainda hoje sou aquele, embora velho como estou, mas ainda vou daqui por aqui a incentivar as outras pessoas a me preparar. Eu vime o que eu gasto, não é vime nenhum importado é vime de cá da Madeira. E eu vou com as pessoas, incentivo as pessoas, às vezes ali por alturas, em especial em janeiro, geralmente vou com as pessoas, neste caso agora são só duas, o ano passado eram três, levo e comprometo-me de dar-lhes algo de entrada para que eles trabalhem o vime e chegar à altura de o vime estar feito e eu vou lá buscar.

Esse é um compromisso que eu tenho. Mas isto é gosto pelas pessoas, porque é assim. Eu encontrei um senhor que veio da Venezuela, conhecia alguma coisa de vimes, mas tinha falta, e eu precisava da mão de obra dele, que neste caso era me preparar o vime.

O que é que acontece? O senhor era do Curral das Freiras. Eu conheci um outro senhor que me preparava vimes para mim, no Faial, mas ele tinha falecido. Até se for preciso posso dizer as datas, lhe digo. Entretanto, eu sabia que esse caldeiro lá existia, caldeiro é aquele que se escalda os vimes. E eu fui, vim da Camacha, fui ao Faial, comprei o caldeiro. Isto é só um exemplo da descrição.

Fui ao Faial, comprei o caldeiro, pedi a alguém que me levasse do Faial para o Curral, para o homem ter, para me preparar para os vimes. E até agora nunca falhou. Por isso é que lhe estou a dizer, quando lhe digo para você falar com a engenheira Isabel Mieiro, que eu tive um ano em que, conversando com ela, diziam que não havia vimes na Camacha. Eu disse: olhe, Sr.ª engenheira, mas há vimes na Camacha. Se você quiser visitar algumas pessoas que ainda preparam o vime, você vai comigo, um dia, eu fui ver, as pessoas tinham os vimes lá em casa, estivemos a conversar e isso tudo.

E: Mas, cá na Camacha, quantas pessoas ainda tem caldeiro?

JPF: Neste momento, o que eu saiba é só há 2. Que eu saiba, que eu saiba. Não quer dizer que não haja mais, mas que eu saiba.

E: Neste momento também parece que é só 2. Que era o do Sr. Jaime, que agora o Sr. José João tem.

JPF: Era o do Jaime Santos.

E: Sim, que agora o José João...

JPF: É um fulano que veio do Brasil, que está com ele, é esse, e o José Aníbal.

E: O José Aníbal. E os "Policarpos", não?

JPF: É, esse.

E: Eu conheço por os "Policarpos".

JPF: É, os "Policarpos", mas o....

E: Então são os mesmos que a gente conhece, não existem outros.

JPF: Sim, é que se você for ao Faial há uma pessoa, se for ao Curral.... Há três, pelo menos. Espere. O Figueira, José Manuel, o Martinho, Samuel já morreu. São aquelas que eu tenho contactos certos.

E: Mas é engraçado que não é que a Camacha, por ser o berço da obra de vimes, devíamos ter mais caldeiros para cozer o vime.

JPF: Inicialmente o meu pai contava, porque o vime quando se começou na Camacha realmente era um núcleo um pouco pequeno. O meu pai, se fosse vivo, tinha mais de 100 anos e já os meus avós trabalhavam, portanto já estava aí. Só que a Camacha trabalhávamos muito à base do vime branco. Não sei se você conhece o sistema senão? é totalmente diferente.

E: Vime branco, é o que não é cozido, que é posto a rebentar e passado algum tempo é retirado a pele.

JPF: Exatamente, é isso. Trabalhávamos dessa forma.

E: Mostrando miniatura de chapéu do Monte que comprei à Sra. Fátima. Este vime é o que a senhora Fátima faz.

JPF: É no Vale Paraíso.

E: Sim no Vale Paraíso. Isto é da plantação dela, é meia dúzia de vimes que ela diz que tem, O marido os descascou, já não é vimes deste ano, foi do ano passado. Pôs a arrebentar e tirou a pele e ela fez.

JPF: Sim.

E: Mas ela tem também cozidos.

JPF: E é isso. Portanto, a mesma para falar bem, e as pessoas que tinham um pouco maior trabalho mais na agricultura, eram elas que tinham dentro dos ribeiros, dentro de alguns sítios para aproveitar o espaço de terreno e tinham o vime, pronto, e a elaboração era totalmente diferente, era muito pouca gente que havia. Porque eu ainda sou um pouquinho daquele tempo que quase eram só cadeiras, cestos eram muito poucos, aquelas que se fabricavam. Só depois de vir a *Unibasket* e vir o Vieira da Luz, é que a coisa se desenvolveu aí para a altura dos anos 60, é que isto tomou a forma de desenvolvimento dos cestos e isso tudo. Chegou-se a época ali para os anos 70's, 60's e poucos, então 60's e 70's. houve uma loucura na questão dos cestos, que era tudo para a América, a exportação. Aproveitava-se a liaça, aproveitava-se o miolo, aproveitava-se tudo um pouco.

Até que chegou à altura dos cestos com o cartão, que foi uma desgraça, mas pronto, aconteceu. Mas isto é uma área que eu não me meto nada, porque eu não conheço essa área de cestos. Eu sempre estive na área de cadeiras, de mobílias. Dentro das mobílias, sempre se trabalhou, mais ou menos a mesma forma. Havia umas quantas oficinas, muito boas na altura, pessoas que sabiam trabalhar, mas umas que sabiam trabalhar fugiram das cadeiras para os cestos porque era um trabalho mais leve. E pronto, inicialmente, na escola, nos trabalhos manuais, tive carpintaria.

Sempre gostei da carpintaria. Depois vim para casa. Diz que tinha a oportunidade de ir para outro lado e eu gostava já de ver algum dinheiro. E foi essa a razão que eu fiquei nos vimes e ainda gosto dos vimes. E pronto. Podia ter enveredado por outras carreiras, por outras coisas. E nunca isto. E sinto-me satisfeito com eles.

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa? De certa forma, já disse.

JPF: Sim, mas veja, neste, em algum tempo, vou-lhe ser sincero, no tempo do meu pai, eu recordo-me, no tempo do meu pai, era necessário fabricarmos e andarmos dentro do Funchal, naquelas lojas de artesanato, de... o que se chama?

E: *Souvenirs*?

JPF: Sim, exatamente esse género. A Casa de Bordados, que andávamos lá, eram eles que muitas vezes, eram quem mais vendia, eram eles, ou então os chamados bomboteiros.

E: Que eram nos barcos?

JPF: Aqueles que iam aos barcos, embarcações, você conhece o sistema, portanto, se quiser falar com uma pessoa que conhece muitíssimo bem o negócio dos bomboteiros, eu digo-lhe quem é, está hoje com 95 anos.

E: E é de cá da Camacha?

JPF: É de cá e é perto, é relativamente perto.

E: Interessante.

JPF: Ele foi a pessoa que mais trabalhou para os Bomboteiros, foi ele. Ele é quem, se quiser, se... Eu não sei bem a situação da cabeça dele, se está bem, se não. Não tenho grande...

E: Bomboteiros?

JPF: Bomboteiros. Bomboteiros. Parece que sim, Bomboteiros. E se houve qualquer coisa, até lá, se você procurar esse com a engenheira, ou no IVBAM, eles vão lhe dar qualquer coisa. Fizeram há dois, três anos qualquer coisa nas festas do fim de ano. Puseram lá os chamados bomboteiros. Nessa altura havia o Sr. Fernando, havia várias pessoas e este fulano, que lhe vou dizer que o nome dele é José João Gouveia, o "Batatinha". José João Gouveia "Batatinha". Mas se você perguntar "Batatinha", toda a gente sabe quem é. Lá em cima no Moisés, se você pergunta, lá indicam exatamente onde é a casa. Que salve o erro, pouco ou nada sai de casa já. Mas está, mas está fisicamente, ainda anda. Tanto quando eu sei, conversa bem. Mas, fisicamente, parece-me bem, para a idade que está, parece-me muitíssimo bem. E, como lhe digo, antes disso o fabrico era

feito. Houve, antes disso, havia umas casas que eram, mas isso já há muitos anos, coisas do século passado.

E: A viúva do Romano Gomes. Havia, houve, do...?

JPF: Romano Gomes.

E: A ver se posso encontrar alguma coisa sobre.

JPF: Ela também recebia... Sempre também, pronto, isso já era mais uma comercialização, exportação. Havia os Oliveiras, António Oliveiras, António Oliveiras, que é aquele dos bazares na Rua da Alfândega, havia a Rosa d'Oro, se você quer saber se é casa esclarecida, Preto e Branco, que ainda lá existe alguém, se você entrar se você entrar na Rua de Alfândega, ao fim, lá, você pergunta por lá, se contatar lá alguém, ainda lhe vão falar também o que é que eles vendiam lá de cestas e as cadeiras e aquelas cadeiras, de cestas para roupas e isso tudo. Era lá que se fazia as cadeiras. Se vendia. E aí depois, prontos, havia *Unibasket,* que era exportadora, e José da Costa Esses eram os que exportavam.

E: O José da Costa era daqui da Camacha?

JPF: Não, José da Costa era do Funchal, que era chamado José da Costa Periquito.

E: Vou tentar investigar isto.

JPF: Aquele edifício, onde está a Casa de Santo António, atrás do Liceu, essa quinta aí, pertencia a essa família do José da Costa.

E: O José da Costa.

JPF: Então, se você quiser pôr a parêntese aí, é Américo da Costa. Que era o filho que viveu por aí e deu continuidade. Há várias casas de exportações, que depois apareceram muitas. Não sei se isto que lhe estou a dizer se lhe interessa ou se não.

E: Isto pode-me abrir outro aspeto de estudo. É interessante, sempre.

JPF: É muito interessante. Quisesse falar dessas coisas da antiguidade e sei algumas deste caso. Isto era o que se vendia. O transporte para o Funchal geralmente era feito em molhes à cabeça. Eram as mulheres que transportavam para o Funchal.

E: E por acaso já falei, claro que tive que dar uma introdução ao meu trabalho e já falei sobre também essas coisinhas.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

JPF: É muito verdade. Se me perguntasse, há cinco anos atrás, e dizia-lhe que começava nove da manhã, geralmente até às oito, nove da noite.

E: Doze horas?

JPF: Veja, eu não tinha mais nada. Tinha a minha mulher aqui em casa, preparava-me a minha alimentação. Eu tinha... Sempre tive alguém que me fizesse companhia aqui e a elaborar... é da verdade. E às vezes conversando, não era.... Estávamos ali, fazíamos. Mas geralmente era esse.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

JPF: Bela pergunta, mas ainda não lhe sei responder.

E: Não.

JPF: Porque veja uma coisa, você vai-me perdoar a maneira como eu lhe vou falar. Eu quase que fui feito no meio dos vimes.

E: Está bem.

JPF: É que o meu pai trabalhava nos vimes, a minha mãe era quem transportava todos os cestos, as cadeiras que nós fazíamos, era a minha mãe que transportava às costas, conjuntamente com outras pessoas, mas de lá de casa. Portanto, o que é que lhe vou dizer? Eu, desde pequenino, o meu pai sempre trabalhou em casa. Eu fui criado muito à base é por isso que muitas vezes há coisas antigas, que às vezes há mais de uma pessoa que me pergunta e eu começo a lhe dizer, ah, isto era assim, aquele fulano era assado, aquele trabalhou aqui. E eles perguntam, mas como? E eu digo, olha, eu trabalhei com o Manuel, o "Buraquinha", eu trabalhei com o Manuel Camisa, eu trabalhei com o Manuel Gregório, eu trabalhei com... Tudo gente antiga, que pronto, eu era pequeno, eles agora morreram, entende?

E eram pessoas que, na obra de vimes, não havia um rádio, não havia nada. Entende? Então as pessoas conversavam lá dentro. E eu, como pequeno que era, criança, há muita,

muita coisinha, miúdos, olha, coisinhas miudinhas, chamada bilhardice[50], aquela coisinha. Há muita coisa que eu sei. E muitas vezes, eu tenho uma malta amiga, às vezes, outras vezes vêm conversas, vêm-me buscar, ou lembra-se disto, como é que foi... Porque, por exemplo, talvez ninguém lhe tenha falado eu estive a falar com um filho desse senhor, que havia uns fiscais de vimes na Camacha. Já lhe falaram?

E: Havia sempre duas pessoas a fiscalizar o vime?

JPF: Não, não eram duas, eram quatro. Quando essas pessoas que lhe estou a falar, que me estou a referir neste caso, e posso lhes dar o nome deles, eram, porque na Camacha fui formado um grémio e depois um sindicato. O grémio, eu tenho a certeza, o sindicato não tanto. E fui proibido, e para trabalhar para os bomboteiros, trabalhava-se todo a miolo. A miolo é aquela parte dentro do vime. Essa parte dentro do vime era proibida na época. Eu recordo-me que nasci nos anos 50.

As pessoas que trabalhavam, faziam... vou-lhe falar de cadeiras. Eu nunca ponho aqui em causa, os vimes, os cestos, porque os cestos não tenho conhecimento sobre isso. Mas as cadeiras... Todas as cadeiras que levassem miolo não se podiam comercializar. Entende? Então, as pessoas para o transporte...

E quem comercializava esse trabalho? Eram os bomboteiros. que era um bocadinho mais económico fazia-se, era mais rápido. Mas também o material era aquele suplente do material que se tirava, que dava de um lado para dar ao outro, que era pronto. Se fosse com liaça, só fazíamos uma cadeira, se fosse com miolo, aliás, se fazíamos duas cadeiras, uma acompanhava a outra, entende? Era maior rendimento. Então, fui criado na Camacha, na altura do grémio, que eu não sei quem foi a autoria, sei que conheci os fiscais todos.

Eu recordo que o meu pai, um dia quase a chegar ao sítio para entregar as cadeiras, há um senhor, não vou citar o nome, mas há um senhor que tinha uma lata de tinta e borrava as cadeiras todas com tinta, portanto já não podiam ser comercializadas. Entendem? E o meu pai, numa altura, com bastante dificuldade, porque tinha a minha irmã bastante doente, e com bastante dificuldade se fizeram isso. E ele nunca mais gostou dessa gente. Entende? E estes eram os fiscais que eles muitas vezes, para transportar o trabalho daqui para o

[50] Bilhardice - gosto por falar da vida alheia, coscuvilhice, mexeriquice. Etimologia: De bilharda+-ice. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bilhardice, consultado em 4-09-2025.

Funchal, era durante a noite, por vezes por meio dos pinheirais e veredas assim um pouco esquisitas. Mas eles tentavam sempre saber, os próprios fiscais que eram daqui de cima, que neste caso um, dois, três, quatro. Exatamente. Estes quatro eu conhecia-os perfeitamente.

E o meu pai, conversávamos muito sobre isto. E eu recordo-me que as casas, todas onde se trabalhava, tinha sempre ao lado, ou à porta, uma porta secundária. Ou tinha um quarto. Tinha sempre um quarto. No caso da minha casa, do meu pai, era a cozinha. No caso de uma tia que tinha lá em cima, também era a cozinha. Então, aqui é a porta da cozinha, a porta principal era aqui que se fazia uso, mas esta havia aqui uma porta, que era uma tranca para um lado e para o outro, que dava, quando houvesse alguém que soubesse que os fiscais andavam na zona, ia um pequeno sempre de pressa a dizer ao tio ou à tia ou à casa de...

Neste caso, era lá em cima que eu vivia. Se eles passassem pelo lado da casa do meu tio Barbinhas, eles vinham, diziam, em casa do Charuto, que era a minha tia, vinham à casa do Cancelinha, vinham à casa... O pequeno ia dizer a todos: - Olha, os fiscais andam aqui. Então toda a gente, mesmo que estivesse a trabalhar numa cadeira a miolo, aquela cadeira ia toda para ali para dentro, enquanto os fiscais não passavam, para depois voltarem a ir laborar novamente. Não sei se alguém lhe contou esta história ou se não.

E: Não, não, não. Quer dizer que então os fiscais andavam de porta em porta?

JPF: Sim, andavam de porta em porta.

E: Ah, eu pensei que era só depois do trabalho feito, que era fiscalizado.

JPF: Não, não, não. Mesmo dentro da oficina, eles entravam a ver se estavam a elaborar.

E: Ah, eu conheci, era quando o produto final era para ir exportado. Havia alguns trabalhos que não estavam bem feitos e eram postos de parte.

JPF: Mas isso eram aqueles revisores.

E: Faziam os revisores.

JPF: Eram os revisores, neste caso, eram os revisores mesmo nos exportadores.

E: Nos exportadores.

JPF: Mas isto não eram os exportadores.

E: Era outra situação?

JPF: Era outra situação. Que se você falar com este José João, José do "Batatinha", ele de certeza absoluta que vai-lhe contar alguma coisa sobre isso. Esse sempre vai falar um pedaço sobre esse assunto. Mas também não vejo muitas pessoas como a minha irmã, talvez. A minha irmã também deve de saber um pedaço sobre isso, que a minha irmã tem mais de 15 anos do que eu. Ela deve se lembrar muito mais do que esse e de ouvir falar essas coisinhas, embora ela não fosse muito ligada a essa questão.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

JPF: Neste momento, é todos. Em cadeiras, em cadeiras é todos.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes?

JPF: Sim, foram cadeiras, área de cadeiras, mobílias.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer uma cadeira?

JPF: Depende. Nem todas são iguais. Nós conhecemos as cadeiras por nome, não por referência. Enquanto as casas trabalham por referência, nós trabalhamos por nomes. Por exemplo, essa cadeirinha que está aqui, está aí, isso é uma cadeira de criança, que se chama de parafuso. E o parafuso, se você for a ver, é pela pinha. Está a ver?

E: Sim, a parte do fundo.

JPF: Exatamente. Aquilo é uma pinha que nós fazemos, e então apelidam de parafuso. Quando tem um parafuso é que tem o braço inclinado. Eu mostro-lhe ali uma outra cadeira, que é aquela cadeira que chamam, que é chamada, nós chamamos cadeira de jardim, outros chamam cadeira regional, chamam vários tipos para essa mesma cadeira. Que são cadeiras que se faz em... em liaça e em vime inteiro. Liaça, é aquela que tem que ter uma máquina ou você já viu algum ferro de tirar a liaça?

E: Já vi o manual, já vi o elétrico e hoje vi aquele de puxar.

JPF: Puxar, foi lá além à da Fátima?

E: Não, foi ali em cima. Não é a senhora Fátima que tem?

JPF: A senhor José Fernandes?

E: O senhor José Fernandes tem e hoje vi também aqui o senhor... aqui atrás... aquele senhor que subimos ali à venda do Moisés.

JPF: Em cima, o Vieira?

E: Vieira. Hoje de manhã estive com ele.

JPF: Ele mostrou-lhe também, ele tem a máquina.

E: José Marcos Vieira.

JPF: José Marques Vieira, então.

E: Ele tem.

JPF: Tem, tem.

E: Eu até filmei para depois...

JPF: Não, tem, tem. Porque eu tenho ali em baixo ainda do meu pai, ainda tenho ali em baixo. Mas também não me desfaço.

E: Mas também existe o Sr. José de Jesus Fernandes, não é? O José Fernandes da Achadinha também tem, é?

JPF: Tem. E tem, o Marcelo de Gouveia também tem. Os antigos, esses mais que...

E: O Marcelo, não sei se o Marcelo está a fazer alguma coisa agora.

JPF: Não, não está.

E: Por isso não fui à procura dele.

JPF: O Marcelo já não labora nada.

E: Já não está a fazer nada. Não vale a pena, porque o meu estudo é aqueles artesãos que estão a fazer. Portanto, esta cadeiras de criança, por exemplo, demora quanto tempo?

JPF: Não sei, eu não lhe uso. Mas geralmente, veja, isto é assim, aqui é uma preparação que não é fácil de lhe explicar, porque a forma como eu aprendi a trabalhar é muito esquisita. Isto por isto, porque é a casa do meu pai, foi assim que eu aprendi, se tínhamos

uma encomenda, na altura do meu pai era mais complicado porque tínhamos três e quatro qualidades de cadeiras na mesma semana. Depois, já na minha época, já se poderia fazer uma semana completa de cadeiras.

Portanto, poderei lhe dizer assim, eu faço 10 cadeiras daquelas numa semana. Só que eu preparo os vimes na segunda-feira, na terça-feira faço os fundos e armo, e depois de estar armado, começo a fazer uma cadeira, que é quando se diz, eu faço uma cadeira num dia. Entende? Mas aquele trabalho que está para trás, preparar o vime, preparar a madeira, muitas vezes não conta, só conta o ponto de final.

E: Sim. Muitas vezes é. Mas dentro, se for a contabilizar duas horas para preparar aquele material, para aquela, mais ou menos, penso que num dia poderá fazer.

JPF: Os vimes são como os dedos das mãos. Nenhum dia é igual para se trabalhar. Há um dia que você está com uma boa disposição e você, sem querer, faz uma cadeira rápida. No outro dia, diz, eu amanhã vou fazer outra cadeira, mais duas cadeiras. E aquele dia o vime parte. O vime não está em condições. E você, quando se vai dar de conta, marra ali e acaba por nem fazer uma.

E: É disso, sim.

JPF: Não lhe vou citar que faço duas, três, que é mentira, porque é assim. É a disposição e às vezes as coisinhas que aparecem por aí para fazer e isso tudo.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

JPF: Já lhe expliquei.

E: É tudo cá da Madeira? Especialmente a zona do Curral das Freiras?

JPF: Não. Mas também não lhe digo de onde vou buscá-los.

E: Mas é daqui da Madeira?

JPF: Sim.

E: Trabalha só com um produto madeirense?

JPF: Sim, eu trabalho questão de vime.

E: Sim, sim.

JPF: Estamos a falar do vime. Exatamente, porque uma cadeira tem madeira, muitas vezes tem que, hoje em dia já é um pouco problemático conseguir madeira de pinheiro boa, porque ela geralmente está toda queimada. Tenho que procurar outro tipo de madeira e às vezes nem sempre é de cá. Pronto, depois tenho os outros materiais, vernizes, colas, essas coisinhas todas que fazem parte da questão.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

JPF: Gostava eu também de saber.

E: Mas há sempre algum acabamento que a gente faz, ou verniz, ou cola, que ajuda a peça a ficar mais rígida e mais...

JPF: Não, eu acho que são os próprios solos.

E: Solos que...acredito que o seu vermelho é bom ou não.

JPF: Posso lhe citar, eu vou lhe mostrar. Duas cadeiras que têm quarenta e seis Vou-lhe mostrar duas cadeiras pequenininhas que tenho ali. Tem 46 anos. Posso-lhe mostrar uma com 22, 23 anos que está ali fora. E posso-lhe mostrar aquela que deve ter à roda de 10 anos. Entende? Mas há uma cadeira pela outra. Não sei se pela qualidade do vime, se pela água que a apanha. Se o que seja, há uma muitas vezes que a apanha mais caruncho do que a outra. Usamos o *xylophene* para limpar o caruncho, mas não é, é aquilo que uso para limpar mais a questão do caruncho.

E: Mas usa isso logo após o fabrico da peça? Passa *xylophene*?

JPF: Dependente. Depende do cliente.

Há pessoas que não se importam. não temos o produto todo, mas posso lhe citar que 90% do meu trabalho, como acabo, como entrego, e depois o acabamento dele em si para depois pôr à venda, já é para quem leva é que acaba. Isto sempre foi a norma dentro dos vimes, com exceção, no caso de cadeiras, e quando se trabalhava para bazares. Mas desde que se trabalhasse para exportadores, que neste caso a Unibasket, Vieira da Luz, Sousa Gonçalves, Luz da Cunha Fernandes, lojas e companhia, toda essa gente, a gente praticamente havia uma ou outra casa, que exigia que nós levássemos a peça. Outras, quando estávamos aqui a trabalhar para o continente, que era a maior força que teve aqui durante uns anos, aquilo era como acabasse. Eles levavam...

E: Qual era a firma?

JPF: Telmo Dias Pereira, Diogo não sei quê...

E: E sempre ia para o continente?

JPF: Telmo Dias Pereira, você já devia ter ouvido falar. Até se você for à internet vai encontrar que foi ele das pessoas que mais comprou mercadoria nestes últimos 50 anos, posso assim dizer. Havia o Diogo e havia mais um senhor que se chamava Eduardo Pereira. Mas esse também, o Eduardo já morreu, o Diogo já morreu, o Sr. Telmo é a minha única pessoa que está viva. que quem poderá dar alguma informação sobre o Sr. Telmo, número de telefone, contactos, e se a pessoa quiser falar com ele por telefone, é o José Pedro Gouveia. Esse foi a pessoa que mais comprou mercadoria nestes últimos anos cá na Madeira. Em exportação, era ele. No caso de mobílias, com o seu tempo só estou falando a questão de mobílias. Cestos, isso é uma coisa que me passa...

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

JPF: Como tudo. Falta de gente, falta de mão-de-obra, falta de... Não, no fundo é isso. É, falta de mão-de-obra e muito subsídio. É verdade, veja.

E: Material tem. Tem bastante material.

JPF: Veja, uma vez que haja pessoas para trabalhar, há material.

E: Importado. Importado não.

JPF: Mas veja, as pessoas deixaram de... as pessoas deixaram de cuidar do material em si, do vime em si, porque não há procura. Ao não haver procura, não há pessoas que arranjem.

E: Sim, lógico.

JPF: Entendo. E este, porque você sabe, que hoje vimes que começávamos praticamente ali no mês de janeiro, as pessoas muitas vezes estavam a limpar a vinha e já a própria família unia-se ao fim de semana a cortar o vime. Entende? E depois desse corte de vime, havia famílias que preparavam o vime, que era aquele lote, como se chama, da família, e depois a própria família, que nessa época se trabalhava toda a fazenda, hoje em dia não, ia lá e metia mais um vime, um vime mais grosso, para ele tirar mais um vimieiro,

entende? E por isso, hoje eu posso lhe dizer que a Boaventura, na zona do Penedo, e Fajã, na zona do Penedo, por lá, saía daí mais de 300 toneladas de vime. E só se ele quiser ir lá averiguar um senhor que lhe diga quem é que Ele deve ter a roda dos 87, 88 anos.

Mas ele ainda corta os vimes e manda-os para a Camacha para debulhar. Para debulhar é para limpar a casca e isso tudo. Entende? Posso dizer que o nome dele é José Figueira.

E: Mas ele manda para a Camacha para onde? Para cozer?

JPF: Manda para cozer e para depois... Neste caso estes são os "Policarpos" que cozem. Mas se você for lá ainda e vê qual é a dele lá, ele vai-lhe mostrar a parte das propriedades que ele tinha de vime.

E: 11- De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

JPF: Eu não posso investir mais? Não, eu invisto... Como é que lhe vou explicar? Se eu invisto mais agora, depende da maneira como você esteja a ver. Se for olhando para a época, antigamente investia muito mais, porque chegava a comprar ao ano 12 toneladas de vime.

E: É mais por aí.

JPF: Entendo. Hoje em dia, eu posso gastar 2 mil quilos de vimes e posso comprar mais porque as pessoas comem na Camacha e não têm vime. Posso-lhe citar, como você falou há dias, o teu a. É uma das pessoas que eu venho de mim. E eu tenho ali em baixo a liaça, que se você for lá ver, que você vai passar. Por onde você passou, ninguém tem tanta liaça como eu tenho. Mas vou-lhe mostrar, para você ver.

E: Mas a liaça que tem, é o senhor é que faz a liaça?

JPF: Não, é o vime que vem e depois eu é que vou fazer a liaça.

E: É isso?

JPF: Exatamente.

E: A partir do vime faz a liaça?

JPF: Exatamente. Tenho a máquina de tirar liaça, tenho essas coisinhas todas e vou-me entretendo.

E: Pois, é a tal preparação para depois ter mais material.

E: Mas de 0 a 10, investe agora menos. Investe o quê? Cinco? Porcento?

JPF: Sete?

E: Três?

JPF: Não posso.

E: Então se antes de 0, quantas toneladas? Veja... dez mil, agora em dois mil...

JPF: Veja, porque eu já estive... Já estive... Já estive aqui a trabalhar comigo. Fazíamos, ou seja, fazíamos uma média de quarenta cadeiras à semana, por exemplo. Ou mais. Entende? E dependia da cadeira.

Se fosse cadeira de vime inteiro, era uma qualidade, se fosse a vime inteiro mas chamada a cadeira de Roseta, que é uma cadeira que dá muito mais trabalho era menos, se fosse a cadeira de Costa Alta, levava mais vimes e menos cadeiras, é muito variável. E às vezes, você sabe, agora não. E agora ainda, num certo sentido até. Mas, há alturas que eles chegavam cá, diziam assim: preciso de 10, 20, 30, 40 cadeiras destas. Chegava outro dizia: eu quero 20, 30 cadeiras destas, entende?

Hoje em dia não. Hoje em dia eu tenho o vime e compro um lote de vimes. Porque houve uma altura em que eu comprava muito vime e gastava muito pouco. Isto porquê? Porque eu tinha que comprar um lote de vime em tudo. E empatar... prontos. Empatava assim, deixa-me passar assim a palavra. Mil contos em vimes. Mas daqueles mil contos que eu empatava em vimes, só 200, 250 é que eu gastava, os outros eu tinha que vender. Isto porquê? Porque se eu trabalhasse só especificamente em cadeias de jardim, cadeias de vime inteiro, como lhe digo, ou cadeias de criança, ficava uma liaça para trás porque eu não podia gastar lá. Entende? Isto não é questão de tirar rentabilidade. Depois, eu vi que a coisa me estava a dar para o torto, optei por uma maneira diferente. Tinha... tínhamos... dividi o trabalho com o pessoal e dizia, bom, estes são bons no vime inteiro, ficava no vime inteiro, estes são bons na liaça.

Ponha a fazer cadeiras com liaça. E aqui fazia mesas, entende? Para conseguir gastar o lote todo. Hoje em dia, e com menos vime, bastante, ganho muito mais tempo. Porquê? Porque eu gasto. Eu digo assim, bom, eu preciso de gastar o vime que tenho faço 20 cadeiras de concha.

Os vimes que tenho faço 50 cadeiras de vime inteiro. Este vime dá para fazer uma cadeira baixinha. Quer dizer, sei equilibrar o vime e eu, neste momento, qualquer uma peça de trabalho que faça de mobília, as vendo. Não tenho dificuldade em vendê-las. É por essa razão que lhe estou a dizer. Neste momento consigo ordenar melhor a maneira de gastar o vime.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

JPF: Tem de gastar o vime como é normal. O material que gasto é pregos, grampos e madeira. A cola não gasto muita. A cola já passa para o outro lado, que é aquilo que eu já lhe disse. Por exemplo, o caso do José Pedro lá dentro. É uma pessoa que gasta muito mais cola do que eu, porque eu vendo o trabalho para ele e ele faz o resto do trabalho. Porque é esse que eu sempre disse, que nós na obra de vimes, nunca vendíamos uma peça completa.

Vendíamos a estrutura. Precisa de uma almofada. E vendo-lhe a cadeira, seca. Entende? Sem almofada, sem nada. E vendo-lhe uma cadeira, sem verniz, sem cola, sem nada, vai para o outro lado, e o outro lado... Isto era aquela questão que a gente muitas vezes discutia quando o cesto chegava ao caminho, já tinha férias e subsídios de férias. Enquanto era nós, não tínhamos direito a nada. Isto era a palavreada do pessoal.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

JPF: Nunca me inspirei nisso. Fui sempre dar continuidade aos demais, com a exceção de modificar algumas formas de elaborar a mesma peça.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

JPF: Conheço esse tema de todos, mas isso foram todos abandonados. Isso no tempo do meu pai havia as tintas e as anilhinhas, como se chamava, para tingir aliás, e fazer cestos com várias pinturas, com vários moldes, mas isso depois acabou-se.

E: 16- Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

JPF: Ninguém quer saber. Não, sou sincero.

E: Mas não deu nenhuma formação?

JPF: Dei. Dei, mas ninguém quer saber. É só preocupação que têm por eles próprios e nada mais. Para mim isso é dinheiro perdente. E são aqueles chamados de subsídios, e estes subsídios que para aí andam e isso tudo. Ou seja, se isto houvesse, desculpe o palavrão, mas assim, se houvesse um Salazar, isto ainda endireitava. Assim não se chega ao lado nenhum, assim.

Só se cria vadios e não se cria, não se cria. Ou seja, hoje em dia, antigamente você pedia um favor, as pessoas faziam, você lhe dava um pedacinho de pão, ou dava-lhe uns, dava-lhe cinco escudos, ou é isso tudo, e eles gostavam. Hoje em dia, você dá-lhe a eles e nem sequer obrigada se lhe dizem.

E: Verdade.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JPF: Não.

E: Quanto é que dá?

JPF: 0.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

JPF: Atualmente, sim.

E: Dá o quê? 9, 10?

JPF: Veja, vou falar para mim. Na ocasião, para mim. Não digo para mais ninguém. Veja, isto... Porque houve um erro inicial em tudo isto.

Há um erro inicial. Porquê? Na obra de vimes o que deveria de haver a quem nos compra a mercadoria é que nos devia pagar impostos. E não quem está em casa a trabalhar a pagar o imposto. Porque eu já sou daquela época em que para trabalhar nos vimes foi preciso ir a Santa Cruz, tirar uma licença de indústria. Entende? E trabalhava e chegava ao Funchal, ou onde quer que seja, entregar a mercadoria, eles ainda me retiravam mais no dinheiro, eles ganhavam sempre. Não me interessa porque eu sei que era o capital deles que estava ali à espera de que chegasse uma pessoa, isso é verdade. Mas, por exemplo, hoje em dia para pagar caixa e essa história toda, quem deveria pagar é quem compra.

Quem compra porquê? Porque eu não tenho condições para que eu tenha condições de formação, na questão da lei, por exemplo, a Caixa de Segurança Social, eu tenho que pagar a Caixa de Segurança Social, mas para ter a Caixa de Segurança Social, eu tenho que ter, se quiser trabalhar corretamente, tenho que pagar um contabilista, são 5 a 10 contos, ou 50 euros, ou o que seja, não faço ideia, do que possa ser. E todas estas coisinhas quem é que tira o lucro, é aquele que vende ao público, não sou eu. Você vê que muitas vezes foi sempre esmagado, e isso era o mal da Camacha, toda a vida, foi ter os filhos em casa, os filhos faziam parte do cesto e a outra parte do cesto. E o pai recebeu o dinheiro todo e fez 50 cestos, quando o pai só fazia 10 cestos. Percebeu? E os outros trabalhavam todos de borla. Muita gente na Camacha, você deve saber disso, nem se alguém já podia ter falado, de que as mulheres trabalhavam, mas nunca tiveram um ordenado.

Nunca o souberam. O marido, quando lhe dava 5 a 10 ervas ou 5 a 10 escudos, quase que era um favor. E ela tinha trabalhado para isso. Entende? A lei, a base está errada. E é por isso que hoje em dia... Porque qual é o motivo que a pessoa ia para o Café Relógio trabalhar?

Tinha férias, subsídio de férias, tudo isso, e um ordenado ao fim do mês. Ao sair de lá, para ir trabalhar por conta própria, já não tinha direito a nada. Entende? E ainda há mais. Porque depois, a questão da venda do cesto em si, da cadeira em si, eles têm uma margem comercial. E essa margem comercial, muitas vezes, tem muita luz. E ganham o que ganham. Mas isso não tem nada a ver com a negociação deles. Eles estavam em mim, por fabricar, e dava-se a importância a eles. Entende? Mais nada.

E: Isso é mais ou menos como o agricultor... planta as batatas, colhe as batatas e depois dá a alguém para vender.

JPF: Não é mais nada.

E: Se ele pegasse essas batatas e vendesse à beira do caminho, o lucro era tudo para ele.

JPF: Mas para vender à beira do caminho já lhe exigem uma licença, exigem-lhe uma contabilidade, exigem-lhe isso tudo, levam tudo.

E: Sim, mas também os que comercializam também precisam disso.

JPF: Ao comerciante.

E: Isso é o papel do comerciante.

JPF: Mas o comerciante em si, ao fazer isso, eu acho bem. Eu não sou contra ele. Eu acho que aquela percentagem de tempo, a pessoa que compra... Por exemplo, no meu caso. Trabalhei anos seguidos para determinadas pessoas. Para duas pessoas. A minha segurança social paguei-a eu. Entende? E o pessoal que eu tinha, trabalhava, todos pagavam a Segurança Social por conta própria. Que foi aquela lei de 79, qualquer coisa, lei de 79, que deu o Dr. Alberto João, que disse que a gente tinha essa mesma coisa com o agricultor, mas pagava-nos a Caixa Única. Entende? Mas, eu dizia-lhe os impostos, eu dizia-lhe.

E: Isso tudo, eu tinha que pagar.

JPF: Para ter uma estrada, eu tenho que ter uma boa estrada, eu tenho que pagar o imposto. Agora, há muita coisa por detrás disto que está errado.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

JPF: Digamos, pelo gosto sim, se voltasse atrás, não ficava nos vimes.

E: De 0 a 10, diga-me.

JPF: Não sei, mas de certa forma sim, com um pedaço sei que foi sim.

E: Desculpe insistir, qual era o valor entre 0 e 10 de satisfação?

JPF: 6, se fosse hoje, eu fiz tropa. Até quando saí da escola, eu sou antigo aluno Salesiano, e não quis continuar, é que nem quis mesmo. Os meus pais castigaram-me. Primeira coisa, quando eu saí da escola que eu tive, que os meus pais me castigaram, me puseram a acartar pedra para eu voltar à escola e eu disse não. E pronto, depois vi que a coisa estava errada. Apareceram, pronto, pequenos trabalhos e isso tudo. Este é uma

história um pedaço de longa. Depois veio a tropa. A tropa. Entretanto, logo a seguir veio o 25 de abril, eu fiz tropa em 69, 71. Concorri para a Guarda Fiscal, dei-me aprovado, mas deram-me um quarto para ir trabalhar. Já não quis ir para a Guarda Fiscal, quis ficar por conta do patrão uns meses. Não quis. Concorri para carteiro. Veio aprovado para eu ir para a carteiro, mas o ordenado era pequeno e ganhava mais na obra de vimes, que as minhas contas era um dia de trabalho. Um dia de trabalho em carteiro eram 8 horas e um dia de trabalho na obra de vimes eram 16. Mas eu ganhava muito mais na obra de vimes, não precisava de roupas nem isso tudo e o que queria ter era uma casa. A minha missão era uma casa. Portanto, esqueci tudo isso para trás. Se fosse hoje em dia, digo que como pessoal.

E: 20 - Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

JPF: É só na zona da Camacha que quer?

E: Só na zona da Camacha.

JPF: Na Camacha, que eu conheça. Que eu conheça. Dois, três, quatro. Aqui eu conheço. Dois, três, Quatro. Não sei se o filho trabalha assim, não. Cinco. Seis. Talvez haja mais alguém, mas já não sabe. Seis. Sete. Mas há mais. Isso aqui há. Chapéu de Jordão.

E: Os Jordões têm três. Tem o Jordão do Rochão. Tem o Jordão aqui...

JPF: O Jordão Gouveia não faz nada. O Jordão Gouveia faz?

E: Sim, senhor. Então, ainda o ano passado eu comprei-lhe... comprei-lhe um cesto.

JPF: O Jordão... Jordão Gouveia.

E: Três Jordões. Jordão do Rochão.

JPF: Jordão Gouveia. Há um Jordão Batista.

E: O marido da senhora Fátima?

JPF: Faz, não é?

E: Ela faz. Não faz todos os dias. Há fazendo, aqui e ali, mas ele tem ainda materiais.

JPF: Sim, materiais, se é que ele tem, que ele ainda prepara vimes.

E: A última vez que eu que tive, foi há duas semanas...

JPF: Há o Jordão Batista, também.

E: Há o Jordão Batista.

JPF: Sim, e há o Jordão Sá.

E: Que é o que faz os carros do monte.

JPF: Sim.

E: E há... qual é o outro Jordão?

JPF: Há o outro Jordão Batista. Quase de certeza que não chegou até ele.

E: Sei que são três Jordões. Um, dois... Jordão Batista Carros do Monte, o Sr. Jordão do Rochão... Agora não estou me lembrando qual é o outro.

JPF: Não.

E: Ainda não estive com esse, então. José Pedro Gouveia, o que tem à venda. Aí também há um Jordão. Eu tinha uma ideia que tinha três Jordões.

JPF: Jordão Batista.

E: Jordão Batista.

JPF: Também é um homem com oitentas e qualquer coisa. Tem um filho em casa.

E: E onde é que ele vive? Ele é vizinho do Sr. José Pedro?

JPF: Sim.

E: José Pedro Batista Gouveia, que é o "Escaravelha"? É vizinho dele. E tem o contacto dele?

JPF: Não.

E: E ele vive lá perto do Sr. José Pedro? Se eu fosse lhe perguntar o Sr. José Pedro... Se falar com o José.

JPF: Pedro, o José Pedro dá-lhe o contacto que ele faz os cestos para o Sr. José Pedro.

E: Ah, ele faz cestos para o Sr. José Pedro. Mas o Sr. José Pedro só me falou que foi na...

JPF: Na Maria.

Anexo 1.10 – Entrevista com José João Teixeira Barreto, 66 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 9 minutos e 2 segundos

Local: Sítio do Rochão, Camacha, 12 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

Perfil e percurso (Figura 102 e 103):

- Nome: José João Teixeira Barreto.
- Idade: 66 anos.
- Local: Rochão, Camacha.
- Experiência: 36 anos de atividade.
- Origem do saber: aprendeu com o pai e irmãos, que tinham oficina.

Situação laboral:

- Trabalha por conta própria, diretamente para clientes.
- Comercializa através de feiras, redes sociais e boca a boca.
- Dedica 8–10 horas por dia ao ofício.

Produção e especialização:

- Inicialmente fez cestos, mas nunca se identificou.
- Especialização: móveis → sofás, cadeiras, camas, mesas.
- Peça mais procurada: cadeiras.
- Tempo médio de execução: 20 horas por cadeira.

Matéria-prima e técnicas:

- Faz a colheita e preparação do vime por conta própria.

- Usa verniz (natural ou escuro) e tapa-poros como acabamento.
- Também recorre a madeira (para estruturas) e, pontualmente, a ferro (feito por terceiros).
- Já trabalhou com tingimento de vimes para detalhes em móveis.

Dificuldades e contexto:

- Principal dificuldade: falta de locais para venda → efeito "bola de neve":
    - menos procura → abandono do cultivo → falta de matéria-prima.
- Mão de obra sempre mal paga; no passado trabalhava das 8h às 23h para "ganhar o dia".
- Se tivesse grandes encomendas, teria de importar vime.
- Investimento em material: avalia como 8/10, muito mais caro hoje do que no passado.

Inspiração e inovação:

- Inspira-se em fotos, desenhos de clientes e também desenvolve os seus próprios modelos.
- Criou linhas próprias de móveis (ex.: cadeiras, sofás).

Projetos e divulgação:

- Já fez projetos especiais no Brasil, em colaboração com decoradores.
- Participou em feiras, com destaque para uma demonstração no Mercado Quinhentista.
- Nunca deu formação formal, mas está disposto a ensinar.

Avaliações pessoais (0–10):

- Futuro da atividade: 0 (não acredita, por falta de apoio e procura).
- Valorização: 5 (as peças valem mais do que aquilo que os clientes estão dispostos a pagar).
- Realização pessoal: 10 (sente-se plenamente realizado, sobretudo com os móveis).

Situação dos artesãos:

- Estima que existam 7 a 8 artesãos ativos na Camacha, no máximo 10.



Figura 102 - Entrevista com José João Teixeira Barreto, 66 anos (Fot. por Lucília Teixeira a 12 de agosto de 2025)



Figura 103 - Entrevista com José João Teixeira Barreto, 66 anos (Fot. por Lucília Teixeira a 12 de agosto de 2025)

Transcrição da entrevista a José João Teixeira Barreto:

Entrevistadora (E): Vai começar por me dizer, como se chama, onde vive, e a sua idade.

José João Barreto (JJB): Chamo-me José João Barreto, vivo no Rochão Camacha e tenho 66 anos.

E: 1 - Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

JJB: Há 36 anos.

E: 2 - Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JJB: Eu trabalho por conta própria. Faço o meu trabalho, arranjo meus clientes e trabalho direto para o cliente.

E: 3 - Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

JJB: Através das feiras, das redes sociais, na boca a boca, um vai passando para o outro e vai se fazendo a clientela.

E: 4 - Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

JJB: Oito, dez horas, depende do trabalho que tem em mãos.

E: 5 - Como aprendeu a trabalhar o vime?

JJB: Aprendi com o meu pai, com meus irmãos. O meu pai tinha oficina e quando o meu pai faleceu, o meu irmão continuou com a oficina. Então a gente trabalhava em casa.

E: 6 -Quais são os tipos de objetos mais procurados?

JJB: Para mim, ultimamente, tem sido cadeiras. As cadeiras têm sido mais procura.

E: 7 - Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes?

JJB: Sim, nos móveis. Deixei os cestos, nunca fui uma... O cesto nunca me agradou muito. Então parti para a mobília, para fazer móveis. Sofás, cadeiras, camas... O que é para ser na área de móveis, a gente faz.

E: 8- Quanto tempo demora fazer, por exemplo, esta cadeira?

JJB: Esta cadeira são 20 horas de trabalho.

E: 9 - Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

JJB: Eu mesmo fiz a colheita, preparei o material para ter o material para poder trabalhar.

E: 10 - Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

JJB: Tenho que envernizar, passar um tapa poros, posso passar um verniz natural ou escuro, o que o cliente…normalmente vai com o verniz natural.

E: 11 - Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

JJB: Hoje em dia, o trabalho está se acabando. São muito poucos que estão no... A principal dificuldade é ter onde vender o nosso trabalho.

E: Acha que esta é a principal?

JJB: Para mim é. Porque se tivesse onde vender, ia ter matéria-prima, a gente ia ter mais pessoas a trabalhar. O trabalho começou a diminuir, as pessoas começaram a deixar o trabalho. E também o... O que pagavam pela... A mão de obra... A mão de obra sempre foi... sempre foi mal paga. A pessoa para ganhar o dia trabalhava das 8 da manhã às 11 da noite. E achava que estava ganhando o dia, mas estava fazendo dois dias em um. Por isso que muita gente deixou.

E: Acha que a falta de material também não é um problema?

JJB: A falta de material vem do trabalho ser pouco e as pessoas começaram a deixar de cultivar os vimes. Isto é como uma bola de neve. Sim, se tivesse trabalho, tenho família que tirou, arrancou os vimes para plantar, fazer plantação de batata, de couve, para a agricultura. Porque acabou a procura dos cestos e das cadeiras.

E: Mas imagina, se tivesse agora uma encomenda bastante grande, acha que teria...

JJB: Tinha que importar. Sim, teria que importar. Sim, por isso que aqui não ia ter uma matéria-prima para o fazer... Portanto, eu recebi uma encomenda, eu já separei o material mais ou menos para a encomenda que eu tenho.

E: 11 – De 0 a 10, investe mais agora em materiais do que antigamente?

JJB: Sim, porque antigamente eu fiquei muitos anos sem trabalhar nos vimes. Agora que voltei a trabalhar no vime. Então estou investindo na arte. para ver se ela não morre muito depressa.

E: Mas diga, de 0 a 10, quanto é que investe?

JJB: Mas é financeiro?

E: Sim, sim. A nível de valor. Acha que agora está mais caro o vime, por exemplo?

JJB: Sim, mesmo para a gente comprar o vime verde está mais caro. O vime, quando é podado, está mais caro do que há muitos anos atrás. E isso...

E: E na altura, pelo valor que eles pagavam do vime também desanimou as pessoas a cultivar.

JJB: Por exemplo, se antes gastava de 0 a 10, gastava 5 euros, agora...

E: Hoje já está gastando 8?

JJB: Sim.

E: 12 - Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

JJB: Uso madeira, uso... depois produto com acabamento, o verniz, ou essa... para o acabamento. Sim, mas no caso de ter.… não fazes só cadeiras com base de madeira, também fazes com base de ferro, não fazes? Eu normalmente faço só com base de madeira. Se algum cliente me trouxer a estrutura de ferro, eu faço. Mas tenho quem me faça a estrutura de ferro.

E: 13 - Em que se inspira para criar peças novas em vime?

JJB: Em fotos, em desenhos que o cliente traz, e faço criando modelos. Em cadeiras, eu já desenvolvi uma linha, e foi de bolsas. E fui vendo, e olha, acho que assim vai ficar bom. E experimenta-se, faça uma peça, vai ficar boa. Se... aí continua, senão a gente altera e vai para outra peça.

E: 14 – Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

JJB: Sim, já trabalhei. Ultimamente não tenho trabalhado, mas já trabalhei em fazer o tingimento, para fazer um detalhe no sofá, numa cadeira.

E: 15 - Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

JJB: Várias.

E: Pode falar em algum momento?

JJB: Não aqui na Madeira, mas no tempo que eu estava no Brasil, trabalhava muito com decoradores. Então tinha que seguir o projeto do trabalho que eles estavam fazendo.

E: 16 - Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

JJB: Até hoje não dei formação. Mas se aparecer oportunidade, não me recuso. De bom coração, ensino.

E: Mas quando vai às feiras ou isso, não trabalha lá, não faz demonstrações?

JJB: Eu fiz a demonstração no Mercado Quinhentista, fiz a demonstração. Em outras feiras não se costuma fazer.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JJB: Não. É 0. Não estou a ver. Só se... para isso tem que... tem que envolver muito... mas eu não quero entrar nesse campo. Isso vai entrar a politicagem e eu não quero entrar nesse campo. Mas falta muito apoio para a obra de vimes.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

JJB: Não. Mas quem faz a peça é que tem que dar o valor.

E: Pois. Mas de 0 a 10, o que é que acha que os outros valorizem?

JJB: Vão vir para 5. Se vale 10, eles vão poder pagar 5.

E: 19 - De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

JJB: Sim. Eu gosto deste trabalho. Realizo-me, principalmente fazendo móveis, eu me realizo. Gosto disto.

E: 20 - Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

JJB: Eu não tenho a certeza, mas penso que se passar de meia dúzia, não deve ser muito. 7, 8, penso que não chega a 10.

E: ok, sim senhor...

Anexo 1.11– Entrevista com José Pedro Teixeira Ferreira, 85 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 19 minutos e 50 segundos

Local: Sítio da Ribeirinha, Camacha, 20 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: A esposa Lucinda de Nóbrega Santos Ferreira e a Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

- Tempo de atividade: 73 anos (Figura 106 e 107), começou aos 13 anos.
- Regime de trabalho: Trabalha por conta própria, vendendo a bazares e clientes diretos.
- Comercialização: Principalmente através de bazares e encomendas pontuais.
- Duração do trabalho diário: Cerca de 10 horas por dia, dependendo do dia.
- Aprendizagem: Aprendeu com o pai, que também era artesão.
- Objetos mais procurados: Atualmente, corsas/corsinhas pequenas para decoração.
- Especialização: Corsinhas pequenas, embora tenha experiência em vários tipos de obra de vime.
- Tempo para produzir uma peça: Cerca de 1 hora, incluindo preparação e acabamento.
- Matéria-prima: Vime comprado a agricultores, especialmente do Curral das Freiras.
- Acabamentos: Para peças pequenas como as corsinhas não usa verniz; para móveis e outras peças recomenda verniz.
- Dificuldades do trabalho: Falta de procura e dificuldades em manter a atividade.
- Investimento em materiais: Hoje gasta-se mais dinheiro para obter menos quantidade de vime; investimento atual é cerca do dobro do que antigamente.
- Materiais adicionais: Madeira, usada nos fundos das peças.
- Inspiração: Fotografias ou desenhos de clientes; experimento criativo com novas formas.

- Novas habilidades: Não desenvolveu técnicas adicionais, como tingimento de vimes.
- Encomendas desafiadoras: Corsinhas miniatura foram um grande desafio e sucesso de vendas.
- Formação/demonstrações: Não dá formação formal, mas participa no Art'Camacha para demonstrações.
- Futuro da atividade: Considera pouco futuro para a obra de vimes; pontuação: 3/10.
- Valorização da atividade: Considera que a obra de vimes não é suficientemente valorizada; pontuação: 5/10.
- Satisfação pessoal: Muito realizado com o trabalho, pontuação: 10/10.
- Número de artesãos ativos: Não chegam a 20 atualmente na Camacha; muito menos do que no passado.



Figura 104 - Entrevista com José Pedro Teixeira Ferreira (Fot. por Lucília Teixeira a 20 de agosto de 2025)



Figura 105 - Entrevista com José Pedro Teixeira Ferreira (Fot. por Lucília Teixeira a 20 de agosto de 2025)

Transcrição da entrevista a José Pedro Teixeira Ferreira:

Entrevistadora (E): Então, Sr. Pedro, vai-me dizer a sua idade, o seu nome e onde vive?

José Pedro Ferreira (JPF): Eu vivo na Camacha, no sítio da Ribeirinha de Camacha.

E: E chama-se como?

JPF: O meu nome é José Pedro Teixeira Ferreira. Nasci em 1939, em 4 de dezembro.

E: Também tenho muita família em dezembro. Isso dá quantos anos?

JPF: 85. Faço 86 para dezembro.

E: 1 - A quanto tempo trabalha na obra de vimes?

JPF: 73 anos. Isso, pelo menos, é uma questão de dizer. Quando saí da escola, saí com 13 anos. Só dei a 4ª classe.

E: Isso era ótimo na altura.

JPF: Portanto, com 13 anos, comecei a trabalhar. O meu pai também era artesão. O meu pai fazia cadeiras. Era mestre de cadeiras. Eu não percebo o que é cadeiras. Não me dediquei às cadeiras. Quando comecei a trabalhar, o meu pai começou a fazer bandejas, cestos. E foi nisso que comecei a trabalhar.

E: Sim, senhor. Mas ao longo do tempo, trabalhou sempre nesta área? Nunca teve outro emprego?

JPF: Praticamente, foi sempre isto.

E: 2 - Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JPF: Eu trabalho por conta própria. E depois vendo a quem compra. Há um bazar que fica com muito trabalho. De forma que fica lá. Vendo para esse bazar. E às vezes aparece alguém que quer, e também se faz. Também se entrega a essas pessoas.

E: 3 - Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

JPF: Já acabei de dizer que é para um bazar e para pessoas que vão aparecendo e vão encomendando.

E: 4 - Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

JPF: Isso não é fácil de dizer. Eu trabalho cerca de 10 horas por dia. Não a todos os dias, mas há dias que trabalho 10 horas por dia...

E: 5 - Como aprendeu a trabalhar o vime?

JPF: Foi com meu pai. Meu pai também trabalhava por conta própria. Ele trabalhava por conta própria e aprendi com ele.

E: Sim, senhor.

E: 6 - Quais são os tipos de objetos mais procurados?

JPF: Ultimamente, as corsas, as corsas pequenininhas.

E: Aqueles que colocam no frigorífico?

JPF: Sim, sim. Mas isto não foi sempre o meu trabalho. Comecei... comecei a fazer estas corsinhas, estas pequenininhas. Antes, fazia umas maiores. Uma garrafinha, duas e três. E depois, houve um empregado... falava-me... Como é que hei de dizer? Encarregado. E ele disse, olha, Pedro, quero que faças uma pequenininha. E eu disse, por favor, faça-me uma. Ele pegou-me um pedaço de madeira e fez um desenho assim, muito pequenininho. Olha, foi... nasceu este. Já mais tarde. Ora, quando ele me faz esse desenho, eu disse, é para fazer deste tamanho? Ele disse, sim, senhor.

Ali eu nem sequer sabia o que é que ele dizia. Eu até comecei a desconversar com ele. Trabalhava lá um rapaz que era o Frederico. Falei-lhe: Frederico, olha que o Cristiano está aqui a me tirar o juízo. Esse senhor Cristiano. Ele disse: olha que o Cristiano está aqui a me tirar o juízo. Ele disse: você vai fazer, vai experimentar e vai fazer. Ora, experimentei a fazer. Foi um êxito. Teve uma grande venda. Todas as semanas eu fazia disto. Porque lá no Café Relógio, aquilo vinha muito estrangeiro. Aquilo vendiam tudo. Mas há alguns também que pegavam naquilo, punham-se na mãozinha e.… houve uma ocasião que levaram sete. Estava lá arranjando e a senhora Guia dizia: "será que eles podem levar daqui? Não tem lá em cima? E eles pagam lá em cima?"

Está bem. Ora, tinha 17 e eles só receberam 10. Ora, quando eu chego acima, disse, olha, receberam as corsinhas? Olha, foram dezassete. Não foi tantas, toca fazer a conta. Fazer na máquina. Aqui só recebemos dez. Diz, olha, 5 foi.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes?

JPF: Não percebi a pergunta.

E: Em que foi que se especializou ao longo do tempo, enquanto foi fazendo obra de vimes? Falou no seu pai que era especialista nas escadeiras. E no caso do senhor Pedro?

JPF: Ora, já fiz também muitos trabalhos de obra de vime. Eu fiz trabalho muito diverso. Agora, especialista, praticamente foi estas corsinhas. Foi esta corsinha.

E: 8 - Quanto tempo demora para fazer uma corsinha daquelas pequeninas?

JPF: Não é fácil de dizer. Para furar o fundo, enfiar o fundo, e preparar o material, eu vou dizer uma hora, mas com muita dúvida. Pode ser, porque depois tem os acabamentos que também faz parte. Preparar o material. Eu depois vou passar umas liacinhas no ferro. Para ver como é.

E: 9 - Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

JPF: Vou à casa de um agricultor. Por acaso, na ocasião, não é na Camacha. É no Curral das Freiras. O vime é macio, trabalha-se à vontade.

E: 10 – Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça? Por exemplo, a corsinha, para não dar o caruncho.

JPF: Estas corsinhas não levam a verniz. Mas a obra de vimes leva verniz. E o verniz dá muita proteção.

E: 11 – Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vimes enfrenta?

JPF: Não sei. A falta da obra de vimes.

E: 11 - Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta? De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

JPF: Gasta-se mais dinheiro, mas traz-se menos quantidade.

E: Não sei. Se antes investia, por exemplo, 100 euros e trazia 10 kg de vimes, agora quantos quilos de vimes?

JPF: 10 kg de vimes deve dar uns 200 euros ou mais. 200 euros.

E: Então tem que investir quase o dobro.

JPF: O homem também tem que comprar mais barato. Claro. E é claro que daquilo que ele vende... investe-se o quê? Mais 5 vezes? Mais 3 vezes? Mais 3 vezes não, mas penso que mais de uma porção.

E: Duas vezes mais?

JPF: Duas vezes mais.

E: 12 - Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

JPF: Madeira. Os fundos são de madeira.

E: E também não leva *platex* às vezes?

JPF: Não, é madeira. É madeira.

E: 13 - Em que se inspira para criar peças novas em vime? Por exemplo, em que foi que se inspirou para fazer as corsas?

JPF: Aquilo foi... Em princípio, as corsas? Aquilo foi um rapaz que me pediu que eu fizesse as corsas do Monte. Mas eu respondi: "eu nunca fiz disso". Ele mostrou-me uma fotografia e, por essa fotografia, comecei a fazer.

E: Basta então olhar para uma revista ou olhar uma foto e chega lá.

E: 14 - Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões? Chegou a tingir vimes para fazer a obra de vimes? Ou foi sempre?

JPF: Não, não.

E: 15 - Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

JPF: Não percebi bem a conversa.

E: Por exemplo, esta encomenda das corsinhas muito pequenininhas, miniaturas, foi uma encomenda desafiadora para si?

JPF: Sim, sim.

E: Se recebeu alguma encomenda desafiadora, alguma encomenda que pensou que não conseguia, mas depois conseguiu e depois foi um sucesso.

JPF: Olhe, eu trabalhei no Relógio. Comecei a fazer essas corsinhas pequenininhas. E todas as semanas as raparigas que vendem lá em cima, dizem: "ah, Pedro, já, não tem corsinha. A primeira vez que fiz isso, eu acho que foi 10. Ora, eu fiz 10.

Havia um encarregado geral da oficina. E disse a ele, aquelas corsinhas eu não faço menos de 20. É que quando eu estava com a mão assente naquele, acabava. E ele disse: faz aquilo que tu quiseres. Ora, comecei a fazer 20, 25, 30, o que dava tempo. E aquilo, sei lá, fiz milhares daquilo. Fiz milhares disso.

E: Muito bem. Quem era o nome do seu encarregado? Lembra-se?

JPF: Vieira.

E: 16 - Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

JPF: Não.

E: Então este fim de semana não esteve lá em cima? A semana toda?

JPF: Não, mas não foi dando formação.

E: Mas ele estava a fazer. É uma forma de amostras. Está no Art`Camacha, foi a primeira vez que participou?

JPF: Não, sempre que houve o Art`Camacha, há uns quatro anos para cá, vou sempre.

E: Pois, mas isso é uma forma de entusiasmar as pessoas a aprenderem, de certa forma, a demostrar.

JPF: Só vou dizer uma coisa. A obra de vimes, naquele tempo e atualmente, não é trabalho que se possa fazer para ganhar a vida. Para ganhar a vida, temos que trabalhar muitas horas. Não é 10 horas por dia, que se ganha a vida. Dez, doze, até mais.

E: 17 - De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JPF: Não. Eu não sei responder isso. Mas parece que não.

E: Dá menos de 5? Dá o quê?

JPF: Como?

E: De 0 a 10? É menos de 5?

José Pedro Ferreira

3? 3.

E: 18 - De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada? Que lhe dão o dito valor?

JPF: Não.

E: De 0 a 10, quanto é que dá?

JPF: Eu vendo aquele cestinho e há gente que ainda acha caro. Devido ao tamanho. Há gente... "Ah, é caro". É caro não leva.

E: Então, acha que não é valorizado o seu trabalho? De 0 a 10.

JPF: Se fosse valorizado, muita gente aprendeu, deram formação. Muita gente... Se fosse uma oportunidade para a vida, tinham aproveitado, só que ninguém foi, ninguém aproveitou.

E: De 0 a 10, 5? Metade? Como 5? De 0 a 10. 5? Acha que 5 é o valor que dá?

JPF: Parece que as pessoas não dão muito valor aos vimes, uns 5.

E: 19 - De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho? Se se sente concretizado, se gosta de fazer o que faz?

JPF: Isso pode ser a 100%.

E: Então é 10. De 0 a 10, é 10.

E: 20 - Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

JPF: Há tempos houve um rapaz que andou aqui a fazer uma rusga, a ver quem é que trabalhava, ele esteve aqui e depois, a cabo de algum tempo, voltei a falar com ele. Não foi aqui, foi lá em cima. Quantos artesãos há aqui na Camacha? E ele disse: "Até é uma vergonha dizer. Não tem 20".

E: Deve ser dentro disso. Naquele tempo, quando havia a exportação da obra de vimes, à segunda-feira, só se via carros, furgonetes, a acartar material, a acartar cestos e vimes. Levava a obra de vimes já feita, e traziam o material para a semana. Muito obrigada, Sr. Pedro.

Anexo 1.12 – Entrevista com Lucinda Nóbrega Santos Ferreira, 70 anos

Meio utilizado: Telemóvel com câmara e gravação

Duração: 8 minutos e 17 segundos

Local: Sítio da Ribeirinha, 20 de agosto de 2025

Elementos presentes: artesão Frederico Nuno Gomes Lucas Santos e Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

Experiência na obra de vimes:

- Iniciou aos 11 anos, trabalhou até aos 27, retomou após aposentação, totalizando 35 anos
- Trabalhou 25 anos em outro setor (ajuda domiciliária)
- Atua atualmente há cerca de 5 anos ajudando o marido

Modalidade de trabalho:

- Trabalha por conta de outra pessoa (ajuda ao marido)
- Dedica 6 a 8 horas por dia, dependendo do tempo disponível

Aprendizagem e especialização:

- Aprendeu com irmãos mais velhos, trabalhando inicialmente por conta de patrões
- Especializou-se na produção de corsas (pequenos objetos decorativos)

Produção e materiais:

- Tempo de produção: 30 minutos a 1 hora por peça
- Matéria-prima: vime do Curral das Freiras; pouca disponibilidade na Camacha
- Utiliza madeira para fundos das peças
- Acabamento recomendado: envernizar para maior durabilidade

Dificuldades:

- Falta de interesse da juventude em aprender
- Escassez de matéria-prima

Investimento e valorização:

- Investimento em materiais hoje maior do que antigamente (classificação 5/10)
- Avalia valorização da atividade em 5/10
- Acredita que a atividade tem futuro limitado (5/10)

Satisfação pessoal:

- Sente-se concretizada no trabalho (10/10)

Número de artesãos na região:

- Na sua zona: apenas o casal
- No Rochão: algumas pessoas ainda trabalham com vimes

Transcrição da entrevista a Lucinda Nóbrega Santos Ferreira:

Entrevistadora (E): Pode-me dizer a sua idade, por favor? E o nome? E morada?

Lucinda Ferreira (LF): Sou Lucinda de Nóbrega Santos Ferreira, vivo na Ribeirinha. Tenho 70 anos.

E: 1 - Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

LF: Eu trabalhei muitos anos na obra de vimes, e depois tive outro trabalho... trabalhei muito tempo na obra de vimes. Depois tive outro trabalho, em que trabalhei 25 anos. Agora estou outra vez na obra de vimes.

E: Mas iniciou a obra de vimes com que idade?

LF: Com 11, quando saí da escola.

E: E depois parou? Parou em que ano?

LF: Aos 27.

E: Começou a trabalhar com que idade no outro trabalho?

LF: Mais ou menos. Agora 27 anos, 28.

E: Começou a trabalhar no outro trabalho. Até quando?

LF: Até a reforma, mas vim com a reforma antecipada. Vim com a reforma antecipada. Mas trabalhei 25 anos na ajuda domiciliária.

E: Ah, ok. Bom, é puxado, quer dizer, veio agora para a reforma e ainda começou a ajudar o seu marido também na arte da obra de vimes. Portanto, há quanto tempo está a ajudar o seu marido?

LF: Portanto, há... 5 anos.

E: 2 - Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

LF: Por conta de outra pessoa.

E: Por conta do seu marido? Muito bem.

E: 4 - Quanto tempo por dia dedica a esta arte?

LF: Olha, todo o tempo disponível. Desde que faço a minha vida e desde que tenho trabalho para acabar, estou sempre no banco.

E: É 6 a 8 horas?

LF: Sim, não fico até às 10h, como ele. Tenho outras coisas de fazer. Claro.

E: 5 - Como aprendeu a trabalhar o vime?

LF: Olha, eu aprendi a trabalhar a obra de vimes... O meu pai e a minha mãe não trabalhavam na obra de vimes. Nunca trabalharam na obra de vimes. Começamos a trabalhar na obra de vimes que eu aprendi com meus irmãos, meus irmãos mais velhos. Então, nós começamos a trabalhar por conta do patrão. Eles não eram patrões, eram... também trabalhavam por conta do patrão. Nós aprendemos com eles.

E: 6 - Quais são os tipos de objetos mais procurados? Quais são os tipos de objetos que faz que são mais procurados?

LF: Pois, é as corsas já... As corsas? As corsas.

E: 7 - Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

LF: A minha especialização de trabalho é o que eu tenho para fazer é as corsas. Agora não tenho outra...

E: 8 - Quanto tempo demora para fazer uma corsa?

LF: Para eu acabar... Para acabar, meia hora chega.

E: Meia hora.

E: Quanto tempo demora para fazer a peça, por exemplo, essas corsas mais pequeninas?

LF: Isto é uma hora.

E: 9 - Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho? Consegue alguma coisa aqui na Camacha?

LF: Na Camacha não. Não? Na Camacha. O senhor José Barreto, acho que vende alguma coisa, mas eu nunca fui lá comprar. Desde que eu comecei a fazer, depois que o meu marido veio para casa, tem sido sempre ao Curral das Freiras.

E: 10 - Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

LF: Para envernizar.

E: 11 - Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

LF: A dificuldade é que ninguém quer fazer. Embora não haja muita obra-prima, mas também, esta juventude não quer aprender.

E: 11 - De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

LF: Invisto mais.

E: De 0 a 10, quanto é que dá?

LF: Meio.

E: Cinco?

LF: Cinco.

E: 12 - Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

LF: A madeira.

E: 13 - Em que se inspira para criar peças novas em vime?

LF: Agora não me inspiro em nada. Agora é para passar o tempo.

E: Já tem aquela base?

LF: Já tenho aquela amostra agora. É a seguir à amostra.

E: 14 - Conseguiu ao longo do tempo outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

LF: Não.

E: Não chegou a tingir nunca vimes?

LF: Não.

E: 15 - Já esteve envolvida em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

LF: Eu não. Não, porque quando trabalho, é por conta de outras pessoas. O que elas diziam para fazer era o que fazia.

E: 16 - Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

LF: Até dava formação a essas pessoas se elas quisessem trabalhar.

E: Nunca deu?

LF: Não.

E: 17 - De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

LF: Eu acho que não, mas pronto.

E: De 0 a 10, quanto é que classifica?

LF: Vai ser 5.

E: 18 – De 0 a 10 acha que esta atividade é devidamente valorizada?

LF: Eu acho que não é devidamente valorizada, porque se fosse, alguém queria fazer.

E: De 0 a 10, quanto é que classifica?

LF: 0 a 10... Eu faço assim pelo meio, 5.

E: Para não ser muito radical.

E: 19 - De 0 a 10, sente-se concretizada neste trabalho?

LF: Sim, gosto, é 10.

E: 20 - Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

LF: Sinceramente...aqui na minha zona não conheço ninguém que faça obra de vimes, senão a gente, no Rochão ainda, algumas pessoas trabalham.

E: Ok. Muito obrigada, senhora Lucinda.

LF: De nada.

Anexo 1.13 – Entrevista com José Aníbal Rodrigues Freitas, conhecido por "Policarpo", 62 anos

Meio utilizado: papel e caneta *(sem gravação)*

Duração: 15 minutos e 2 segundos

Local: Sítio da Igreja, Camacha, 21 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: o Sr. Arlindo e a Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

Experiência na obra de vimes (Figura 106 e 107):

- Iniciou aos 21 anos, após a tropa
- Trabalha há mais de 40 anos na área

Modalidade de trabalho:

- Trabalha por conta própria
- Possui clientela própria, com mais procura do que oferta
- Dedica cerca de 8 horas por dia

Aprendizagem e especialização:

- Aprendeu com o pai
- Não se especializou em nenhum tipo particular de peça, produz diversos objetos

Produção e materiais:

- Tipos de peças mais procuradas: cestos para bolos de mel, cabazes para compras, cestos para pão
- Tempo de produção: cerca de 30 minutos por cabaz pequeno
- Matéria-prima: vime da Camacha e da Boaventura

- Utiliza madeira para cadeiras; eventualmente armação de ferro, mas ferro pode prejudicar o vime
- Acabamentos: verniz, cola e enxofre para proteção contra insetos; água salgada para durabilidade em climas costeiros

Dificuldades:

- Falta de matéria-prima e mão de obra
- Classifica o investimento em materiais atualmente em 5/10

Criatividade e habilidades:

- Inspira-se na necessidade do produto, inventando novas formas
- Não trabalha com tingimento ou outros padrões, preservando o aspeto rústico do vime

Projetos e formação:

- Participou de projeto desafiador com Nini Andrade, mas não foi concluído
- Não dá formação nem demonstração devido à falta de tempo

Avaliação pessoal da atividade:

- Futuro da atividade: 0/10
- Valorização da atividade: 10/10
- Satisfação pessoal: 10/10

Número de artesãos na região:

- Atualmente cinco mulheres trabalham com ele: 2 da Cova da Iria e 3 do Sítio da Igreja



Figura 106 - Artesão José Aníbal a fazer liaça em máquina elétrica (Fot. por Lucília Teixeira a 21 de agosto de 2025)



Figura 107 - Tipo de cadeiras que o artesão José Aníbal elabora (Fot. por Lucília Teixeira a 21 de agosto de 2025)

Transcrição da entrevista a José Aníbal Rodrigues Freitas:

Entrevistadora (E): Pode-me dizer a sua idade, por favor? E o nome? E morada?

José Aníbal (JA): José Aníbal Rodrigues Freitas, 62 anos, Sítio da Igreja.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

JA: Comecei a trabalhar na obra de vimes a partir dos 21 anos, depois da tropa.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

JA: Por conta própria**.**

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

JA: Temos já clientela própria, até não se vence, há mais procura do que oferta.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

JA: O dia todo, 8 horas.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

JA: Com o meu pai.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

JA: De tudo um pouco, cestos para bolos de mel, cabazes para compras de vários tamanhos e cestos para pão. Está em moda pôr um cesto de vimes, para pôr o pão a levedar, no Monte. É um cesto pequeno, com 5 cm de altura com 28 cm de comprido. É colocada uma toalha, a forrar o cesto, é colocado a massa e fermenta até à altura do cesto.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

JA: Não.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer um cabaz de compras?

JA: Uns 30 minutos, se não for muito grande e com fundo de *platex*.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

JA: Na Camacha e na Boaventura.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

JA: Meter no verniz e na cola e meter enxofre para matar o bicho, demolhamos o trabalho de obra de vimes, com água, num quarto fechado, acendemos o enxofre e fica ali durante algumas horas, 3 a 4 horas, ajuda a matar o bicho e fica o trabalho mais alvo. Há um sr. Doutor que diz que a água salgada faz durar a obra de vimes. conheço umas pessoas que têm umas cadeiras num terraço, perto do mar e já tem muitos anos e continuam boas.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta? De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

JA: A falta de matéria-prima e de mão de obra. Invisto 5.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais junto com o vime em suas criações? Se sim, quais?

JA: Atualmente só a madeira para as cadeiras ou armação em ferro. Mas o ferro é inimigo dos vimes, pois se começa a enferrujar apodrece logo a liaça e os vimes.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

JA: Inventa-se, por exemplo as bases para o bolo de mel, fazemos formas variadas, tipo as que levam o bolo de mel com a garrafa ao lado.

E: 14- Conseguiu ao longo do tempo outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

JA: Não. O vime pintado dura mais tempo, mas perde a beleza do vime. A beleza do vime é ser rústico.

E: 15-Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

JA: A Nini Andrade apresentou um projeto grandioso, ainda contatamos alguns artesãos, ainda tentamos não ficava bem o efeito que ela queria e não acabamos o projeto.

E: 16- Costuma dar formação ou amostras desta atividade de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim onde e como?

JA: Não há tempo.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

JA: 0.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

JA: 10.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

JA: 10.

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

JA: Há 5 mulheres que trabalham para nós: 2 da Cova da Iria e 3 do Sítio da Igreja, mas elas não aceitam ser entrevistadas.

Anexo 1.14 – Entrevista com Arlindo Gouveia Barreto, 70 anos

Meio utilizado: Papel e caneta (não foi gravado)

Duração: 5 minutos e 2 segundos

Local: sítio da Igreja, Camacha, 21 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: O artesão José Aníbal Rodrigues Freitas e a Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

Experiência na obra de vimes:

- Trabalha há 55 anos na área
- Iniciou aos 15 anos
- Trabalhou 33 anos com José Pedro Ferreira
- Atualmente trabalha, conforme a necessidade, com José Aníbal e os irmãos "Policarpos"

Atividades desempenhadas

- Preparação e tratamento do vime
- Apanha de vime e fornecimento de material

Avaliação pessoal da atividade

- Futuro da atividade: 5/10
- Valorização da atividade: 5/10
- Satisfação pessoal: 10/10

Número de artesãos na região

- Estima entre 9 e 10 artesãos atualmente na Camacha

Transcrição da entrevista a Arlindo Gouveia Barreto:

Entrevistadora (E): Pode-me dizer a sua idade, por favor? E o nome?

Arlindo (AB): Meu nome é Arlindo Gouveia Barreto. Idade 70.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

AB: Trabalho a preparar material para a obra de vimes desde os meus 15 anos, trabalhei com o Sr. José Pedro, durante 33 anos, agora vou trabalhando, conforme é preciso, com ele, quando é preciso, e com os conhecidos irmãos "Policarpos". Trabalho no tratamento do vime, na apanha, o que aparece.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

AB: 5.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

AB: 5.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

AB:10.

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

AB: Uns 9 ou 10 artesãos.

Anexo 1.15 – Entrevista com António João Rodrigues Freitas, conhecido por "Policarpo", 58 anos

Meio utilizado: Papel e caneta (não foi gravado)

Duração: 20 minutos e 2 segundos

Local: Caminho Lombo Barreto, Camacha, 21 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: A Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

- Empresa: José Aníbal Freitas Lda., Caminho Lombo Barreto n.º 1

Experiência na obra de vimes

- Começou aos 22 anos, trabalhando há cerca de 36 anos
- Frequentava a atividade desde os 11 anos, pesando vimes no Norte
- Trabalha por conta própria, também com flores, próteas e criação de coelhos

Comercialização e produção

- Produz cestos para bolos de mel, cabazes de Natal, cadeiras e mesas para hotelaria e restauração
- Dedica 8 horas diárias à obra de vimes, folgando aos domingos
- Aprendeu a trabalhar com o pai, tradição familiar desde os avós

Peças e especialização

- Mais procurados: cadeiras, mesas e cestos para pão e bolo de mel
- Especialização atual: cadeiras e cabazes de compras; anteriormente cestos para flores exportados
- Tempo médio para uma cadeira: 6 horas

Matéria-prima e acabamentos

- Compra vime verde na Camacha e Boaventura; 3 kg de vime verde dão 1 kg seco
- Acabamentos: cola e verniz; antigamente utilizavam também folha de bananeira, urze e giesta

Dificuldades e investimentos

- Trabalho mal remunerado, escassez de pessoas interessadas, aumento do custo do vime
- Investimento em materiais: 5/10

Inovação e projetos especiais

- Inspiração vem da tradição; já fez encomendas para estilistas espanhóis e projetos no Madeira Shopping
- Não trabalha tingindo vime nem criando novos padrões
- Envolvido em projetos desafiadores para artistas, mas sem formação de seguidores

Perceção sobre a atividade

- Futuro: 3/10
- Valorização: 3/10
- Satisfação pessoal: 8/10

Número de artesãos ativos na Camacha

- Além do Arlindo (preparação do material) e do Aníbal, existem outras 5 mulheres do Ribeiro Serrão, Sítio da Igreja e da Cova da Iria

Transcrição da entrevista a António João Rodrigues Freitas:

Entrevistadora (E): Pode-me dizer a sua idade, por favor? E o nome? E morada?

António João (AJ): Sou António João Rodrigues Freitas, tenho 58 anos, a nossa empresa é José Aníbal Freitas Lda., Caminho Lombo Barreto nª1.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

AJ: A partir dos 22 anos, depois de sair da tropa. Mas comecei a ir com 11 anos a ir pesar vimes no Norte.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

AJ: Por conta própria, mas temos flores, próteas e criação de coelhos.

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

AJ: Temos fornecedores: fazemos os cestos para os bolos de mel, dos supermercados, agora estamos a fazer os cestos para os cabazes de Natal e as cadeiras e mesas para a hotelaria e restauração.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

AJ: 8 horas ao dia, folgo ao domingo.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

AJ: Com o meu pai, já vem de família, o meu pai começou desde pequenino. Isto já vem do tempo dos meus avós.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

AJ: São as cadeiras, mesas e cestos para pão e bolo de mel.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

AJ: Neste momento são as cadeiras e cabazes de compras, antigamente eram os cestos para flores, que iam para a Inglaterra. Quem comercializava era a *Unibasket* e o irmão do Berardo o *Madeira Basket*[51], tinha também o Café Relógio, que, entretanto, foram à falência porque deixou de haver exportação. Para levar obra de vimes para fora, só poderiam comprar no aeroporto**.**

E: 8- Quanto tempo demora para fazer uma cadeira?

AJ: 6 horas numa cadeira.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

AJ: A nível regional, cozemos o vime verde e o descascamos numa máquina. Compramos o vime verde na Camacha e na Boaventura. Três quilo de vime verde dá depois de seco 1 quilo.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

AJ: Leva a cola, antigamente era cola e verniz, primeiro a cola e depois o verniz. Se fosse para pintar só levava a cola.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta? De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

AJ: Mal pago, pouco remunerado, se for pedido o justo valor, as pessoas não pagam. O que ainda dão o valor são as cadeiras. Antigamente havia mais pessoal, investíamos mais em matéria-prima. Atualmente não há pessoas interessadas, não investimos tanto. Atualmente o vime está mais caro e pessoal já não há, dou 5.

[51] *Madeira Basket* – empresa que existia nos tempos áureos da obra de vime, responsável pela exportação do vime.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais junto com o vime em suas criações? Se sim, quais?

AJ: É só com vime, antigamente usávamos a folha de bananeira, urze e giesta, eram apanhadas e eram usadas frescas, eram torcidas e tapávamos com aquilo, fazíamos tipo os ninhos.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

AJ: Já vem de tradição, atualmente não se tem inovado. Fiz para Espanha umas barcas para uns estilistas espanhóis. No *Madeira Shopping*[52] tem umas esteiras na zona que se vai para a restauração e também nos corredores tem umas coisas feitas em vime.

E: 14- Conseguiu ao longo do tempo outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como por exemplo, tingimento de vimes ou criação de outros padrões?

AJ: Não tínhamos encomendas não inventávamos, só produzíamos em grande escala.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

AJ: Trabalhamos para artistas que faziam encomendas.

E: 16- Costuma dar formação ou amostras desta atividade de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim onde e como?

AJ: Não, nunca optamos, não há seguidores.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

[52]*Madeira Shopping* - é o maior centro comercial da Ilha da Madeira, com características únicas e uma oferta comercial e de lazer completa e diversificada.

AJ: Não, dou 3.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

AJ: 3.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

AJ: 8.

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

AJ: Para além do Arlindo, que prepara o nosso material, temos o Aníbal e outras 5 mulheres do Ribeiro Serrão, Sítio da Igreja e da Cova da Iria.

Anexo 1.16 – Entrevista com Graciela Barreto de Freitas, 52 anos

Meio utilizado: telemóvel com câmara e gravação

Duração: 10 minutos e 36 segundos

Local: Sítio do Rochão, Vereda da Portela, Camacha, 21 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: Blandina Rodrigues Barreto Gonçalves, seu marido David e a Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

Experiência na obra de vimes:

- Trabalha há cerca de 40 anos, iniciando na infância, ainda durante a escola
- Já teve outras atividades, como empregada doméstica e trabalho em hotel
- Retornou à obra de vimes há aproximadamente 15 anos, trabalhando com o marido e o pai

Relação de trabalho:

- Trabalha por conta de patrão/patroa, não de forma independente
- Dedica cerca de 3 horas por dia, conciliando com tarefas domésticas e familiares

Aprendizagem e especialização:

- Aprendeu com a mãe, principalmente em cestos pequenos para bolos de mel
- Atualmente, especializou-se em empalhar garrafas, embora prefira cestos

Produção e materiais:

- Tempo médio para empalhar uma garrafa: cerca de 20 minutos
- Matéria-prima fornecida pelo patrão; utiliza plástico nas garrafas
- Não realiza acabamentos como verniz ou cola, nem tingimento de vime

Dificuldades e perceção da atividade:

- Principais dificuldades: falta de mão de obra e desinteresse das gerações mais jovens
- Investimento em materiais atualmente: 10/10
- Futuro da atividade: 10/10 na experiência pessoal, mas considera a profissão pouco viável
- Valorização da atividade: 0/10
- Satisfação pessoal: 0/10; trabalha por necessidade e não por gosto

Número de artesãos ativos na região:

- Não conhece outros artesãos atualmente; cita apenas alguns nomes informais, mas sem confirmação

Transcrição da entrevista a Graciela Barreto de Freitas:

Entrevistadora (E): Pode-me dizer a sua idade, por favor? E o nome? E morada?

Graciela Freitas (GF): Sítio do Rochão, Camacha, Vereda da Portela, caixa 10, casa 2.

E: E que idade tem?

GF: 52.

E: Ainda é jovem. Temos a mesma idade, praticamente.

GF: Não, mas estou mais velhinha que a senhora.

E: Nem por isso.

E: 1 - Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

GF: Na obra de vimes, sendo assim, a gente andava-se na escola, que isso já é a altura da minha mãe, que a gente trabalhava, em cestos, como mostrou, isso tudo é que a gente fazia.

E: Era o cesto para o bolo de mel?

GF: Sim, sim, como eram pequeninos, eram os cestos pequeninos. Sim, sim.

E: Mas com que idade começou a trabalhar na obra de vimes?

GF: Não sei. Estava-se na escola...

E: Com 11 anos, 12.

GF: Ah, vou-lhe dizer uma coisa. Eu acho que vou-te perguntar acolá à Blandina, Saiamos da escola, era para casa trabalhar. Penso eu, tínhamos de trabalhar. Não era?

E: Mas deu o quê? Até à quarta classe?

GF: Sim até à quarta classe.

E: E esteve sempre a trabalhar até agora, na obra de vimes ou parou, teve outra atividade?

GF: Não. Já estive lá fora trabalhando. Depois casei. Estive empregado doméstica. Estive depois trabalhando num hotel. Mas isso já...pronto. Sim. E depois eu separei-me. Então já estou aqui com o Davidinho e com o pai há 15, 16 anos.

E: Então a trabalhar mesmo certo, há 15 anos?

GF: Sim, sim, há 15 anos.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

GF: Não, tenho aqui o meu patrão. Tenho aqui a minha patroa.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

GF: Isso eu não posso dizer porque é o seguinte: Tive também a minha mãe doente, mas isso é outra história. Eu posso trabalhar agora, mas daqui a pedacinho também tenho coisas para fazer. Eu vivo com dois irmãos e tenho um que é deficiente também. Eu posso largar daqui a pedacinho porque tenho roupa para lavar.

E: Mas mais ou menos?

GF: Vamos lá por só três horas de tempo e nem se diz isso ao patrão.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

GF: A obra de vime foi com a minha mãe. Ao começar, foi com a minha mãe nos cestos. Agora se for nas garrafas, foi com a Blandina, mas nisto, na obra de vimes foi com a minha mãe.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

GF: Na obra de vimes, olha o que o patrão pôr à frente. Primeiro foi os baldinhos, depois foi variando, foi os cestos para bolos de mel, foi enfraquecendo, agora estou a empalhar as garrafas.

E: Agora é a empalhar garrafas?

GF: Agora é só garrafas.

E: Está empalhando garrafas.

GF: Agora só como aqui a patroa está fazendo isso? Já ninguém quer trabalhar. Mas quem é que quer trabalhar na obra de vime? Quem quer? Ninguém quer.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? Nas garrafas?

GF: Eu, por mim, se houvesse cestos, eu preferia os cestos. Claro. Claro que era muito mais fácil do que as garrafas.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer a peça x? Por exemplo, empalhar uma garrafa?

GF: Não sei. Nunca contei. Nunca me pôs a ver se demoro 10 ou um quarto de hora na.... Olha, é só o Davidinho pôr o tempo que ela está começando, para ver o tempo que ela faz uma garrafa. Talvez 20 minutos, para fazer uma garrafa toda para isso tudo, penso que vai ser. É só contarem o tempo. É a boca que custa mais. Aquilo é o que demora muito mais tempo. É aquilo é o que demora.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho? Os vimes e a liaça?

GF: Aqui, o patrão.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça? Tipo verniz, cola?

GF: Não, não sei. A respeito disso não vou responder porque não percebo nada disso.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

GF: Não sei. Ninguém se preocupa para trabalhar. Ninguém quer trabalhar em obra de vimes. Ninguém quer trabalho. Toda a gente quer um emprego.

E: Falta de mão de obra então?

GF: Falta de mão de obra e matéria-prima. Esta gente nova, não quer saber da obra de vimes.

E: 11- De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

GF: Como antigamente? A obra de vimes agora está mais cara, por exemplo, o vime para encontrar a liaça. Está muito caro. É muito caro. E depois também é a seguinte. Também não pagam o justo valor ao patrão também. Investe mais dinheiro em material agora. De 0 a 10, dou 10.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

GF: Eu só faço o que o patrão manda.

E: Mas nas garrafas por exemplo. É só obra de vime que usa?

GF: Ah, tem o plástico. O material que eu uso na garrafa, para empalhar a garrafa.

E: Sim.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime? Costuma criar peças novas?

GF: É o que o patrão e a patroa dão.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

GF: Não, mas nunca fiz isso.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

GF: Não, como eu lhes disse, já me pediram para fazer uma garrafa, já disse que não faço garrafas para ninguém o material não é meu é do patrão e não vou tirar do patrão para fazer garrafas para ninguém.

E: As encomendas extras não há?

GF: Não, tem que falar com o patrão, não, também o patrão está complicado também para o patrão dar esmola a outros.

E: 16- Costuma dar formação ou fazer demonstração desta atividade, de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

GF: Não.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

GF: Eu acho que não, na minha parte eu acho que não, mas também com a minha idade quem é que me vai dar emprego?

E: Isso é verdade? dar emprego não?

GF: Enquanto, enquanto, emprego, pronto, eles dão é trabalho, emprego ninguém dá, mas enquanto aqui eu puder me dar este trabalhinho, olha, estou contigo com eles, não...

E: E de 0 a 10.

GF: Então vai 10, vai 10 para eu.

E: 18- De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

GF: Não.

E: Então dá o quê?

GF: Como valorizada vai o 0.

E: Certo.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho? Gosta de fazer este trabalho?

GF: A necessidade obriga, quem é que gosta de obra de vimes? Ninguém gosta. Se alguém gostasse de obra de vimes, toda a gente estava trabalhando. Mas ninguém gosta de trabalhar em obra de vimes, por isso.

E: Então 0 a 10?

GF: 0 a 10, vai 0.

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

GF: Ah, não, não. Não conheço ninguém. Só tenho o Escaravelha, mas o Escaravelha... Ah, eu sei aquele …como se diz...o Batido. Mas esta senhora esteve lá, mas eles não aceitaram a senhora. Eu já soube que a senhora esteve lá, mas que alguém veio bater à porta a dizer. Só que, se sabia que era esta senhora, eu não tinha vindo.

E: Não me diga isso.

GF: Estou a falar, mas eles não aceitaram a senhora.

E: Muito obrigada

GF: Muito obrigada.

Anexo 1.17– Entrevista com Blandina Rodrigues Barreto Gonçalves, 57 anos

Meio utilizado: telemóvel com câmara e gravação

Duração: 7 minutos e 51 segundos

Local: Sítio do Rochão do Meio, Vereda da Portela, Camacha, Casa número 25A, 21 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: Graciela Barreto de Freitas, o Davidinho e a Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

Experiência na obra de vimes (Figura 108 e 109):

- Começou aos 14 anos, trabalhando há cerca de 43 anos
- Interrompeu temporariamente para cuidar de familiares, mas sempre manteve alguma prática
- Atualmente não trabalha regularmente devido ao cuidado com netas

Relação de trabalho:

- Trabalha por conta própria junto do marido
- Realiza encomendas aceitas pelo marido, não vende diretamente
- Antes dedicava cerca de 5 horas/dia à atividade

Aprendizagem e especialização:

- Aprendeu com avó e tias maternas
- Especializada atualmente em empalhar garrafas, anteriormente trabalhava com cestos de bolos de mel
- Tempo médio para empalhar uma garrafa: 15–20 minutos

Produção e materiais:

- Matéria-prima: vime da Camacha, liaça em plástico importada da Venezuela, garrafas fornecidas por empresa J. Faria & Filhos
- Acabamento: verniz
- Não realiza tingimento ou outros padrões de vime

Dificuldades e perceção da atividade:

- Principais dificuldades: falta de mão de obra, desinteresse das gerações mais novas, escassez de matéria-prima
- Investimento em materiais atualmente: elevado, cerca de 250–500 euros por pequena quantidade de vime
- Futuro da atividade: 0/10
- Valorização da atividade: 0/10
- Satisfação pessoal: 0/10; trabalha por obrigação para ajudar o marido

Número de artesãos ativos na região:

- Conhece apenas um ou dois artesãos atualmente, incluindo Graciela e José "Escaravelha"



Figura 108 - A Sra. Blandina, a demonstrar como se faz o empalhamento de uma garrafa, encomenda da empresa que comercializa vinho Madeira. A liaça que preenche a garrafa é em plástico, e é importada da Venezuela, sendo o vime da Camacha (Fot. por Lucília Teixeira a 21 de agosto de 2025)



Figura 109 - Tanques onde se põe os vimes e a liaça de molho, para ficarem macios, para poder trabalhar (Fot. por Lucília Teixeira a 21 de agosto de 2025)

Transcrição da entrevista a Blandina Rodrigues Barreto Gonçalves:

Entrevistadora (E): Diga-me então o seu nome.

Blandina Gonçalves (BG): Blandina Rodrigues Barreto Gonçalves.

E: A sua idade e onde vive.

BG: 57. Ah, pá, e vivo na Rochão Camacha, Rochão do Meio.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

BG: Já comecei aos 14 anos. Com 14 anos.

E: E foi só essa atividade?

BG: Foi sempre esta atividade. Depois tive um tempo, agora há pouco, parei um tempo, que estive cuidando de uma pessoa idosa. Mas continuava aos pedacinhos, continuava sempre a fazer garrafas. Agora parei, porque estou cuidando de duas netas.

E: Ah, mas ainda faz alguns...

BG: Não, por enquanto ainda não, porque tenho esta neta e tenho uma com um ano.

E: Ah, pronto.

BG: Não posso de maneira nenhuma, não tenho tempo mesmo nenhum de fazer.

E: Ah, elas tiram bastante tempo.

BG: Vim fazer esta agora, mas minha filha ficou com a pequenina, porque ela trabalha. E não consigo fazer garrafas com duas crianças pequenas.

E: Claro.

BG: Por isso, por enquanto...

E: Então, parou durante o quê? Três anos?

BG: Não, há pouco tempo que parei. Um ano, talvez. Um ano.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

BG: Ah, trabalho com o marido?

E: É por sua conta. É por conta própria.

BG: É por conta própria.

E: 3- Trabalhando por conta própria, como faz para comercializar as peças que executa?

BG: O que é isso? Diga, não estou percebendo.

E: Trabalhando por conta própria, como é que depois vende o que faz? É uma encomenda?

BG: São pessoas que encomendam. O marido é que aceita essas encomendas e eu ajudo o marido a fazer o trabalho para ser entregue.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

BG: Antes das minhas netinhas terem nascido mais coisa, eu levava das duas da tarde até às sete. Claro que tinha de levantar para comer alguma coisa, ir à casa de banho, mas eu voltava a me sentar.

E: Sim, cinco horas, mais ou menos.

BG: Mais ou menos.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

BG: A minha avó e minhas tias maternas que me ensinaram.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

BG: Na altura, eram cestos de bolos de mel. Sei lá, várias qualidades de cestos, que nem sei bem o nome. A gente fazia aqui muito alto e baixo, porque a frente era baixinha, a parte traseira alta. E muitos cestos de bolos de mel, redondos, corações, mapas.

E: Pois. Mas atualmente aqui, o que tem mais procura?

BG: Agora, sinceramente, agora está quase tudo parado, não sei o que há mais, agora penso que é, isto está agora a garrafa. As garrafas empalhadas (Figura 110).



Figura 110 - Madeira J.Faria & Filhos Meio Doce (cantil empalhado) (Disponível em https://www.garrafeiranacional.com/madeira-j-faria-filhos-meio-doce-cantil-empalhado.html, consultado a 24-08-2025)

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

BG: Não.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer essa garrafa, por exemplo?

BG: Ah, uns 20 minutos, 15, se eu estiver sozinha concentrada ali, é mais ou menos isso. Já estou feita. Na altura, quando comecei, levava, levei uma semana para aprender a fazer uma garrafa. Que eu não conseguia de maneira nenhuma. Isto expedia[53], isto caía. E coisas. Depois fui andando e fui me aperfeiçoando. E agora faço bem. Uns 10 minutos, 20 minutos mais ou menos.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

BG: Atualmente é a empresa J.Faria[54] que me dá as garrafas e a liaça em plástico e o vime é o meu marido que compra.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

BG: O verniz.

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta?

BG: Não há obra. O vime e a obra, como se diz, é a obra de mão. Não há pessoas. Ninguém quer fazer. E também há pessoas que têm vimes, mas também não podem... cozer, descascar, isto tudo foi tudo esquecido. Tudo esquecido.

E: 11- De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

[53] Expedia – do verbo expedir. Significa fugir, escorregar.

[54] J.Faria – empresa que comercializa Licores à base de frutos da Região Autónoma da Madeira, Rum da Madeira (Aguardente de Cana de Açúcar), Brandy, Sumo de Frutas e Vinho da Madeira.

BG: Agora. Agora. Está muito mais caro. O marido vai comprar o que é uma gavelinha só de vimes e isso. Isso só, já lá vai ver vão 250, 500 euros. E só uma coisinha só de vimes.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais, além do vime, nas suas criações? Se sim, quais?

BG: Só agora há o elástico que se usa, liaça em plástico, penso que é elástico. Em plástico. Plástico. liaça de plástico. Mas o resto é tudo a vimes. Só se usa liaça em plástico. E penso que é derivado não existir material. Não existe material. Não existe material adequado para isto.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

BG: Mas não.

E: Não costuma criar peças novas?

BG: Não. Nada, nada. É como a rapariga disse: o que vem para fazer é o que a gente vai fazer.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

BG: Não.

E: 15- Já esteve envolvida em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

BG: Não.

E: 16- Costuma dar formação ou amostras desta atividade de forma que outras pessoas ficam interessadas em aprender ou querem conhecer esta arte? Se sim, onde e como?

BG: Agora não. Mas quando começou eu ajudei muitas rapariguinhas a aprender a fazer. Mas agora, hoje em dia, ninguém quer. Eu digo que ajudo e ensino, mas ninguém quer. Ninguém quer.

E: 17 - De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

BG: Não.

E: Quanto é que dá? 0, 1, 2...É de 0 a 10.

BG: É de 0? É 0.

E: 18- 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

BG: Nunca foi. Não vai ser agora. É verdade. Porque se fosse valorizada, hoje em dia havia muito mais gente a trabalhar nisto e mais cuidado com o material e tudo. não é?

E: Então de 0 a 10 dá quanto?

BG: Então dou um 0.

E: 19- De 0 a 10, sente-se concretizada neste trabalho?

BG: Não. Nunca. A pessoa é mal paga. A pessoa dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe. Essa pessoa...

E: Mas não gosta mesmo de fazer obras de trabalho?

BG: Não, eu não gosto. E digo-lhe sinceramente, não gosto. Não gosto. Obrigo-me a fazer para ajudar o marido. Sinceramente digo, não. Porque é uma coisa que a pessoa não dá o valor. Está a entender? Não dá o valor.

E: E de 0 a 10, qual é a sua?

BG: É 0.

E: 20- Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

BG: Aqui nos meus arredores, que eu saiba, só tenho um ou dois só.

E: Tem a senhora que a gente entrevistou.

BG: E aquele de lá que fazia cestos? Aquele senhor que não quis ser entrevistado e o senhor José, o Escaravelha. E antigamente, na altura que vim da Venezuela, era em todo o lado. Havia gente a tapar cestos. Agora já não.

Anexo 1.18 – Entrevista com Agostinha Batista Lopes, 70 anos

Meio utilizado: papel e caneta (não foi gravado)

Duração: 16 minutos e 56 segundos

Local: Sítio do Rochão, Vereda da Portela, Camacha, 26 de agosto de 2025

Outros elementos presentes: A Entrevistadora

Tema: Entrevista aos artesãos que estão a fazer obra de vimes na Camacha

Resumo da entrevista:

Experiência na obra de vimes:

- Começou aos 12 anos, trabalhando há cerca de 58 anos
- Iniciou tapando fundos e cestos, atualmente empalha garrafas

Relação de trabalho:

- Trabalha por conta do patrão, Davidinho
- Dedica 4 a 6 horas por dia, após cuidados pessoais

Aprendizagem e especialização:

- Aprendeu com o pai
- Especializada em garrafas empalhadas
- Tempo médio para empalhar uma garrafa: aproximadamente 30 minutos

Produção e materiais:

- Matéria-prima: vime da Camacha transformado em lascas, liaça de plástico (importada da Venezuela)
- Acabamento: verniz aplicado nas garrafas
- Não realiza tingimento ou criação de padrões

Dificuldades e perceção da atividade:

- Principais dificuldades: falta de mão de obra, escassez de material

- Investimento em materiais atualmente: maior do que no passado, mas não especificado numericamente
- Futuro da atividade: 2/10
- Valorização da atividade: 2/10
- Satisfação pessoal: 10/10; considera a atividade como sua paixão desde criança

Número de artesãos ativos na região:

- Conhece alguns artesãos, incluindo:
    - Sr. Jordão e família, cestos grandes para o Sr. Pedro
    - Sra. Maria, mesas e cadeiras para o Sr. Pedro

Transcrição da entrevista a Agostinha Batista Lopes:

Entrevistadora (E): Vai-me dizer o seu nome, onde vive e a sua idade.

Agostinha Lopes (AL): Mas isto é para a Segurança Social?

E: Não é, não é …este é um trabalho para a minha universidade, para defender a minha tese, é um estudo que eu estou a fazer de todos os artesãos que ainda fazem obra de vimes na Camacha.

AL: Cruzes, o meu nome é Agostinha Batista Lopes, sítio do Rochão e tenho 70 anos.

E: 1- Há quanto tempo trabalha na obra de vimes?

AL: Desde que saí da escola, dos meus 12 anos. Comecei a tapar fundos, cestos e agora empalho garrafas.

E: 2- Trabalha por conta própria ou exerce a profissão como assalariado?

AL: Trabalho por conta do Davidinho, ele é o meu patrão.

E: 4- Quanto tempo dedica por dia a esta arte?

AL: 4, 5, 6 horas por dia, é depois de fazer a minha vida.

E: 5- Como aprendeu a trabalhar o vime?

AL: Aprendi com o meu pai, eu fui vendo e fui fazendo, tapava fundos e cestos.

E: 6- Quais são os tipos de objetos mais procurados?

AL: São as garrafas empalhadas. Eu não sei o que é que eu ganho, não tenho a certeza.

E: 7- Especializou-se em algum tipo particular de peça de vimes? (Exemplo: cestos, móveis ou acessórios decorativos.)

AL: Primeiro, eram cestos para os bolos de mel. Mas, atualmente, são as garrafas empalhadas, para a casa dos vinhos no Funchal. Mas não tenho a certeza do que eu ganho, uma semana ganho uma, olhe é como a água e a luz, um mês a mais, um mês a menos, não tem tabela.

E: 8- Quanto tempo demora para fazer a garrafa empalhada?

AL: Eu penso que demora meia hora.

E: 9- Como consegue a matéria-prima para o seu trabalho?

AL: As lascas são da Camacha, antigamente a liaça vinha da Venezuela e o bambu, mas deixou de vir o bambu, só vem a liaça. Agora fazemos sempre com as lascas da Camacha. As lascas são o vime que o David compra, e com a ajuda da máquina, que era do pai dele, faz as lascas.

E: 10- Que tipos de acabamentos aconselha para uma maior durabilidade da peça?

AL: No caso das garrafas empalhadas, lá em baixo é que põem o verniz, segundo diz o Davidinho**.**

E: 11- Quais são as principais dificuldades que o trabalho de vime enfrenta? De 0 a 10 investe mais agora em materiais do que antigamente?

AL: Falta de mão de obra e falta de material. Está gravando? Estou desconfiada consigo.

E: 12- Costuma utilizar outros tipos de materiais junto com o vime em suas criações? Se sim, quais?

AL: No empalhamento das garrafas, uso a liaça de plástico, que vem da Venezuela.

E: 13- Em que se inspira para criar peças novas em vime?

AL: Só faço o que me mandam.

E: 14- Conseguiu, ao longo do tempo, outras habilidades que complementaram o seu trabalho, como, por exemplo, o tingimento de vimes ou a criação de outros padrões?

AL: Não.

E: 15- Já esteve envolvido em algum projeto ou recebeu alguma encomenda especial desafiadora?

AL: Não.

E: 16- Costuma dar formação ou amostras desta atividade de forma que outras pessoas fiquem interessadas em aprender ou ficar a conhecer esta arte? Se sim onde e como?

AL: Não. Já me convidaram, mas nunca fui, nem vou.

E: 17- De 0 a 10, acha que esta atividade tem futuro?

AL: Não. Parece que já não tem, por causa deste trabalho que há por aí abaixo. Esta gente nova, não quer saber, não querem mesmo aprender nada disto. Dou 2, está gravando?

E: 18 - De 0 a 10, acha que esta atividade é devidamente valorizada?

AL: Não, eu penso que isto vai ficar acabado, penso. Pode haver quem trabalhe, mas é preciso isto embarcar, mas não tem ido. Dou 2.

E: 19 - De 0 a 10, sente-se concretizado neste trabalho?

AL: Sim, gosto muito de fazer, gosto, gosto. Foi sempre o meu trabalho de pequena, depois da escola foi sempre disto. É 10. Olhe, mas a senhora não me está enganando?

E: Claro que não.

E: 20 - Diga, se souber, quantos artesãos trabalham atualmente no vime, na Camacha?

AL: Existe um senhor, ali mesmo à frente, naquela tenda, junto àquela antena, que faz muito trabalho para o senhor Pedro, cestos grandes, trabalha o Sr. Jordão, a mulher e o filho, que é simples. Existe também a Srª Maria que faz mesas e cadeiras para o Sr. Pedro.

Anexo 2 - Declaração de Consentimento e Compromisso de Honra

Eu, artesã(ão) _____,
declaro ter compreendido os objetivos e procedimentos deste estudo, bem como todas as informações verbais que me foram fornecidas pelo autor da pesquisa.

Foi-me garantido que a minha participação é totalmente voluntária e que posso, a qualquer momento, recusar ou interromper a minha colaboração, sem qualquer prejuízo ou consequência.

Tenho conhecimento de que:

- A informação será recolhida por meio de entrevista gravada (som e/ou imagem), e que esse material será arquivado por um período máximo de um ano.
- Serão também tiradas fotografias durante a realização da entrevista ou observação, para efeitos exclusivos desta investigação.
- Caso eu solicite anonimato, os dados fornecidos serão tratados com total confidencialidade, sendo atribuída uma referência por código (ex.: A1, A2, etc.), e garantida a distorção de voz e/ou imagem nas gravações e fotografias sempre que necessário, utilizando tecnologia específica para esse fim.
- As informações recolhidas destinam-se exclusivamente a fins científicos e poderão ser utilizadas em publicações académicas relacionadas com esta investigação.

Por este meio, declaro ainda:

☐ Autorizo a utilização das minhas declarações, imagens e voz, para fins de publicação científica.

☐ Não autorizo a publicação direta das minhas declarações, imagem ou voz. Neste caso, o autor da pesquisa compromete-se a referir-me apenas por um código identificativo, com os devidos cuidados de anonimização, conforme descrito acima.

Data: ___/___/_____

Assinatura: _____